

POEMAS  
LVSITANOS  
DO DOCTOR

ANTONIO FERREIRA.

DEDICADOS POR SEU FILHO

*Miguel Leite Ferreira, ao Principe D.*

*PHILIPPE* nosso senhor.



EM LISBOA.

Impresso com licença, Por Pedro Crasbeeck.

M. D. XCVIII.

Com Privilegio. A custa de Esteuão LopezLiureiro.

Licença do sancto Officio.

**V**ista a informação que se ouue, podese imprimir este liuro, & depois de impresso venha a este conselho, pera se conferir com o original, & se dar licença pera correr. Em Lisboa 6. de Fevereiro de 1597.

Diogo de Sousa.

Marcos Teixeira.

Da mesa do paço.

**Q**ue se possa imprimir este liuro, vista a licença do sancto officio da Inquisição. Em Lisboa a 30. de Agosto de 1597. E como foy visto nesta mesa.

Pereira. D. Aguiar. A. Dalmeida. Fonseca,



## SENHOR.

**E**steue a lingua Portuguesa não conhecida no mūdo, por causa dos ingenhos Portugueses não terem experimentado nella, o q̄ outras nações mostraram nas suas: tẽ q̄ Deos foy seruido darlhes el Rey D. IOAM III. tio de V. A. (a quem deuidamente coube o nome de pay da patria) q̄ inspirado do seu pizelo espertou os estudos das letras, & a Vniuersidade, q̄ o grãde Rey D. DINIS fundára em Coimbra, & despois se mudou a Lisboa, tam de proposito tornou assentar em Coimbra, q̄ mais parecia instituy-la, que reformala. E como a inclinação dos Reys seja a mais guardada ley de seus vassallos, cõcorreõ cõ nouo feruor a aprender toda a nobreza deste Reyno, & começou esta aruore em breue tẽpo produzir tã suaue fruito, como mereciã o animo, & mãos de quẽ a plátou. Em todas as facultades ouue varões insignes, dos quaes hoje florecẽ muitos, & algũs se inclinaram à Poesia, auendo q̄ com ella ficauã as letras mais ornadas. Naõlles tempos o Doutor Frãcisco de Sã de Miranda foy o primeiro, q̄ cõ a singular brandura dos seus versos Lusitanos começou mostrar o descuido dos passados, & que esta lingua he capaz de nella se cantarẽ Damas, Capitães, & Emperadores.

Com cujo exêplo meu pay, q̄ então estaua nos estudos, pretêdeo com a variedade destes seus manifestar como a lingua Portuguesa, assi em copia de palauras, como em grauidade de estylo a nenhũa he inferior. E cõ mór honra desta nação mostrara estaverdade, senão fora impedido cõ o seruiço del Rey no Desembargo, & a morte tã anticipada lhe não cortara o fio a mores esperanças, deixádome em tal idade, q̄ o não conheci. Esteue este liuro por espaço de quarêta annos, assi em vida de meu pay, como depois do seu falecimêto, offerecido por vezes a se imprimir, & sem se entêder a causa, q̄ o impedisse, não ouue effeito. Agora q̄ cõ a idade foy crescêdo a razaõ, conheço qual era, & quãto de uo á boa estrella q̄ o detinha vir a luz, esperãdo chegasse a de V. A. com seu emparo, & fauor. A quẽ eu cõ o deuido acatamêto o offereço, cõfiado, q̄ cõ benigno, & real animo serã recebido, assi pola obrigação, q̄ V. A. tem de fauorecer os bõs ingenhos, q̄ cõ amor, & sancto zelo de tal Rey começãrã mostrarse nestes Reynos, como pola muita parte, q̄ a V. A. cabe na boa reputação desta lingua; ficãdo desculpado meu atreuimento, cõ a deuida, & natural obrigação, q̄ os filhos tẽ de procurarẽ perpetuar cõ hõra a memoria de seus pays. Deos guarde a V. A. De Lisboa a 15. de Mayo de 1598.

*Miguel Leite Ferreyra.*

**E**v el Rey faço saber aos que este aluará virem, q̃  
mêdo respeito ao que na petição atras escripta  
diz Miguel Leite Ferreyra, ey por bem que por  
tempo de dez annos imprimidor, nem liureiro algũ,  
nem outra pessoa, de qualquer qualidade q̃ seja, não  
possa imprimir, nem vender em todos estes Reynos,  
& senhorios, nẽ trazer de fora delles o liuro de poe-  
sia intitulado Poemas Lusitanos, de que na dita pe-  
tição faz menção, cõposto por Antonio Ferreira seu  
pay, salvo aquelles liureiros, & pessoas q̃ pera isso ti-  
uerem poder, & licença do dito Miguel Leite. E qual  
quer imprimidor, liureiro, ou pessoa que durando o  
dito tempo de dez annos imprimir, ou vender o di-  
to liuro nestes ditos Reynos, & senhorios, ou o trou-  
xer de fora delles sem licença de Miguel Leyte, per-  
dera para elle todos os volumes que imprimir, ven-  
der, ou de fora trazer, & alem disso encorrera em  
pena de cem cruzados, a metade para o dito Miguel  
Leyte, & a outra para quem o acusar. E mando a to-  
das as justiças, officiaes, & pessoas a que o conheci-  
mento disso pertencer, q̃ cumprão inteiramente este  
aluará, como nelle se contẽ, & quero que valha & te-  
nha força, & vigor, posto que o effeito delle aja de  
durar mais de hum anno, sem embargo da ordena-  
ção do liuro segũdo titulo vinte & oito. E o dito Mi-  
guel Leyte Ferreira, fara imprimir este aluará, & em  
cadernar no principio de cada liuro, & sem isso não  
poderá vender o dito liuro, & fazendoo este aluará  
lhe não valerá. Pero de Seixas o fez em Lisboa a cin-  
co de Septembr. de 1597. annos.

**R E Y.**

DE D. FRANCISCO DE MOVRA.

A Antonio Ferreyra, em vida.

C<sup>A</sup>nte Apollo; Parnaſo, Eurota ſoe  
Ferreyra ſempre. Ferreyra às eſtrellas  
Contenta: pois aos ceos tal nome voe.  
Chegaſte, diuino ſprito, a entendellas.  
Chegaram a t'endender ellas tambem.  
Que querem mais de ti? que tu mais dellas?  
Que quer o mundo mais, que em ſi te tem?

DE IERONIMO CORTE REAL.

C<sup>O</sup>roadas de myrtho, & de verd'hera  
Musas, Graças, & Venus, & os Amores  
Num boſque nunca entrado de Paſtores  
Na primeira menham da primauera  
Hãa coroa, de que ſe podera  
O grande Apollo honrar, teciam de flores,  
E banhada em ſua fonte, em ſeus liquores,  
Quaes nunca a ninguem ver o tempo dera,  
Eſte diuino dom de mãos tecido  
Diuinas, a ti, Antonio, ſò guardamos,  
Eſperada luz noſſa, & noſſa gloria.  
Pera ti neste Louro o penduramos  
(No Louro iſto eſcreuiam) tam deuido  
A ti, quanto honraràs noſſa memoria.

DE

DE FRANCISCO DE SA DE  
Meneses, na morte de Anto-  
nio Ferreira.

**S**prito, qu'entre os homẽs peregrino  
Da tua patria andaste, em quanto a fria,  
E escura idade nossa s'acendia  
No fogo de que tu só foste dino,  
Deixaste o mortal peso, & ja diuino  
Nessa alta luz, & sempre claro dia  
Ergues tua voz em mais doce harmonia,  
Cantãdo ao Rey da gloria immortal hyno.  
Oh branco Cisne, que de doce canto  
Encheste est'ar, & com mais leues penas  
Tornaste a esse ceo, donde partiste,  
Por ti sempre os Amores farão pranto.  
Por ti suspiraraõ sempre as Camenas.  
Por ti sera este campo sempre triste.

Er-

## E R R A T A.

Fol. 16. pag. 2. lin. 24. o mal fol, diga o meu fol. fol. 41. pa. 2. l. 7. ocioſo, ocioſos. fol. 35. p. 1. li. 14. pequna, pequena. fol. 37. p. 2. l. 21. reſtituda, reſtituida. fol. 49. p. 1. l. 23. guiaspe, o guiaſte. & l. 7. viuas, viuias. fol. 18. p. 2. l. 3. nem, num. fol. 17. p. 2. l. vit. eſtendam, eſtendem. fo. 56. p. 2. l. 21 chamu, chame. fol. 63. p. 2. l. 6. diuinidade, diuindade. fol. 35. p. 2. l. 21. deixaste, tornaste. fol. 76. p. 1. l. 17. chorauam, choraram. fol. 101. p. 1. l. 11. vida, vide. fol. 126. p. 2. l. 19 arrafadas, arrafados. fol. 136. p. 1. l. 5. Agifelao, que Agifelao. & l. 19. della, delle. fol. 146. p. 2. l. 14. roubado, roubando. fol. 171. p. 2. l. 14. cobiço, cobiçoſo. fol. 177. p. 1. l. 4. ſonoros, ſonoroloſ. fol. 179. p. 1. l. 2. aquella, aquelle. fol. 191. p. 1. l. 14. o ocioſo, o ocio. fol. 192. p. 1. l. 10. ſeu, teu. fo. 193. p. 1. l. 18. amigo, imigo. fo. 201. p. 2. l. vit. cauſa, couſa. fol. 202. p. 1. l. 18. Rey, Reyno. fol. 207. p. 2. l. 27. eſtes, eſtas. fol. 209. p. 2. l. 1. repende, reprende. fol. 215. p. 2. l. 14. eſtendo, eſtendendo. fol. 139. p. 1. l. 5. ſeguro, ſegura.

Em muitos volumes ſe não verà a mór parte deſtes erros que ſe atalharam no diſcurſo da impreſſão. Os dous Sonetos que vão as fol. 24. fez meu pay na linguagem que ſe coſtumana neſte Reyno em tempo del Rey D. Dinis, que he a meſma em que foi compoſta a hiſtoria de Amadis de Gaula por Vaſco de Lobeira, natural da cidade do Porto, cujo original anda na caſa de Aueiro. Diuulgaraõſe em nome do Infante D. Afonſo filho primogenito del Rey D. Dinis, por qua mal eſte príncipe recebera (como ſe ve da meſma hiſtoria) ſer a fermoſa Briolanja, em ſeus amores tam maltratada.



PRIMEIRA PARTE

DOS VERSOS DE  
ANTONIO FERREIRA.

AOS BONS INGENHOS.



Vos sô canto spritos bem nas-  
cidos,

A vos, & às Musas offereço  
a Lira:

Ao Amor meus ays, & meus gemidos,

Compostos do seu fogo, & da sua ira.

Em vossos peitos saõs, limpos ouuidos

Cayã meus versos, quaes me Phebo inspi

Eu desta gloria sô fico contente, (ra.

Que a minha terra ameí, & a minha gête.

DOS SONETOS.

LIVRO I.

A

LI.

DOS SONETOS.

SONETO I.

**L**uro, se luz desejas, mal t'enganas.  
 Quanto melhor serâ dentro em teu muro  
 Quietos, & humilde estar, inda que escuro,  
 Onde ninguem t'empce, a ninguem danas!  
 Ugeitas sempre ao tempo obras humanas  
 Co'a novidade aprazem, logo em duro  
 Odio, & desprezo ficam: ama o seguro  
 Silencio, fuge o pouo, & mãos profanas.  
 Ah não te posso ter! deixa yr comprindo  
 Primeiro tua idade, quem te moue  
 Te defenda do tempo, & de seus danos.  
 Dirás que a pezar meu foste fugindo,  
 Reynando Sebastião Rey de quatro annos:  
 Anno cincoenta & sete: eu vinte & noue.

II.

**A**quella, cujo nome a meus escritos,  
 Que a meu amor darâ melhor ventura,  
 Toda virtude, toda fermosura,  
 Qu'apos si leua os olhos, & os spritos,  
 Aquella branda em tudo, sô aos gritos  
 Meus furda, aspera, ôs rogos, a Amor dura  
 Podia c'um sorriso, hũa brandura  
 D'olhos curar meu mal, ornar meus ditos.  
 Mas que darâ de si hũa esteril vea?  
 Hum desprezado amor? hũa cruel chãma?  
 Se não desconcertado, & triste pranto?  
 Quem de tristezas viue, sô me lea:  
 Cante a quem inspira Amor mais doce canto:  
 Busco piedade sô, não gloria, ou fama.

## III.

**E**V não canto, mas choro, & vay chorando  
 Comigo Amor, de terme afsi obrigado  
 Em parte tal, que nem a elle he dado  
 Valerm'em mais, que de yrme confolando.  
**V**ayme sempre ante os olhos figurando  
 Aquella fermofura, em que enieuado  
 Ha tanto que ando, & afsi com meu cuidado  
 Me vou tras ella em fim triste enganando.  
**M**as não pode fofrer tamanho engano  
 Amor, que nos conhece, & de tal verme  
 Foge, & me deixa fô de pura magoa.  
**O**lhome então, & vejo o defengano:  
 Afronta a alma canfada, & por valerm'e,  
 Defabafo desfeito em fogo, & em agoa.

## IIII.

**S**E eu pudesse igualmente mostrar fora,  
 Ao menos do meu fogo hum rayo claro,  
 Naquelle fprito aceso, puro, & raro,  
 Que a efcura terra aclara, os ceos namora,  
**S**e as faudoſas lagrymas, que chora  
 Minh'alma apos hum bem feu, que tão caro  
 A fortuna lhe faz, & o tempo auaro,  
 Em que ja bem nenhum, nem razio mora,  
**S**ofreria, ô Amor, mais brandamente  
 A força do teu viuo, & doce fogo,  
 Que nouamente em mim s'efconde, & cria.  
**C**horaria meu mal comigo a gente,  
 E de pura piedade efperaria  
 Ouuremme inda os ceos meu ſancto rogo.

DOS SONETOS.

V.

**D**Os mais fermosos olhos, mais fermoso  
 Rosto, qu'entre nós ha, do mais divino  
 Lume, mais branca neve; ouro mais fino,  
 Mais doce fala, riso mais gracioso:  
 D'un Angelico ar, de hum amoroso  
 Meneo, de hum sprito peregrino  
 S'acendeo em mim o fogo, de qu'indino  
 Me finto, & tanto mais assi ditoso.  
 Não cabe em mim tal bema venturança.  
 He pouco hũa alma sô, pouco hũa vida,  
 Quem tiuesse que dar mais a tal fogo!  
 Contenta a alma dos olhos agoa lança  
 Polo em si mais de ter, mas he vencida  
 Do doce ardor, que não obedece a rogo.

V.I.

**N**Aõ he minha tenção louuar aquella,  
 Que entre todas na terra tal parece,  
 Qual a fermosa Lua resplandece  
 Lunto da mais escura; & baixa estrella.  
 Estes meus olhos, que poderam vella  
 Guiados sô do Amor, que a sô conhece,  
 (Que sem Amor niuguem vela merece)  
 Dão verdadeira fe de quanto ha nella.  
 Outro alto estado, outr'honra, outras riquezas,  
 Outras graças em tudo diferentes  
 Das que vemos lhe deu quem tudo cria.  
 Esta venham correndo ver as gentes,  
 Nella verâm dos ceos novas grandezas,  
 E nella pera os ceos caminho, & guia.

## VII.

**L** Agrimas costumadas a correrme  
 Quem vos pôde deter? sahi correndo  
 Doces, & tristes: vaõ vos todos vendo,  
 Hũs riam, outros chorem de tal verme.

Onde poderei eu de mim esconderme?  
 Se quanto mais resisto, & me defendo,  
 Entaõ me venço mais, & vay crescendo  
 A força, como posso defenderme?

Quem meus olhos olhar, rindo, ou chorando,  
 Sentirá nelles logo hum mouimento  
 D'algum sprito, que os lá rege, & manda.

Este chorar me faz, este cantando  
 Me leua a pos meu mal, sem hum momento  
 Esta alma liure ter do estado, em que anda

## VIII.

**S'**Erra minh'alma, em contemplarvos tanto,  
 E estes meus olhos tristes, em vos ver,  
 S'erra meu amor grande, em naõ querer  
 Crer que outra cousa hahi de mor espanto,  
 S'erra meu sprito, em levantar seu canto  
 Em vós, & em vosso nome sò escreuer,  
 S'erra minha vida, em assi viuer  
 Por vos continuamente em dor, & pranto,  
 S'erra minha esperança, em se enganar  
 Já tantas vezes, & assi enganada  
 Tornarse a seus enganõs conhecidos,  
 S'erra meu bom desejo, em confiar  
 Que algũ'hora ferãr meus males cridos,  
 Vós em meus erros sò fereis culpada.

DOS SONETOS.

IX.

**N**Aõ Tejo, Douro, Zezer, Minho, O diaña,  
 Mondego, Tua, Auia, Vouga, Neiva, & Lima,  
 Nem os que correm la no oriental clima  
 Nilo, Indo, Gange, Eufrate, Hydaspe, & Tana:  
 Não Pinho, Faya, Enzinho, Vlmo, Hera, ou Cana  
 Nem doce suspirar em prosa, ou rima  
 O fogo apagaraõ, qu'em mim de cima  
 Do terceiro ceo cae, & dos olhos mana  
 Qu'o ceo outra vez s'abra, & o mundo alague,  
 Sopre de toda parte brauo vento,  
 Ardendo m'estará meu fogo em meo.  
**E** eu morrerei, porque se não apague,  
 Então de môr prazer, môr gloria cheo,  
 Quanto môr parecer o meu tormento.

X.

**P**Arecerá, seahora, em outra idade  
 Milagre grande, o que hoje todos vemos.  
 Quem auera, que croa taes estremos  
 D'amor, de fermosura, & crueldade?  
 Algũs dirão: se não fora verdade,  
 Quem podêra inuentar isto, que lemos?  
 E se tal foy, ja agora não teremos  
 Pagar-se bom amor mal, por nouidade.  
 Cada hum dara juízo sobre mim,  
 Todos condenarão vossa aspereza  
 Chorando minhas magoas, quando as lerem.  
 Mas esta gloria so terey em fim,  
 Que juntos nos leraõ, & os que as crerem,  
 Dirão: igual ao amor foy a dureza.

Mon-



## X I. X

**M**ondego, tão soberbo vas da vista  
 Da tua fermosa Nimpha, que parece  
 Que quanto achas diante, se offerrece  
 Recolher-te, sem auer, quem te resilla.  
**Q**ue tẽ o Oceano grande (que a conquista  
 Nossa tem feito humilde) te obedece,  
 D'ali te leua ao Indo, & s'engrandece  
 O Gange, & Nilo, de que tua agoa he vista.  
**T**herys com suas Nimphas t'acompanham,  
 Por honra desta Nimpha em ti criada,  
 E por todo seu reyno a vão cantando.  
**E**stas tuas agoas rogo, em que se banham  
 Os seus cabellos d'ouro, que cantada  
 Seja por la tambem a pena, em que ando.

## X I I.

**Q**vando entoar começo com voz branda  
 Vosso nome d'amor, doce, & suaue,  
 A terra, o mar, vento, agoa, flor, folha, aue  
 Ao brando som s'alegra, moue, & abranda.  
**N**em nuuem cobre o ceo, nem na gente anda  
 Trabalhofo cuidado, ou peso graue,  
 Noua cor toma o Sol, ou se erga, ou laue  
 No claro Tejo, & noua luz nos manda.  
**T**udo se ri, se alegra, & reuerdece.  
 Todo mundo parece que renoua.  
 Nem ha triste planeta, ou dura sorte.  
**A** minh'alma s'õ chora, & se entristece.  
 Marauilha d'Amor cruel, & noua!  
 O que a todos traz vida, a mim traz morte.

DOS SONETOS.

XIII.

NÃO aparece o Sol, triste está a terra:  
 As nuués carregadas, os ceos tristes,  
 Estes finaes, que vos meus olhos vistes,  
 O que mal vos promettem, o que guerra!  
 Aquelle Sol fermoso, que na Serra  
 Nos fôe amanhecer, vos o encobristes:  
 Parece que sentio que não dormistes,  
 Esperando sua luz, quem vola encerra.  
 E por fazernos mal, o fez ao dia,  
 Que queixandose está deste mal nosso  
 Em tempo, que tão mal lho merecia.  
 Eu não me queixarey, porque não posso,  
 Nem doutro mayor, mal me queixaria:  
 Mas vos olhos choray, que isto he mais vosso.

XIIII.

O Olhos donde Amor suas frechas tira  
 Contra mim, cuja luz m'espanta, & cega,  
 O olhos onde Amor s'esconde, & prega  
 As almas, & em pregandoas, se retira!  
 O olhos, onde Amor amor inspira,  
 E amor promete a todos, & amor nega,  
 O olhos onde Amor tambem s'emprega,  
 Por quem tambem se chora, & se suspira!  
 O olhos, cujo fogo a neue fria  
 Acende, & queima, o olhos poderosos  
 De dar â noite luz, & vida â morte!  
 Olhos por quem mais claro nasce o dia,  
 Por quem são os meus olhos tão ditosos,  
 Que de chorar por vos lhes coube em forte!

Onde

## XV.

**O**nde está aquella imagem pura, & bella  
 Artificio diuino entre nos raro?  
 Onde aquelle olhar brando, que tão caro  
 Me foy? & o resplandor de hũa, & outra estrella?  
**Q**uem a doce voz ouue? ah quem aquella  
 Diuina graça vê? onde o tão claro  
 Fogo, que ca m'inflamma? onde o seu charo  
 Thefouro esconde Amor, que so tem nella.  
**F**azer poderá ausencia que eu não veja  
 Aquella víua imagem: não fara  
 Que d'alma, onde anda escrita, se m'aparte.  
**M**as qual estrella, ou sorte me dara,  
 Que pois em vão dali fair deseja,  
 Abrande da dureza ja algũa parte?

## XVI.

**B**em podeis vos, senhora, ajuntar fogo  
 A este, que n'alma ardendo, aos olhos corre,  
 Bem me podeis trazer em riso, & em jogo,  
 Pois Amor contra vos ninguem fôcorre:  
**B**em vós podeis fazer furda a meu rogo,  
 E a esta alma, que ante vos de si se corre,  
 Bem me podeis tornar em cinza logo,  
 Mas ficará o sprito, que não morre.  
**E**ste vos chama, & vê, & suspira, & chora,  
 Este irá dando a vosso nome fama,  
 Qu'Amor me ajudara, que eu so não posso.  
**N**ão apagueis a luz da clara chama,  
 Que de vos nasce, que vira algũ'hora,  
 Qu'em minhã morte choreis dano vosso.

DOS SONETOS.

XVII.

SE vos podesseis com desprezo, ou ira,  
 Com abaixar os olhos, voluer rosto,  
 Crendo danar a gloria, & doce gosto  
 Des'alma, que vos vê, & em vão suspira,  
 Quebrar aquella força, que me tira  
 De mim mesmo, & me faz estar la posto  
 Onde vos vejo sempre, ja desposto  
 Sofrer Amor, que em vão contra mim se ira,  
 Desculparia eu vossa crueldade,  
 S'algũa dura estrella, ou triste sorte  
 Mudar podesse minha grã firmeza,  
 Mas ja que em vão, senhora, he tal dureza,  
 E qu'em mim estareis sêpr'em vida, & em mog  
 Ao menos não estejais contra vontade. (te,

XVIII.

HŪs olhos, que ao Sol claro, à Lua, ao Norte,  
 Seu lume tiram, & onde resplandece  
 Hũa diuina luz, que òs qu'apparece,  
 Faz no perigo não temer a morte:  
 Hūs crespos laços de ouro, que o mais forte  
 Atam, & prendem, de que se enriquece  
 Amor, & foge, porque não empeco  
 Nelles, temendo algũa dura sorte;  
 Rião, que em riso conuerte meu pranto,  
 Sprito, que em mim todo bem inspira  
 Fermosura no mundo nunca achada  
 Saõ a sô causa, porque assi suspira  
 Minha alma em vão, & porque em doce canto  
 Antes serà desfeita, que cansada.

Don.

## XIX.

**D**onde tomou Amor, & de qual vea  
 O ouro tam fino, & puro para aquellas  
 Tranças louras? de que esphera, ou estrellas  
 A luz, & o fogo que assi em mim se atea?  
 Dondê as perlas: a voz de que screa?  
 Os brancos lyrios donde, & as rosas bellas,  
 Aquelle viuo sprito pondo nellas,  
 De que formou hũa noua ao mundo Idea?  
 Antes a'neue a aluura, a cor as rosas  
 Do feu rosto tomaram, & a harmonia  
 As aues da voz doce, suaue, & branda.  
 Não são ante ella as estrellas mais fermosas:  
 Nem mais sereno o ceo, ou claro dia.  
 Nem mais fermoso o Sol na sua esphera anda.

## XX.

**S**ae minha alma as vezes a buscaruos  
 Tão apressadamente, que aparece  
 Que algũa estrella a força, & se offerece  
 Encaminhala la, onde possa acharuos.  
 Mas quando vos não vê, & vê que deixaruos  
 De buscar lhe he forçado, assi esmorece,  
 Que quando Amor ja acode, a não conhece  
 Se não pelos sinaes, que traz de amaruos.  
 E no tempo, em que esta mais descuidada  
 No perigo inda, em que se vio, cuidando,  
 Então subitamente a falteis.  
 Quereila andar, senhora, assi enganando,  
 Para que viua; & assi vint' enganada:  
 Assi entre morte, & vida a sustentais.

Quem

DOS SONETOS.

X XI.

**Q**uem vio neve queimar? quem vio tão frio  
 Hum fogo, de que eu arço? quem chegando  
 A morte viuo, & ledo estar cantando?  
 Parece quanto digo de suario.

Dizeo tu Mondego manso rio,  
 Que m'ouues, qu'o vês, & o vas chorando:  
 Digamno tuas Nimphas, qu'escuitando  
 Meus segredos estão, qu'eu dellas fio.

E Amor, que aqui esta, sabe a verdade,  
 Que nesta agoa tam fria esta acendendo  
 O fogo de meus olhos distilado.

Tristes lagrimas minhas, que correndo,  
 Mais o peito arde, quando piedade  
 Terão hús olhos deste triste estado?

X X II.

**S**ol, que ja tantas voltas aos ceos deste,  
 E de todas me viste estar chorando,  
 Faze que este teu lume, que tomando  
 Vas d'outra luz, qual nunca ca tiueste,

Minhas lagrymas seque, se foubeste  
 Algũ'hora ser triste, & chorar, quando  
 Aquelle amado teu Louro abraçando,  
 Tornarlhe sua forma não podeste.

Ah Phebo, qu'inda tu da dura terra  
 Abrandar tua planta a ti podias,  
 Inda com doces lagrymas regala.

Eu como abrandarey hũa dura Serra,  
 Por quem as noites choro, choro os dias,  
 E não m'ouue, nem vê, nem cre, nem fala?

Quan-



## X XII.

**Q** Van'tas vezes Amor comigo, cheo  
 De noua marauilha ja de hum posto  
 Se poe.n a olhar aquella, em cujo rosto,  
 Em cujos olhos o que escreuo, leo!  
 Ves, diz, que fermosura? que meneo?  
 Que doce riso? que estar tão composto?  
 Qu'ouro, que neue, & lume, ante quem posto  
 Do Sol o rayo fica escuro, & feo?  
 Olha com que brandura os olhos vira!  
 Com que graça os abaixa, & os leuanta  
 Ricos de mil despojos, mil victorias!  
 Que affeitos faz! que sprito não aspira  
 A deixar ca de si claras historias  
 Mouido sô de fermosura tanta?

## X XIII.

**E**M quanto solto ao sol brando ar mouia  
 O ouro, que Amor de sua mão fia, & tece,  
 D'amorosos spritos o ar se enchia,  
 De que amor doce em toda a parte crece.  
 Hum lhe daua o nô crespo, outro tecia  
 Laços, em que toda alma liure empece,  
 Outro o soltaua ao vento, & parecia  
 Decer então o Sol mais do que dece.  
 Namorauase o claro Sol da terra,  
 Hia crescendo o dia mais fermoso.  
 Minh'alma de si mesma estaua fora.  
 Mas recolhendo o Amor, eis que se cerra  
 Triste o ceo, escuro o dia, o Sol queixoso,  
 E minh'alma dali sempre em vão chora.

DOS SONETOS.

XXV.

O Cabellos d'Amor rico thesouro,  
De que s'arma, guerreia, vence, & mata,  
Cabellos, com que Amor, os que vence, ata,  
E triumphando vay com palma, & louro.

O Cabellos, com que seu arco d'ouro  
O Amor encordoa, & desbarata  
Quanto acha diante, & se o vento os defata  
Dã noua vida ao mundo, & eu arço, & mouro.

Cabellos, em que Amor nasceo & se cria,  
De que mil redes tece, laços mil,  
E almas mil em cada laço prende:

Cabellos, que o ouro fazem baixo, & vil,  
Com que inda o sol mais clara luz daria,  
De cada hum de vós minha alma pende.

XXVI.

AH porque não posso eu em prosa, ou rima  
Tão alto levantar o brando nome,  
Que em toda praya estranha, estranho clima  
Brandura a fera gente d'elle tome?

Com que eu batendo as aças vá por cima  
Da baixa inueja, & assi a vença, & dome,  
Que em vão seus dentes quebre, & dura lima,  
Em vão louuor esconda, erros assome?

Mas pois não basta o sprito a empresa tanta,  
Bastar deuia ao menos aqueixarse  
Esta lingua e n meu mal só fria, & muda.

Assi a clara vista me ata, & espanta,  
Que quando della espero mòr ajuda,  
Então a vejo em dano meu calarse.

## XXVII.

**M**Vitas vèzes quísera (tal me vejo)  
 Não fer nascido, ou não ter visto aquella,  
 Porque así mouro, quando espero vella,  
 Como de a não ver, quando desejo.  
**M**as logo torno, & m'enuergonho, & pejo  
 Do meu mesmo erro, a culpa he tua, ou della  
 Amor cruel, que em amalla, & remella  
 Se conuerte em fim sempre alma, & desejo.  
**M**ais quero así viuer, que qual viuera  
 Sem ter visto, o que vi, ditosa forte,  
 Quando olhos meus tão altamente olhastes!  
**P**erdido fora, se me não perdera,  
 Que inda que mouro, bem comprada morte,  
 Por esta gloria, que me vos mostrastes.

## XXVIII.

**O**Fogo, qu'em meu seo guardo, & crio,  
 Hora tam docemente a alma m'inflâma,  
 Que co a brandura da sua doce chãma  
 O seu mais viuo ardor se me faz frio.  
**H**ora de tristes lagrimas hum rio  
 Dos olhos, porque entrou o Amor derrama,  
 Ao som das quaes a lingua canta, & chama  
 Aquella por quem choro, & por quem rio.  
**C**resce o fogo no peito, crescem'agoa  
 Nos olhos, a voz canfa, o sprito voa  
 Apos quem traz em só fugirme o tento.  
**E**lla me vê, eu de fogo húa viua fragoa.  
 Chora Amor, & fortuna meu tormento,  
 E em vão meu grito em seus ouvidos foa.

Onde

DOS SONETOS.

XXIX.

**O**Nde quer qu'eu esteja, onde me vire,  
 Ou dia, ou noite, ou sô, ou entre a gente,  
 Aquella fermosura me he presente,  
 Por quem me manda Amor, qu'em vão suspire,  
 Ou corra agoa, bulla herua, ar brando espire  
 Na flor, no ceo, na lua, no oriente,  
 Sol roxo na alua aurora, & na luzente  
 Branda estrella de Amor, qu'amor lh'inspire.  
 Ali a vejo, ali se me affigura:  
 Mas mais em neue, ou fogo, ou na aspereza  
 De hũa rocha, ou nũa onda furiosa.  
 No rosto amor, no peito traz dureza:  
 Não sey se mais fermosa, se mais dura,  
 Ah bem dura he, porem bem he fermosa.

XXX.

**E**Ste peito, que está de fogo cheo,  
 Como aos olhos me vay tanta agoa dando?  
 Ou como a não pod'ella yr apagando?  
 Que segredo d'Amor, que nouo enleo?  
 Eu que o padeço sô, o entendo, & creio.  
 Está Amor com agoa o fogo temperando,  
 Hum contrario com outro sustentando,  
 E entre duas mortes hũa vida em meo.  
 Desta arte vís Amor com quem está quedo,  
 Vendo o bem, que deseja, mas quen parte  
 A alma, partindo donde deixa a vida,  
 Ou em cinza o fará o fogo cedo,  
 Ou em lagrimas a alma derretida  
 Vencerá sua pena, & do Amor arte.

**E**M dia escuro, & triste fui lançado  
 Dos ceos na terra tam pesadamente,  
 Que vendo ao longe o espirito o mal presente,  
 Eu logo de mim mesmo fuy chorado.  
 Em lagrymas nasci, a ellas fui dado:  
 Neilas passei minha idade innocente.  
 Tanto ha, que historia triste sou a gente!  
 Tanto ha, qu'o ceo espero ver mudado!  
 Hum grande bem a quem não custou muito!  
 A quem foy dada tão ditosa lorte,  
 A que o mal não coubesse por medida?  
 Não eram minhas lagrymas sem fruto,  
 Pois por vos eram, nem o serà a morte,  
 Que mais doce he por vos, que sem vos vida.

## XXXII.

**S**E meu desejo sò he sempre veruos,  
 Que causarà, senhora, qu'em vos vendo,  
 Assim me'encolho logo, & arrependo,  
 Que folgaria então poder esqueceruos?  
 Se minha gloria sò hê sempre teruos  
 No pensamento meu, porque em querendo  
 Cuidar em vos, se vay entristecendo?  
 Nem ousa meu sprito em si deteruos?  
 Se por vos sò a vida estimo, & quero,  
 Como por vos a morte sò desejo?  
 Quem acharà em taes contrarios meo?  
 Não sey entender o que em mim mesmo vejo.  
 Mas que tudo he amor, entendo & creio,  
 E no qu'entendo, & creio, nisso espero.

DOS SONETOS.

XXXII.

**E**V vi em vossos olhos nouo lume,  
 Q'apartando dos meus a neua escura,  
 Viram outra escondida fermosura,  
 Fora da sorte, & do geral costume.  
 Em vão feu arco Amor armar presume:  
 Que esse alto sprito, essa constancia dura  
 A outro mais alto Amor guarda a fé pura,  
 Em mais diuino fogo se consume.  
 Nesta desconfiança inda s'acende,  
 Em mim hum vão desejo de aprazeruos,  
 E perá isso so busco ingenho, & arte.  
 Senhora que al fara quem chega a veruos  
 (Ja qu'o desejo a mais senão estende)  
 Que daruos de su'alma toda parte?

XXXIII.

**D**Oce Amor nouo meu tambem tomado  
 Quando serà o tam ditoso dia,  
 Que dos enganços liure em que viuia,  
 Me veja em ti de todo sossegado?  
 Quando sera, que tendo triumphado  
 Do que tam cegamente me vencia,  
 O mal, que tanto d'antes me aprazia,  
 Em verdadeiro bem veja mudado?  
 Amor doce, qu'em mim de nouo crias  
 Nouo desejo, nouo sprito, & santo  
 Illustrado de hum nouo lume raro,  
 Guiame àquelle fim, que m'escondias,  
 Muda esta minha noite, em dia claro,  
 Leuantarey em teu nome alegre canto.

Não



## XXXV.

**N**ÃO lagrymas fingidas, não de cores  
 Falsas o rosto tinto, não cortadas  
 As palauras por arte, nem pintadas  
 Em versos ingenhosos falsas dores,  
 Nem nomes vaõs do Amor, & dos Amores,  
 Nem magoas da fõ boca bem choradas,  
 Nem leues esperanças mal tomadas,  
 Nem apos fogos vaõs, mil vaõs tremores,  
 Mas verdadeiro, puro, casto, & santo  
 Amor cantando vou, qual n'alma escondo,  
 Qual o mundo tera por seu exemplo.  
**E** aquelle raro sprito, qu'eu conte n'plo,  
 Leuando me irã meu baixo canto,  
 Limando o rude, & no que falta, pondo.

## XXXV.

**Q**UANDO vos vi, senhora, vi taõ alto  
 Estar meu bem, que logo ali em vos vendo,  
 O achei juntamente, & fuy perdendo,  
 Ficando num momento rico, & falto.  
**E** tal foy de vos ver o sobre salto,  
 Qu'os olhos outra vez a vos erguendo,  
 Senti a vista, & sprito yr falecendo,  
 Quando me olhei, & vi posto tãõ alto.  
**F**icou de sua prisaõ a alma tãõ leda,  
 E os olhos de vos verem tãõ soberbos,  
 Que toda outra cousa desprezaram.  
**N**ão os tenho ja mais, que pera veruos.  
 Tudo mais lhes defende Amor, & veda.  
 E elles que al verãõ, pois vos olharam?

## DOS SONETOS.

### XXXVII.

**V**Alles, ferras, & montes, bosques, prados,  
 Aruores, heruas, sombras, folhas, flores,  
 Aues, agoas, & Nimphas, & Pastores,  
 Que do meu claro Sol fois illustrados,  
 Em meus versos fereis sempre cantados.  
 Sempre das Musas, sempre dos amores  
 Ouuireis o som doce nos lououres  
 D'aquella, que venceo estrellas, & fados.  
 Eu digo aquella ao mundo dos ceos dada,  
 Exemplo de sanctissimos costumes,  
 Rara em saber, & rara em fermosura,  
 Que com a luz dos seus dous claros lumes  
 Minh'alma me illustrou, dantes escura,  
 Dina de em toda lingua ser cantada.

### XXXVIII.

**Q**uando eu vejo sair a menham clara  
 Nos olhos dia, as facês neue, & rosas,  
 Afugentando a sombra, qu'as fermosas  
 Cores do campo, & ceo d'antes roubàra;  
 E quando a branca Delia a noite aclara,  
 E traz nos brancos cornos as lumiosas  
 Estrellas, serenando as tempestosas  
 Nués, qu'o grosso humor nos ceos juntara,  
 Tal he, digo comigo, a clara estrella,  
 Que minh'alma me encheo doutra luz noua,  
 E meus olhos abriu ao que não viam.  
 Assim me leua a vida, & ma renoua,  
 Assim as vãs sombras, que antes m'escendiam  
 O claro ceo, fugindo vão ante ella.

## XXXIX.

**V**Ay minh'alma cansada a vós, buscando,  
 Como de tempestade, hum porto manso,  
 E acha em vossos olhos seu descanso,  
 Onde está ardendo em fogo doce, & brando.  
 Ali todo meu bem se me está dando,  
 Ali viuo, me estendo, ali descanso,  
 Nem me doe dor, nem no trabalho canso,  
 Ali meus dias lèdo estou contando.  
 Cantada seja sempre a ditosa hora,  
 Que se acendeo em mim tam doce fogo,  
 Que entãõ deleita mais, quando mais arde.  
 Ouuido foi dos ceos meu sancto rogo:  
 Mais pois mais piedade inda la mora,  
 Dure est'amor, & junto acabe tarde.

## XL.

**T**Em m'Amor preso em hũas redes d'ouro,  
 Mais que as de Vulcano, artificiosas,  
 Que quanto mais estreitas, mais forçosas,  
 Mais docemente nellas viuo, & mouro.  
 Achei, onde perdime, o meu thesouro,  
 E vi minhas cadeas tão fermosas,  
 Que inueja estão fazendo às gloriosas  
 Coroas triumphaes de Palma, & Louro.  
 Triumphem la os grandes vencedores,  
 Mostrem inimigos mortos, outros viuos,  
 Cheos soberbamente de sua fama:  
 Eu os meus olhos de vos sô catiuos,  
 Eu as minhas prisoões, & a minha chãma,  
 Eu mostrarei ao mundo os meus amores.

DOS SONETOS.

XLI.

**D**espois qu'o meu sprito, então sô claro,  
 Quando enxergou em vos o fogo puro,  
 Em que docemente arde, em tanto escuro,  
 Soube assi descobrir dos ceos hum pharo;  
 Despois que nesse sprito ao mundo raro  
 O meu se transformou, & o cego, & duro  
 Tyranno, que me vio posto em seguro,  
 Deixou armas, & reyno em desemparo,  
 Eu fiquei tam soberbo triumphando,  
 Que sacodido o jugo, as prisoës rotas,  
 Gritei a grandes vozes: liberdade.  
 Aqui de vontade arço em fogo brando,  
 Aqui está bom amor, aqui verdade.  
 Aqui ficam do imigo as armas botas.

XLII.

**D**aquella vista, de que se mantinham  
 Meus olhos, & minh'alma assi apartado,  
 Nem o dourado Sol, nem o ceo estrellado  
 Tem para mim a graça, qu'antes tinham.  
 Aquelles meus amores, que hiam, & vinham  
 Repartindo seu fogo em cada lado,  
 De qu'o meu nouo amor, doce cuidado  
 Em prazer amoroso se fofstinham,  
 E aquella tam víua fermosura,  
 De que os meus olhos la senão fartauam,  
 E alma enchia d'amor, & de brandura,  
 E quanto de meus bês ca me figura  
 Minha doce lembrança, & me la dauam  
 Vida contente, me dão morte dura.

## XLIII.

**T**Ejo triumphador do claro Oriente,  
 Que Nilo, & Ganges por senhor conhecem,  
 Tejo de areas d'ouro, onde florecem  
 Pales, Pomona, & Flora eternamente;

**T**u leuas, onde eu fico, tua corrente,  
 Se faudoſas lagrymas merecem  
 (Pois tanto com ellas tuas agoas crecem)  
 Piedade, em ti as recolhe brandamente:

**E** antes qu'ao mar pagues ſeu direito,  
 A deſtra mão da tua praya hum monte  
 Com gracioſa ſoberba ſe levanta;

**A**li fiquei ao meu amor fugeito.

**A**li tuas agoas parte, & mostra tanta  
 Deſtes meus olhos, quanta da tua fonte.

## XLIIII.

**O**S dias conto, & cada hora, & momento,  
 Qu'alongandome vou dos meus amores,  
 Nas aruores, nas pedras, heruas, flores  
 Parece que acho magoa, & ſentimento.

**A**s aues, que no ar voam, o Sol, & o vento,  
 Montes, rios, & gados, & pastores,  
 As eſtradas, & os campos mostram as dores  
 Da minha ſaudade, & apartamento.

**E** quanto m'era la doce, & ſuaue  
 Mais triſte, & duro Amor ca mo apresenta,  
 A que entreguei da minha vida a chaue.

**E**m lagrymas força he qu'as faces laue,  
 Ou que não ſinta a dor, que na tormenta  
 Memoria da bonança faz mais graue.

DOS SONETOS.

XLV.

**A** Quelles olhos, qu'eu deixei chorando,  
 Cujas fermosas lagrymas bebia  
 Amor, com as suas tendo companhia,  
 Ante os meus se me vão representando.  
 Os saudosos suspiros, qu'arrancando  
 Duas almas, em qu'hũa troca Amor fazia,  
 Qu'a que ficaua, era a que partia,  
 E a que hia, a ficaua acompanhando,  
 Aquellas brandas, mal pronunciadas  
 Palavras da saudosa despedida  
 Entre lagrymas rotas, & quebradas,  
 E aquellas alegrias esperadas  
 Da boa tornada, ja antes da partida,  
 Viuas as trago, não representadas.

XLVI.

**A** Ti torno, Mondego claro rio,  
 Com outr'alma, outros olhos, & outra vida:  
 Que foy de tanta lagryma perdida,  
 Quanta em ti me leuou hum defuario?  
 Quando eu co rosto defecorado, & frio  
 Soltaua a voz chorosa, & nunca ouuida  
 Daquella mais que Serra endurecida,  
 A cuja lembrança inda tremo, & esfrio.  
 Doc'engano d'Amor! que m'efcondia  
 Debaixo de vãs sombras, que passaram  
 Outro ditoso fim, qu'alma ja via.  
 Ia á minha noite amanheceo hum dia,  
 Ia rim os olhos, que tanto choraram;  
 Ia repouso em boa paz, boa alegria.



## XLVII.

**E**V vejo inda aqui os finaes das agoas,  
 Que minh'alma estilou em viuo fogo,  
 Quando eu trazido ao vento em leue jogo  
 Fazia soar ao longe minhas magoas.  
 Inda o ardor daquellas viuas fragoas,  
 Inda a dureza ao piadoso rogo  
 Se me figura, & vejo do meu fogo  
 Acesas yr correndo as mansas agoas.  
 Inda daquelles tristes meus gemidos  
 Hũa voz ficou de todo não desfeita,  
 Sendo a cinza do fogo ja apagada.  
 Merce de Deos! que hũa alma tão fogueita  
 A vãos cuidados, dias tam perdidos,  
 Refez nũa hora bemaumenturada.

## XLVIII.

**Q**Vando se euolue o ceo, o dia escurece,  
 Assopra o brauo vento, o aito mar geme,  
 O sol se nos esconde, a terra treme,  
 Trouoa a noite, o rayo resplandece,  
 Eu olho aquella parte, onde esclarece  
 Hum sol; qu'eu vejo sò, & elle sò veme,  
 E com sua luz, em quanto o mundo teme,  
 De la m'alegra o sprito, & fortalece.  
 Meu perpetuo verão, meu claro oriente,  
 Donde o dia me vem, donde douradas  
 Vejo as nuuês correr, os ceos fermosos!  
 Ditofas aues, a que foram dadas  
 Pennas, ditofa a terra, a que he presente  
 A luz destes meus olhos saudosos!

## DOS SONETOS.

### XLIX.

**V**Ou de suspiros todo est'ar enchendo,  
 Vou a terra de lagrymas regando,  
 Mais agoa aos rios, mais às fontes dando,  
 E com meu fogo em tudo fogo acendo.  
**E** quando os olhos meus, senhora, estendo  
 Para onde o Amor, & vos m'estais chamando,  
 As altas terras, em qu'os vou quebrando,  
 Da vista me tolher s'estão doendo.  
**M**as nisto acode Amor, que sempre voa,  
 Eu pelas asas, eu pelo arco o tenho,  
 Té me levar consigo onde desejo.  
**E** jurarey, senhora, que vos vejo.  
 Jurarei qu'essa doce voz me soa:  
 Nesta imaginação sô me sostenho.

### L.

**A**Ssi da fonte cristalina, & pura,  
 Meu Rio, a tua clara agoa a vea enchendo,  
 Sempre igual, sempre doce, & sem mistura,  
 Que a turue, te o mar largo vâ correndo,  
**A**ssi canto de Amor, & de brandura  
 Sempre aqui o caminhante estê detendo,  
 Em ti se banhe, & pise tua verdura  
 Marilia, & as brancas flores va colhendo;  
**Q**ue as lagrymas saudosas, que derramo,  
 Num vidrô de cristal, contra corrente,  
 Que trazes, mandes lá a tua fresca praya.  
**E** â mais branca tua, Nimpha as apresente  
 Nas brancas mãos, de quem me ama, & amo.  
 (Isto cortaua Alcippo nua alta Faya)

Quan-

## L I.

**Q** Vantos suspiros, triste, & quam compridos  
 Ardendo vejo vir dentro a meu peito  
 Daquella doce parte, onde eu desfeito  
 Em lagrymas fiquey todo, & em gemidos!  
**V**ereis em agoa hūs olhos consumidos  
 Messageiros de Amor não contrafeito,  
 A alma achareis lá, se do direito  
 Caminho, não viestes mal perdidos.  
**T**ornaiuos pois àquelle doce abrigo  
 Do meu amor, donde así em vaõ partistes,  
 Ficando eu escondido la em seu seo:  
**E** dizeilhe: senhora, hūs olhos tristes  
 Vimos la sō chorar, sem fim, sem meo:  
 Ca o tendes, ca buscay o vosso amigo.

## L II.

**A** Legrame, & entristece a Real cidade,  
 Qu'ò Douro rega, & meus Sâs ennobrecem  
 Com as armas, & tropheos, que resplandecem,  
 E resplandecerão em toda idade.  
**I**sto me alegra. E fazme saudade  
 Ver a ditosa terra, em que apparecem  
 As rayzes de hũa planta, em que florecem  
 Ferosura, saber, & alta bondade.  
**A**qui o tronco nasceo, que em toda parto  
 Deu gloriosos ramos de honra, & gloria  
 Nas armas, & esquadrões do fero Marte.  
**E** por mais se illustrar sua clara historia,  
 Daqui nasceo hũa Dama, em que tod'arte  
 O ceo pos, eu vontade, alma, & memoria.

Quan-

## DOS SONETOS.

### LIII.

**Q**uando sera que eu torne a ter diante  
 Destes meus olhos o seu doce obgeito,  
 A quem hum honesto Amor me fez fogeito?  
 E que eu ante ella escreua, an'ella cante?  
 Nem tu, Amor, es composto de diamante.  
 Nem eu de pedra tenho este meu peito,  
 Que perto esta d'em agoa ser desfeito,  
 Se sprito algum não ha, que mo leuante.  
 Representame, Amor, as mais fermosas  
 Lagrimas, antes perlas, que tu viste  
 Sayr de hús olhos de chorar indinos.  
 Qu'armas me das tu, com que as forçofas  
 Lembranças vencer possa, & os tam continos  
 Golpes mortaes, que ferem hū'alma triste?

### LIIII.

**S**E com vos ver, senhora, assi la ardia,  
 Que com quanto essa vista m'abrandaua  
 Meu fogo, as mais das vezes esperaua  
 A morte, qu'ante vos de mim fugia;  
 Quanto pois contra vos ca erraria,  
 Se a vida, qu'eu pera vos ver guardaua,  
 E nesse doc'engano sustentaua,  
 Podesse, sem vos ver, foster hum dia!  
 Tormento aos olhos he ver outra cousa:  
 Baixeza ao sprito ter outro cuidado;  
 Nem mais desejar sabe, nem deseja.  
 Faça a fortuna bemaumenturado  
 O cobiçoso, qu'em nada repoufa,  
 Eu, se vos não vir, moura, ou logo veja.

A que

## L V.

**A** Que alçarey os olhos, pois não vejo  
 Aquelles olhos, de que eu sô viuia?  
 Onde leda minh'alma se estendia,  
 E onde repousava o meu desejo.  
 La vay meu sprito ardendo, agoas do Tejo,  
 O triste corpo fica pedra fria,  
 (Quanta tristeza custa hũa alegria!)  
 Tè me tornar o dia que eu desejo.  
 Em tanto nestes Valles, nestes Montes  
 Tam longas noites, & tão tristes dias,  
 Crescerão com meu choro heruas, & flores:  
 Quando olhos meus, olhos não ja mas fontes  
 Tornareis ver as vossas alegrias?  
 Quando est'alma enchereis de seus amores?

## L V I.

**D**O que em vos vi, senhora, me presenta  
 Amor hũa imagem noua, & peregrina,  
 De cuja luz guiado o sprito atina  
 Saber-se ca salvar na sua tormenta.  
 E os perigos vencer, com que me tenta  
 A ausencia dessa vista, & voz diuina,  
 Claros finaes de hũa alma dos ceos dina,  
 Que tanto delles ca nos representa!  
 Escureceome o Sol, fugiome o dia,  
 Vencia ja o espanto ao fraco sprito,  
 Vendo os perigos, qu'eu ja la temia.  
 Alcey a Amor hum piadoso grito:  
 Elle me pos em salvo, & deu por guia  
 Quanto de vos deixou nest'alma escrito.

Quan-

DOS SONETOS.

L VII.

**Q** Vando eu os olhos ergo àquella parte,  
 Onde o meu nouo Sol o dia aclara,  
 É me vejo tam longe da luz clara,  
 Que resplandece em mais ditosa parte,  
**A** alma fãudosa se m'arranca, & parte  
 Lá onde a terra mais fermosa, & clara,  
 Mais sereno o ceo faz a vista clara,  
 De que meu fado triste, & cruel me parte,  
**C**ansam os olhos, fica sò o desejo,  
 Entre altas serras, onde deixo escrito  
 Em cada pedra, ou tronco o vçsio nome.  
**A**li ou veruos, ou morrer desejo.  
 Isto canta meu verso, & meu escrito.  
 Nem quero outra membria, ou outro nome:

L VIII.

**Q** Vando eu os olhos ergo àquelle rosto,  
 Que faz à minha dor alegr'engano,  
 Ditosa chamo a hora, o dia, & o ano,  
 Que como cera estou ao fogo posto.  
**N**ão mortal, não de humana arte composto,  
 Nem he humana voz, nê sprito humano  
 Isto, que eu ouço, & vejo, & do seu dano  
 Fica a alma namorada à dor do gosto.  
**A**quelle sò momento, aquelle ponto,  
 Que mais mouro, mais viuo: & aquelle dia  
 Da minha morte sò na vida conto.  
**O**h meu sò bem! ò minha sò alegria,  
 Se así durasses! tudo tem seu conto,  
 A vida foge, a morte está em espia.



**N**imphas do claro Almonda, em cujo seo  
 Nasceo, & se criou a alma diuina,  
 Qu'hũ tempo andou dos ceos ca peregrina,  
 Ia la tornou mais rica, do que veo;  
**M**aria, da virtude firme esteo,  
 Alma sancta, Real, de imperio dina  
 A baixeza deixou, de qu'era indina,  
 Ficou sem ella o mundo escuro, & feo.  
**N**imphas, que tam pouco ha, qu'os bõs amores  
 Nossos cantastes cheas de alegria,  
 Chorai a vossa perda, & minha magoa.  
**N**ão se cante entre vos ja, nem se ria,  
 Nem dé o monte herua, nem o prado flores,  
 Nem dessa fonte mais corra clara agoa.

## I I. III

**O** Alma pura, em quanto ca viuias,  
 Alma la onde viues ja mais pura,  
 Porque me desprezaste? quem tam dura  
 Te tornou ao amor, que me deuias?  
**I**sto era, oque mil vezes prometias,  
 Em que minh'alma estava tam segura,  
 Que ambos juntos hũa hora desta escura  
 Noite nos soberia aos claros dias?  
**C**omo em tam triste carcer me deixaste?  
 Como pude eu sem ti deixar pat firme?  
 Como viue este corpo sem sua alma?  
**A**h que o caminho tu bem me mostraste,  
 Porque correste a gloriosa palma?  
 Triste de quem não me crece o seguir de moupa  
 Despo.

III.

Despojo triste, corpo mal nascido,  
 Escura prisaõ minha, & peso graue,  
 Quando rota a cadea, & volta a chauce  
 Me verey de ti folto, & bem remido?  
 Quando co sprito pronto, aos ceos erguido,  
 (Despois que est'alma em lagrymas bem laue)  
 Batendo as asas, como ligeira aue,  
 Irei aos ceos buscar meu bem perdido?  
 Triste sombra mortal, & vam figura  
 Do que ja fui hús dias sô fofida  
 Daquelle sprito, por quem ca viuia,  
 Quem te detem nesta prisaõ tam dura?  
 Não viste a clara luz, a sancta guia  
 Que te la chama â verdadeira vida?

IIII.

Com que magoa (ô Amor) com que tristeza  
 Viste cerrar aquelles tam fermosos  
 Olhos, onde viuias, poderosos  
 D'abrandar com sua vista a môr dureza:  
 Roubada nos he ja nossa riqueza,  
 Nossos cantos serão versos chorosos,  
 E suspiros tristíssimos, queixosos  
 Da morte, que nos pos em tal pobreza:  
 Eu perdi o meu bem: tu, Amor, tua gloria  
 Eu o mal sol: & tu teu doce fogo  
 Honesto, & sancto ao mundo, raro exemplo:  
 Mas viua será sempre a alta memoria  
 Daquelle, que nos ceos viua contemplo,  
 A quem humilde peço ouça meu rogo.

Aquel:

## V.

**A** Quelle claro Sol, que me mostrava  
 O caminho do ceo mais chaõ, mais certo,  
 E com seu nouo rayo ao longe, & ao perto  
 Toda a sombra mortal m'afugentava;  
 Deyxou a prisaõ triste, em que ca estaua.  
 Eu fiquey cego, & sô co passo incerto,  
 Perdido peregrino no deserto,  
 A que faltou a guia, que o leuaua.  
**A**ssi co sprito triste, o juizo escuro,  
 suas sanctas pisadas vou buscando,  
 Por valles, & por campos, & por montes.  
 Em toda parte a vejo, & a figuro.  
 Ella ma toma a maõ, & vay guiando.  
 E meus olhos a seguem feitos fontes.

## VI.

**A** Quella nunca vista fermosura,  
 Aquella viua graça, & doce riso,  
 Humilde grauidade, alto auiso,  
 Mais diuina, qu'humana Real brandura,  
 Aquella alma innocente, & sabia, & pura,  
 Qu'entre nos ca fazia hum parayso,  
 Ante os olhos a trago, & la a deuiso  
 No ceo triumphar da morte, & sepultura.  
 Pois por quem choro, triste? por quem chamo  
 Sobre esta pedra dura a meus gemidos,  
 Que nem me pode ouuir, nem me responde?  
 Meus suspiros nos ceos sejam ouuidos,  
 E em quanto a clara vista se m'esconde,  
 Seu despojo amarey, amey, & amo.

DOS SONETOS.

VII.

**H**Um tempo chorei lêdo co a esperança  
 Doce, qu' o brando Amor de si me daua,  
 E quanto mais gemia, & suspiraua,  
 Mór era a minha bemauenturança.  
 Agora nesta triste, & cruel mudança,  
 Com que a morte de longe, m'ameaçaua,  
 O meu prazer perdi, que bem lograua,  
 Suspiro em vão polo que não s'alcança.  
 Lagrymas bem choradas, bem deuidas  
 Ao desejo do bem, qu'inda que tarde,  
 Sostenta o sprito com seu doc'engano!  
 Mas tristíssimas lagrymas perdidas  
 Tras hum bem, que fugio, & tras hum dano,  
 Que remedio não deixa ou cedo, ou tarde!

VIII.

**Q**uem pode ver hum coração tam triste?  
 Quem hũa vida, que ha inueja à morte,  
 Que se não doa, por mais duro, & forte,  
 Do que tu (Morte) em mim fizeste, & viste?  
 Se nunca o Amor t'offende, nem resiste,  
 Antes desejam sempre hũa igual sorte  
 Os que bem se amam, & qu'hũ golpe os corte,  
 Porque hum tam doce amor, cruel, partiste?  
 Mas tu não poderás, por mais que possas,  
 Partir as almas, & os pensamentos,  
 Qu'onde querem, se vem, s'amam, s'entendem,  
 Triumpha agora destas cinzas nollas,  
 Qu'inda juntas, ao sprito, altos assentos  
 Terão, onde tuas forças não s'estendam.

Com

## IX.

**C**Oralma nos ceos pronta, o sprito inteiro,  
 Leue o sembrante, a vista graciosa,  
 Aquella, antes da morte, ja gloriosa  
 Esperaua o combate derradeiro.  
 De sancta fe armada, & verdadeiro  
 Amor diuino, yenceo a espantosa  
 Morte, que nella pareceo fermosa,  
 E noua estrella a fez no ceo terceiro.  
**E** tomandome a mão leda, & risonha  
 Meu doce amigo (diz) vinda he minh' hora,  
 Quem nos assi ca atou, soltou o nô.  
**Q**uem mais cuida que viue, esse mais sonha.  
 La onde se não geme, nem se chora,  
 T'amara mais est'alma, o corpo he pô.

## X.

**Q**Val bom Planeta, qual boa estrella, ou sino  
 Inuocarei? qual sprito piadoso,  
 Que incurte este desterro saudoso,  
 Que me faz ser no mundo peregrino?  
**O**nde eu os olhos claros, & o diuino  
 Rosto via, onde ouuia o deleitoso  
 Som da voz branda, qu'em tão amoroso  
 Fogo m'imflamma, de qu'eu sô fui dino,  
**A**li he minha vida, & a minha terra:  
 Ali se satisfaz alma, & desejo.  
 Ali todo meu bem se m'offerrece.  
**E**m toda outra parte acho odio, & guerra.  
 Em toda a parte o Sol se m'escurece.  
 E fogo, & morte vejo, em quanto vejo.

DOS SONETOS.

XI.

**E** Stas cinzas aqui chorando encerra  
 (Amor) d'hũa chãma, que ca ardeo mais pura  
 Nem peito humano, a que foi tam dura  
 A Morte, qu'ante tempo lhe fez guerra.  
 Cega, & cruel! que contra si mesma erra.  
 Quando apagar cuidou a fermosura  
 Do mundo, então a parte mais segura  
 A subio, donde mais aclara a terra.  
 Quem vir estes despojos faudosos  
 Do triste Alcippo, pera sempre triste,  
 Lagrymas, & suspiros daqui leue.  
 E sejam, diga, a Alcippo os ceos piadosos.  
 Seja ao fermoso corpo a terra leue.  
 Tu dà de sprito ao mundo a fê, que viste.

DE D. SIMAM DA SYLVEIRA.

XII.

**S**epultado em tristeza, em dor, em pranto,  
 Esquecido das Musas, & de ti  
 Te vejo sem alegria estar assisido  
 Como aquelle, a que deu pasmo, & espanto.  
 Vejo a casa, em que estãs, de cada canto  
 Tremar, vejo a chorar, vejo daqui  
 Esse rio, esse monte, o ceo por ti  
 Cuberto estar de negro, & escuro manto.  
 Não reyne, Antonio, em ti tal desatino.  
 Deixa lagrymas vãs, poem fim às dores,  
 Asserena o sembrante, triste, & escuro.  
 Enche teu peito fuaue, & peregrino  
 D'outro desejo mais saõ, d'outros amores,  
 Com que em ti, sem temer, viuas seguro.

A D.



LIVRO II.  
A D. SIMAM DA SYLVEIRA.  
XIII.

23

**D**Esfeito o sprito em vento, o corpo em prato,  
Tam poderosamente fui de ti  
Chamado, que tornei, Simão, assi  
Como da morte à vida, em nouo espanto.  
**E**rgueste, doce Orpheo, cò teu bom canto  
Hum sprito moro, a cujo lóm daqui  
S'alçou todo ar escuro, & so por ti  
Rompi d'alta tristeza o grosso manto.  
**F**oi remedio a meu mal, meu desatino:  
Fugio o juizo, deu lugar as dores,  
Que ja me tinham junto ao reyno escuro.  
**A**ndou o sprito hum tempo peregrino  
Buscando entre vãs sombras seus amores,  
Tu mo tornaste agora em bom seguro.

XIIII.

**V**Ay nouo Sol esclarecer o dia  
La onde elle s'esconde, & s'escurece,  
Vay noua Lua la, onde anoitece,  
Dar luz a terra, & aos olhos alegria.  
**V**ay branca Diana com tua companhia,  
A cuja vista o campo reuerdece,  
Dar nouo preço a terra, qu'enriquece  
Contigo, & pera ti suas flores cria.  
**E**sperando t'esta o dourado Tejo,  
E suas fermosas Nimphas, que temperam  
Nos teus louiores, os seus instrumentos.  
**V**ay alegrar as almas, que t'esperam,  
E todo seu amor, & seu desejo  
Tem posto sô nos teus contentamentos.

C 3

Rey

DOS SONETOS.

XV.

**R**ey bemaumenturado, este he o dia,  
 Que quatorze annos ha, qu'o mundo espéra  
 Desdo teu Tejo, a Oriental esphera,  
 E da Zona torrada, â Zona fria;  
 Quando outra noua luz, noua alegria,  
 Qual no teu nascimento o sol ja dera,  
 Veremos na dourada, & ditosa era  
 Da tua tam esperada Monarchia.  
 Benigno o ceo t'estâ, obediente a terra,  
 Abraçanse entre si Iustiza, & Paz,  
 Qu'a ti, buscando abrigo, vem fugindo.  
 Erguendo a Christam Fe, que fraca jaz,  
 Aos teus igual iustiza repartindo,  
 Terás sempre paz sancta, ou sancta guerra.

XVI.

**S**E saber, fermosura, & Real estado,  
 Pureza d'alma, & limpa castidade,  
 S'hum desprezo da gloria, & vaydade,  
 Do mundo assi esquecido, & fopado,  
 S'hum viuer contente, & descansado,  
 Fundado em fê, esperança, & charidade,  
 S'então alto lugar, baixa humildade  
 Se hum sprito nos ceos todo enleuado  
 Podêram fazer bemaumenturada  
 Neste mundo, & no outro húa creatura,  
 Nos na terra, & nos ceos te coroamos.  
 De Deos serà tua alma festejada.  
 De nos honrada tua sepultura,  
 De que grandes milagres esperamos.

Que

## XVII.

**Q**ue Apelles, que Lyfippos poderiam  
 Pintar, ou esculpir essas figuras  
 O Principes diuinos? que pinturas  
 A tanto dom de Deos responderiam?  
**Q**ue ingenhos dos antigos bastariam,  
 (Iã que não bastam cores, nem esculpturas)  
 Escreueruos? que pedras, por mais duras,  
 A vossos nomes não se abrandariam?  
**A**s aruores, as pedras, os metais,  
 As cores, & as tintas vos desejam,  
 Os liuros, todo mundo, & os ceos mais.  
**V**os os olhos, & engenhos nos cegais,  
 Com esse resplendor, os ceos vos vejam,  
 Elles vos louuem, & façam immortais.

## XVIII.

**A** Jupiter tres Deos as se queixâram,  
 Vendo de Vrenha a tam fermosa planta!  
 Não he minha honra, nem riqueza tanta  
 (Diz Iuno) pois no mundo igual me achâram.  
**N**eim eu sou sô, a que tanto celebrâram,  
 (Se queixa Pallas casta, sabia, & santa,  
 Pois hũa Madalena se leuanta,  
 Em quem todos meus dões os ceos juntâram.  
**E**u fora (dizia Venus) mais queixosa,  
 Se quem venço a minha fermosura,  
 Nam vira de meu filho rão vencida.  
**S**ofrei (Jupiter diz) sua ventura,  
 Pois eu soffro a ventura mais ditosa  
 De lorge, a quem dos ceos soy concedida.

DOS SONETOS.

XIX.

**C**laríssimo Marquez, em cujo sprito  
 Nouo lume de gloria resplandece,  
 S'a viua chamma, que ja em ti parece,  
 Igual fosse meu verso, & meu escrito,  
 Tu serias, senhor, cantado, & dito  
 Grande entre aquelles, a que Apollo tece  
 Gloriosa coroa, & a que offerece  
 De seus nomes a fama hũ alto grito.  
 Mas em quanto eu desejo mör alteza  
 A meu ingenho desigual ao peso,  
 Tu conferua tua vida, & tua saude.  
 E leuanta esse peito a alta grandeza  
 Da viua gloria, da viua virtude,  
 Qu'o tempo te abrirã a outros defeso.

XX.

**E**V vejo arder teu peito em noua gloria,  
 Claríssimo Dom Pedro, mal contente  
 De não largar ja as pennas altamente  
 Onde te chama a tua clara historia.  
 Por ti florecera a alta memoria  
 De teus grandes auôs, & o rayo ardente,  
 Que em ti s'esconde, noua luz à gente  
 Trara na paz, na guerra, & na victoria.  
 Sosslega teu sprito em tanto, & espera  
 Tempo, senhor, que não tardara muito,  
 Em que mostres ao mundo; o que eu ja vejo.  
 Tu veras das tuas obras o alto fruito,  
 Eu cingirei por ti as fronte d'Hera,  
 Se igual nacer meu verso a meu desejo.

Escre-

## XXI.

**E** Screue Dom Diogo, escreue, & canta  
 No meo dos trabalhos mais constante,  
 Oufado vay contra a fortuna auante,  
 Qu'ella te proua, & ella te leuanta.

Que poder auera, que força tanta  
 Contra esse peito armado de diamanté,  
 Que nelle se não rompa? & não quebrante

A fortuna, que ja de ti s'espanta?

**C**anta, pois tu cantando es tam cantado,  
 Apollo se te inclina, Amor s'abrandá.  
 E teu nome mais cresce cada dia.

Seguro pelo mundo corre, & anda.

Que não podes ser nelle desterrado,  
 Antes sem ti desterro elle feria.

## XXII.

**C**Horas, Antonio: & leuam Lima, & Douro  
 Com as suas, as tuas lagrymas vamente  
 Chamando aquella, que resplandecente  
 Mostrando está dos ceos o seu thesouro.

D'outra neue vestida ja, & d'outro ouro,  
 Qual não vê, nem comprende a cega gente,  
 Despreza essas vás lagrymas contente  
 Co a gloriosa palma, & immortal louro.

O alma bem nascida, que mostrada  
 Ao mundo foste só por nosso espanto,  
 Inda esses breues dias te deuemos.

Andaste ca esse tempo aos ceos roubada.

Deuense a mortos lagrymas, & pranto.

Nos viua entre Anjos Angela cantemos.

DOS SONETOS.

XXIII.

**E**M quanto tũ lá, Andrade, os votês santos  
 Pagas pola laude da irmam santa,  
 E ella à mãy de Deos mil hymnos canta,  
 E tu ao filho, & à mãy compoês mil cantos:  
**E** quantos passos la cos pês daes, tantos  
 De graos ergueis a casa, onde luz tanta  
 Replandece, que cega, offende, & espanta  
 Os que de la cahiram em fogo, & em prantos.  
**E**u co sprito inquieto aos ceos suspiro  
 D'hum sol ao outro, d'hũa a outra sombra,  
 Em saudoso pranto, em brando rogo,  
**Q**uo deste duro jugo, que hora tiro,  
 Liure hũ hora ao sol claro, a doce sombra  
 Me veja arder quieto em sancto fogo.

XXIII.

**E**M duas partes deixei la partida  
 Minh'alma saudosa, Amor o sabe,  
 E vos, senhor, aqu'igual parte cabe  
 E sempre cabera dest alma, & vida.  
**N**em viua eu mais, qu' em quanto conhecida  
 Esta verdade faça, então acabe,  
 E se mais quer, ou desejar mais sabe  
 Minha vontade, nunca seja crida.  
**P**or vos suspiro, & polo claro lume  
 D'hum nouo sol, que la da luz ao dia,  
 E por norte tomey do meu bom porto.  
**I**a la cuidaua quando tornaria:  
 Pois entre nos por força, & por costume  
 Il nostro esser insieme é raro, e corto.



## XXV.

**B**ernardes, cujo sprito Apollo inspira,  
 Volve teu doce canto a mim mal dado  
 Ao grande objecto teu, que leuantado  
 Por ti sera a alta gloria, a que ja aspira.  
 Anda onde quer, qu'esta, chora, & suspira  
 O triste Iffante em ver tão mal chorado  
 Seu doce amor, de que ca tam magoado  
 Não fartou d'agoa os olhos, peito de ira.  
 Isto sò pede aos ceos, qu'inda da terra,  
 Qu'a sua cinza esconde, hum rayo claro  
 Noua luz traga â sua sepultura,  
 E aclare a nuuem, que nos cobre, & cerra  
 Aquella mal chorada fermosura,  
 Tam digna do amor seu no mundo raro.

## XXVI.

**L**imiano, tu ao som do claro Lima  
 Anda por ti mais claro â sombra fria  
 A branca Nimpha, que te deu por guia  
 Amor, fazes soar na doce rima.  
 E em quanto cantas, flores mil de cima  
 Derrama Cytherea, & hum Louro cria  
 Para as tuas fronte Phebo, & em companhia  
 D'outros, teu nome leua ja a outro clima.  
 Eu mudo, & triste, em lagrymas banhado  
 Vou gastando a alma em esperar hũa hora,  
 Que minha cruel forte esta detendo.  
 Entrao solto, entao liure, & a mim tornado,  
 Teu brando som iria o meu regendo:  
 Em tanto teu bem canta, & meu mal chora.

Vincio

DOS SONETOS.

XI.

VIncio, eu vejo do Oriente aclara  
 Venus lançar em ti seus mais fermosos  
 Rayos, & led o pay os amorosos  
 Olhos tem postos em sua filha chara:  
 Vejo que minha estrella o ar aclara,  
 O ceo serena, ao sol da mais lustrosos  
 Rayos de luz, a mim os piadosos  
 Olhos só cerra de sua luz auara.  
 Ditoso tu, ditosa a dourada hora,  
 Que te vio ca nacer, & assi t'encheo  
 De todo bem, que se do ceo deseja!  
 Eu que direy de mim? ditoso seja  
 Quem a tam alta luz olhos ergueo,  
 E ditosa a alma, qu'a suspira, & chora.

XXVIII.

N'Vm concauo penedo, onde quebrauam  
 Sua mor força as ondas furiosas,  
 Dous brandos nomes de duas mais fermosas  
 Nymphas Lilia, & Celia se cortauam.  
 Abrindo a pedra as letras, aclarauam  
 As nuuês, brandos ares amorosas  
 Virações spirando, as mais irosas  
 Ondas naquella parte asflegauam.  
 Ao pé dos doces nomes, que cortaram  
 Aonio, & Vincio em immortal memoria,  
 Seus nomes, & estes versos escreueram;  
 Em duas aqui quatro almas se juntaram:  
 Aqui porto quieto as ondas deram,  
 Lilia, & Celia a Amor honra, ao mundo gloria:  
 Glo-

## XXX

**G**Loriosos spritos coroados  
 Dos louros iminortaes, que ca ganhastes,  
 Quando co claro sangue bem comprastes  
 Effes assentos, que vos la são dados.  
**T**am dinos d'entre nos serdes cantados!  
 Em quanto a clara fama, que deixastes,  
 Igual trombeta, & voz ca não achastes,  
 Estaueis como em Lethe sepultados.  
**E**is que ja vos nasceo hum nouo sprito,  
 De cuja voz fereis no mundo ouuidos,  
 Por cuja mão sayreis da sepultura.  
**D**uas vidas, dous lumes concedidos  
 Vos são, de que alça a fama immortal grito,  
 Vida no verso, vida na pintura.

## XXXI.

**O**S qu'a fortuna Deosa sua faziam,  
 E por môr Deosa nos ceos a assentauam,  
 Est'honra, esta vão titulo lhe dauam,  
 Porque de suas mudanças se temiam.  
**M**as aquelles, que deilla não pendiam  
 Em vez de a adorarem, lhe pisauam  
 Cos pés sua fraca roda, & desprezauam  
 A falsa diuidade, em que não criam.  
**Q**uanto sera de ti mais desprezada  
 Felicissimo João, que dos ceos certo  
 Tés premio igual aos dotes, que te dêram!  
**S**eguro premio, não vario, ou incerto,  
 Como os que da fortuna outros tiueram,  
 Qu'a ti não podê dar, nem tirar nada.

Quan-

DOS SONETOS.

XXXII.

**Q** Vanto d'Amor se pode humanamente  
 Sentir, tu o sentes, ou cantar, tu o cantas  
 Salicio: & em quanto a doce voz leuantas  
 Tudo arde em fogo, em tudo amor se sente.  
 So Flerida, & Amor a ella obediente  
 Ao viuo fogo teu, lagrymas tantas,  
 Aos grandes versos, cõ qu'o mundo espantas,  
 Olhos, & ouidos cerram cruelmente.  
 Por ventura quem quanto â estrangeira  
 Lingua entregas teus doces accentos,  
 Não he tua voz com tanto effeito ouuida.  
 Dâ pois â dor sua lingua verdadeira,  
 Da os naturaes sulpiros teus aos ventos,  
 Por ventura serâ tua dor mais crida.

XXXIII.

**A** Lma innocente, que teu veo despindo  
 Solta desta prisão estreita, & cicura,  
 Vestida ja da eterna fermosura  
 Esse espaçoso ceo landas medindo,  
 Ditosa, que tambem foste fugindo  
 Do que mais nos engana, & menos dura,  
 E viues ja sem fim leda, & segura,  
 De nossas sombras vãs piadosa rindo.  
 Quam bem atalhaste à tua verde idade  
 Meu Betancor! assi o merecia  
 Esse diuino sprito aos ceos nascido.  
 Meu amor chorará tua saudade  
 Mas ditoso em meus versos serâ lido  
 O teu primeiro, & derradeiro dia.

Bom

Na antiga lingua Portuguesa.

## XXXIII.

**B**Om Vasco de Lobeira, & de grã sem,  
 De prão que vos auedes bem contado  
 O feito d'Amadis o namorado,  
 Sem quedar ende por contar hirem.  
**E** tanto nos aprougue, & a tambem,  
 Que vos seredes sempre ende loado,  
 E entre os homes bõs por bom mentado,  
 Que vos lerão adeante, & que hora lem.  
**M**ais porque vós fizestes a fremosa  
 Brioranja amar endoado hu nom amaram,  
 Esto cambade, & compra sa vontade.  
**C**a eu hei grã dô de auer queixosa,  
 Por sa gram fremosura, & sa bondade.  
 E er porque ô fim amor nom lho pagarem.

## XXXVXX

**V**Inha Amor pelo campo trebelhando  
 Com sa fremosa madre, & sas donzellas,  
 El rindo, & cheo de ledice entre ellas,  
 Ia de arco, & de sas setas non curando.  
**B**rioranja hi a fazom sia pensando  
 Na grã coita, que ella ha, & vendo aquellas  
 Setas de Amor, filha em sa mão hũa dellas,  
 E metea no arco, & vayse andando.  
**D**eshi volueo o rostro hu Amor fia,  
 Er, disse, ay traydor, que me has fallido,  
 Eu prenderey de ti crua vendita.  
**L**argou a mão, quedou Amor ferido,  
 E catando a sa setra, endoadô grita:  
 Ay merce, a Brioranja, que fugia.

DOS SONETOS.

XXXVI.

Solitario, que segues tam contente,  
 O caminho mais arduo, que nos guia:  
 Da nossa escura noite àquelle dia,  
 Em que viue tam clara a immortal gente,  
 Esperta este meu sono, em que dormente  
 Tive tégora est'alma, se me guia,  
 Por onde eu suba aos ceos, qu'antes não via,  
 De mim mesmo enganado cegamente.  
 Escuro, triste, mprto, & mal viuido  
 Tempo, de magoa, & de arrependimento,  
 Gastado em vãos desejos, vãos cuidados!  
 Ia achou meu vago sprito seu assento:  
 Sejam ou esquecidos, ou chorados  
 Os tristes dias, em que andei perdido.

XXXVII.

Despois de cinco lustros ja aquella hora,  
 Qu'ao mundo mē mostrou em noite escura,  
 Me torna a quarta vez, & com brandura  
 Do mau planeta me defende agora,  
 Tempo he, que hū'alma, que ja ha tanto chora,  
 Vos moua a magoa, ó clara fermosura,  
 Qu'os ceos ornais, & tendes a escriptura  
 De quanto ca s'espera, & quanto mora.  
 Tu do mundo grã: Pay, tu poderoso  
 Rey d'estrellas, & ceos est'alma guia:  
 A ti seu alto fim, por ti criada.  
 Por ti se mouem os ceos, por ti o dia  
 Nos nasce: aquelle só fera ditoso,  
 Que sem ti não espera, nem cre nada.

Eis



## XXXVIII.

**E** Is o mar, eis o vento, espanto, & medo  
 Aos tristes nauegantes, cruel morte  
 Em tod'a parte mostram, ali o mais forte  
 Quer, por não ver mais mal, morrer mais cedo.  
 Quando aquelle poder, que firme, & quedo  
 Tem seu eterno imperio, a triste sorte  
 Num ponto muda, & guia a nao, qu'a porte  
 Em saluo pelo mar, que abre co dedo.  
 Vence o prazer ao medo, torna a vida  
 Como furtada a morte, nouo ceo  
 Parece, & nouo sol, & nouo dia.  
 Assim h' alma enganada, que perdida  
 Anda em tão alto mar, de escuro veo  
 Cuberta, tu alto Deos me aclara, & guia.

## XXIX.

**O** Nde m'esconderey, Senhor, de ti?  
 Te net' est' alma recebida em vão.  
 Estes meus olhos como te verão,  
 Pois meu triste peccado te pos hi?  
 Oh Senhor piadoso que não vi,  
 Nem veio ind'ategora, estend'a mão,  
 Da m'a estes olhos luz, & hum coração  
 De carne, que de pedra foy tequi.  
 Ouelha sou, senhor, qu'ando perdida,  
 Ingrato filho fuy, que mal gastei  
 Os talentos da graça, que me deste,  
 Mas se me ru buscares, tornarey.  
 Buscame com tua graça, pois quiseste  
 Morrer assi na cruz por dar-me vida.

DOS SONETOS

XL.

**A** Estrela vimmos, Virgem santa,  
 Humildes, & deuotos peregrinos,  
 Que os olhos sejam de te ver indinos,  
 Ver o que o mundo todo alegra, & espanta,  
 E que a pureza em nós não seja tanta,  
 Tua graça nos fará, Senhora, dinos  
 De ouires nossos versos, nossos hynos,  
 Que cada alma fiel te offrece, & canta.  
 Grandes são teus poderes, tuas grandezas.  
 Nouos sinaes, senhora, não esperamos.  
 Depois de Deos, de ti tudo mais cremos.  
 Alimpa em nossas almas suas torpezas.  
 Desfazê as neuoas, com que nos cegamos:  
 E estes grandes milagres cantaremos.

XLI.

**A** Njo enuiado âparelhar as vias  
 Do Cordeiro de Deos por ti mostrado,  
 Que no ventre da mãy sanctificado  
 No ventre de sua mãy ja conhecias,  
 Declarador d'antigas profecias,  
 Mais que profeta de Deos tam louuado,  
 De quem o mesmo Deos foy bautifado,  
 Luz clara, que todo homem alumias.  
 Aquella tua voz sancta, que soaua  
 No deserto, grã Ioão, a penitencia,  
 De tua vida innocente, o sangue, & a morte  
 Criem em minh'alma hũa noua innocencia  
 Sancto zelo, amor firme, animo forte,  
 Com que ligas tua luz, que aos ceos guaua  
 A guia

## XLII.

**A** Guia diuina, que tam altamente  
 De Deos guiada alem dos ceos voaste,  
 Donde os mōres segredos nos mostraste,  
 Qu' escondidos estauam â cega gente:  
**C**om teu rayo de luz resplandecente  
 O mundo escuro, & triste alumiaſte,  
 E quanto lâ de Deos, em Deos achaste,  
 Por ti o mundo o confessa, o cre, & o sente.  
**T**u ão peito de Deos adormeceſte.  
 Tu sô foste por filho a sua mãy dado,  
 Mil coroas de gloria mereceſte.  
**D**iscipulo de Deos o mais amado,  
 Desse diuino fogo, em quo tu ardeſte,  
 Seja este sprito meu sempre inflâmado.

## XLIII.

**D**iante do cutello riguroſo  
 Do Tyranno cruel, esperando a morte  
 Co animo cad'hum tam firme, & forte  
 Quanto era o do algoz mais brauo, & iroſo,  
 Estauam os sançtos Frades, desejoſo  
 Tanto cad'hum de cayr nelle a forte,  
 Que por mais depressa, que o aço corte,  
 Remisso lhes parece, & vagaroſo.  
**O**h Xarife cruel! que essa crueza  
 A ti o ho sô, a elles gloria, & vida,  
 A nòs esse seu fangue grã theſouro.  
**C**om que eſforço, & vigor, & fortaleza  
 Nos ensinam correr â promettida  
 Grã coroa de gloria, ão de louro!

DOS SONETOS LIVRO II.

XLIII.

**R**aynha sancta, aos Reys exemplo raro,  
 Ao mundo espanto, luz a neuoa escura,  
 Por onde ja rompendo des's'altura  
 Lançando estas em nós teu rayo claro,  
 Desse rico thesouro, que tam charo  
 Te foy ca, & possues ja segura  
 De to roubarem, parte nos procura  
 De quem para nos só o comprou tam caro.  
**R**aynha sancta, que na môr alteza  
 Da terra, mais humilde aos ceos voaste  
 Com o mundo fazendo força ao ceo,  
 Esta tua terra, o sancta, que pisaste,  
 Rompendo com tua luz seu escuro veo,  
 De tua humildade enche, & fortaleza.

XLIV.

**S**pritos coroados da victoria,  
 Com q̃ triumphando estaes nos ceos da terra,  
 Almas sanctas, & puras, que da guerra  
 Nossa liures viueis em paz, & em gloria,  
 Ou denunciando as gentes a alta historia,  
 Qu'a pura fe nos mostra, o ceo nos cerra,  
 Ou do mundo enganoso, que sempre erra,  
 Fugindo, nos deixasseis tal memoria,  
 Vossos deipojos sanctos, milagrosos,  
 Corpos, & sangue, & lagrymas, & mortes,  
 Qu essa vida immortal ja vos subiram,  
 Presentay la por nós com piadosos  
 Olhos deste desterro, onde os mais fortes  
 Por hum engano vão do ceo cahiram.

## EPIGRAMMAS.

A HVM RETRATO DE DO-  
na Catherina de Soufa.

**M**ostrou o q̄ pode a mão, a rinta, & arte  
Mas sô o que se não ve, he Catherina.  
Onde ella não está toda, não está parte  
Diuina fermosura, alma diuina.  
Taes graças raramente o ceo reparte;  
Mas inda d'outras foy mais altas dina.  
A quem tal a criou deu vida, & alma,  
Triūphou do mūdo, tē nos ceos a palma.

## A IERONIMO CORTE REAL.

**Q**uem pode, grã Ieronimo, louuarte  
Dos raros doés, q̄ em ti os ceos jūtaram?  
No pincel vences natureza, & arte,  
Na lira quantos a melhor tocaram:  
Na forte espada representas Marte,  
Nos brádos versos poucos te igualaram:  
Atē no claro sangue, & gentileza  
Fortuna, & ceos roubaste, & natureza.

## LIVRO

### DE ANACREONTE.

**P**Renderam as Musas por noua auentura  
O Amor em laços, & prisoões de flores,  
Entregaramno em guarda à fermosura,  
Que atado o tenha bem, porê sem dores.  
Ajunta Venus doés, & com brandura,  
Que soltem, roga, o filho seus amores.  
Mas inda que ja seja resgatado,  
Dali fica a feruir acostumado.

### DE GREGO.

**C**Ante quem quer do furioso Marte  
As armas, cante Troya já abrafada:  
A minha cruel guerra, a força, & arte,  
Que me venceo, será de mim cantada.  
Nem arma, nem soldado teue parte  
No vencimento meu, nem frota armada,  
Mas hum bello esquadrão, que d'improuiso  
Sahio d'hūs olhos, & d'hum branco riso.

TRA



TRADVZIDO CONTRA O  
maldizente.

**T**V, que com a lingua feres, monstro es,  
 Não animal; cos dentes fere o Cão,  
 Co a ponta o Ceruo, tu Ceruo não es,  
 O Lião com as vnhas, tu não es Lião..  
 E se Lião, ou Cão, ou Ceruo es,  
 Se Lião, vayte onde os Liões estão,  
 Se Cão, o mesmo Lião te despadaçe;  
 Se Ceruo, o mesmo Cão te corra, & cace:

A L E S B I A.

**F**Vrtou a aljaba a Amor (quando dormia)  
 Lesbia, acorda Amor, poeme se a chorar.  
 Não chores, filho meu, (Venus dizia)  
 Lesbia fermosa a tem, tornart'a dar.  
 Nada ha mister de ti, do que nella hia,  
 Teu fogo, & setas podeas escusar.  
 Cos olhos, fronte, riso fere inflamma  
 De mò ferida, mais ardente chamma.

## A HVM RETRATO DE DIDO.

**A** Mão do pintor deuo noua vida.  
 Maro me deue a honra diffamada.  
 Nem Dido foy de Æneas conhecida,  
 Nem vio Carthago sua frota errada.  
 Eu mesma me matey porque fostida  
 Fosse a fê casta a meu Sicheo sò dada.  
 Vinguei sua morte, ergui noua cidade.  
 Valha mais, que os poetas, a verdade.

## A VENVS E CVPIDO.

**D**izem que antigamente o ceo cahia  
 Cõ cruel guerra armada entre sua gête,  
 Marte d'espada armado embrauecia,  
 Neptuno armado de seu grã Tridente.  
 Co corisco de loue o ceo tremia.  
 Todos s'ameaçauam cruelmente;  
 Tanto qu'Amor cõ a mãy foi visto armado,  
 Cad'hũ dá as armas, tudo he pasiguado.

Fer.

## FERMOSURA.

**A**O Touro cornos, vnhas ao Lião,  
 Voar à Aguia, ao Ceruo ligeireza,  
 E a todas as mais Feras quantas são,  
 Deu su'arma, & sua força a Natureza.  
 Ao homem deu esforço, & boa razão:  
 Não tem que dar á feminil fraqueza.  
 Pois que lhe deu? ah deulhe fermosura  
 Arma que ferro, & fogo inda mais dura.

## MARTE NAMORADO.

**F**Orjaua em Lemno com destreza, & arte  
 Sêtas a Amor de Venus o marido:  
 A branda Venus lhe poem mel d'hũa parte,  
 Mas d'outra parte lhe poem fel Cupido.  
 Entrou brandindo a grossa lança Marte,  
 Riose das sêtas. Queres ser ferido  
 D'hũa? (Amor diz) proua hora se te praz;  
 Ferioo; riose Venus: Marte jaz.

DAS

# DAS ODES,

## LIVRO I.

Ode primeira.

**F**Vja daqui o odioso  
Profano vulgo, eu canto  
A brandas Musas, a hūs spritos dados  
Dos ceos ao nouo canto  
Heroico, & generoso  
Nunca ouuido dos nossos bōs passados.

Neste sejam cantados  
Altos Reys, altos feitos,  
Costumese este ar nosso â Lira noua.  
Acendei vossos peitos,  
Ingenhos bem criados,  
Do fogo, qu'o mundo outra vez renoua.

Cad'bum faça alta proua  
De seu sprito em tantas  
Portuguesas conquistas, & victorias,  
De que lédo t'espantas  
Oceano, & dās por noua  
Do mundo ao mesmo mundo altas historias.

Rei

*Renoua nil memorias*

*Lingua aos teus esquecida,*

*Ou por falta d'amor, ou falta d'arte,*

*Sẽ para sempre lida*

*Nas Portuguezas glorias,*

*Qu'em ti a Apollo honra darão, & a Marte.*

*A mim pequena parte*

*Cabe inda do alto lume*

*Igual ao canto; o brando Amor s'õ sigo*

*Leuado do costume.*

*Mas inda em algũa parte,*

*Ab Ferreyra, dirão, da lingua amigo!*

AOS PRINCIPES D. IOAÕ,  
& D. Ioana.

Ode II.

**P**Rincipes nossos, nosso bem, & gloria,

*Esperança dos ceos, prazer do mundo,*

*Nascidos hum para outro, por Deos dados*

*Ao sceptro occidental, & do Oriente:*

*Viuey felices, pios, vencedores*

*De nouos mundos: nouos mares se abram,*

*Nouas minas pareçam, nouas terras;*

*De*

## DAS ODES.

De tropheos, & despojos carregados,  
De victorias famosas, & bandeiras  
A barbaros tomadas, & sujeitas  
A vossa, qu'he de CHRISTO, tornem sempre  
Os vossos Capitães, que o mundo teme,  
Coroados de Louro, com collares,  
Com sceptros, ricas purpuras, & trunfas  
Dadas a vossos nomes em tributo.

Viuey felices, pios, vencedores,  
Em ouro escritos sejam vossos nomes,  
Em cedro, em diamante, em todo mundo.  
Nouas estatuas se ergam com letreiros  
Dignos de vós, & vos tam dignos delles,  
Que igual espanto sempre, & credito achem,  
Que suspirem, em os vendo, os mais famosos  
Reys, & Emperadores, que vierem,  
Como fez Alexandre co de Achilles,  
Como Cesar tambem co de Alexandre,  
Como vos suspiraes polos, que vedes  
Erguer com tanto espanto a vossos pays.

Viuey felices, pios, vencedores,  
Mais que o grande Alexandre, Iulio, Augusto,  
Mais que os passados Reys, vossos auôs,  
Mais que os presentes Reys, de que sois filhos,  
Que o mundo tanto teme, & honra, & ama,  
Como



Como cousas diuinas por Deos dadas.  
 Conseruay vos seus nomes, & estendeyos,  
 Se mais ha qu'estender, do que elles fazem,  
 Conseruayos, que nisso fareis muito.

*Viuey felices, pios, vencedores,*  
 Creça a terra, & s'estenda, que pisardes.  
 Creçam, quanto mais derdes, os thesouros.  
 A vos se venham todos, em vós achem  
 Remedio a suas vidas, & suas honras.  
 A vós se venham Parthos; venham Scythas  
 De sua vontade propria sogearse  
 A vosso jugo, a vós mais servir queiram,  
 Que ser seruidos d'outros, & adorados.

*Viuey felices, pios, vencedores,*  
 Deixainos de vós vossas semelhanças  
 Nos rostos, nos spritos, nas grandezas,  
 Porque nelles vejamos a vos mesmos,  
 Assim como em vos vemos vossos pays,  
 Que despois d'enfadados ca da terra  
 (Que delles ficarã tam saudosa)  
 Sobindo para os ceos, vos deixarã  
 O mundo governando, & triumphando.

*Viuey felices, pios, vencedores,*  
 Estrellas sejaes ambos lá no ceo,  
 Estrellas das mais lucidas, & claras,

## DAS ODES

Depois, que cá deixardes este mundo,  
Em que não cabereis, por mor que seja.  
Mas não vos peze de entre nós viuerdes  
Muitos annos, & muitos por nossa honra,  
Pois tendes lá tam certos os assentos  
Nos altos ceos, como estes cá da terra,  
Principes nossos, nosso bem, & gloria.

A D. IOAÕ D'LANCASTRO  
filho do Duque d'Aueiro.

### Ode III.

**P**orque tam cruelmente  
(Meu Ioão humanissimo) sem culpas  
Tua te affliges tanto?  
E porque esse innocente  
Peito, que de nenhum vicio te culpa,  
Tam puro, casto, & santo  
Com tristes pensamentos,  
Que essa tu'alma branda estão roendo,  
Em tanto dano meu  
Mal tratas? taes tormentos  
Deixa a quem com razão está temendo  
Algum grande erro seu.

Não

Não teme, não espera,  
 Não pende da fortuna, ou vãos cuidados  
 A consciencia pura,  
 E assi não desespera  
 De chegar aos bons dias esperados  
 Tam léda, & tam segura,

Que o mundo desprezando  
 Configo se enriquece, & mais descansa  
 De si tam satisfeita,  
 Que em si se está prezando  
 De desprezar o porque o mundo cansa,  
 De ver que ella a direita

Via seguindo vay  
 A virtude leuando sô por guia.  
 Não torce, não duuida,  
 La mais della se say,  
 Por mais qu'o mundo della se desuia.  
 A coroa deuida

Voando, que guardada  
 Nos ceos lbe está, da terra se leuanta.  
 Tem sempre o que deseja,  
 Com não ter nunca nada.  
 Pisa a fortuna, nada a vence, & espanta.

Que por forte, que seja,  
 Falsa Deosa, & tyrana

## DAS ODES.

(Segundo a fez a ceg. e antiguidade)

Que val contra a prudencia?

Em que lhe empece, ou dana?

Falso poder, & falsa diuidade

Nascida da imprudencia

D'aquelle pouo errado,

Que a qualquer appetite mau, injusto

Logo hum Deos leuantauam,

Só pera seu peccado

Ficar honesto, desculpado, & justo.

Aquelles adorauam

Os appetites seus.

Ditosos nós, que tam alto subimos,

Que nos ceos hum thesouro

Temos, qual esses teus

Olhos, bom loão, vem, apos este imos;

Tu de palma, & de louro

Com razão coroado,

Eu da humilde, & sempre verde hera,

Seguindo tuas pisadas

Nas nuuês leuantado

Assi serey, senhor; descansa, & espera.

Ja chegam as douradas

Horas, que te esperando

Estiuéram tégora: & vem correndo

Para

Para teu bem, & gloria.  
 Por ti sô vem chamando  
 Aquelles claros titulos trazendo,  
 Por que tua memoria  
 No mundo eterna mente irá viuendo.

## AOS REYS CHRISTÃOS.

## Ode IIII.

**O**Nde, onde assi crueis  
 Correis tam furiosos,  
 Não contra os infieis  
 Barbaros poderosos  
 Turcos de nossos roubos gloriosos?



Não pera amal perdida  
 Cabeça do Oriente  
 Nos ser restituída  
 Tam pia, & Christamente  
 Roubo a vos feo, & rico à Turca gente,

Não pera a casa sancta,  
 Sancta terra pisada  
 Dos infieis com tanta  
 Afronta vossa, armada  
 A mão vos vejo, nem bandeira alçada.

E

Nemo

## DAS ODES

Nem pera em fogo arder  
Desdo chão té as ameas  
Meca, & Cayro; & se ver  
Trazido em mil cadeas  
Em triumpho o seu Rey com noſſas preas.

Ah cegos contra vós  
Vos leua cruel furor!  
Ah que fartando em nós,  
E em voſſo ſangue o ardor,  
Que o imigo tem fazeilo vencedor.

Vós armas, vós lhe daes  
Ao couarde ouſadia,  
Em quanto vos mataes,  
Eis Rhodes, eis Vngria  
Em ſangue, em fogo, em noua tyrannia.

Paz ſancta dos céos dada  
Por vida ſo, & bem noſſo  
Como tam deſprezada  
Deſſe injuſto odio voſſo  
Reys Chriſtãos, he: crueis chamaruos poſſo.

Nunca ſe vio fereza  
A eſta, que vſaes igual,  
Armados de crueza.

Hum



Hum ao outro animal  
Da mesma natureza não faz mal.

Tornay, tornay, ò Reys  
A paz, tendeuos hora,  
Olhayuos, & vereis  
Com quanta razão chora  
A Christandade a paz, que lancaes fora.

A D. AFONSO DE CA.

stel Branco.

Ode V.

**F**Vge o vulgo profano  
Vay com descustumada  
E leue penna, Afonso, pello ar claro,  
Deixando desprezada  
A inueja, que em seu dano  
Perseguir o melhor tenta, & mais raro.

Sprito às Musas charo,  
La te vejo yr voando  
Em noua forma, muito môr que humana  
Nouas pennas criando  
Liure do baixo, & caro  
Peso da terra, qu' o sprito dana.

Quam baixamente engana

Ez

Aigno.

## DAS ODES

*A ignorancia cega*

*Como por cima della o sprito voa!*

*Que áquillo sô se emprega*

*A que a gente profana*

*Não chega, & sempre viue, & sempre fôa.*

*A soberba coroa*

*Dos Reys, que medo, & espanto*

*Poem ao sôgeito pouo, que os adora,*

*Mas quanto imperio, tanto*

*Em mâ fortuna, ou boa*

*Mal seguro tremendo estâ cada hora.*

*Não descansa, não mora*

*Sancta felicidade*

*Em torres, em thesouros, em grandezas,*

*Errada vaidade!*

*Isso bens são de fôra,*

*Nosso sô he o saber, que tanto prezas.*

*Tudo al são pobrezas*

*Num animo contente,*

*Que mil mundos despreza, & sô deseja*

*Deixar â sua gente*

*Por honra & por riquezas*

*Seber, & vida liure de odio, & inuêja.*

*Esse*

Est'ama, este sô seja  
 Teu fim, teu sô cuidado  
 A fonso meu, que nouo sprito guia  
 De Apollo ao seu sagrado  
 Monte, donde inda eu veja  
 Correr por ti o licor, qu'antes corria.

A HVA NAO D'ARMADA,  
 em que hia seu irmão Garcia Frois.

## Ode VI.

A Sfi a poderosa  
 Deosa de Chipre, e os dous irmãos de Helena  
 Claras estrellas, & o grã Rey dos ventos  
 Segura Nao, & ditosa  
 Te leuem, & tragam sempre com pequena  
 Tardança aos olhos, que te esperam attentos;

Que meu irmão, metade  
 Da minha alma, que como encomendado  
 A ti deues, nos tornes viuo, & são  
 Do fogo, & tempestade,  
 A que se auenturou co sprito ousado,  
 Vença, á dura fortuna, a boa tenção.

Quem cometteo primeiro

## DAS ODES I

Ao brauo mar num fraco paõ a vidi,  
De duro enzinho, ou tresdobrado ferro  
Tinba o peito, ou ligeiro  
Iuizo, ou sua alma lb'era a borrecida  
Digno de morte cruel no seu mesmo erro.

### Sprito furioso

Que não temeo o pego alto reuoluido  
(Entregue aos ventos, posto todo em sorte,)  
Do sempre tempestoso  
A frico, nem os vaos cegos, & o temido  
Scylla infamado ja com tanta morte!

### A que mal ouue medo

Quem os monstros no mar, que vão nadando,  
Com secos olhos vio? quem o ceo cuberto  
De triste noite, & quedo  
Sem defensão, co corpo sô esperando  
Estâ a morte cruel, que tem tão perto?

### Se Deos aßi apartou

Com summa prouidencia o mar da terra,  
Que a nós os homês deu por natureza,  
Como ouue homem, que ousou  
Abrir por mar caminho mais a guerra  
Qu'a paz? & a morte mais roubou, & cruezou?

Que

Que confas não comettes,  
 Ousado sprito humano em mar, & em fogo  
 Contra ti sô diligente, & ingenhoso?  
 Que ja te não promettes,  
 Des qu'o medo perdeste â morte, & em jogo  
 Tês o que de si foy sempre espantoso?

Hum o ceo cometteo:

Outro o ar vâo exprimentou com pennas  
 Não dadas a homem: outro o mar reparte,  
 Que por força rompeo.  
 Senhor, que tudo ves, que tudo ordenas,  
 Pera a ti sô chegarmos dà nos arte.

## A MANOEL DE SAMPAYO.

### Ode VII.

**S** Ampayo, tu là sô  
 De mim estâs, não das Musas, não do sancto,  
 Fresco, saõ, & brando ar, que as Graças crião,  
 Nessa felice terra  
 Regada da corrente graciosa  
 D'hum nouo Tybre, ou Pô,  
 Que noua gloria, & espanto  
 Ao grande Oceano leua, claro rio  
 Manso Mondego meu, onde sobião

## DAS ODES

Meus olhos de hũa Serra  
Ver com desprezo o mundo: saudosa  
Agoa, que tam soberba vay correndo  
Tomando senhorio  
Dos campos, & das agoas, & dos mares,  
Que ledos dentro em si a vão recolhendo.

Doces, sacros, lugares

De brancas Nymphas, musicos pastores  
Habitas, verdes heras, verdes louros,  
Valles sombrios, & fontes  
Doces, puras, & frias, que manando  
Estão lagrimas tristes  
Dos doces meus amores.

Isto tês là Sampayo: eu câ que tenbo?

Lá, amigo, te deixei, lá meus thesouros.

Ah secos, & altos montes,

Negros fumos, maos ventos, que turuando

Meus bõs intentos andam! se sentistes,

Imigos meus (lhes digo) por que a vida

Desejo, em qu'a sostenho,

Deixai-me o pensamento, que descansa

No que deseja, qu'em al he perdida.

Que vejo, em que não canse?

Afronta esta alma triste em tanto aperto.



Soberbas portas, prodigas larguezas,  
 Vãos faustos, vãs palauras  
 Iuos-longe de mim, y tristes ventos.  
 Fique eu de vos seguro.  
 O qu' em desastre, & acerto  
 (Ah olhos cegos, corações errados)  
 Anda, seguis: isto chamaes riquezas?  
 Dito só tu, que lauras  
 Tua terra cos teus bois, & os pensamentos  
 De boa esperança enches: peito puro  
 Sancta alma, lingua sam, mãos innocentes  
 Desejo; os mais estados  
 Fortuna, dá a quem queres: eu só quero  
 Viuer seguro, & liure entre os contentes.

Isto desejo, & espero.

Quem me desta riqueza enriquecesse?  
 Quem visse já o tam claro, & aluo dia  
 Em que así repousasse  
 Este sprito inquieto, que pendendo  
 Está de seu perigo?  
 Ó Céos, quem merecesse  
 Pender sempre de vós, sem mais do mundo  
 Querer, que vida honesta! esta queria  
 Meu Sampayo, esta achasse.

San-

## DAS ODES

*Sancta, rustica vida, aborrecendo  
T'estão ; pois en te busco, pois te sigo,  
Deixa os que te desprezão vente a mim.  
Contigo lâ num fundo  
Valle viuirey eu liure, & contente,  
Leda a vida terei, seguro o fim.*

A D. ANTONIO DE

Vasconcelles.

Ode VIII.

**T**E quando assi, cruel, o peito duro,  
Das noue irmãs morada  
Cerrarás, como ingrato ao dom diuino?  
Té quando assi negada  
Do liquor doce, & puro  
Nos serâ a copia, & parte igual deuída  
Do lume, de que tu foste assi digno?  
Nãõ te sey dada a vida,  
Nãõ esse sprito aceso em alto fogo  
Para ti sò; nosso he, o nosso queremos.  
Vença ja o justo rogo  
A dura força, Antonio, & restituída  
Nos seja parte já do que em ti temos.

*Eu digo o canto teu, eu digo a lira,*

Que te-dã o louro Apollo,  
 Para honra sua, & para gloria nossa,  
 Que d'hum ao outro polo  
 Soará; já te inspira  
 Nouo furor: ah solta o doce canto,  
 Contra o qual nũca inueja, ou tempo pesa.  
 Tardas, cruel, & em tanto  
 Altos Reys, altas armas perdem nome.  
 Encruecese o Amor, quem ha, qu'o abrande?  
 Quem ha, qu'a cargo tome  
 As victorias de fama, & eterno espanto  
 Dos Reys passados, quaes Deos sempre mande?

Altas victorias, em que tanta parte  
 Tem inda os tão chegados  
 Teus auôs ao Real sangue, às altas Quinas,  
 De louro coroados  
 Por mão do brauo Marte;  
 Ah porque lhes serão por ti negadas  
 As altas Rimas de seus nomes dignas?  
 As bandeiras tomadas  
 A Reys vencidos em tão justas guerras,  
 Aquellas fortes mãos, que coroauão  
 Reys grandes em suas terras  
 Por ferro, & fogo de tão longe entradas

A ti

## DAS ODES

Ati seu sangue já s'encomendauam.

Mas em quanto tua sorte te não chama  
 Das armas â dureza,  
 (Inda tempo virâ) com as Musas paga  
 A antiga fortalez,  
 Dos teus; â immortal fama  
 Que por exemplo ao mundo sempre viua  
 Contra a morte cruel, que tudo apaga;  
 Outr'hora a chama viua,  
 Qu'o cego moço, onde quer, acende,  
 Com teus suaues versos nos abrandá,  
 E a que nos tanto offende  
 Cruel aljaba sua lbe cattiuá.  
 Isto te pede Apollo, isto te manda.

Em quanto a lèda, & branda idade dura  
 Com seus hyrios, & flores,  
 Com a cor viua, com o fogo inteiro,  
 E em quanto dos amores  
 Reyna doce brandura  
 Liure da neué, que seu fogo esfria,  
 E torna o lèdo Abril, triste Janeiro,  
 Ao som da fonté fria,  
 A doce sombra do alto pinho, ou faya,

Soe na branca-canna a branda Flora,  
 Ponhase o Sol, ou saya,  
 Não cesse o canto, que ja magoa cria  
 No duro Amor, que ja de brando chora.

## DAS ODES.

## LIVRO II.

Ao Senhor D. Duarte, filho do  
 Iffante D. Duarte.

## Ode I.

Serás escrito, & em alto som cantado  
 Da graue, & doce lira  
 D'Andrade pera ti sò dos ceos dado,  
 Que à gloria, a que ja aspira,  
 Igual fauor lhe inspira  
 Teu animo, DVARTE,  
 Planta real, honra de Apollo, & Marte.

Aos teus altos tropheos, que leuantados  
 Com tanto effanto, & gloria  
 Ja vejo; aos triumphaes arcos ornados  
 Das presas da victoria  
 Alta, & immortal memoria

Dará

## DAS ODES

Dará, viuo na terra

Deixando teu grã nome em paz, & em guerra.

Não voa meu sprito a tanta alteza,  
Não oufa vergonhosa  
A baixa lira minha ante a grandeza  
Daquella tam famosa  
Trombeta gloriosa,  
Que ja ouço soar  
Ou na Africana terra, ou no seu mar.

Quem do sangue infiel a gran corrente  
De que se ja alagando  
O largo campo está, quem dignamente  
Dirá o fogo, que alçando  
Se vay aos ceos, deixando  
Em cinza, & pò desfeitos  
Muros, Misquitas, armas, feros peitos?

Em quanto tal não tento, & veda Apollo,  
Que os tam altos lououres  
Do grande Rey, senhor de polo, a polo,  
Teu tio, dos mayores  
O mór. & os teus, menores  
Não faça, escurecendo  
Com baixo canto o qu'outro irá erguendo:

Vay



Vay tu (isto oufarei pedirte) dando  
 Nouo fauor, & vida  
 As altas Musas, que te estam chamando,  
 Comece ser sentida  
 De ti a voz, em que erguida  
 Serà tua clara fama,  
 Que todo sprito ja d'amor inflamma.

A PERO D'ANDRADE  
 Caminha. Ode II.

Fogem, fogem ligeiros  
 Nossos dias, & annos  
 Andrade, que bem viue? que mal dura?  
 O que foy dos primeiros,  
 Serà dos derradeiros.  
 Iguaes aos bens os danos  
 Todos vão dar em triste sepultura.

Torna noua verdura,  
 Torna verão, & inuerno:  
 Claro apos chuua o sol, pos noite o dia.  
 Ah nossa ley tam dura!  
 Despois da noite escura  
 Do mòrtal sono eterno  
 Lã mais torna esta luz, qu'a vida via.

## DAS ODES

Triste quem se confia  
Em cegas esperanças  
Que no môr nosso bem nos desenganam.  
Quem nome de alegrias  
Câ achou, como sabia  
Auer medo às mudanças?  
Crueis, que tanto podem, tanto danam!

A fonte, donde manam  
De nosso erro os perigos,  
Qu'he senão proprio amor mal cõselhado?  
Desejos vãos, que enganam,  
E a pura alma profanam  
E entregam a seus imigos,  
Donde tarde vem ser seu mal chorado.

Quanto mundo he passado!  
Soberbas Monarchias  
De Aja, de Grecia, & Roma imperios tantos,  
Que o mundo sogigado  
Tinhem, como forçado,  
Ves em quam poucos dias  
Cabiram suas grandezas? seus espantos?

Que ficam, se não prantos,  
E saudades tristes

Daquellas cousas grandes, que acabâram?  
 Quantos triumphos, quantos  
 Lédos, & doces cantos  
 Passados tempos vistes,  
 Que? senão magoa, & espanto nos deixâram?

Hay quanto em vão chorâram  
 Apos a dura morte  
 Tam pouco ha nossos olhos saudosos?  
 Quanto bem nos roubâram!  
 Mas que choros bastâram  
 Mudar a dura sorte  
 Dos crueis fados, tristes, inuejosos?

Spritos gloriosos  
 Que desta baixa terra  
 Fostes morar aos ceos em clara alteza;  
 Ditosos vós ditosos,  
 Que ja victoriosos  
 De tam misera guerra  
 Despistes esta nossa vil baixeza.

Cesse pois a tristeza,  
 Cesse já a saudade  
 Baixa, alça o sprito aos ceos, pera que vejas  
 F Com

# DAS ODES I

Com que não grandeza  
Vestida a fortaleza  
Iã d'immortalidade  
De teu irmão estã, qu'em vão desejas.

## A FRANCISCO DE Sã de Meneses. Ode III.

**N**ão mostra em toda parte  
Igualmente o dourado  
Rayo o sol; nem igual veraõ, & inuerno,  
Nem lume igual reparte  
Daquelle fogo eterno  
Deos do ceo cà nas almas inspirado.

Hora hum à primeira bora  
Triste Saturno vio:  
Hora outra brando Ioue, ou Phebo claro:  
Neste a vã Lua mòra,  
Destoutro o sprito raro  
Sò gloria: outro brando ocio s'ò seguio.

Eis hum à patria chama  
Triste, & cruel, chorada  
No mais alto latino, & grego canto;  
Eis outro gloria, & fama

Dei-

Deixou, & eterno espanto  
Ao mundo em sua memoria tam cantada.

Eu tomo sò o intento  
Da piadosa gente,  
Que honra justa quis dar ao claro sprito,  
Nãoz fazem annos cento,  
Mas o alto feito, ou dito  
Hum homem de mil homẽs diferente.

O rayo, que correndo  
Foi sempre com victoria,  
Em quanto gente achou, ou achou terra;  
Começava ir viuendo,  
E ja fim dado à guerra  
Do mundo timba, & chea a clara historia.

Olba em quam verdes annos,  
Em que tempo, a que imigo  
Foy, & tornou tam famoso o Africano,  
Sò fim dos crueis danos,  
Qu'õ grã pouo Romano  
Padecia do odio cruel, & antigo.

O successor de lulio,  
Que tres vezes fechoz

## DAS ODES

De Iano o templo, em paz de todo o mundo:  
Em que idade o grã Tullio,  
Com seu saber profundo  
Por Principe do mundo o nomeou?

Ab tu Francisco viste  
A luz, que s'acendia  
Naquelle real sprito, que criaste:  
Por que inda tua alma triste  
Suspira, ali prouaste  
Quam cedo o fogo a escuridão vencia.

E tu quanto ha que mostras  
(Vencendo o sprito a idade)  
Tãõ altas differenças entre tantos!  
Onde ãs tam claras mostras  
Se acharãõ nouos cantos,  
Qu'em parte ignatar possam a verdade?

Quantos outros gastãram  
No mundo escorecidos  
Mais annos, sem saber, sem fortaleza!  
Em viuos s'enterrãram  
Em infamia, & baixeza,  
Nem dos qu'entãõ viniam conhecidos.



Te quando a injusta ley,  
 Tè quando o mau costume  
 Julgarâ pelas folhas, não por fruitos?  
 Imite a Deos o Rey:  
 Lâ de cem annos muitos  
 Moços foram, & mil moços deram lume

A AFONSO VAZ CAMINHA  
 na India. Ode IIII.

**I** A generoso Afonso, já chegaste  
 Aquella parte, a que de cá fugia  
 Teu alto sprito, apos a luz, que via  
 D'alta virtude, que tu tanto amaste.  
 Fouor auel o cêo, mar, vento achaste;  
 Teu peito sempre igual, & sempre inteiro,  
 Posto no verdadeiro  
 Caminho d'alta gloria, & d'alta fama  
 Vejo arder todo em gloriosa chamma.

Vay ao esprito, vay co esprito ousado  
 Onde te chama a duvidosa sorte.  
 Triumpha da fortuna, & rouba â morte  
 O nome, que dos ceos te serâ dado.  
 De sancto zelo, & sancta força armado  
 Pondo os olhos no ceo, mãos nos imigos,

## D'AS ODES

Que medos, que perigos  
Contra ty poderaõ? olha o bom pay,  
Que teu braço & teu pé guiando vay.

Onde os olhos poràs, que os gloriosos  
Sinaes do seu sangue inda não vas vendo?  
Que terra iràs pisando, ou mar correndo?  
A Quê os fortes braços vissem ociosos?  
Entre os feitos, & nomes lâ famosos  
O animoso loão veràs escrito  
Com aquelle viuo sprito,  
Com qu' o teu t'arma, & anima, & cò a luz cla  
Do ceo, ond' estâ, teu bõ caminho aclára. (ra

Aprende (diz) de mim, filho, a virtude,  
E os honrosos trabalhos d'alta gloria,  
E do teu claro sangue assi a memoria  
Conserua, que a não gaste o tempo, ou mude.  
A poderosa mão de Deos ajude  
A tua, como a minha nessa idade,  
Com que pola verdade  
Da sancta Fè, de sangue & pó cuberto  
Sejas medo ao imigo ao longe, & ao perto.

Isto te diz teu pay: tu ouue, & guarda

Nesse

Nest' animo constante, ô bem nascido!  
 Mas eis te vejo arder co sprito erguido  
 Assim ao trabalho, que ja cres, que tarda.  
 Ah vence esse aluoroço, & o tempo aguarda  
 Da boa occasiã: às vezes dana  
 O muito esforço, & engana  
 Confiado nas forças a esperança,  
 Que seguida se quer com temperança.

Ajuda Deos a boa fortaleza  
 De conselbo, & razão acompanhada:  
 A força sobre si aleuantada  
 Despreza irado, & torna em vil fraqueza.  
 Ousou tentar a bayxa natureza  
 Os altos ceos: eis torres, eis Gigantes  
 Tam espantosos dantes  
 Soruidos num momento, & a mesma terra,  
 Sobre quem assi se alçauam, em si os enterra.

Do espantoso Tigre, & do Lio  
 As grandes forças vence amanha, & arte.  
 Não dauam sempre as forças ao grã Marte  
 Victorias, nem o ardor do coração.  
 Proprias armas dos homês são razão.  
 Siruam os membros ao corpo, elle à prudencia.

## DAS ODES

*A sancta obediencia  
Assi fundada, & ao capitaõ deuida  
Serà do alto ceo fauorecida.*

*Vença o conselho à força, & o bem desejo  
Da doce fama obedeça à justiça,  
E ani'a lustrosa honra, a vil cobiça  
Fuja, de todo bem desuiõ, & pejo.  
Mas em que me detenho? eu não te vejo  
Ô meu Caminha, firme em tua carreira  
Correr à verdadeira  
Estrada, que te vay teu sprito abrindo,  
Teus bens auôs, & teu bom pay seguindo?*

### A ANTONIO DE SA DE Meneses. Ode V.

**E***Is nos torna a nascer o anno fermoso,  
Zefiro brando, & doce Primavera,  
Eis o campo cheiroso:  
Eis cinge o verde Louro já a noua Hera.  
Ià do ar caydo gera  
O cristalino orualho heruas, & flores,  
As Graças, & os Amores  
Coroados de alegria*

*Em*

Em doce companhia  
 De Nymphas, & Pastores ao som brando  
 Doces versos de Amor vão reuezando.

Apos a branda Deosa do terceiro  
 Ceo, q̄ triumphando vay de Apollo, & Marte,  
 E entre elles o frecheiro  
 O seu doce fogo, onde quer, reparte.  
 Fogem de toda parte  
 Nuuēs; a neue ao sol tẽ entãõ dura  
 Se conuerte em brandura,  
 E d'alta, & fria serra  
 Cayndo, rega a terra  
 Agoa já clara: a cujo som adormece  
 Toda fera serpente, & o Myrtho cresce.

Renasce o mundo, & torna â forma noua.  
 Do seu dia primeiro: o sol mais puro  
 Sua luz nos renoua,  
 E affugentando vay o inuerno escuro.  
 O monte caluo, & duro,  
 O valle dantes triste, & turuo rio,  
 Ar tempestoso, & frio  
 Os tornam graciosos  
 Aquelles amorosos

DAS ODES I

Olhos de Venus, faces de Cupido,  
Criando em toda parte hũ Chipre, hũ Gnido.

Lá deixa o fogo o laurador, ja o gado  
Da longa prisãõ solto corre, & salta  
Roendo o verde prado,  
Nem agoa clara, nem verdura falta.  
Eis tira da aruore alta  
Ou Progne com seu ninho, ou Philomena  
Tityro, & inda sem penna  
Cria a tenra ave ledo,  
Por esperar que cedo  
Do seu fermoso dom Cloris vencida  
Nãõ sofrerà ser delle em vãõ seguida.

Agora nos tambem nos coroemos  
Ô Claro Antonio, de Hera, e Myrtho, & Louro,  
E mil òdes cantemos  
A branda Venus, mil a Apollo louro,  
Que com seu rayo de ouro  
A escura nuuem do teu peito aclàra.  
Ah quanto suspiràra!  
Ah como desfazendo  
Em tenro pranto, & erguendo  
Os olhos ati, Phebo, Nise triste

Cha



Chamar ò Sol, ò Sol com magoa ouviste!

Olho claro do cèu, vida do mundo,  
 Luz, que a lûa, & estrellas alumias,  
 Ô mouedor segundo  
 De quantas cousas câ na terra crias.  
 Crespo Apollo, que os dias  
 Trazes fermosos, & as douradas horas,  
 Lâ de s'alto, onde moras  
 Com tua luz clara, & sancta,  
 Que o mão Saturno espanta,  
 Torna a Antonio, & conserua a luz primeira,  
 Do puro sangue a cor, & a força inteira.

Os mais brandos liquores, suaves çumos  
 Das mais saudaveis plantas busca; & colhe  
 Os mais cheirosos fumos,  
 Que Arabia em si, em si Sabá recolhe;  
 Faze que onde quer que olhe  
 O teu bem Sâ, prazer, & riso, & canto  
 Veja; ab Phebo, a quem tanto  
 Teu claro lume adora,  
 E ao Douro, que inda chora  
 Do seu passado medo a viua magoa,  
 Não negues a hũ sam vida, a outro clara agoa.

A vida foge, como ao sol a sombra,  
 Quem poder viuua, em quanto hũa hora tarda;  
 Hora, que espanta, & a sombra,  
 Nem escusa recebe, ou ponto aguarda.  
 Quem sua vida guarda  
 Para outro dia? quem no leue vento  
 Faz firme fundamento?  
 Anda o ceo, volue o anno,  
 Mostrando o desengano  
 Desta vida inconstante, & em fim mortal,  
 De bens escassa, prodiga do mal.

O meu bom Sã, em quanto nos defende  
 A vida breue longas esperanças,  
 Tu lêdo o sprito estende  
 Por honestos prazeres, sans lembranças,  
 Liure das vãs mudanças,  
 Em que andam os mais em sorte ao vêto postos,  
 Cos inconstantes rostos;  
 Lã sempre hum, sempre inteiro,  
 Seguindo o verdadeiro.  
 Caminho, que o alto ceo te chama, & guia  
 Contento viuue o anno, o mes, & o dia.

A FRANCISCO DE SA DE ME  
 nefes, na morte do Principe D. João, a  
 quem seruiu de ayo, & Cama-  
 reiro môr.

## ELEGIA I.

**T**Ristissimo Francisco, quem podesse  
 Por arte, ou por ingenho alcançar tanto,  
 Que meo a tuas lagrimas possessse!  
 Quem ja fim a teu justo, & triste pranto  
 Pedisse, cru seria: chora triste,  
 Justo he teu choro, & meu desejo sancto.  
 Acende mais o fogo, quem resiste  
 Na môr chamma. De cà te vejo arder  
 Despois qu' o nosso lume morto viste.  
 Aquella Real planta, que crescer  
 Com tanta fermosura começaua,  
 Promettendo da terra aos ceos s'erguer,  
 Aquella flor fermosa, qu' alegraua  
 Tantos olhos, & almas, que tua mão  
 Com tanta diligencia nos criaua,  
 Colhêramta ante tempo: ja no chão  
 Cortada, & seca jaz; vala seguindo  
 Co alma, & co desejo, triste, em vão.  
 Vejote ir em suspiros consumindo

LIVRO

Aos ceos queixoso, porque te apagaram  
 A clara luz, que se hia descobrindo.  
 Porque tam cruel mente te cortaram  
 Teu bem, tua honra, & tantas esperanças,  
 Quantas ja para sempre nos faltaram:  
 Como ouue tempo para taes mudanças,  
 Dizes, ô céo? tal foy? & assi pasmado  
 Com lagrymas acordas, & te lanças.  
 Ah quam triste te he tudo, quam pesado!  
 Tu mesmo ati te trazes bem assi,  
 Como por força hum grã peso arrastado.  
 Deixa o pranto, Francisco, torna ati,  
 Fala contigo sò, vayte buscando,  
 Tu ati mesmo es necessario aqui.  
 Olha quantos teu mal estão chorando,  
 Olha o mundo quaõ triste, & saudoso  
 Fica de com que tanto se hia honrando.  
 Quanto vemos, quam triste, & quam queixoso  
 Da morte esta! mas ah, que inda que seja  
 Choroso a todos, he ati mais choroso.  
 Por mais que o mar, a terra, o céo se veja  
 Chorar a quelle Principe, tu mais  
 Choras, mais o ama tua alma, mais deseja.  
 Effes suspiros teus, effes teus ays  
 Tam justos, tam deuídos, câ me soam,

Co som das tristes lagrimas iguais.  
 As musas de Acipreste se coroaam,  
 E toda aruore triste: deixam louro,  
 E ao som desse teu pranto, o seu entoam.  
 Suas capellas, seu cabelo d'ouro  
 Arrancam, & desfazem, tu as guias,  
 Dizendo perdeo o mundo o seu thesouro.  
 Ah que tu mais que todos conbecias  
 Aquelle grã IOAM de ti criado  
 Nouo lume noua alma nelle vias.  
 Pois tanto com razãõ serà chorado  
 Mais de ti, quanto ao mundo promettendo  
 Delle mais bias, a que foi roubado.  
 Que grandezas não estauamos já crendo  
 De seu sprito, & teu, qu'ò informauas?  
 Que fortuna, que guerra, ou mal temendo?  
 Polo publico bem te desuelauas  
 Grã Francisco, tuas horas, & tua vida  
 Em nossa vida, & honra sô gastauas.  
 Hay tanta diligencia tão perdida  
 De nós, que tu lâ leuas, real sprito,  
 Aos ceos, onde melhor he conbecida!  
 Igual ao pensamento era teu dito,  
 Igual ao dito a obra; se viueras,  
 Quanto nos câ de ti ficàra escrito!

Ao menos Reyno triste conheceras

A industria de Francisco, em te criar

Principe, com que mal nenhum temeras.

Francisco elleito sô para ensinar

Hum principe a ser principe, tambem

O deixâram saber por ti reinar.

D'hum bem fora pendendo outro môr bem,

Que já s'hia mostrando: mas a morte

Atalhou: sempre armada ao melhor vem.

Isto teu peito generoso, & forte

Sente sô, & chora: o que de ti sabias

Te faz mais dura a dor da triste sorte.

Conheceste a ti bem, & conhecias

A nova idêa de Rey, porque esperavas

Conforme a teu sprito, a que a fazias.

Claros sinaes de tanto bem nos dauas

Principe sancto, todos em ti viamos

Quam bem aquelle sprito em ti passauas.

Os olhos, de que nòs todos pendiamos,

Pendiam de Francisco, que guiando

T'os hia sempre ao bem, que nos queriamos.

Esse teu alto sprito leuando

Da terra tanto aos ceos, tè que subio

Là pera sempre, a terra desprezando.

Quem em taõ breue vida tanta vio?

Quem



Quem em tam poucos dias tantos annos?  
 Que sprito igual de hum corpo tal sabio?  
 Ditoso tu, que liure dos enganos  
 Do mundo, & da fortuna, limpo, & puro  
 Aos cèos voaste, sem prouar seus danos.  
 Deixaste, clara estrella, o triste, & escuro  
 Ar, de que cá viuias, quam luzente  
 Entre os choros dos Anjos te figuro!  
 Que baixa cousa te parece a gente!  
 Que pouquidade o mundo! ves o Rey  
 Quam pouco he d'outros homẽs diferente.  
 Qual jamais se liurou da geral ley?  
 Veja, quem o não crer, tua morte agora,  
 De que outra morte jã m'espantarei?  
 Principe glorioso, não te chora  
 A terra: não Francisco: sò choramos  
 Quanto em ti nos roubou hũa triste hora.  
 Se contr'essa tua gloria desejamos  
 Verte outra vez na terra, erro grande he;  
 Perdoanos, senhor, com amor erramos.  
 E tu Francisco, em quem mais certa se  
 Ficou do que sabias, nos desculpa,  
 Nos ceos, a qu'o guiaste, reyne, & estẽ.  
 Tua he sua gloria: nossa serã a culpa  
 Se thã inuejarmos: d'amor he o desejo,

## LIVRO

Mas tal amor não quer, dos ceos o culpa.  
 Viue tu, grã Francisco, qu'eu o vejo  
 Dos ceos encomendarte o seu thesouro,  
 Que câ deixou, & eu em tuas mãos desejo.  
 Não de pedras vãs he, não de baixo ouro;  
 Mas outro sprito seu, de que tremendo  
 Li está o barbaro Turco, o Indio, o Mouro.  
 Felicissimo parto, em que viuendo  
 Estamos; vida nossa, que t'está  
 O Reyno todo já em tuas mãos metendo.  
 Por tua mão, Francisco, crescerá  
 Felicemente. Deos, que nolo deu,  
 Igual ao sancto pay por ti o fará.  
 Aqui repousará o sprito teu,  
 Quanto viste em sinaes, & em figura  
 No pay, Deos quis guardar a este dom seu.  
 Augusto SEBASTIAM, qu'alta escriptura  
 Encherá, começando por tua guia  
 Obedecer aos ceos, a elle a ventura.  
 Enxuguen se teus olhos, já se cria,  
 A quem tu serás Néstor, quem da terra  
 Tarde aos ceos subirá, luz, & alegria  
 Do mundo, grande em paz, & grande em guerra.

NA MORTE DE DIOGO  
de Betancôr.

## ELEGIA II.

**D**arei choros, ou cantos á tua morte  
 Meu Betancôr? á tua verde idade  
 Direi ditosa, ou triste a dura sorte?  
 Lagrimas pede minha saudade,  
 E aquelle amor tam viuo, inteiro, & puro,  
 Que fez de ti, & de mim hũa só vontade.  
 Como será meu coração tam duro,  
 Que te não chame, que te não suspire,  
 Pois sem ti acbo todo este ár escuro?  
 Que cousa pôde vir, que mude, ou tire  
 A lembrança de ti, meu doce amigo?  
 Quê cousa, a que já lèdo os olhos vire?  
 Chorarei eu, & chorarão comigo  
 Musas, Graças, brandura, & cortesia,  
 E tudo o mais, que se nos foy contigo.  
 Aquella alta esperança, que crescia  
 Cada vez mais do teu diuino espirito,  
 Como nos enganou nossa alegria!  
 Tu alçâras ao longe hum alto grito  
 De gloriosa fama; em toda a parte  
 Se cantâra teu nome, & teu escrito.

LIVRO

Aquelle raro ingenho de tanta arte,  
 Tanto estudo, & doutrina culto, & ornado  
 Que versos dera a Amor, que canto a Marte!

Aquelle raro ingenho tam criado  
 No vosso seo dos primeiros dias  
 Por vós, ò Musas, fora coroado.

Já crescias noua Hera, já crescias  
 Nouo Laureiro pera dar coroa  
 A quem tam justamente te deuias.

Quem a Mantua fiz'era igual Lisboa,  
 Quem a corrente de Arno dera ao Tejo,  
 E a doce frauta, qu'em Arcadia soa.

Com que doce facundia, & bom despejo  
 Soára a vitta voz na verdadeira  
 Doutrina, a que aspiraua seu desejo!

Que caminho tam chão, que tal carreira  
 Hias, meu Betancôr, lèdo correndo,  
 S'a morte não correrá mais ligeira!

Foy sempre a clara luz resplandecendo  
 Do fogo em ti aceso, alto, & diuino,  
 Que tantos bês nos hia promettendo.

Sprito raro, de mil annos digno,  
 Todo de Deos, & de saber composto  
 Iulgaste o meu amor do teu indigno?

Leuasteme da vida o doce gosto

Que

Que teu tam brando amor de si me daua,  
 Fico eu sem ti, como em deserto posto.  
 Quanta parte deſſ'alma tua tomaua  
 Esta minh'alma, tanta me falece  
 Da vida, que contigo m'alegraua.  
 Agora em magoa minha reuerdece  
 O alegre tempo ja tam bem vinido,  
 Que tam doces memorias m'offerece.  
 Quando tambem cantado, & bem ouuido  
 Era de nos teu verso culto, & brando  
 Digno de ser em toda parte lido.  
 Estauam as brandas Nymphas escuitando  
 Do Mondego entao ledo, hora saudoso,  
 Qu'o seu bom Betancor estaõ chamando.  
 Torna, ah torna, bom sprito, ao amoroso  
 Seo das Nymphas, que te tal criaram,  
 Das suas flores, & agoas tam mimoso.  
 Como cruel? assi em vao t'ornaram  
 Dos melhores does seus? assi t'alcaste  
 Ingrato, co qu'em ti enthesouraram?  
 Ah torna (dizem) qu'inda não leuaste  
 A coroa deuida eſſas tuas fronteſ.  
 Assi nossos amores desprezaste?  
 Quantos valles pisamos, quantos montes,  
 Meu Betancor, colhendo heruas, & flores!

Quantos rios bebemos, quantas fontes!  
 Hora cantando a vida dos Pastores,  
 Que tu amavas tanto: hora escrevendo  
 Nos tenros troncos nossos bons amores.  
 Outr' hora hum ouuindo, outro dizendo  
 Aquelles sãos conselhos, bons segredos,  
 Com que hũ alma, a outra alma estava vendo.  
 Ouuidos so dos ceos, & dos penedos,  
 Das mansas aues, & das agoas claras,  
 Que nos ambos banbauam, estando quedos.  
 Quantas verdades, & simplicidades  
 Guardareis sempre em vós, bosques sombrios.  
 Ditoso tempo, se me mais durâras!  
 • Emfim ao rio a fonte, ao már os rios  
 Correm; mas mais ligeiras nossas vidas,  
 Que assi nos pendem de tam fracos fios!  
 Mas não se dirá nunca que perdidas  
 Foram no mundo tuas breues horas,  
 Antes em melhor vida conuertidas.  
 • Ditoso tu, meu Betancôr, que môras  
 Na eterna vida, na luz sempre clara,  
 Onde o summo bem sempre ves, adôras!  
 Quem fora tam ditoso, que cortára  
 Contigo est' alto mar, fugindo o pego,  
 E contigo batendo asas, voára!



Ah que duro deserto, & carcer cego  
 Fugiste, alma ditosa & bem leuada  
 A gloria, que eu chorando, mal te nego.  
 Antes serã de mi sempre cantada  
 A ditosa hora, que tam leuemente  
 Te passou a essa eterna, alta morada.  
 De boca em boca irã de gente, em gente  
 Sempre viuo teu nome. E aquelle dia,  
 Que aos altos ceos voaste eternamente,  
 Mencherã de saudade, & de alegria.

A M A Y O.  
 E L E G I A III.

**V** Em Mayo de mil heruas, de mil flores  
 As frontes coroadas, & riso, & canto,  
 Com Venus, com Cupido, cos Amores.  
 Vença o prazer a dor, a riso ao pranto,  
 Vãse longe daqui cuidado duro,  
 Em quanto o lèdo mes de Venus canto.  
 Eis mais alua a menham, mais claro, & puro  
 Do Sol o rayo: eis correm mais fermosas  
 Nuuës afugentando a ar grosso, & escuro.  
 Sae a branda Diana entre as lumiosas  
 Estrellas tal, qual jã ao pastor fermoso  
 Vco pagar mil horas saudosas.

LIVRO

Mar brando, sereno ar, campo cheiroso,  
 Foge a Tristeza, o Prazer solto voa,  
 O dia mais dourado, & vagaroso.

Tecendo as Graças vão noua coroa  
 De Myrtho à mãy, ao filho mil Spritos,  
 O fogo resplandece, a aljaba soa.

Mil versos, & mil vozes, & mil gritos  
 Todos de doce amor, & de brandura,  
 Hüs s'ouuem, hüs nos troncos ficam escritos.

Ali soberba vem a Ferosura,  
 Apos ella a Affeição cega, & catiua  
 Quanto hũa mais chorosa, outra mais dura.

Ab manda Amor assi: assi quer que viua  
 Contente a triste, do que seu Deos manda,  
 Deseja inda mais dor, pena mais viua.

Mas quanto o moço encruece, a mãy abrandaa,  
 Ella a peçonha, & o fogo lhe tempêra:  
 Assi senhora de mil almas anda.

Ali o Engano em seu mal cego espêra  
 Hũ' hora doce: ali o Encolhimento  
 Sem causa de si mesmo desespêra.

Aos olhos vem atado o Pensamento;  
 Não voa a mais qu'ao qu'ali tem presente,  
 E em tanto mal, tudo he contentamento.

Em riso, em festa corre a lèda gente.

Tras

Tras o fermoso fogo, em que sempr' arde,  
Cada hum, quanto mais arde, mais contente.

Manda Venus ao Sol menham, & tarde  
Que seus crespos cabellos loure, & estenda,  
Qu'em vir s'apresse, qu'em se tornar tarde.

Ao brando Norte, que assopre, & defenda  
Do ardor da sesta a branda companhia,  
Em quanto alcãam de Myrtho fresca tenda.

Corre por toda parte clara, & fria  
Agoa: cae doce sombra do alto Louro,  
Canta toda aue canto d'alegria.

Ella a neue descobre, & solta o ouro:  
Banhamna ás Graças na mais clara fonte;  
Aparece d' Amor rico thesouro.

Caem mil flores da dourada fronte,  
Arde d' Amor o bosque, arde a alta serra,  
Aos olhos reuerdece o campo, & o monte.

Despende Amor seus tiros, nenhum erra,  
Mil de baixo metal, algum do fino,  
Fica de seus despojos chea a terra.

Vencida d'hũa molher, & d'hum minino.

A D. LVIS FERNANDEZ DE  
Vasconcellos, vindo da India.

ELEGIA IIII.

Clat

**C**larissimo Luis, a noua vida  
 Melhor comũs rogos bons câ bem tornado,  
 Fique a fortuna mã sempre vencida.  
 De todos igualmente desejado,  
 Alegre a todos vês, & às Musas brandas,  
 Que tu cantas tambem, de que es cantado.  
 Em quanto d'hum naufragio em outro andas  
 Das ondas, & dos ventos reuoluido,  
 E lentas esperanças de ti mandas,  
 Outro Grego, ou Troiano não vencido  
 Dos seus duros trabalhos, nos tornãste  
 Assim inda mais claro, & conhecido.  
 Da fortuna, & dos ventos triumphãste  
 Igual àquelles animosos peitos:  
 E como ouro no fogo, o teu prouãste.  
 Não frias sombras, não os brandos leitões  
 Altos spritos prouam: que ociosos  
 Se gastam, & como em cinza estaõ desfeitos.  
 Melhor comprados foram, mais custosos  
 Aquelles nomes altos, que inda soam,  
 Dos que virtude, & e força fez famosos.  
 Inda entre nòs de boca em boca voam  
 De tanto tempo já os spritos puros:  
 Inda de verdes folhas se coroam.  
 Por duras armas, por trabalhos duros

Varios costumes, varias gentes vendo  
 Tornàram inda erguer fermosos muros.  
 Hora a furia do brauo mar rompendo,  
 Hora os lançaua a sorte â praya imiga  
 Quanto mòres perigos, mais vencendo.  
 Pòdes entrar, Luis, na historia antiga  
 De tantos da fortuna vencedores,  
 Que já ao teu alto sprito se sogiga.  
 Rico vês de trabalhos, & lououres  
 Dignos dessa constancia inteira, & forte  
 Rara nos grandes Reys, & Emperadores.  
 Mil vezes posto em duuidosa sorte  
 Fizeste sô ajudado do teu sprito  
 Enganos illustrissimos â morte.  
 Seràs cantado pois, seràs escrito  
 Entre os claros spritos d'alta fama,  
 De que inda tanto ouuimos, tanto he dito.  
 Noua luz deste â gloriosa chãma  
 Em que os claros anòs teus sempre arderam,  
 Que ja a teus filhos altamente chama.  
 Tu pois os justos fados te volueram  
 A tantos olhos de ti saudosos,  
 E òs honrosos trabalhos fim poseram,  
 Descansa já nos braços amorosos  
 De quantos com amor te suffirauam,

E viue doces dias ociosos.  
 Por ti as Musas tristes não cantauam;  
 Nôuos cantos entoam, nouas liras  
 Para a tua léda vinda te guardauam.  
 Deixa as iras de Marte, deixa as iras  
 Do furioso mar, & brauos ventos,  
 Em que mais males viste, dos que ouuiras.  
 Quieta agora os altos pensamentos.  
 Tuas armas pendura: enxuga as roupas.  
 Loyra com paz teus bõs contentamentos,  
 Bem deues â tua vida, se a bem poupas.

A PERO D'ANDRADE CAMI  
 nha, em reposta doutra sua.

ELEGIA V.

**N**ão tinha visto sol daquelle dia,  
 Qu'o meu se me eclipson, deixando escuro,  
 Quanto d'antes alegre, & claro via.  
 Nem meu sprito, que no golpe duro  
 De todo me cahio, podia alçarse:  
 Nem achaua à sua dor lugar seguro.  
 Esta alma deseiosa de soltarse  
 Deste carcer cruel, qu'a tem forçada,  
 Tentaua por si mesma desatar-se.



*Assi lhe ficou viua, assi entalhada,*  
 Mais qu'em duro metal, ou em diamante  
 Aquella de mim nunca assaz chorada.  
 Quando hũa noua luz se pos diante  
 Dos meus olhos, qual vem a menham clara,  
 Rompendo as grossas nuuês de Leuante.  
 Eu digo aquella doce, aquella rara  
 Melodia do teu verso tam brando,  
 Cujosuaue som todo ar aclâra.  
 Aquella luz fermosa olhos alcançando,  
 Vi nouo dia, & Sol, que com seu rayo  
 A triste noite m'hia afugentando.  
 E inda prouando erguerme, Andrade, cayo,  
 Combate ao fraco sprito a dor antiga:  
 E como a desafio em campo sayo.  
 Mostraste à alma estrada cham, que siga  
 Conheço, amigo, minha grã fraqueza,  
 De todo seu remedio cruel imiga.  
 Armado tinha o peito de dureza  
 Contra mim mesmo, & contra a poderosa  
 E comum ley da humana natureza.  
 Aspera sempre, & então mais rigurosa,  
 Quando hum amor de duas almas parte,  
 Contra a que fica menos piadosa.  
 Andrade, que farey? qu'ã melhor parte

LIVRO

De mim perdi; hay pera sempre triste,  
 Que cobrala não val ja força, ou arte!  
 Aquelle doce fogo, em que me viste  
 Contente arder soberbo do meu fado,  
 A que já cantos mil alçar me ouviste:  
 Aquelle nõ, que docemente atado  
 Me tinha em suaue jugo, em prisãõ lèda,  
 Tam cruelmente assi me foy cortado!  
 Quem de tam alto deu tam triste queda?  
 Ficando sò por seu remedio a morte?  
 Quem suas justas lagrimas lhe veda?  
 E qual serâ hum coração tam forte,  
 Antes barbaro, cru, & adamantino,  
 Que golpe tam cruel não quebre, ou corte?  
 E pude eu ver, Marilia, o teu diuino  
 Sprito d'amor todo, & de brandura  
 Desemparar teu peito delle digno?  
 E pude eu ver aquella fermosura  
 Dos teus olhos, qu'os ares serenaua,  
 Ficarme assi ante os olhos cega, & escura?  
 E aquella doce voz, que m'encantaua  
 Entre rubis formada, & perlas finas  
 Qu'os mais furiosos ventos abrandaua,  
 E mil outras, não humanas, mas diuinas  
 Graças assi enterradas num momento,

Que

Que de mil annos pareciam dignas?  
 Ab falsos bês! quem crêra qu'eram vento  
 Tantas verdades, tantos bõs amores  
 Inda d'outros mayores fundamento?  
 Crescei magoas crueis, & crescei dores,  
 Quebrai o vagooso, & triste fio,  
 Qu'a longa a cruel Parca em seus lauores.  
 Leuoume a dôr, Andrade, mas confio  
 Que perdoarâs à força do costume,  
 Mais poderosa, quando a contrario.  
 Vi com tua claridade nouo lume,  
 Abrioseme o ceo todo, & ali vi escrito  
 Quanto teu douto verso me resume.  
 Alcei os olhos c'um piadoso grito,  
 Pequei, disse, senbor: vsai piedade:  
 E deça nouo esforço ao fraco sprito.  
 Vença a razão à tam cega vontade,  
 Leuante hum alto muro de paciencia,  
 Deixe já as sombras vãs pola verdade.  
 O qu'o tempo obra ao longe, obre a prudencia  
 Com cedo: (assi me dizes) nisso posto  
 Faço já à minha dor mais resistencia.  
 Enxugo os olhos, contrafaço o rosto,  
 O fogo porem dentro laura, & arde.  
 Est'he da minha vida o sô meu gosto.

Foge.

LIVRO

Fogeme a morte, mas por mais que tarde,  
 Esta alma em sua prisãõ sua hora espera,  
 Que pois não veo então já me vem tarde.  
 Quem m'aquella ditosa estrella dera  
 Dos teus tam sanctos pays, qu'ambos hũ'hora  
 Inntou nos ceos em mór amor do qu'era!  
 Quem se já visse onde Marilia mora!  
 Là nos ceos mais amiga, & mais fermosa:  
 Qu'outra cousa suspira est'alma, ou chora?  
 Inda a vejo de mim là saudosa,  
 O caminbo me mostra, a mão m'estende,  
 Toda risonha; & toda graciosa.  
 E o rayo aparta, que me a vista offende  
 Daquella claridade Impiria, & noua,  
 Qu'olho mortal não vê câ, nem comprende.  
 São (me diz) sanctas obras certa proua  
 D'alma, qu'este lugar alto deseja.  
 Deixa lagrimas vãs, a alma renoua.  
 Se m'amas (amigo) o amor seja  
 Conseruares lâ bem tua vida pura  
 Té qu'o Senhor te chama, & eu câ te veja.  
 Aquella, que chamauas fermosura,  
 Foy sombra vam, tornouse, o qu'era, em terra.  
 Outros mais altos bês de câ procura:  
 Aos falsos bês do mundo os olhos cerra.

A Afon

A AFONSO D'ALBOQ VER-  
que, em louuor dos Commentarios  
que compos dos grandes fei-  
tos de seu pay.

## ELEGIA VI.



**A** Fonso d'Alboquerque, por ti escrito  
Teu clarissimo pay viue, & florece,  
De quem co nome herdaste es' alto sprito.  
E o teu branco Carualbo reuerdece  
De mais fermosas folhas, nouas flores,  
De que inda seu real tronco se guarnece.  
Fizeste teus, os seus claros louuores,  
Dandolhe eterno assento entre a memoria  
Dos grandes capitães, & Emperadores.  
E renouaste nelle a antiga historia  
Do grande Macedonio, que parece  
Mostrar inueja desta nona gloria.  
Com quanto já de longe resplandece  
Seu rayo, E a tua nua, & cham pintura  
Noua aos olhos do mundo se offerece.  
Vestida de sua propria fermosura,  
Nã de outras cores vans, & lisongeiras  
Aparece a verdade clara, & pura.  
Testemunhas serã as Reaes bandeiras,  
Que vencedoras vio o sol oriente

LIVRO

Lã nas prayas do mâr mais derradeiras.  
 De Persia, & Arabia a tributaria gente  
 Viram de seu despojo as prayas cheas  
 E do barbaro sangue a grã corrente.  
 Turuãram o Nilo, o Gange, o Hyd: spe as veas  
 Vendo altas fortalezas leuantadas,  
 E o vencedor pendão entr'as ameas.  
 De Meca as portas tẽ então cerradas  
 Tremèram verse, não sòmente abertas,  
 Mas do grande Alboquerque conquistadas.  
 Quantas ilbas, & terras descubertas  
 Foram por ellè ao mundo? quantas minas  
 D'ouro tẽ li a todos encubertas?  
 Quem mais gloriosas fez as Reaes Quinas?  
 Quem o Portugues nome mais famoso  
 Com mais victorias de triumpho dignas?  
 Ousado Capitão, & venturoso,  
 S'a morte não cortâra teus intentos,  
 Que fruito inda nos deras tam fermoso!  
 Ati se deuem os altos fundamentos  
 Do Oriental Imperio, qu'inda dura  
 Firme entre tanto mâr, & tantos ventos.  
 Não pode a inueja a clara fermosura  
 Escurecer da tua viua fama,  
 Por mais que contra ti s'armasse dura.



Rompeo o rayo da tua alta chamma  
 As vãs neuoas: venceste, & vê s' agora  
 O teu tam alto sprito, qu'o mundo ama.  
 Inda hoje Roma, inda hoje Grecia chora  
 Dos seus bõs Capitães premios escuros:  
 E mortos os suspira, honra, & adora.  
 Quantos trophêos alcados, quantos muros  
 Rotos a suas victorias se trocaram  
 Depois a muitos em destellos duros!  
 Nunca igualmente se galardoaram  
 Em vida os altos feitos: sô na morte  
 Seu verdadeiro premio, & honra acharam.  
 Louuouse, agora espanta o peito forte  
 Do teu illustre pay, a alta piciencia,  
 Qu'em tudo lhe deu tam ditosa sorte!  
 Espanta a ousadia com a prudencia,  
 Que juntas nelle igualmente venciam,  
 A constancia, a justiça, a continencia.  
 Desprezando as vãs vozes, que impediam  
 O nosso bem, tudo venceo sofrendo;  
 Que premios a este Fabio se deuam?  
 Quanto suou, quanto sofreo viuendo  
 Tu lho pagaste agora, filho digno  
 De tal pay, que immortal foste fazendo.  
 Não falo no alto premio, que ao diuino

LIVRO

Sprito seu nos ceos lhe serâ dado,  
 De que por obras não parece indigno.  
 Falo na terra, em que nenhum estado,  
 Nenhum titulo illustre igual seria  
 A honra de o ter tambem ganhado.  
 Toda piedade, & amor, que se deuia  
 De tal filho a tal pay, tens bem comprido,  
 Tornandolhe a sua noite em claro dia.  
 Não está toda honra no sepulchro erguido.  
 Mausoléos aos mortos não dão vida,  
 Que emfim tudo por tempo he consumido.  
 Mais he vencer o tempo, & ter erguida  
 Hũa viua estatua contra a morte, & della  
 Triumphar. D'ambos já fica vencida,  
 D'ambos direi ditosa a clara estrella.

AMOR FUGIDO.

De Moscho.

ELEGIA VII.

Correndo os prados vay, correndo os montes  
 Cabello solto ao vento, dos pés nua,  
 Deixados os seus banhos, & suas fontes,  
 Em busca de Cupido a triste sua  
 May, & catiua Venus, voz em grito,  
 Suspira, & chora, & cansa, & geme, & sua.

O fi-

O filho, minhas forças, meu sprito,  
 (Grita) meu sô poder, minha alegria,  
 Por quem meu nome he tam cantado, & escrito!  
 Onde te foste assi cego, & sem guia?  
 On le minino, & sô por mil desertos  
 Meu sô prazer, & doce companhia?  
 Em toda parte tens inimigos certos,  
 E tu voando vas com as leues pennas,  
 Não deixam rasto teus passos incertos.  
 Assi deixaste Nymphas, & Camenas?  
 Assi meus doces cantos, & instrumentos?  
 As fontes frias, ribeiras amenas?  
 Tornayme meu Amor, se o leuaes ventos.  
 Tornayme meu Amor, se o banhaes agoas.  
 Soltaimo, se o là tendes, pensamentos.  
 As frias neues, as ardentes fragoas,  
 Em que tremeis, & ardeis; temperarey,  
 Doamos os que ouuis as minhas magoas.  
 Nymphas, por hu'n prazer, mil vos darey.  
 Faunos, eu pagarey vossos amores.  
 Tornayme o Amor, que eu volo tornarey.  
 Abri vossas choupanas, meus Pastores,  
 Descobrimo, se o tendes, meu thesouro,  
 Eu o farey piadoso a vossas dores.  
 Bons s'iaes tem meu filho: crespo, & louro,

LIVRO

Não muito aluo do corpo, a cor parece  
 De viuo fogo; & leua aljaba d'ouro.  
 Quem inda o não vio bem, nem o conhece  
 Não crea â sua idade, â sua brandura,  
 Quando mais manso está, mais s'encruêce.  
 Velho na idade, moço na figura,  
 Ioga, graceja, & ri; & entrè riso, & graça  
 Almas fere; as feridas são sem cura.  
 Não ha virtude, que não contrafaça,  
 E nelle não ha virtude, nem vergonha,  
 E sempre busca onde môr mal vos faça.  
 Pequeno corpo; grande, & mâ peçonba,  
 Braço pequeno, a força de Gigante,  
 Cego, & não erra onde sua s'eta ponba.  
 Quem ha, a quem sua mão destra não espante?  
 De que treme inda là o Reino escuro?  
 Tu Proserpina o dize, Orpheo o cante.  
 Tem asas, com que voa pelo ar puro.  
 Assim voando vay, & vay ferindo,  
 Não val defensa, ou arma, ou forte muro.  
 D'hua parte, & d'outra vaõ caindo  
 Mil mortos, mil feridos, chea a terra,  
 Os clamores em vaõ aos ceos sobindo.  
 He nũ, & pobre, viue da sua guerra;  
 E sendo a todos tam claro perigo,

Quem

Quem menos o ama, & honra, cuida qu'erra.  
 Também da propria mãy sua he imigo.  
 Como? & não me ferio? pois entregaymo,  
 Que nunca fareis delle bom amigo.  
 S'acertardes de o auer à mão, ataymo,  
 Não ajaes de suas lagrymas piedade,  
 Que chora, quando quer, chorando daymo.  
 Nem com branduras vos mude a vontade:  
 Então lhe lançai mais fortes cadeas,  
 Olhay, qu'essa brandura he crueldade.  
 Que vos prometta os mares, & as areas,  
 Não lho creaes, não lhe queiraes seu bejo,  
 Que hã tem o fogo, qu'arde em sangue, & veas,  
 E cega os olhos, engana o desejo.

## AMOR PERDIDO.

De Anacreonte.

## ELEGIA VIII.

**E**Ra alta noite, quando descansaua  
 Dos trabalhos do dia a humana gente,  
 E ja à mão de Boote Vrsa viraua.  
 Amor me bate à porta: eu impaciente  
 Quem he, digo, o que bate a tam mãs horas?  
 E meu sono me quebra cruelmente?  
 Abreme (di?) quem quer qu'es, qu'aqui moras,

L I V R O

Qu'eu sou Cupido, que, perdido ando  
 Por esta escura noite assi a desoras.  
 Quem me recolha, & aquente ando buscando  
 Morto de frio, da chuua orualhado:  
 Não te temas de mim minino brando.  
 Ergome â pressa: & de magoa cortado  
 Lume acendo, abro a porta, entra tremendo  
 O moço todo frio, & enregelado.  
 Vejo que de seus ombros vem pendendo  
 Hũa aljaba, vejo arco, & asas vejo,  
 De nada disto entãõ me estou temendo.  
 Ao fogo o ponho, o enxugo, o abraço, & bejo.  
 Aquentolhe entre as minhas as mãos suas.  
 Siruo com todo amor, & bom desejo.  
 Alimpolhe a agoa, que das carnes nuas  
 Dos seus lourós cabellos corre em fio,  
 E sofres (digo) Amor, noites tam cruas?  
 Em quanto o animo, em quanto delle fio,  
 Estâ calado, & quedo: Em quanto o fogo  
 Lhe aqueenta o brando corpo, & vence o frio.  
 Tanto que aquece, toma o arco logo,  
 E prouar quero, diz, se danou a agoa  
 Meu arco, & armao, como em riso, & jogo.  
 Em mim o desarma: em mim hũa viua fragoa  
 Se acende: & rindo prestes mente voa,



E inda o cruel dà magoa sobre magõa.  
 Folga, ô hospede (diz) com a noua boa,  
 Que bom leuo meu arco: fica embora.  
 Mais duro sou do que meu nome soa.  
 O bem, que me fizeste, em ti o chora.

A SANCTA MARIA MAG-  
 dalena.

ELEGIA IX.

**A** Quella, a quem foi muito perdoado,  
 Porque amou muito; o peito em fogo, em agoa  
 Os olhos, a alma toda num cuidado;  
 Aquella sancta pedra, & viua fragoa  
 Do seu amor se vay, os ceos, & terra  
 Enchendo de suspiros, & de magoa.  
 Mas no piadoso zelo a tenção erra  
 D'vngir o morto, não de esperar viuo  
 Quem fez com a sua à nossa morte guerra.  
 Quem com sua prisão o mundo catiuo  
 Libertou do poder, & tyrannia  
 Do escuro reyno, & fogo sempre viuo.  
 O véo do templo roto, em noite o dia,  
 As pedras, o tremor, geral tristeza  
 Mais que homem o confessaua, & descobria.  
 Na morte a vida estaua, a honra, & riqueza

Em

LIVRO

Em pobreza, & infamia: a certa gloria

No mór desprezo posta, mór baixeza.

Mas ja os ricos despojos da victoria

Aos ceos leuàra, & abrindo a immortal vida,

Glorioso fim dera à sua historia.

Ià d'aquella luz clara, que escondida

Andaua, os claros rayos seus soltando,

A sancta humanidade era vestida.

**MADALENA**, que a estrada vay pisando,

Por onde á morte foy, por quem suspira,

A alma ao qu'os olhos vem està sò dando.

De saudade chea, & chea de ira,

Do seu amor, da cruel gente fera,

Daquelle terra alma, nem boca tira.

Se por homem sò o chora, que fizera

Alumiada d'outro nouo sprito,

Se quem lho deu despois, então lho dera?

Falece já agora aos olhos, voz ao grito,

Arde toda em amor, arde em lembrança.

D'aquelle, que em sua alma traz escrito.

Leua pintada à viua semelhança

Ante os olhos, do seu rosto fermoso,

Em que a ira despois fez cruel mudança.

Aqui descabellado, aqui choroso,

Diz, hia o meu senhor; aqui despido

Parê-

Pareceo ante todos lastimoso.  
 Co peso da grã cruz aqui cabido  
 De seu sangue, suor, & pô cuberto,  
 Aqui entre dous ladrões nella estendido.  
 Co sprito quebrado o peito aberto  
 Hora cãe MADALENA, hora esmorece.  
 Chega ao sepulchro, sol já descuberto.  
 Busca o lugar, a pedra reconhece,  
 Quem a reuoluerã? eis torna ao pranto.  
 Mas â sancta tenção Deos não falece.  
 Eis a pedra reuolta, eis nouo espanto:  
 De neue, & sol vestido hum Anjo claro  
 Estã sentado no sepulchro sancto.  
 Dizlbe que resurgio seu doce & charo  
 Senhor, & co alma lèda vay correndo  
 Consolar do bom PEDRO o desemparo.  
 Eila torna com elle, & inda não crendo  
 Tamanho bem, sô fica no moimento  
 Em viuo fogo os olhos desfazendo.  
 Ab MARIA, leuanta o pensamento.  
 Porque entre os mortos buscas quem a vida  
 A terra trouxe, & tem no cèo o assento?  
 Aquella piedade concedida  
 Tam larga a teus errores, como agora  
 Parece que he de ti mal entendida?  
 Quem

LIVRO

Quem teu Lazaro morto chamou fora  
 Da sepultura, já de quatro dias,  
 Como tua pouca fé por sò homem chora?  
 A quantos olhos luz, a quantos vias  
 Dar mãos, & pès & lingoas, que cantando  
 Delle hiam altas grandezas, que tu crias?  
 O unguento, que estauas derramando  
 Sobr'a sua cabeça, não mostrava  
 Que em vito já o estaua sepultando?  
 Já aquella grã carreira, que esperava,  
 Correo com grã victoria o grã Gigante.  
 Já o templo restaurou, que derribava.  
 Vencedor glorioso, & triumphante  
 A tunica deixando dada em sorte  
 Se vestio d'outra noua de diamante.  
 Já o vendido Ioseph, já o Sansaõ forte  
 Preso, o grã Iônis na Balea metido,  
 He liure, as portas quebra, mata a morte.  
 Como manso Cordeiro offerecido  
 Por si á morte, como grã Lião  
 Vence o tribu de Iuda promettido.  
 O sudario, & d'spojos, que hi vês, dão  
 Claro sinal, que como verdadeiro  
 Deos se ergueo Deos, o teu temor be vão.  
 E a Galilea, disse, que primeiro

Iria ter que os seus; da mão direita  
 Do pay virá no dia derradeiro.  
 Piadoso senhor, de amor sojeita,  
 Inda que baixo amor, s'engana, & cega.  
 MARIA, mais não ve, mais não sospeita.  
 Inda cos crauos teus sua alma prêga.  
 Representalhe a dor, & saudade  
 A humana vista, a mais alta lhe nega.  
 Mas tu tambem movido de piedade  
 Das lagrimas, qu' em ti não são perdidas,  
 Lhe enche, do que deseja, sua vontade.  
 Não podem, grã senhor, ser comprehendidas  
 Tuas grandezas, entendelas à  
 Por ti, Deos, logo della serã cridas.  
 Chorando no moymento por ti está:  
 Mandas teus Anjos, tu tambem pareces.  
 Quanto alcança de ti quem se te dá!  
 Ah MARIA, quem amas, não conbeces?  
 Esse he o grande hortelaõ, o que plãta a vinha,  
 Em que tu teu jornal tambem meretes.  
 Tal forma à tua fraca fé conuinha,  
 A vista se t'encobre, a voz s'aclara,  
 A voz, qu' em ti tam branda força tinha.  
 Aquella fermosura aos ceos tam charã  
 Não a podes tocar tẽ de luz noua

## LIVRO DAS ELEGIAS.

Teres a vista, & alma inda mais clara.  
Em teu sprito a antiga fé renoua.  
Este he o qu'antes sobias Deos chamar,  
Torna a seus irmãos já co' alegre noua.  
Ditosa, que primeiro a podes dar:  
Por ti sua diuindade s'apregoa,  
A elles a humanidade quis mostrar.  
Ditosa, que tam alta, & grã coroa  
De gloria mereceste! ah grande amor,  
Qu'a tanto chega, a tanto sobe, & voa!  
Gloriosa MARIA, esse feruor,  
Em que tua alma ardia, a grã corrente,  
Em que a lauaste pera o grã senhor,  
Inflamme, & abrande a fria, & dura gente.

## DAS EGLOGAS.

ARCHIGAMIA.

EGLOGA I

Castilio.

Serrano.

N.º



**N**O tempo, qu'ô cruel, & furioso  
 Imigo dos Pastores, & dos gados,  
 Da terra, & das sementes bellicoso  
 Marte, segundo contam, por peccados  
 Do mundo, contra o mundo tam iroso  
 Desceo, que tè os lugares mais sagrados  
 Assi com ferro, & fogo commettes,  
 Que tudo de ira, cinza, & sangue encheo:

Nas derradeiras partes do Occidente,  
 Onde o Sol de cansado se refaz  
 De noua luz, pera a tornar â gente  
 Donde se parte, que às escuras jaz,  
 E pola que ali deixa, outra excellente  
 Lêua, & muito mais clara da que traz,  
 O pacifico IOAM, & piadoso  
 Reynaua então, no mundo glorioso.

Eu digo aquelle Rey de grandes Reys,  
 Que desdo Tejo muito alem do Nilo  
 Com suas armas obrigou, & leis  
 Tomalo todos por seu Rey, & seruido.  
 Filho daquelle, que no mar vereis  
 Em Bales sentado, ou Crocodilo  
 Em lugar de Neptuno, & seu tridentão  
 Na mão, como seu Rey, & de sua gente.

## ARCHIGAMIA

Foi este Rey dos ceos à terra dado  
Para remedio da que se perdia  
Paz ja no mundo: nunca tam cerrado  
Esteue lano, que d'antes so hia  
Abrirse a cada passo, no passado  
Tempo, que em ira, & odio todo ardia.  
Assi presa em cadeas teue a guerra,  
Que so paz reinou sempre em sua terra.

Cantauam os pastores descansados  
Pelos valles, & campos tam seguros,  
De si, & de seus rebanhos descuidados,  
Como quem não temia os maos, & duros  
Imigos, de que fossem salteados.  
Suas choupanas eram fortes muros.  
Seus versos, & cantigas todas eram  
Louuar o seu bom Rey, que os ceos lhes dêram.

Crescia a grossa espiga, & se segava,  
Despois que já quebraua de madura,  
Daquella mesma mão, que a semeaua:  
Pascia o gado gordo da verdura  
Da serra, que royda se queimaua  
Para lhe renouar sua pastura.  
As agoas claras tam liures corriam,  
Quam liures caminhantes as bebiam.

O cla:

O claro Tejo, Douro, Minho, Odiana  
 O mâr seguramente vãõ buscando.  
 Não os seca o inimigo, não os dana,  
 Lèdos vãõ docemente murmurando.  
 O som dos quaes tambem segue Diana,  
 Que ao longo com suas Nymphas vay caçando.  
 Sobia ali fazelo, mas agora  
 Em outra parte já com Pallas mora.

Em outra melhor parte, que parece  
 Que mais qu'as outras todas lhes conuinha;  
 Onde o claro Mondego, quando cresce,  
 Inueja faz ao mâr; onde a Raynha  
 Seu templo sacro sancto, que hi parece,  
 Com seus milagres honra; onde se vinha  
 Tomar antigamente a alta coroa,  
 Daquelle, que daqui tomou Lisboa.

Aqui Pallas, & Phebo se sentâram.  
 Escolhendo na terra seus assentos  
 Os mais doces, & frescos, começâram  
 Aos homês levantar os pensamentos  
 A cousas, que tê li nunca cuidâram  
 Cegos sô de seus cegos mouimentos,  
 Os ceos, & as estrellas, que não viam,  
 Lá agora as sabem ver, d'antes as criam.

## ARCHIGAMIA

Mas Venus, que tambem d'antigamente:

Tinha tomado posse dessa terra,  
(Que inda hoje se ve nella o innocente  
Sangue da branda Nympha, odio, & guerra  
Do pay co filho) triste, & descontente  
Temendo as môres Deosas, a hũa Serra  
Se foi co seu minino, & ali esperou  
Tè que hũa, & outra Deosa a visitou.

Não he nossa tenção tomar-te o teu,  
(Lhe diz Diana) nem Minerua vem  
Para isso: mas se queres tu & eu  
Com ella aqui vivamos: não conuem  
Que hũa queira roubar à outra o seu;  
Quanto cada hũa de nós todas tem  
Luntemolo aqui nesta tua Serra,  
Daqui sô mandaremos toda a terra.

E Phebo com seu canto ajudará  
Amarnos mais a gente, & mais temernos,  
Com sua doce lira forçará  
Os Tygres, & Liões obedecernos.  
Tè que aquella IOANA, que virá,  
Nos force irmola ver, em vez de vernos.  
Iremos mais seguras, mais honradas  
Todas tres indo juntas, qu'apartadas.

Não

Não pode já tardar, teu filho o sabe,  
 Que nunca a deixa, nunca mór façanha  
 Fez, que ferila: razão he qu'acabe  
 De mostrar hum tamanho bem a Hespanha,  
 A todo mundo, ao mundo todo cabe  
 Parte, não he sòmente ella, & Alemanha,  
 O grande Oceano o diga, diga o Nilo,  
 Não podê Eufrates, Gange, & Indo encubrilo.

Pera vodas tam grandes bem parece  
 Que, Venus, já daqui nos percebamos;  
 Hum tam alto Himinéo não merece  
 Que da maneira d'outros a elle vamos.  
 Ià Phebo se exercita, já guarnece  
 A curua lira, á qual sempre cantamos,  
 Irão as nossas Nymphas, vão as tuas  
 Cantando ao som da lira as graças suas.

Todas desta maneira concertadas  
 Vão se logo as tres Deosas polas mãos,  
 A qual mais alua, & loura, así traçadas  
 Com seus rostos alegres, peitos saõs.  
 Mui differentes daquellas passadas  
 Iras nascidas de appetites vãos.  
 Por onde quer que passam, vão caindo  
 Mil flores de qu'o chão se vay cobrindo.

## ARCHIGAMIA

*Aquella fonte antiga, que hum serrano*  
*Fez de lagrymas suas (que antes era*  
*Hum grã penedo duro) Lusitano*  
*Pastor, que nũa serra se perdera;*  
*(Segundo contam) fez lhe tal engano*  
*Amor, que nesta fonte o conuertera,*  
*O corpo em agoa ali ficou desfeito,*  
*Do sprito não se sabe bem qu'he feito.*

*Agoa desta fonte vay chorando.*  
*Aquem deixa esquecer o sprito nella*  
*Parece que por Lesbia vay chamando.*  
*A quantos acontece yr ter com ella*  
*Não sey de que se ali vão namorando:*  
*Não sei que se lhes nasce só de vella.*  
*Os olhos postos n'agoa, aos pensamentos*  
*Vem logo hūs amorosos mouimentos.*

*As heruas ali mais que em outra parte*  
*Parece que enuerdecem; ali mais cores*  
*Parece a Natureza que reparte*  
*Pelas frescas boninas, pelas flores.*  
*Ali nunca parece que se farte*  
*De chorar Philomela os crueis amores.*  
*Ali juntas as Deosas se sentaram*  
*E a tudo noua graça acrecentaram.*

*Em*



Pondo seus ricos arcos, & vestidos  
 Aquelles brancos corpos nũs mostrãram  
 Ao Troyano Paris já despídos.  
 Os seus cabellos soltos spirãram  
 Hum odor, qu'a nenhũs mortaes sentidos  
 Nunca chegou, & assi na fonte entrãram,  
 Qu'he d'então pera cà dellas morada  
 Mas d'hũa sò, das outras emprestada.

Como à sagrada fonte ali cada hora  
 Os Pastores vãõ ter, este suspira  
 Este tange, outro canta, o outro chõra,  
 Todos ali Amor leua, & Amor inspira.  
 Ali doce brandura d'almas mora,  
 Que todo pensamento baixo tira.  
 Doces sãõ os queixumes, doce a dor,  
 Doce agoa, doce fogo, & doce amor.

Serrano aconteceo, que todo hum dia  
 S'achou ali como elle costumaua,  
 O pranto, qu'então fez, derreteria  
 De pedra hum coração: bem s'enxergaua  
 Na terra, qu'ao redor humedecia  
 Das agoas, que dos seus olhos lançaua.  
 Quando o amigo Castilio ali chegou,  
 Evendo tal, com magoa assi falou.

# ARCHIGAMIA

Castilio.

*Amor cruel! que já nunca te fartas  
De nossa morte, dize porque assi  
Hum triste coração d'hum corpo apartas?*

*Este corpo, que tens lançado abi,  
Menos te â de seruir morto que viuo:  
Dalbe alma, & vida ao menos para ti.*

*Mas ah que digo eu triste? tambem siruo  
A quem taes pagas dâ: tambem mas daõ,  
Hay dôese d'hum catiuo, outro catiuo,*

*Serrano amigo, tu não ves o chaõ,  
Onde estâs, que de seco, qu'antes era,  
Tam humido tens feito? dâ cà a mão.*

*Leuantate, leuantate: quisera  
Que te vira tua Lesbia qual estâs,  
A ver se a morte, ou sua mão te dera.*

S. *Hay, hay, Castilio amigo, hay. C. que has?*

S. *Não sey: Parece como que me trazem  
De dentro desta fonte. C. onde te vas?*

S. *Mas eu estaua sonhando. C. olbay que fazem,  
Estes doudos amores; eu diria  
Que algũs encantamentos nelles jazem.*

S. *Não sey que hora isto foy, que bem te ouuia:  
Mas não saberey dar fê de palaura,  
Em outro mundo estaua, outro ceo via.*

*Que*

Que meo me daràs pera que eu abra  
 Este meu peito? & lance delle fora  
 Esta peçonha, que assi nelle laura?  
 Vesme aqui viuo, & são: daqui a hũ hora  
 Não sey se me veràs; vayseme a vida  
 Em fogo, em vento, em agoa, q̃ alma chora.  
 A memoria de mim trago perdida.  
 Muítas vezes me busco, não me vejo.  
 Minh' alma de mim mesmo anda fugida.  
 Hora aborreço o campo, hora o desejo.  
 Afrauta, que me alegra, m'entristece,  
 Eu a mim mesmo às vezes me sou pejo.  
 Ves tu essa herua como reuer dece.  
 Co orualho fresco, & quanto mais à fonte  
 Se chega, tanto mais verde parece?  
 Ves o rio, que vay de monte a monte  
 Carregado de roubos, & queixumes,  
 Que hora ameça, hora não sofre a ponte?  
 Ves agora n'aldea bõs costumes?  
 Hũs rostos brandos, riso, & bom amor  
 Fora de mãs sospeitas de ciumes?  
 Veràs daqui a pouco vir o ardor  
 Do sol, queimar as heruas, & secarse  
 O rio, o campo, a herua, a folha, a flor.  
 Veràs na nossa aldea vir mudarse

## ARCHIGAMIA

Aquella liure, aquella boa soltura  
De vida, em hum d'outro não fiarse.

Que poderás já ver, que tenha dura?  
Mudase o tempo, & o ceo. O gado hora anda  
Morrendote de fome, hora em fartura.

A que dizes hora isso? me demanda:  
Digo, Castilio, qu'en sô viuo firme  
Em minha dura estrella, que me manda.

Que já cuidei daqui por vezes yrme,  
Em o cuidar sômente me tornaua.  
Morria já, sem me partir, por virme.

O corpo como yria, onde ficaua  
Preso, & catiua est'alma já de tanto?  
Riame então de como m'enganaua.

Esta fonte ouuio hoje aqui meu pranto:  
E como se o sentisse, parecia  
Qu'ajudaua entoar tam triste canto.

Hora fazia pausa, hora corria  
Com murmurio hora graue, & hora agudo,  
Differas qu'algum sprito ali auia.

Em fim cansey. Estiue hum espaço mudo.  
Tornei a cometter yr mais auante,  
Não pude: antes perdi o tento a tudo.

C. Agora creo que nada ha, qu'espante  
A quem muito ouue, ou vé. Já ouui dizer

D'hũa ave, que não morre, sem que cante.  
 D'outra tambem, que quando quer morrer  
 Ajunta os pãos, com as asas fere o fogo,  
 Queimase ali, & dali torna a nascer.  
 Tomava eu isto, quando o ouuia logo  
 Por fabula, & por graça: senão quando  
 Eu mesmo hum dia vim cabir no jogo.  
 Este meu fogo(dizia eu) em que ando,  
 Quem mo faz hora? eu mesmo. quẽ me inflama?  
 Eu: eu o atico, eu me vou queimando.  
 Dos olhos de Crinãura nasce a chamma,  
 Em qu'eu ardendo estou nas prisoês d'ouro,  
 Qu' Amor cabellos falsamente chama.  
 Nunca já de mim foy o brauo Teuro  
 Apartado das vacas tam temido  
 Em campo raso sem Carualho, ou Louro.  
 Nunca o espantoso Lobo perseguido  
 Dos importunos Caês, o Porco fero,  
 Que escumando vem sangue embrauccido,  
 Como me he seu rosto: às vezes quero  
 Esperalo, não posso; logo cayo.  
 Ali então da vida desespero.  
 Vejo tornar cad'anno o alegre Mayo  
 Vestido de mil flores de alegria  
 Hũs se alegram d'over, mas eu desmayo.

## ARCHIGAMIA

Leuame a morte logo â fonte fria,  
Ali em meu canto triste me desfaço,  
Que inueja âquella triste aue faria.  
Mas não sey como dabi a pouco nasço  
De nouo tal, que eu mesmo me pergunto  
Quem sou, que busco, ou quero aqui, q̄ faço?  
Ditoso aquelle, a que algũ' hora junto  
Veo todo seu mal, & já acabou;  
Mas eu nem viuo sou, nem sou defunto.

- S. E nunca ouuiste tu, que o mâr gerou  
D' Amor a cruel mãy? porque t'espantas,  
Se a cruel condiçãõ do mâr tomou?  
Quando tu na bonança alegre cantas  
(Se algũ' hora a tiueste) eis vem as ondas  
Mais altas do que tu tua voz leuantas,  
Vay hora entãõ buscar onde te escondas  
Daquella furiosa tempestade;  
Nem cõ quem fales ha, nẽ a quem respondas;
- C. Quando de dentro d' agoa, ò crueldade!  
Nasceo o fogo, que nos vay queimando,  
Que remedio esperamos? que pie lade?  
Mas contame o teu sonho; assi enganando  
A dor desta cruel chãma estaremos,  
O pensamento ao duro Amor furtando.
- S. Pera môr nosso mal lho furtaremos,



Porque acode de s'pois tam furioso,  
Que quer que todo tempo lhe paguemos.  
Mas este sonho, amigo, milagroso  
Diràs que he. Parecia que no centro  
Dessa fonte lá dentro me leuauam,  
Como que m'enganauam, mas diziam  
Duas Nymphas, q̃ me hiam companhando,  
Serrano, não chorando, mas contente,  
Erindo has de ir à gente, que te chama,  
Pera dares câ fama do que vires.  
D'en tanto prazer vires não tês culpa,  
Que o tempo te desculpa. Eu me calaua,  
Porque assi me espantaua do que via  
Que quasi o não cria. Ao pé do monte  
Debaixo desta fonte solapado,  
Não sey como leuado fui das duas  
Nymphas, que pelas suas mãos me tinham,  
Ellas sôs me sostinham, & me guiâram  
Atè que me deixáram onde estendendo  
Minha vista, tremendo, a todas partes,  
Vi cousas d'outras artes, & maneiras  
Tam nouas, & estrangeiras, como era  
Estar a Primauêra ali metida  
Assi como escondida. Tal verdura  
Em campo, nem piuntura não parece,

Qual

## ARCHIGAMIA

*Qual dentro ali florece. Hum campo chaõ  
 Morada do veraõ, das mais fermosas  
 Heruas, & mais cheirosas flores cheo  
 Se faz ali: & no meo està esta fonte  
 Cercada do alto monte, que ò redor  
 Parece muito mòr do que cã agora  
 A vista ve por fora. Ali nascia  
 Esta agoa nũa pia de cristal  
 Laurada de hum metal mais fino que ouro,  
 De Palma, Myrtho, & Louro rodeada,  
 E hũa aue namorada em cada ramo,  
 (Eu sonho a isto não chamo) assi cantauam  
 Que todo ãr serenauam. Ao doce canto  
 Floreciam entre tanto nouas flores  
 Pintadas de mil cores; & hũs spritos,  
 Amorosos spritos! qu'inspirauam  
 Por todo ãr, que voauam, doce amor.  
 Ali gado, ou Pastor nunca chegãra,  
 Que logo s'ensexergãra nas pegadas.  
 Nunca foram pisadas, nem colhidas  
 Aquellas bem nascidas heruas, plantas  
 De differenças tantas, nem geada,  
 Nem do Sol tinha entrada ali o rayo.  
 Perpetuo Abril, & Mayo pareciam  
 Que sempre ali viuiam. Hũa daquellas*

Ou Nymphas ou Donzellas, ve, pastor, m' d  
 Dizias, sem temor o que quiseres,  
 Que aqui so ha molheres, não recees,  
 Ry, folga, não prantees, como fazes;  
 Aqui Amor, e pazes, e prazeres  
 Viuem; ves os tangeres, que lá foam  
 Quam docemente toam? Nymphas são  
 Das Deosas, que aqui estão Pullas, Diana,  
 E Venus, que a IOANA, que já vem  
 Fazem festa. Porem tu' estas cansado:  
 Daqui lédo, e deitado ouuirás tudo.  
 Ficaua eu como mudo. Ella então se bria  
 Aquella companhia, que chegaua  
 A fonte, onde eu estaua. Vinham todas  
 Como a celebrar vodas, com capellas  
 De Myrtho as Nymphas bellas, porem mais  
 As tres Deosas sós tais, que quem as vira,  
 Nos rostos presumira que elles eram.  
 A mim porem me dexam sobre salto,  
 Que do juizo salto a brá primeira  
 No rosto, e na maneira Venus tiue  
 Por Lesbia; mas retiueme, e entre tanto  
 Co doce som, e co canto se sentaram  
 Todas, como chegaram ao redor d' agoa.  
 Que dor, que mal, que magoa senteria,

Quem

## ARCHIGAMIA

Quem viſſe que tangia num pſalteiro  
 Minerva, & c'um pandeiro concertaua,  
 Que hora Venus tocava, hora acodia  
 Com ſua voz? Corria a fonte clara,  
 Em qu'a Deoſa inſpirara ao meſmo ponto,  
 Tam certa no ſeu conto, que já mais  
 Deixâram de yr iguais. Então aquellas  
 Nympas louras, & bellas começaram,  
 Qu'as Deoſas lho mandâram, hum novo canto,  
 De qu'eu de puro eſpanto arrebatado  
 Fiquei como encantado. E ſô m'achaua  
 Lâ onde o Tejo lava a grã cidade,  
 Qu'em toda a Chriſtandade eſpanta, & ſoa,  
 Eu digo a alta Lisboa do Occidente  
 Raynha, & do Oriente: & parecia  
 Qu'entrar no mâr o via, & o mâr batendo  
 Co as ondas, qu'encothendo hora ſe vão,  
 Hora tornando, dão naquella praya,  
 Sem que nunca ſe ſaya já d'hum certo  
 Ponto. Chegueime perto: mas não ſey  
 Como d'agoa m'achei em hum momento  
 Cercado, quando attento, fiquei tal;  
 Que co roſto mortal torno fugindo  
 Atras, & inda ſeguindo as ondas me biam,  
 Não ſey que me queriam: então tornauam

Reco:

Recolherse, & deixauam descuberto.  
 Quanto tinham cuberto. Amanheceo,  
 Claro o Sol pareceo, & d'outra cor,  
 De nouo resplandor, & claridade,  
 Em qu'hũa diuindade conbecêras,  
 Se teus olhos posêras nelle fitos,  
 D'algũs sanctos spritos, qu'o mouiam,  
 E ao Tejo o traziam a se banbar,  
 De qu'o Tejo, & grã Mâr ficauam taes,  
 Tam claros, tam iguaes, que não se viam  
 As que dantes se ergniam, ondas brauas.  
 Pera onde quer que olbauas, prata vias,  
 Taes as agoas dirias. Eis que say  
 D'agoa, & soberbo vay em todo estado  
 O grã Tejo dourado, em cristalino  
 Carro d'ouro mais fino guarnecido.  
 De neue sen vestido era, & a partes  
 Pedras de nouas artes reluziam  
 Tanto, qu'os que as viam, assi cegauam  
 Que não determinauam bem o qu'era.  
 No carro hũa alta Sphera se mostraua.  
 Na mão Tejo leuaua o grã Tridente,  
 Que de lâ do Oriente lbe mandou,  
 Quando se sogeitou Neptuno a elle.  
 Vinham derredor delle algũs Tritões,  
Que

## ARCHIGAMIA

Que como seus ricos dões sempre o vêm ver.  
 Seu rosto, & parecer logo mostrava  
 Qu'este era o que mandava o grande mar.  
 Ali se vem juntar a alta Raynha  
 Thetis, que tambem vinha à Real festa,  
 Como hũa dona honesta, antiga, & graue.  
 Vinha entregar a chave do thesouro  
 Das ricas perlas, & ouro do Oriente  
 A clara, & excellente, & alta IOANA,  
 Que como hũa Diana reluzia,  
 Com sua companhia alem do Tejo.  
 Cegante a luz, que vejo. Eis aparece  
 IOANA, o ceo esclarece: viras yr  
 O Tejo a mais partir, mas mansamente  
 Com Thetis obediente a presentarse  
 Aquella, que chamar se ja começa  
 Do grande mar cabeça, a cujo lado  
 Vinha o tam nomeado Duque elleito  
 Com razão a tal feito alto IQAM,  
 De cuja se, & mão de CARLO a filha  
 Do mundo marauilha se fiaua,  
 E assi authorizava a magestade  
 Real, & a grandade do alto officio,  
 Qu'a quem o via indicio dava claro  
 De ser no mundo raro seu sprito,



Ao qual nenhum escrito igual feria,  
 Neto bem parecia do Rey sancto  
 Do mundo amor, & espanto IO AM segundo,  
 Do grã MESTRE, que o mundo faudofo  
 Deixou de fã ditoso filho, & digno.  
 Eis já no cristalino carro entrãua  
 O grã Rey, & passaua da outra parte,  
 De que Vulcano, & Marte sinães dauam  
 Cos fogos, que tirauam temerosos,  
 Mas entãõ delêitosos. Tejo viste  
 ô Tejo em ti, & sentiste o teu grã Rey,  
 Por cuja regra, & ley viues, triumphas,  
 E tiras ricis triumphas, & coroas  
 A Reys por onde soas com grã medo.  
 O mar quieto, & quedo num momento,  
 Mostrando a catamento a seu senhor  
 Com toda honra, & amor o recolhia.  
 Elle d'alta alegria o peito cheo  
 D'alma lâ bem no meo agasalbaua  
 A filha, que lhe daua o valeroso  
 Duque tam glorioso. Logo o Tejo,  
 (Inda cuido que o vejo) ás Nymphas manda  
 Que em voz suaue, & branda derramando  
 Mil flores, vãõ cantando a grã IOANA  
 Mais diuina, que humana. Parecia

K

Que

## ARCHIGAMIA

Que a terra, & o ceo se ria, o Sol dourava:  
 E seus rayos mostrava de luz pura.  
 A voz, & a fermosura amansando hiam  
 Das Nymphas a agoa; viam os que olhavam  
 O ouro que mostravam là nas veas  
 Das douradas areas. *Cast.* Dize amigo,  
 Assim nunca em perigo ver te queira  
 Tua Lesbia, que maneira, que arte tinha  
 Esse canto? *Ser.* Conuinha que eu tiuesse,  
 Ou que Apollo me desse hum tal sprito,  
 Para que fosse dito com tal graça,  
 Que nelle não desfaça. Hora cantavam  
 Huãs, hora ajudavam, & respondiam  
 Outras. *Se.* se bem me lembra assim diziam.

Vem claro Phebo a tam ditoso dia  
 Dar noua luz das outras diferente;  
 Vem claro Phebo co resplandecente  
 Rayo teu aqueitar a terra fria.  
 Vem dar sinal ô Phebo d'alegria,  
 Que o ceo tem de tam sancto ajuntamento,  
 Mil annos, mil, & cento  
 Vivam em paz IOANA, com sua IOANA  
 Assim seja, & serâ, assim o quer Diana.

Iá vem aquella luz tam desejada

Dar

Dár noua luz á terra, gloria, & honra,  
 Já vem aquella Nimpfa, de quem se honra  
 Até a praya do már mais apartada.  
 Já vem IOANA tal, qual foi julgada  
 No monte d'Ida Venus do Pastor,  
 Pazar aquelle amor,  
 De que arde quem a espera: venha, venha.  
 Não chuua, vento, már, nada a detenha.

Não vedes como logo conformâram  
 Nos rostos, & nos nomes, nos amores?  
 Não vedes como em ta'n iguaes ardores  
 De tam longe bũ polo outro se inflamâram?  
 Não vedes como os ceos logo os criaram  
 Hum para outro? Hũa sô estrella, bũ fado  
 A ambos estâ guardado.  
 Já vem IOANA. Torna a idade d'ouro.  
 Nestes ambos tês, Mundo, teu thesouro.

Qual no cerrado horto he a branca Rosa,  
 Que nunca foi cheirada, nem colhida,  
 E qual a branca neue, que sobida  
 Na serra estâ tam alua, & tam fermosa,  
 Tal vem IOANA, tal vem que inuejosa  
 Lhe pòde ser com suas Nimpfas bellas,

47  
A R C H I G A M I A

Quando não meco dellas  
Diana sae, Diana assi o confessa.  
Depressa vem, mas venha mais depressa.

Por onde quer que vem, se ri a terra.  
Por senhora a festeja, & reconhece.  
Todo campo, que pisa, reuerdeco,  
Florido fica o monte, o valle, & a serra.  
Tudo he prazer, & amor. Hã sô grã guerra  
Sobre quem mais festejará sua vinda.  
E pera môr bem inda  
Assi tambem o ceo vem festejando,  
Que Dezembro, em Abril fez ir mudando.

Que Principe, & que Rey tam glorioso  
Vos nascerá a seus pays tam semelhante!  
Dos quaes por muito que já a fama cante,  
Mayor será seu nome, & mais famoso.  
Hum Principe fortissimo, & espantoso  
Aos Barbaros, que delle estaõ tremendo,  
Iã os altos feitos vendo:  
A que não chegam Iulios, Paulos, Drusos.  
Assi o fiam as Parcas nos seus fusos.

EGLOGA II  
IANIO  
EGLOGA II.

75

Pierio.

Aonio.

**V**Es o sepulchro triste do feroso  
Pastor roubado ao campo, aos ceos leuado  
Do fado bom para elle, a nós danoso.

Em quanto ao mar tuas redes, e o gado  
A ver d'herua deixamos, co estas flores  
Honremos o chaõ já delle pisado.

**I**ANIO, saudade dos Pastores,  
Da ribeira do Tejo saudade,  
Das Nymphas, dos prazeres, dos Amores:  
Honra do campo, gloria desta idade:

Gracioso nos olhos, branco, & louro,  
Recebe os pobres do's da sam vontade.

Este Cedro, esta Faya, este alto Louro  
A teu nome leuanto: escrito seja  
Teu nome, **I**ANIO, inda em letras d'ouro.

Com lagrymas de dor, & magoa veja  
O Caminhante a pedra, que escondendo  
Teu brando corpo está, que o ceo deseja.

Aonio, assi te estem no mar enchendo

\* As Nymphas tua rede, & do perigo  
Das ondas, & do vento a vaõ sostendo;

K3

Assi

I A N I O.

'Assi na tempestade bom abrigo

Dem ao teu barco, assi se mostre hũ hora

Branda ati Galathea, Amor amigo:

Que aquelles tristes versos, com que chora.

Nosso Sazio sua dor, se na memoria

Os tens, como elle n'alma, os cantes hora.

A. Renouasteme a dor da triste historia:

Chouemme tristes lagrymas dos olhos,

Co a dor da perda da passada gloria.

De Cassia, Myrba, incenso, tres, tres molhos

Queima aqui o triste Sazio cada dia,

O gado cardos pasce, pasce a brolhos,

Em triste voz, que alma apos si trazia,

Ao som das ondas, qu'hiam murmurando,

Metido nũa lapa assi dizia:

Pastor fermoso, doce, branco, & brando

De FILIS triste, que tam sô deixaste,

Ouve sua voz, que os ventos vaõ leuando.

Torna à saudosa praya, que pisaste,

Torna a este campo, que tam verde, & lèdo

Contigo era, & tam triste já tornaste.

Aqui a menham rosada, o vento quedo,

Aqui claras, & brandas sempre as agoas,

A noite trazias tarde, o dia cedo.

Pastor fermoso, agora as altias taboas



Da dura rocha turuam o claro rio  
 Mostrando em suas quédas tristes magoas.  
 Quantas vezes aqui o dourado fio  
 Tiravam as brandas Nymphas ao sol alto  
 No frio inuerno, â sombra no estio!  
 Escondeoas no mar o sobresalto  
 Da tua morte; deixas d'herua o monte,  
 E d'agoa o rio, & d'aves já o ar falto.  
 Nem aruore dà sombra, nem dà fonte  
 Agoa, nem dia o Sol, nem a noite estrellas,  
 Nem ha, quem ledo cante, ou de amor conte.  
 Quem pôde ouuir as aues? quem já vellas?  
 Quem as frautas, que em choro o som mudará,  
 Pois tu eras a graça, & o som dellas?  
 Nunca despois a verde herua prouâram  
 Os tristes gados; nunca mais bebêram  
 Em agoa clara, desque te chorâram.  
 O branco orualho os campos já perdêram:  
 As boninas as cores, & estes prados  
 De cardos, & despinhos já s'enchèram.  
 Reuerdeciam d'antes sô olhados  
 Dos teus olhos fermosos, que os qu'os viam,  
 Leuauam de ti, LANIO, pendurados.  
 Com teus olhos fermosos floreciam  
 Os campos, nascia herua; as sementeiras

# I A N I O

Ati sô parecia que cresciam.

I A N I O soauam os bosques, & as ribeiras  
De Pastores, & Nimpas tam cantado,  
De tua FILIS tristes companheiras.

I A N I O de todos, de mim mais chorado,  
Quem lêbrarâ sem magoa as breues horas,  
Que com FILIS te via o verde prado?

Em vaõ FILIS suspiras, em vaõ choras:  
Em vaõ choramos, chõra o mâr, & a terra.  
Tû, I A N I O nosso, lédo nos ceos moras.

Em luz, em paz, em gloria, já da guerra  
Dos barbaros Pastores, já do dâno  
Dos tempos liure em si o céo te encerra.

Não temes là as esfpreitas, mão engano  
Do Lobo ao simprez gado, em bõ descanso  
Viues, em melhor dia, em melhor anno.

Assi cantaua Sazio: manso, & manso  
As lagrymas corriam: o som, & o canto  
O ar calado, o mar tornaua manso.

P. Igual à triste dor o triste pranto  
De Sazio a I A N I O: & de sua voz ouuido  
Aquem não fará magoa, não effanto?

Olha o meu gado, Aonio, que esquecido  
Da verde herua, tam murcho inda parece,  
Que he delle o brando nome conhecido,

Inda

Inda o ceo se reuolue, & se setrecede

Inda o mar se leuanta: ves o vento

Como lâ nessas ondas se embrauece?

Em quanto tu cantauas, tudo attento

Calaua: o campo, & o mar; como calaste,

Em tudo a triste dor fez mouimento.

Com esse hora outro pranto me lembraste,

Que hãa voz triste ao longo desta praya

Fazia igual, Aonio, ao que cantaste.

Era entãõ noite escura (inda desmaya

A alma à lembrança) a voz era cansada,

Os versos vi cortados nesta Faya.

ALMA, dizia, ò alma bem leuada

A clara vida, da prisaõ escura,

Do teu despojo nua, & desatada:

Alma toda innocente, toda pura,

Que debaixo dos ceos tens sol, & lua,

Olhos n'outra mais alta fermosura.

Esta praya, em que já por honra tua,

E de FILIS, mil Nymphas coroadas

De flores vos cantãram à lira sua,

Este limo, esta areia, em que asinadas

Com FILIS nos deixaste as tenras plantas,

Vistas serãõ com dor, com amor lembradas.

A. Doce tanges, Pierio doce cantas,

Bran

Brando na voz, em tua frauta brando.  
 Co som delectas, com a dor espantas.  
 P. Vaite à tua rede, Aonio, eu vou leuando  
 Com lagrymas o gado. A. Deos renoue  
 Outro tempo mais lédo: mas ô quando?  
 A. A noite vense escura, & neua, & choue.

## TITIRO

## EGLOGA III.

Serrano.

Castalio.

**H**ũa fresca menham, fria, orualhosa  
 Ao longo do Mondego, que corria  
 Com a agoa clara, mansa, & graciosa:  
 Quando já o claro rayo reluzia  
 Do louro Phebo n' agoa, & começaua  
 O orualho derreter, dourar o dia.  
 Ao pe de hum grã Ceyceiro rodeaua  
 O gado de Castalio, & de Serrano,  
 Que ambos hũ bom amor sempre juntaua:  
 Mas outro Amor cruel, Amor tyranno  
 Os trazia ambos taes, que pareciam  
 Dous spritos perdidos tras seu dano.  
 Ambos mancebos, ambos se perdiam  
 Hum por hũs olhos verdes, outro brancos,

Ambos

Ambos cantauam sempre, ambos tangiam.  
 Diziam que aprenderam de dous Francos  
 Pastores, que com as Musas se criaram  
 Dous Linos, dous Orpheos os nossos Francos.  
 Bem conhecidos são; Sãs se chamaram  
 Hum de Meneses, outro de Miranda,  
 De que as irmãs, & Phebo s'espantaram.  
 Einda hoje entre nós soa a voz tam branda  
 Do seu diuino canto, que lhe ouuimos,  
 Que todo o ceo aclara, & o ar abranda.  
 Ditosos nós, qu'em nosso tempo uimos  
 A nomeada Arcadia tam vencida  
 Destes nossos Pastores, que seguimos.  
 Aconteceo, qu'em quanto era ouuida  
 De mim hũa bella Nimpba, que cantando  
 Na vea d'agoa estaua meã metida:  
 Hum cordeiro dos meus se foy lançando  
 Para onde ambos estauam, o qu'eu seguindo,  
 Ouui Castalio estarme já chamando.  
 Tityro amigo, sejas tambem vindo  
 Como este claro Sol, que nos aqueyta;  
 Aqui, diz, teu cordeiro veo fugindo.  
 Deixa o mais gado ao moco: aqui t'assenta,  
 Não ves esta clara agoa, que nos chama?  
 Esta kerua verde, que se nos presenta?

Aqui

Aqui se esfria aquella doce chamma,  
 Que arde em nós sempre: aqui Amor s'engana.  
 Aqui queres amar quem te desama.

Se o Sol muito apertar, temos choupana  
 De cannas, e ramada bem cuberta,  
 Onde nem entra sol, nem chuva a dana.

Senteyme. Eis s'ergue entre elles grã referta  
 De quem tange melhor, ou melhor canta.

A contenda entã mais a voz esperta;  
 Asi hora hum, hora outro a voz leuanta,

Serrano.

Musas, ou vos me day hum verso brando,

Qual a meu Sã, que a Phebo bem se iguala:

Ou s'eu em vãõ trabalho ir lbe chegando,

O som me fuja à lira, a voz à fala.

Castálio.

Pastores, coraay, que vay crescendo,

Este nouo poeta de Hera, e flores:

E Magallio de inueja estê morrendo,

Que a todos para si rouba os lououres.

Serrano.

Meus versos lê meu Sã, minha Musa ama.

E meu Sã versos faz, que Apollo espantam;

Ati, Sã, sempre minha Musa chama.

Ati meus versos rusticos se cantam.

Cast.



Castalio.

Aquem, Sà, te ama, nunca Apollo negue  
 Seu diuino furor, com que te cante.

E rompase Magallio, rompa, & cegue;  
 E de meus versos lâ entre si se espante.

Serrano.

Ô rustico Magallio sem brandura,  
 Nunca som doce em teus ouvidos soe,  
 Magallio peito de cortiça dura,  
 Todo o bom sprito atras te deixe, & voe:

Castalio.

Crinaura entre hũs salgueiros verdes via:

E sem me ver a vista lhe fortua

Ella em me vendo, ria-se, & fugia.

E não sey qu'entre dentes me falaua.

Serrano.

Que me aproueita, Lesbia, verte, & amarte,

E que nem me desprezas, nem desamas,

Se quando a lingua solto, por falarte,

Volues o rosto, & rustico me chamas?

Castalio.

Triste a vista he do Lobo ao manso gado

O chuueyro à seara já madura.

As aruores o vento; a mim o irado

Rosto de Filis tam fermosa, & dura.

# TITYRO.

S. Doce he a chuu. à terra desejosa:

Aos cordeiros o prado d'berua cheo:

A abelha o orualho: a mim Filis fermosa,

Por quem hoje mais claro o dia veo.

C. De duas pombas achei hoje hum ninho,

Tuas, Crinaura, são, se as tu quiseres,

E teu será, se o tomo, o branco Arminho,

Clorys mo pedio já, se o tu não queres.

S. Dez maçans de cor d'ouro ontem colhidas

A furto num cerrado aqui te tenho.

Para ti, Lesbia, fõram escolhidas.

Lesbia, sô por te ver trazer tas venho

C. Dos teus olhos, Crinaura, sãe hum rayo

De fogo, que a fria neuve acenderã.

Em te vendo arço, sem te ver desmayo.

Mais doce a morte, vendote, será.

S. Lesbia cruel, & quanto já auerã

Que esta minh'alma ardendo

Anda apos ti? & esse teu peito frio

Me conuerteo num rio?

Olha como este rio vou enchendo.

C. Olha como este rio vou enchendo

De lagrymas, & magoas.

Das lagrymas se vay todo turuando,  
E das magoas chorando.

Ab de meu fogo vaõ ardendo as agoas!

S. Ab de meu fogo vaõ ardendo as agoas!

E tu estàs mais fria

Que a fria neve, & mais que pedra dura;

Em quem agoa acha brandura.

Hum marmore meu pranto desfaria.

C. Hum marmore meu pranto desfaria;

E teu peito parece

Que quanto mais, Crinaura cruel, te chamo,

Quanto mais, te figo, & amo,

Tanto em ti mais essa dureza cresce.

S. Lesbia minha mais que o Sol fermosa,

Mais alua que alua Lua, & mais cõrada

Que as ardentes estrellas,

E luz de todas ellas,

Mais que as flores de Mayo graciosa,

Estes versos, em que es de mim cantada,

Cortem neste Ceiceyro os bons Pastores,

Crescerà elle, crescereis Amores.

C. Crinaura minha mais que o lyrio branca:

Mais vermelha que rosa, & mais ligeira

Pera

Pera fugir, que o vento,  
 De quem seu pensamento  
 Tirar de ti não pôde, vem arranca  
 Esta alma triste, que inda esta he a primeira  
 Piedade, que vsarás com quem a vida  
 Sempre guardou por ser por ti perdida.  
 Isto só me lembrou do que cantâram  
 E dali pera cá sempre nos montes  
 Os Pastores Castalio nomeâram,  
 Faunos nos bosques, Nymphas em suas fontes.

## L I L I A.

## E G L O G A IIII.

**P**Or Lilia em viuo fogo Aonio ardia  
 Lilia prazer do amor, & nada tinha  
 O triste que esperar, & o Amor crescia  
 Entr' hũs bastos vlmeiros só se vinha  
 De tristes sombras; a alma ali forçada  
 Com só chorar, com suspirar detinha.  
 Hora em som triste, em voz desconcertada,  
 Lilia, que inda que viua inda que moura,  
 O nome ouue, assi delle era chamada:  
 Lilia, nimpha branca, nimpha loura,  
 O dia nos teus olhos amanhece,

Dos

Dos teus cabellos, Nimpba, o Sol se doura.  
 Com tua vista hum nouo Abril florece  
 Em toda parte: á tua voz se abranda  
 O Amor na môr ira, & se adormece.  
 Lilia fermosa em tudo, em tudo branda,  
 A mim sô dura, eu em que errey em amarte?  
 Amor te me mostrou, & amar me manda.  
 Meu descanso sô he, Nimpba, cantarte  
 Ao sol, à sombra, em campo, em bosque em rio,  
 E meu premio, ah cruel, em vão chamarte?  
 Hora co rosto descorado, & frio  
 No ardor do sol, hora no inuerno ardendo,  
 Ou todo chãma, & fogo; ou neuue, & frio.  
 O cruel Lilia! & não te irã mouendo,  
 Lã que a amor não, a piedade hum tanto  
 O fogo, que em meus olhos estã vendendo?  
 Ouueme, Lilia, por ti sô meu canto  
 Renouarey, por ti, cruel, meu fogo  
 Tenho por doce, & por prazer o pranto.  
 Por ti toda outra festa, & riso, & jogo  
 Desprezo: por ti sombras, & agoas quero,  
 A prazerte he sô, Lilia, aos ceos meu rogo.  
 Não desprezes meus versos, que inda espero  
 Com teu nome aos Pastores ensinado  
 Dos bosques, anansarse o Amor fero.

LILIA.

Tambem eu canto, tambem sou chamado  
 Dos Pastores poeta, & eu não os creço,  
 Em quanto de ti sou tam desprezado.  
 Pois tam rustico sou, Lilia, ou tam feo?  
 Pouco ha que me vi n'agoa: a cor mortal,  
 Desque te vi, & te chamo em vão, me veo.  
 Quanto melhor me fora, pois não val  
 Contigo Amor, não deixar nunca a triste  
 Filis, inda que ati em nada igual!  
 Choraste, Filis, ab quando me viste  
 Partir de ti, & d'alma saudosa  
 Suspirando cos olhos me seguiste.  
 Alua Filis tambem, não tam fermosa  
 Ô Lilia, não tam loyra; porem era  
 Inda que de amor liure, piadosa,  
 As capellas de Myrtho, Louro & Hera  
 Feitas da minha mão não desprezaua,  
 Nem os rusticos doês da primauêra.  
 Já eu hum'bora para ti juntaua  
 Diuersas heruas, flores & boninas  
 Em que o cheiro melhor se misturaua.  
 Heruas tratadas sô das mãos diuinas  
 Das Musas, & das Graças, dos Amores,  
 Das tuas mãos, & olhos, Lilia, dignas.  
 Mas não tas ousey dar: em tae stremores

Me



Me trazes! & chorando as espalhey  
 Com magoa( quando as viram) dos Pastores.  
 Quantas vezes quisera, & comecey  
 Cantar teu nome, donde tu podesses  
 Ouirme, & em começando, me caley!  
 Quantas vezes dizia em mim, quisesses  
 Lilia, e spreitar-me hū' hora, tu verias  
 Sinaes do meu amor, a que fé deesses.  
 Se virão tam ditosos algūs dias,  
 Que pisando contigo esta verdara  
 Traga o coração cheo de alegrias?  
 Olha, Nymphã ferosa, que pintura  
 De campos, & de ceos, menhās, & tardes:  
 Vem tu acrescentar sua sermosura.  
 Solta ao vento os cabellos, não os guardes  
 Em vaõ: estende os olhos pelos pra' los;  
 Vem, Nymphã, foga o dia, vem, não tardes.  
 Aqui ao tirar, & recolher dos gados  
 Soam as rusticas frantas namoradas  
 Dos rusticos Pastores namorados.  
 Aqui seguindo eu, Lilia, tuas pisadas,  
 Viuendo dos teus olhos te traria  
 As maçans brancas, & vuas orualhadas.  
 Das Nymphas hūa te offereceria  
 Os cestinhos de Lyrios escolhidos,

## LILIA.

E lèda, com tos dar, se tornaria.  
 Outra os louros cabellos esbarzidos  
 Te cingeria de Hera, ou verde Louro,  
 Com versos bem cantados, bem tangidos.  
 Este seria, ô Lilia, o meu thesoura.  
 Mas ah triste, que cuida? estou sonhando  
 No que desejo, & em vaõ desejo, & mouro.  
 Aonio, Aonio, quem te està enganando?  
 Lilia não te ouue, ao vento te desfazes,  
 Se se ella não mudar, vaite mudando.  
 Outra acharâs, se a Lilia não aprazes.

## T E V I O.

### E G L O G A V.

Aonio.

Vincio.

**P**orque, já que aqui ambos nos juntamos,  
 Meu Vincio, ao pé desta arvore sombria.  
 Dos nossos bons amores não cantamos?  
 Serana a menham veu, alegre dia,  
 Verdeja o campo, o vento a furia abranda:  
 Cantemos de Amor sô, que Amor nos guia.  
 Eu ah, da dura Lilia, tu da branda  
 Celia, ouçamno os ceos, ouçamno os montes,  
 Ouçao, se aqui voando o Amor anda.  
 Verâs ao doce nome logo as fontes

Correr

Correr mais claras, o ceo mais sereno,  
Lilia, tu de meu canto não te afrontes.

V. Para cantar de Celia o dia he pequeno,  
Minha voz baixa; baixo Apollo, & Lino.  
E em vão cantarey, pois em vão peno.

Que voz, que som, ô Celia, ao teu diuino  
Nome se igualará? tu Lilia canta,  
De Celia nomear ninguem he digno.

A. Como? a tanta ousadia es vindo? a tanta  
Cegueira, que Celia ante Lilia ponhas?  
Lilia, q̃ Amor co a vista incende, & espanta?

Antes que a môr perigo te desponhas  
Toca tua frauta, Vincio, alça teu canto.  
Tudo t'apostarey, por mais que ponhas.

V. Inda que não cuidey nunca ousar tanto,  
Forçame Amor, & forçame a verdade.  
Canto o meu não será mas será pranto.

Roubarte o teu, Aonio, he crueldade.

Baste a vergonha, baste o gosto, & gloria  
De mostrar hum do outro a falsidade.

A. Eis vem o nosso Ténio, que a victoria  
Iulgará justamente: Teuio às Musas  
Novo Apollo, noua honra à sua memoria.

Iã te vejo mudado: já as escusas

Não te aproueitaraõ. Teuio a contenda

Ouve, & julga entre nôs, como bem vsas.

V. Ouue-me, Teuio, & dame deste a emmenda  
De sua vam ousadia, que eu espéro  
Que a voz lhe fuja, & Pallas o reprenda.

T. Começay, mas ou Tityro, ou Sincero  
Por juiz vos quisera. Aqui deitado  
Ao som desta agoa clara ouuiruos quero.  
Calado o campo está, & o manso gado  
Quietamente pasce; Apollo queira  
Vir vosso canto ouuir delle inspirado.

A. Lilia, porque tua vista, que a primeira  
Vez me leuou tras si, me estás negando?  
Vem, Lilia, verte ey eu, & irey cantando  
Teu nome a som da frauta, & da ribeira.

V. Celia, porque minb'alma pura, inteira,  
Que de mim foge, & ati se vay, voando,  
Não recebes? cruel, teu nome brando  
Nesta voz soará, & na derradeira.

A. Quem não vio Lilia, não vio fermosura.  
E quem não vio Aonio, não vio fogo.  
Mostroulha Amor, & fez se surdo ao rogo,  
E Lilia branda aos olhos, à alma dura.

V. Quem a Celia não vio, não vio figura  
Da menham clara, ah vicia Vincio, & logo  
Por

Por Celia sospirou; por riso, & jôgo  
 Julgou do prado a flor, do ceo a pintura.

A. Sobre esta clara fonte, que vestida  
 De verde musgo está, dest' alta Faya,  
 Em quanto Lilia canto, sombra caya,  
 Com que esté do sol sempre defendida,

V. A goa desta ribeira, onde hora ouvida  
 A branca Celia he, nunca se saya  
 De sua area, & seixos; mas leuaya  
 Nymphas, ao doce som desempedida.

A. Andava hũa menham colhendo rosas  
 Lilia, & estaua Amor nũa escondido,  
 Tocandoa Lilia, foi Amor ferido  
 Das aluas mãos, & faces vergonhosas.

V. Quando a fermosa Celia entre as fermosas  
 Nymphas parece, Amor fraco, & rendido  
 Deixa arco, deyx a frechas, & corrido  
 Se vay batendo as asas furiosas.

A. Tres forão sempre as Graças nomeadas,  
 Em quanto a minha Lilia não nasceo;  
 Tanto que Lilia ao mundo appareceo,  
 Por quatro são as Graças já contadas.

V. Nove do claro Sol foram chamadas.

TEVIO.

Sempre as irmãs, que o mundo conheceo;  
Tanto que Celia nos resplandeceo,

Por dez são ja as irmãs do Sol cantadas.

A. Vem Lilia branca, & louira; aqui te chama  
O rosado veraõ, aqui te cria  
Flores o verde prado, & em companhia  
D'Aonio as pisarás, que tanto t'ama.

V. Por Celia sou todo agoa, todo chamma:  
O monte o sabe, o rio, a noite, o dia.  
Celia a meu pranto he dura, ao fogo fria,  
Em mim o apaga, Amor, ou Celia inflama.

T. Cesse já dos Pastores de Arno a fama.  
Doce me he vosso canto, & doce seja  
Meus Pastores, a quem mal vos desama.  
Ambos iguaes no canto, inda ambos veja  
Muitos annos cantar, & vejaes cedo  
A alma chea cada hum do que deseja,  
Sem pender d'esperança, nem de medo.

MAGICA.

EGLOGA VI.

Licidas.

Menalo.

DE Licidas, & Menalo Pastores  
O nouo canto, que de Amor ouuido,

Indo



Indo pelo ar voando cos Amores  
 Ao brando som se diz que foy detido;  
 E escondido com elles entre as flores  
 Cada hum a magoa, & lagrymas mouido,  
 Ao mundo perdoaram entre tanto,  
 De Licidas, & Menalo o som canto.

Tu Marilia, tu sò ingenho, & arte,  
 Tu sprito me dás, que inda algũ hora  
 Leuantage por ti, por toda a parte  
 Ao mundo mostrarã que o que em ti hora  
 Tãmanho espanto faz, â menor parte  
 D'outras tuas não chega; ouueme agora.  
 Esse teu alto sprito hum pouco engana  
 Co som da pastoril, & baixa caama.

Já a grossa, & escura sombra da cuberta  
 Terra, co cego rayo começaua  
 A alua Lua entre as nuuês encuberta  
 Apartar pouco, & pouco; & eis se mostraua  
 Hora meã, hora toda descuberta,  
 Hũa nuuem rompia, outra acerraua:  
 Quando cheo de dor, que a alma sentia  
 Ao pé de hũa Faya Licidas dizia.

MAGICA.

L. Sae clara, branca Lua, os ceos serena,  
 O ar abrandá, em quanto aqui vamente  
 A ti, & aos ceos me queixo, & a minha pena  
 Moua ás estréllas magoa, dor á gente.  
 E tu meu cruel genio, esta pequena  
 Tardança da triste alma me consente.  
 Day montes sempre fé do que me ouuistes.  
 Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Aqui os valles ouuem, aqui os montes,  
 Aqui os Pinheiros, & altas Fayas falam,  
 As magoas dos Pastores choram ás fontes,  
 Ao som das frautas aues feras calam.  
 Os rios se detem nas suas pontes,  
 As aruores co vento não se abalam.  
 E vós Nymphas ouui, se amor sentistes.  
 Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Ao rustico Serpillo se dá Flora,  
 Flora de tantas mãys tam desejada:  
 Ao rustico Serpillo, quem não chora  
 Licidas, a quem fora também dada?  
 Onde justiça, onde igualdade mora?  
 Quem esta roda traz assi forçada?  
 Como, lumes do ceo, tal consentistes?

Ajuda

*Ajuda, frauta triste, os versos tristes.*

*Que senão poderá já ver no mundo?*

*Que não esperaremos os que amamos?*

*Reuoluanse as areas lâ no fundo,*

*O rio se semee, onde pescamos.*

*As estrellas ao centro mais profundo*

*Deçam, co sol o dia não vejamos.*

*A tudo causa, ò ceos, já nos abristes.*

*Ajuda, frauta triste, os versos tristes.*

*Ô bem igual amor, & bem deuído,*

*Frios te eram meus versos, rouca a lira.*

*Todo som, todo canto aborrecido,*

*Com desprezo me olbauas, & com ira.*

*Lá achaste hum entre todos escolhido*

*Serpillo: ah cega moça! (em vão suspira)*

*Vingay, estrellas, o roubo, que encobristes,*

*Ajuda, frauta triste, os versos tristes.*

*Flora enganada, quem taõ mal te cega?*

*Serpillo rustico he, não tange, ou canta.*

*Que engano, ah moça, ao odio teu te entrega?*

*E o teu amor te tira, & assi te encanta?*

*Ama Serpillo: o teu Licidas nega.*

*Quam*

## MAGICA.

Quanta vingança dás de ti! ó quanta  
Ira moues ao ceo, a que em vão resistes!  
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Muitas vezes te vi em moça, & hum dia,  
(lá eu aos tenros ramos bem chegaua)  
As sanguinhas Amoras te colhia,  
As maçãs no regaço te lancaua.  
Inda eu então d'Amor liure viuia,  
Mas sentiame arder, quando t'olhaua.  
Pagay, olhos, agora ó que então vistes.  
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Ah já sey qu'he Amor, não de brandura  
Filho, mas d'odio só, & d'aspereza,  
Gerado de diamante, & rocha dura,  
Imigo a nosso sangue, & natureza.  
Onde virdes, Pastores, fermosura,  
Fugi, que ali está Amor, ali dureza.  
Ditosos, que de suas mãos saystes  
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Pastores (se algum está a meu canto attento)  
Que por amor em vão a alma partistes.  
Pastores, que perdeis vozes ao vento

E a cruel Flora em vão, como eu segnistes,  
 Não faças de vans sombras fundamento.  
 Deixa já frauta triste os versos tristes.  
 Isto Licidas disse. o que cantava  
 Menalo, Apollo o diga, que o escutava.

M. Trazê agoa, que cauei na branca area,  
 Licia, com minha mão, em o Sol nascendo;  
 Acende, & apaga nella esta candeia  
 De tres lumes, tres vezes, & acendendo;  
 A mea della gasta: na outra mea  
 O meu encantamento irey fazendo.  
 Tu, sancto Amor, minhas palauras guia.  
 Trazeme, versos meus, o meu bom dia.

Arde o sagrado incenso; sô falecem  
 Versos; versos a mortos tornam vida.  
 Com versos secos campos reuerdecem,  
 Com versos a Lua he nos ceos detida.  
 Aos versos as serpentes obedecem,  
 Delles foi já Proserpina vencida.  
 Cantando Orpheo Euridice trazia;  
 Trazeme, versos meus, o meu bom dia.

Este sagrado Myrtho ati, fermosa

Venus

## MAGICA.

Venus, ati tambem o teu sagrado  
 Loureiro, louro Apollo; a branca Rosa,  
 O Lyrio de ninguem já mais tocado  
 Ao casto Amor consagro: piadosa  
 Me se Mãy, me se filho: & tu cantado  
 Phebo sempre em tristeza, & alegria.  
 Trazeyme, versos meus, o meu bom dia.

Ata, Licia, ata o laço de tres cores  
 Com tres nôs, & em atando, dize: eu ato  
 De Marilia, & Alcippo os bons amores;  
 Diga Amor, diga Venus, & eu os ato.  
 Estas duas capellas de aluas flores,  
 Que aqui à Apollo pus, eu as desato.  
 Esta a mim, esta a Alcippo meu tecia.  
 Trazeyme, versos meus, o meu bom dia.

Em quanto Alcippo tarda he o dia escuro,  
 Encobremmo mil nuuês: eis derramo  
 Da Phenix casta a cinza, em que o seu puro  
 Corpo se queima, & nasce; & Alcippo chamo.  
 Vem Alcippo, vem já; porque tam daro  
 Es a Marilia? ah meu Alcippo eu te amo.  
 Contigo o ceo se me esclareceria.  
 Trazeyme, versos meus, o meu bom dia.

Qual



Qual por montes, & bosques a cansada  
 Nouilha o branco Touro em vão buscando  
 Junto d'agoa em verde berua sô deitada  
 Da noite, que já vem, não se lembrando,  
 Ali de saudade traspassada  
 Toda em seu brando amor se está gastando.  
 Tal por mim, meu Alcippo ver queria.  
 Trazeyme, versos meus, o meu bom dia.

Este limo trazido lâ do Nilo  
 Me deu Merys, & esta berua que lâ nasce  
 Tinta no sangue do espantoso Horilo,  
 Que mil vezes he morto, & mil renasce.  
 Esta espinha de hum manso Crocodilo,  
 Que n'agoa viue, & na ribeira pasce.  
 Com isto em mil formas Merys se fazia.  
 Trazeyme, versos meus, o meu bom dia.

Aqui d'Alcippo tenho inda guardados  
 Os seus doces despojos, inda leo  
 Mil versos em meu nome aqui cortados  
 Nesta Faya, esta Faya Alcippo creo.  
 Dos prazeres por ti profetizados,  
 Alcippo, inda o primeiro me não veo.  
 Mostra a verdade, Alcippo, a quem te cria.

Tra

## MAGICA.

*Trazeime, versos meus, o meu bom dia.*

*Eis as folhas boliram do Loureiro.*

*Eis o Myrtho com flores se levanta.*

*Ouço asas, ouço aljaba do frecheiro.*

*A mão direita Philomela canta.*

*Alcippo vem, Alcippo verdadeiro*

*No casto amor, e na firmeza sanda.*

*He Alcippo, ou m'engana a fantasia.*

*Cessai, versos; ja chega o meu bom dia.*

## DAPHNIS.

### EGLOGA VII.

Eurillo.

Licidas.

**A** Qui, Licidas, canta; olha quam branda  
 Por entre as verdes cannas vem bolindo  
 Afresca viração, qu'este ar nos manda.

Olha quam enlaçada vay sobindo

Pelos altos Ulmeiros a verde Hera,

De que tam doce sombra está cayndo.

Se hora cantasses, Licida, eu te dera

Bom premio: ah pastor canta: eu quero darte

Hum premio, que inueja a Tityro fizera.

- L. E a qual bom cantor, ou em que parte  
 Viste, Eurillo, vender nunca seu canto,  
 Que Apollo gracioso nos reparte?
- E. E qual preço será tam rico, & tanto  
 Licida, que igualar possa a brandura  
 Do teu som, que desfaz o Amor em pranto?
- L. Sò da branca Marilia a fermosura  
 Negra nos olhos, negra nas pestanas  
 Meu canto paga, minha voz apura.  
 Rustico Meuio, ah porque mal profanas  
 O som devido às Musas? & os Amores?  
 Porque infamas, mão Bauio, as doces canas?
- E. Meuio, & Bauio são rusticos pastores;  
 Tu meu Licidas sò, tu sò nos cantas.  
 Meuio, & Bauio são Rãs, não são cantores.  
 A quem tu não deleitas? não espantas?  
 Pareça Memo bem, Bauio deleite.  
 Tu a mim canta & tange às Musas sãctas.  
 Hum vaso tenho ali de puro leite  
 D'aquella branca Cabra hoje mungido,  
 Dartoe, & hũ tarro d'Hera, em q̃ to deite.  
 Hum novo tarro, Licidas, trazido  
 D'estranhas terras, d'hũ grã mestre obrado,  
 Por onde licor nunca foy bebido.  
 Nunca o cheguey os beijos, mas comprado

M

Por

## DAPHNIS.

Por hum tenro cabrito, assi té gora  
 Inteiro o tiue sempre, & bem guardado.  
 Cada vez que as figuras vejo, chora  
 A minb' alma de magoa. Estâ a ribeira  
 Do rico Tejo, onde Neptuno môra.  
 Ali tristes pastores, & primeira  
 Chorosa Venus, Satyros, Syluanos  
 De toda flor, que em Papho, & Gnido cheira,  
 Hum PASTOR cobrem, a que os leues annos  
 Fugindo vaõ. Amor ali esmorece,  
 Entaõ só piadoso de seus danos.  
 Co brando Adonis todo se parece  
 O moço branco, & loxro; ah crueldade!  
 Os olhos cerra, como que adormece.  
 Cruelmente cortado em mocidade,  
 Como do duro arado a branca rosa,  
 Que o duro laurador moue piedade.  
 Em outra parte está como queixosa  
 Contr' os ceos hũa NIMPHA mansamente  
 Chorando, & assi chorando mais fermosa.  
 Lucina mais que nunca diligente  
 Hum minino á luz clara entaõ mostrando  
 Da triste Nimpba parto seu refente,  
 O dê às douradas Horas que criando  
 O vaõ mimosamente; & eis que as tres Fadas

Já na mão tenra hum cétro lhe estão dando,  
 Logo apos as Nymphas, que espantadas  
 Saem do fundo pègo, d'hum alto monte  
 As estrellas por Protheo são mostradas.  
 E como que cum dedo aos ceos aponte,  
 Com outro no minino, por escrito  
 Teus dias (diz) ledos o mundo conte.  
 A mão do mestre igual ao grande sprito  
 Licida, esta viua obra aqui cortou.  
 Lâ na Arcadia se fez vendeoma Eucrito.  
 Mas se a tua voz, que sempre me soou  
 Branda, em quanto aqui o sol o pasto tolhe;  
 Soltar quiseres, Licida, eu to dou.  
 Licida canta; assi amorosa te olhe  
 Aquella, a quem tu cantas, & te teça  
 Fresca capella, quando as flores colhe.  
 Sempre às tuas ouelhas reuerdeça  
 O prado; & o triste inuerno, que tememos,  
 Aos olbos da tua Nympha nos florece.  
 O nosso DAPHNIS que já aqui não vemos,  
 O brando Daphnis, com teus versos chama.  
 L. Versos a DAPHNIS, doces versos demos,  
 Voz de Licidas he, que Marilia ama.

## DAPHNIS.

*Que fontes, ou que bosques lá forcadas  
Vos tinham, de Apollo irmãs fermosas,  
Quando a DAPHNIS as cores demudadas  
Vos não tornauam delle piadosas?  
Como alvas flores do Sol são cortadas,  
Como murchas do frio as brancas rosas  
Se cortou Daphnis: nós que esperaremos?  
Versos a Daphnis, doces versos demos.*

*Tinhaus por ventura o vosso monte?  
Ou as alturas là do fresco Pindo?  
Porque eu não creio que em sua branda fonte  
Vos estineisse o Mondego encobrimdo.  
Não creio que por mais que se nos conte  
Da fresca Tempe, assi fosseis fugindo  
O amor de Daphnis, por quem cá vos temos.  
Versos a Daphnis, doces versos demos.*

*Daphnis chorâram na montanha as feras.  
Chorâram os Lobos, os Lioês chorâram.  
Despiramse os plneiros de suas Heras,  
Os rios ds suas fontes se tornâram.  
As Nymphas contra si crueis, e feras  
Pelas prayas em vão Daphnis chamâram.  
Daphnis, ah Daphnis, onde te acharêmos?  
Versos a Daphnis, doces versos demos.*

Cho



Chorou o barbaro Scythia, o duro Gèta

Em quantos campos rega o Gange, & o Nilo.

Chorou o Arabe, o Indio, o destro em sèta  
Partho, o grande Alifante, o Crocodilo.

Bem prometteo tua morte o cruel cometa,

Que vimos, ninguem soube entã sentilo.

Ah rusticos, que os ceos nunca entendemos!

Versos a Daphnis, doces versos demos.

Veio Ouylio Pastor, que na ribeira

Do Tybre suas manadas apascenta,

Quem leuará, diz, já por cham carreira

O gado? quem da chea, & da tormenta

O recolherã saõ? quem verdadeira

Semente à terra lança, & a crescenta?

Quanto em ti, bom Pastor, todos perdemos!

Versos a Daphnis, doces versos demos.

Vinham outros Pastores là das serras

Da neve frias, outros das campinas:

Ditoso Daphnis, nos em sangue, & guerras

Ficamos (dizem) tu melhor atinas.

Outros pastos terás lá, outras terras,

Fontes, que sempre là manam continas.

Tu vás viuer, nós cá nos mataremos.

Versos a Daphnis, doces versos demos.

DAPHNIS.

Não tanto o Delphim lá no mar chorava.  
 Não tanto Philomela lamentou.  
 Não tanto Ariadne aos ventos se queixava.  
 Nem tanto Cisne em morte pranteou.  
 Nem tantas vezes Eco a voz tornava  
 Do fermoso Pastor, que em vão chamou.  
 Quanto Daphnis chorâram, & nos choremos,  
 Versos a Daphnis, doces versos demos.

Daphnis, tu aos Pastores ensinavas  
 Como ao curral viria o brauo gado.  
 Tu as surdas serpentes encantavas.  
 E os duros Touros punhas ao arado.  
 Aqui d'hũa sebe, aqui d'outra cercavas  
 Teu rebanho dos Lobos bem guardado.  
 Se saõ nos fica o gado, ati o deñemos.  
 Versos a Daphnis, doces versos demos.

Daphnis, tu sacrificios ordenaste  
 Aos Pastores, tam sanctos: tu lle ergueste  
 Pera os ceos noua sprito; & leuantaste  
 Altar à sancta paz, em que vistes.  
 Com quanto amor bom Daphnis ja pisaste  
 Estes campos, & esta agoa aqui bebeste!  
 Brando Daphnis, sem ti como a bebemos?  
 Versos a Daphnis, doces versos demos.

Ah Daphnis, chama, Daphnis, ah suspira  
 O teu mimoso gado, Pastor brando.  
 Quem inda esse teu rosto hum tempo vira,  
 Que sempre lédo nos estava olhando!  
 No manso peito teu nunca entrou ira.  
 Amaste em vida, ah & morreste amando.  
 Quando outro amor, ó bom Pastor, teremos?  
 Versos a Daphnis, doces versos demos.

Ah, que a Malua, & a Ortiga reuerdece,  
 D'hum dia n'outro torna outra herua noua,  
 Sé case o campo, com Abril florece.  
 Mayo cad'anno a pintura renoua.  
 Desaparece o dia, eis aparece.  
 Acaba o anno o Sol, o Sol o ennoua.  
 Nos pera sempre desaparecemos.  
 Versos a Daphnis, doces versos demos.

Ficay minhas ouelhas, meus cordéiros  
 (Diz Daphnis) claras fontes, bõs pascigos:  
 Tenhais de meu herdeiro mil herdeiros.  
 Viuei em paz, pastores, meus amigos.  
 Mil Dezembros conteis, & mil Laneiros  
 Num amor juntos contra os maos inimigos.  
 Daphnis (dizei) que nos amou, amemos.  
 Versos, & flores a seus ossos demos.

E. Mel puro da tua doce boca mana  
 Meu Lícidas, teus versos fauos são.  
 Phebo tempêra a tua suaue cana.  
 Nunca a voz te enfraqueça, nunca a mão  
 Te canse, nunca este ar deixe de ouirte  
 Ao sol, â sombra, em inuerno, & veraõ.  
 Fresco leite no tarro vou mungirte.

## F L O R I S.

## E G L O G A VIII

L A onde o claro Tejo a praya lava  
 Rica das brancas conchas d'Oriente  
 Lá seus cabellos n'agoa o sol molhaua:  
 Quando seguindo Amor, fugindo a gente,  
 D'hum alto, que o mar longe descobria  
 Té onde o Tejo perde sua corrente,  
 Lidia cos olhos, triste, em vaõ seguia,  
 Quanto a vista alcançaua, a Não ligeira,  
 Que co seu Floris desaparecia.  
 Como se fosse aquella a derradeira  
 Vista de Floris, Lidia a si chorosa  
 O chamaua em voz alta na ribeira.  
 Floris cruel, & dâs te a furiosa

Força

Força do mar, & vento, & a mim, que te amo,  
 Deixas offi morrer de ti saudosa?  
 Se la te soa a voz, com que te chamo,  
 Torna Floris, ah torna; & não te abrandas  
 Ah duro, a quantas lagrymas derramo?  
 Nymphas do doce Tejo, Nymphas brandas,  
 E tu das doces agoas brando Tejo,  
 Que o grande mar já co Tridente mandas.  
 Ali vay meu amor, & meu desejo.  
 Se amor sentis, fazey que tornar veja  
 Aquella cruel Náo, que fugir vejo.  
 Ou pondemo já viuo onde deseja  
 Floris, se tanto folga assi fugirme;  
 Bom vento, imiga não minha te reja.  
 Por que assi, Floris meu, folgas partirme  
 Esta minh' alma? antes ma leuas lâ:  
 Assi podesse eu toda apos ti irme.  
 Se o meu amor em premio meu me dá  
 Odio, & por me fugires, poës em sorte  
 A vida aos ventos, Floris, torna câ.  
 Torna, & viue tu, Floris: quem tam forte  
 Em te amar he, será em deixar a vida;  
 Cessarâ o meu amor, & a tua morte.  
 Ah duro! he na montanha alta seguida  
 Do Lião a que o foge, he do Carneiro

## FLORIS.

No campo a ovelha, & eu sou deti fugida?  
 Não o creio, meu Floris, não: primeiro  
 O Amor deixará os doces Amores,  
 Seu Myrtho Venus, Phebo o seu Loureiro,  
 O verde Abril secará as tenras flores,  
 Reuerdecerá o campo em seco Agosto,  
 Que tal cream de Floris os Pastores.  
 Lá t'eu vi algum' hora o branco rosto  
 Por Lidia em doces lagrimas banhado,  
 Outr' hora em doce riso, & brando gosto,  
 S'a algum vento inconstante tens já dado,  
 Como te deste ati, minhas lembranças,  
 Tu sò deues de ser nisto culpado.  
 Branca Lua, senhora das mudanças,  
 Dos tempos, & dos mares, s'algum' hora  
 Em desejos viueste, em esperanças;  
 Inda o Latimio penedo, inda lá chora  
 Tuas doces magoas, inda se deleita  
 Do teu amor, onde teu Endimion mora:  
 Leua cos brancos rayos teus direita  
 Aquella não, & tem firme a vontade  
 De Floris, a quem eu seja sempre aceita.  
 Aues, que seranaes a tempestade,  
 Aues, que saudosas já chorastes  
 Das ondas, & do vento a crueldade,

S'al.



S'algũ' hora jã as ondas de sejaſtes  
 Brandas a voſſo amor, entregue aos ventos,  
 Doa vos meu amor, Aues, que amaſtes.

Sête dias podeis os mouimentos  
 Dos ventos abrandar: mas sête ſettes  
 Os detende hora lá nos ſeus aſſentos.

Se me iſto, ò branca Alcione, promettes,  
 Inda là te pareça em ſua figura  
 Teu Ceyce, por quem n'agoa inda te mettes.

Eu em tanto das flores, & verdura  
 Tecerey mil capellas ao teu brando  
 Filho, ò Deoſa d'amor, & de brandura.

E aſſi colbendo as flores vigiando  
 Eſtarã o mar minh'alma, & á doce lira  
 Alcippo os doces verſos ſeus cantando.

Cantarã como em vaõ chora, & ſuspira  
 A viſta da cruel Nãõ, que inda a parece  
 Aquella, que Theſeo por ſeu mal vira.

Como ſe queixa ao mar, como eſmorece  
 A moça ali deixada em tanto medo.  
 Entre tanto o cruel deſaparece

Eſtaua a triſte Ariadne no penedo  
 D'hũa parte mar brauo, d'outra feras;  
 Ditoſa morte, ſe vieras cedo!

Cruel Theſeo, cruel, diz, que fizêras

A bum

FLORIS.

A hum teu cruel inimigo, se a quem t'ama  
 Assim deixas ao mar, & as bestas feras?  
 Depois me cantarâ da que inda chama  
 D'alta fogueira já com a espada nua  
 O cruel, que do mar enxerga a chãma.  
 A causa, diz, da morte, & a espada he tua.  
 Falso Troyano, sô a mão he minha.  
 Vingue em si, quem mal ama, a culpa sua.  
 Tambem do nadador, que hia, & que vinha  
 Ondas ao rosto, o peito as ondas duro  
 A luz, que o là chamava, & o câ detinha.  
 Em fim mar cruel es, pouco seguro  
 Aos bons amores, lanças morto â praya  
 O triste moço, Hero do alto muro.  
 Agora brando mar a furia caya,  
 Em quanto Floris vem; clara, & serena  
 Sobre estas ondas tua fronte saya.  
 Vos, Amores, voay, & hũa doce pena  
 D'essas pregay a floris, com que ardendo  
 Sinta do fogo meu parte pequena.  
 Outros as brauas ondas vão rompendo.  
 Outros postos estem ao ferro, & fogo.  
 Meu Floris a sua Lidia estê câ vendo,  
 Saudoso d'Amor, brando a meu rogo.

## MIRANDA.

## EGLOGA IX.

Alcippo.

Androgeo.

**Q**uanto tempo, ô Androgeo, não cantamos?  
*An.* Fugimos o prazer, & torna tarde.

Saudosos por elle suspiramos.

Ves o mundo, que vay? ves que fogo arde

Por tanto campo lâ, por tanta serra,

Que a nossa câ ameaça? *Al.* Deos a guarde.

*An.* Mal nascidos Pastores, triste terra

Tanto tempo queimada, crueis mãos,

Contra vossas entranhas moueis guerra?

Tomay, Pastores, conselhos mais saõs.

Olhay o Lobo, que là estâ em espreita,

E o melhor leua sempre dentr'as mãos.

Iunto num corpo o gado por direita

Estrada, em sangue tinto hum sò seguindo,

Que jornada fareis aos ceos accita!

Irseuoshia (eu o vejo) o mar abrindo,

Abaixandose serras; que beruas & agoas

Irieis, & que campos descobrindo!

*Al.* Não lembremos, Androgeo, tantas magoas.

Corre o mundo já assi tras seu mal cego.

Ar

# MIRANDA.

- Ardem no peito d'ira viuas fragoas.  
Môres rios lá vejo, não to nego,  
Mais espaçosos campos; mas ditoso  
Quem seu gado apascenta em bom sossego.  
Em quanto o nosso gado aqui mimoso  
Bebe do doce Tejo a agoa corrente,  
Não lhe queiramos bem mais deleitoso.  
Viuamos, & cantemos lédamente,  
E aquella diuidade celebremos,  
Que à fonte agoa nos dá, fruito á semente.*
- An.* E a que ouvidos me mandas que cantemos?
- Al.* De Marilia, de Delia, & dos Amores.  
Nem o pouo nos ame, nem o amemos.
- An.* Surdos ouvidos, barbaros Pastores,  
Quam mal bebeis do Tejo as agoas claras!  
Quam mal pisaes as bem nascidas flores!
- Al.* Quantos tu, claro Phebo, desemparas,  
Venham buscar o teu diuino lume  
Nos brandos olhos de duas Nymphas raras.
- An.* Quem de Pindo subir ao alto cume  
(Não posso erguer a voz, & a noite ao dia  
Cantando ajuntey já, tudo he costume).
- Al.* Arde em chãmas o peito, a lingua he fria.  
As lagrymas sam fogo, o rosto neuue.  
Quem juntamente assi me queyma, & esfria?
- An.*

*An.* Algum vento amoroso, brando, & leue  
Ajude minha voz, & ma leuante.

E parte della â branda Delia leue.

*Alcippo*, eu não posso ir mais por diante.

Fogeme a voz, carregaseme o sprito.

E não sey quem me manda que não cante.

*Al.* Eu vejo aquelle alto vlmo, *Androgeo*, escrito.

De fresco ferro está (vem ver) talhado.

Eis que todo tremeo, & soou hum grito.

*An.* Algum segredo, *Alcippo*, aqui guardado

Está de *Fauno*, ou *Nimpha*; lê. *Al.* Diuino

Verso he, & não de humana mão cortado.

*An.* *Nimphas* agradas, *Nimphas*, não sou digno

De ver vossos segredos: tu me ajuda,

Tu me sê, brando *Apollo*, hora benigno.

Aquella Lira, a cujo som se veo (ma,

Do Tybre, & d'Arno *Apollo*, a *Neiua*, e *Li-*

Porquem verde era o campo, o rio cheo

Corria à voz da noua *Tosca Rima*,

Despois que o bõ *Miranda*, em cujo seo

O sancto fogo ardeo, se foy acima,

Pendurou aqui *Phebo*; aqui guardada

Manda ser dos *Pastores* sempre hórada.

*Al.* Feristeme a alma de hũa ponta aguda

*Androgeo*, he morto o nosso bom *Miranda*.

*An.*

# MIRANDA

An. Isto fazia a minha lingua muda.

Al. Ô bom Poeta, & já a tua doce, & branda  
Voz se calou; já por aqui não soa,  
Nem os ventos serena, o mar a branda?

An. Ah, já aquella innocencia sancta, & boa  
Do bom velho, aquella alta, & sam doutrina  
Nos deixou: quam depressa o melhor voa!

Al. Ah sancto velho de mil annos digna  
Era tua vida, & inda mil annos cedo.  
Quem honra o campo? quem virtude ensina?

Tã não do pè da Faya, ou do penedo  
Muscoso te ouuirá o campo, & o vale  
Cantar da terra, & ceos o alto segredo.

O Rio seque, & o campo; Apollo cále.  
Chorem as tristes irmãs, nem ja aqui soe  
Frauta, pois nenhũa ha, que a tua iguale.

Nem Pastor cante, nem Touros coroe.  
Nem tenha Hera, ou Loureiro ja verdura.  
Nem Nimpha d'agoa sayá, ou aue voe.

Perdeste Apollo já tua fermosura  
Do teu poeta sempre tam cantada,  
Perdeste, Amor, teu fogo, & tua brandura.

Ô doce, & graue Lira temperada  
D'aquella mão, que assi te fez famosa,  
Não consintas ser de outra mão tocada.



A nossa idade, que tu tam ditosa  
 Fizeste, te honre sempre, & louue, & ame,  
 Pois por ti serâ sempre gloriosa  
 E quem ha ja, que co som brando chame  
 As bellas Nymphas a lugar sombrio?  
 E pelo verde chaõ flores derrame?

Quem vestirá dos vlmos já o rio?  
 Quem cobrirá de sombra as claras fontes?  
 E os tenros Myrthos guardará do frio?  
 Aquelle som, que enchia d'herua os montes,  
 Que o gado derramado a si juntaua,  
 E que os rios detinha nas suas pontes:

Aquelle som, que tam doce soaua  
 Por toda a parte, ah já morreo contigo.  
 Que fará quem ouuirte desejava?  
 Ah meu bom mestre, ah Pastor meu amigo,  
 Como minh'alma, & olhos se estendiam  
 Por verte, & o duro tempo foyme inimigo!

Mas inda que os meus olhos te não viam,  
 Ca te tinha minh'alma, & os teus bons cantos,  
 Là me leuauam, & de ti todo enchiam.

Day ao vosso Poeta tristes prantos  
 Tejo, Mondego, Douro, Lima, Odiana;  
 Ô Nílo, ô Gange, daylhe lá outros tantos.

An. Não pode a obrigação, Alcippo, humana

N

Fugir

## MIRANDA.

Fugir o bom Miranda, aos ceos he ido.

Nunca do campo aos ceos o passo engana.

Mas quando poderàs ser esquecido?

Estarte ham Tygres, & Liões chamando.

Serâ de Tygres teu bom canto ouuido.

'Al. Vejo vir noffo Sázio lâ chorando.

Sázio, que docemente assi pendias

D'aquella boca, & sem suaue, & brando!

Vive tu lâ, Miranda, immortaes dias

Da coroa de Louro ido â da gloria:

E em quanto com tua luz de lâ nos guias,

Recebe isto, que canto em tua memoria.

Aqui Neyua, aqui Lima triste chora,

Quebra seu arco Amor, Apollo a lira,

Séca a fonte Hyppocrene, os Louros Flori

O bom canto emmudece, Eccho suspira.

Mas no ceo lèda a innocente alma mora

Do bom Miranda, que de lâ inspira

Sancto fogo de amor, & sancta paz,

Lâ estâs Miranda, aqui sò terra jaz.

## SEGADORES.

E G L O G A X.

Ao senhor D. Duarte.

No

**N**O campo do Mondego ao meo dia  
 Douos segadores Falcino, & Syluano,  
 Em quanto os outros jazem â sombra fria  
 No mais ardente sol de todo ano:  
 Elles sos segam & cantam a porfia  
 D' Amor, hum seus bens canta, outro seu dano,  
 Arde o mundo, a Cygarra sò responde.  
 Amor hora a parece, hora se esconde.

Inda daquella Nympha saudofo,  
 Que no claro Mondego se banhaua,  
 E tanto tempo trouxe em vão queixoso  
 O Pastor, que Serrano se chamaua.  
 Que conuertido em Cisne no amoroso  
 Seu fogo ardendo, o seu fim cantaua,  
 Inda a busca o Amor menham, & tarde,  
 Ella o despreza, & em outro fogo arde.

Namorouse o Amor dos seus amores  
 D'aquelle Pastor triste, & fez lhe guerra.  
 Quem vio tam desiguaes competidores?  
 Amor contr' hum pastor, fogo co a terra?  
 Em fim chorâram Nymphas, & Pastores  
 Serrano morto naquell' alta serra.  
 Ella o Amor fugio, que em vão a chama.  
 S'em vão Serrano amou, & elle em vão ama.

## SEGADORES.

Dali o cruel ficou, segundo soa

Afrontado de si mesmo, & corrido.

Menos dizem que fere, & menos voa,

E assi do mundo he já menos temido.

Fêz de seu fogo em si hũa proua boa,

Sospirou de sua frecha em vão ferido.

Da sua diuina força perdeu parte,

Com que vencia a Iupiter, & Marte.

Forçado da deshonra, & da vergonha

Ao bosque, ao campo, ao rio vay fugindo.

Ali vamente em seus amores sonha.

Ali em seu fogo s'está consumindo.

Contra a rustica gente sua peconha

Mostra, & seu fraco arco está brandindo.

Outros dizem que agora he mais cruel,

Mais armado de fogo, mais de fel.

E por fazer hũa aspera vingança

Em castigo daquella offensa sua,

Faz quem mais ama, amar sem esperança,

E a mais fermosa Nimpba faz mais crua.

Cresce o amor, no mal não ha mudança:

Castiga em ti, cruel, a culpa tua.

On se ser desprezado te dõe tanto,

Poem do teu fogo nellas outro tanto.

Alto

Alto senhor, se a teus altos ouvidos  
 Chega o som baixo da çamponha minha,  
 Serâm meus versos tam engrandecidos,  
 Quanto pera os ouuires lbes conuinha.  
 Outros mayores, que te são deuídos,  
 Lã os tentey em vaõ: que naõ sostinha  
 O peso do teu nome alto, & Real  
 Tam fraco ingenho, & voz tam desigual.

La, senhor, teu Andrade se aparelha  
 Ao alto canto desta empresa dino;  
 Lã com todas as musas se aconselha  
 Em que modo, em que som mais peregrino  
 Cante teu nome: & como colhe a Abelha  
 Da melhor flor o seu liquor diuino,  
 Assi escolhe o melhor de Apollo, & Marte,  
 Para mostrar ao mundo o grã DVARTE.

Tu por honra das Nymphas tam fermosas  
 Lilia, & Celia, que aqui são cantadas,  
 De Falcino ouue as queixas amorosas,  
 De Syluano ouue as rimas namoradas.  
 E de Lilia, & de Celia desejosas  
 De cantar sempre, & sempre aparelhadas  
 Estaõ as Musas, & ellas inspirauam  
 A Falcino, & Syluano o que cantauam.

## SEGADORES.

S. *Quem te não ama, Amor, não te conhece.  
Quem se queixa de ti, de todo he cego.  
Com amor se semea, & madurece  
O branco trigo, que eu cant indo sego.  
Com amor a agoa do Mondrigo cresce,  
Com amor cantam Nymphas no alto pego.  
Com amor cantarey os meus amores,  
E vencerey cantando os segadores.*

F. *Quem a Amor chama amor, o nome lhe erra.  
E he mais cego, quem lhe cego chama.  
Frechas, & fogo que são senão guerra?  
D'onde, senão dos olhos lança a chama?  
Não embebe tanta agoa a grossa terra,  
Nem tanto a loura espiga a fouce chama,  
Que eu mais agoa dos olhos não derrame,  
E que mais polo Amor em vão não chame.*

S. *Se tu ò Celia aqui chegasses hora,  
Logo eu desses teus olhos esforçado  
Mais feixes destes segarey num hora  
Dos que Falcino tem hoje segado.  
Não venbas, Celia, ah, não sayas fora.  
Que arde o Sol muito, está o campo abrasado,  
E inda o Sol arderá mais, em te vendo,  
Que por te ver, se vay assi detendo.*

F.



F. Se aminha Lilia aqui hora viesse,  
 Naõ arderia o Sol quanto agora arde,  
 Que eu sei que antes os rayos encolbesse  
 Mudando a festa nua fresca tarde.  
 E que ant'ella a sua luz escurecesse.  
 Roga, Syluano, ao Sol, q̃ hum pouco aguarde;  
 Veràs, se Lilia vem, a differença,  
 Veràs quem em amar, & em segar vença.

S. Pusme a olhar a menham como sabia  
 Alua, & rosada, & tam resplandecente;  
 Eis que por outra parte aparecia  
 Celia, abrindo ao mundo outro Oriente.  
 Em quanto hũa fermosura, & outra via,  
 Conbeci a differença claramente.  
 Perdoay, disse, Estrellas radiosas,  
 Inda as cousas mortaes saõ mais fermosas.

F. Fugiome Alma, já o sey, pera a fermosa  
 Lilia, ali a acolheita tem segura.  
 Que fizêra se branda, & se amorosa  
 Lilia lhe fora assi, como lhe he dura?  
 Ou se a não auisâra que enganosa  
 De Lilia era aquella fermosura?  
 Ilabey buscar, & hey medo que fiquemos  
 Lâ ambos. Dize, Amor, que aqui faremos?

SEGAD ORES.

S. Quem seu trigo semea em terra boa  
 Recolhe sempre o desejado fruto,  
 Quando Abril sua agoa branda coa,  
 E quando Mayo vem ventoso, & enxuto.  
 Não venha o mão Soão, que a espiga moa,  
 Nem muito frio o Sol, nem quente muito.  
 Assim a Amor também seus tempos vem,  
 E quem seus tempos lhe erra, não o tem.

F. Eu semeey, Sylvano, em hora escura  
 Em parte, onde não choue, nem orualha.  
 Enganoume da terra a fermosura,  
 Nem semente colbi, nem grão, nem palha.  
 A Aristo nasce o trigo em pedra dura,  
 Que parece que ao vento o lança, & espalha.  
 Assim co Amor mais a ventura val,  
 O mal paga co bem, o bem co mal.

S. Lilia fala, Amor está falando.  
 Lilia ri, Amor também está rindo.  
 Lilia chora, Amor está chorando.  
 Lilia abre os olhos, estão Amor abrindo.  
 Lilia canta, Amor está cantando.  
 Lilia vaysse, vaysse o Amor indo:  
 Nisto são desconformam: Lilia he dura,  
 O Amor dizem que todo he brandura.

Nos

F. Nos cabelos de Celia o Amor se tece,  
 Nos seus olhos Amor seu fogo acende.  
 Amor na boca, & testa resplandece,  
 N'alua, & rosada face Amor se estende.  
 Amor nos brancos peitos lhe adormece.  
 Em tudo nella Amor se ve, & entende.  
 Mil amores censigo Celia traz.  
 Quem Celia ouuindo, ou vendo terá paz?

S. A Ceres he deuida a sementeira.  
 As Rosas ao verãõ: a Flora as flores  
 A Bacho a vide: a Pallas a Oliueira.  
 A Abril o verde prado: a Mayo as cores.  
 A Lilia a fermosura verdadeira.  
 A Lilia as graças, a Lilia os Amores.  
 Os sospiros, & as lagrymas em sorte  
 A Amor coubêraõ: & a mi, por Lilia, a morte.

F. O Sol o inuerno, o Sol o verãõ traz,  
 O mesmo Sol a noite, o Sol o dia.  
 Assim Amor faz guerra, Amor faz paz:  
 O mesmo Amor tristeza, & prazer cria.  
 O Sol a calma, o Sol a chuua faz,  
 O mesmo Sol a terra aqueyta, & esfria:  
 Assim agoa co fogo ajunta Amor  
 E lagrymas mistura, riso, & dor.

## SEGADORES.

S. *Se lagrymas não foram todo ardera,  
 E se não fora o fogo, todo em agoa  
 Por ti, ô Lilia, já me desfizera,  
 Assim por ti sou Lilia viua fragoa.  
 S' Amor a hum contrario outro não dera,  
 Quem tanto ardor sofrèra? què tanta agoa?  
 Assim co agoa, & co fogo sou mais forte,  
 Assim passo por ti dobrada morte.*

F. *Tu passas, ô Cygarra, a sèsta ardente  
 Cantando à sombra dessas verdes ramas.  
 A noite fria dormes docemente:  
 Não te queixas d' Amor, nem seu bem amas.  
 Viues cantando, & como quem não sente,  
 Cantando morres, & tua morte chamas.  
 Ô ditosa Cygarra, se tu amasses,  
 Eu sey que nem dormisses, nem cantasses.*

S. *Quando mostrarte quero o pensamento  
 Lilia, que n'alma escondo, & o que queria;  
 As palavras se vão da boca em vento,  
 E de hum mortal suor a alma se esfria.  
 Arco por ti, & em vão mostralo tento.  
 Mas bem to mostra a minha couardia.  
 Se me calo, os meus fogos são mais fortes,  
 Assim mouro por ti, Lilia, duas mortes.*

Pasto

F. Pastores, buscaes fogo? vinde aqui,  
 Que mais fogo quereis, que o q̄ staes vendo?  
 Fogo sou, desque a branda Celia vi:  
 E tudo quanto toco em fogo acendo.  
 Acendey vossas iscas, & fugi:  
 Não vos chegueis a mim, que ireis ardendo.  
 Arderá, se o tocar, o bosque logo.  
 Fugi, que quanto vejo, he calma, & fogo.

S. Falcino, a voz, & a fouce te enfraquece.  
 A ordem de segar leuas errada.  
 A espiga, que ante os pés se te offerece  
 Deixas, & segas a que estâ arredada.  
 A mão te treme: o rosto amarelece.  
 Hum rego mal segaste, do outro nada.  
 Vayte à sombra, Falcino, vayte ao rio.  
 Que eu segarey cantando ao Sol, & ô frio.

F. Bem podes tu vencer na fouce, & braço,  
 Mas serâs no amor de mim vencido.  
 Esses erros, Sylvano, eu não os faço,  
 Que não trago na fouce o meu sentido.  
 Mas tu, a quem Amor dà tanto espaço,  
 Não tens jornal tam grande merecido.  
 S'eu hoje Lilia vira, eu sô segára,  
 Sem descansar, outra mayor seâra.

Erguei

## SEGADORES.

Erguei-vos já ô fracos segadores,  
Que jazeis ategora à sombra fria.  
Vinde ver como segam os amores  
Na môr força da calma ao meo dia.  
O doce Amor! quem sofre teus ardores,  
Como do sol o ardor não sofreria?  
Amay, amigos, seruosha proueito.  
Tereis o corpo ao sol, & â neue affeito.

## ANDROGEO.

### EGLOGA XI.

**E**ste ultimo fauor sô me concede  
Rustica Musa, & dame hum nouo canto,  
Qual meu amor, a meu Androgeo pede.  
A Androgeo meu, que eu amo, & me ama tanto  
Meus versos dou: Filis fermosa os lea:  
Filis de Androgeo abrande o fogo, & o práto.  
Lêue ao mar clara, & doce sempre a vea  
O Tejo, em quanto eu canto, & onda salgada  
Não toque em sua dourada, & branca area.  
Filis cruel, de Androgeo tam cantada.  
Filis cruel, de Androgeo viua morte,  
Tê quando queres ser em vão chamada?

Amor



*Amor nesses teus olhos se fez forte.*

*No brando peito teu pos sua dureza:*

*Qual pôde ser do triste Androgeo a sorte?*

*Em outro mundo, em outra natureza*

*Vives, outro ceo ves, outras estrellas,*

*S'essa ingraticidão chamas fortaleza*

*Olha, Filis fermosa, as Nymphas bellas,*

*Que não desprezam sempre os seus Pastores,*

*Que lhes tecem, & lhes dão frescas capellas.*

*Porque cria Abril heruas, Mayo flores,*

*Porque correm, ô Filis, agoas claras,*

*Se tu tês por vãos sonhos bons amores?*

*Tu desprezas Amor, tu desemparas*

*Asti, cruel, quem te ama? ah Filis dura!*

*Quanto outra foras, se tu em vão amâras!*

*Não basta ô Filis essa fermosura?*

*Não desses olhos teus o rayo claro?*

*Não dessa neve a tam rara brancura?*

*Inda a quem te ve queres que mais caro*

*Custe sua morte? & porque o desesperes*

*Que em ti, nem no Amor mesmo ache emparo?*

*Filis, ou tu com as frechas do Amor feres.*

*Ou fere o Amor cos teus olhos fermosos.*

*Porque inda mais dureza ajuntar queres?*

*Ah mouante, cruel, os saudosos*

## ANDROGEO.

Gritos, ab mouante os suspiros tristes,  
Que não ousam mostrarse inda queixosos.  
Dizey montes, & valles o que ouuistes:  
(Inda o som doce pelos ares voa)  
Dizey qual aqui o triste Androgeo vistes.  
Teu nome, que tam alto ao longe soa  
Na doce voz de Androgeo, & doce cana,  
Por quem tua fermosura se pregoa,  
Teu raro sprito alçado em mais que humana  
Voz, que amor cria, & espanto em toda parte,  
Por que a quem tambem o canta tanto dana?  
Filis, do meu Androgeo a melhor parte  
Me tens roubado, & tu desconhecida  
Vences inda em durezaro brauo Marte.  
S'algũ'hora acertou de ser ouuida  
De ti sua voz tam branda, ou se algũ'hora  
Viste do mortal rosto a cor perdida,  
Verias bem, ô Filis, que não chora  
A sua morte Androgeo, pois que te ama,  
Mas a dor de deixar de verte hũ'hora.  
Ditosa a morte, por ti, Filis, chama,  
Os Pastores lhè chamam desditoso.  
Filis cruel! que tal amor desfama.  
Vem o agreste Pan triste, & choroso  
As fronte de pampilhos coroado,

Androgeo, de quem andas, diz, queixoso?  
De ti te queixa sô, ou do teu fado.

Amor effas tuas lagrymas não sente,  
Que nos olhos de Filis ves armado.

Nem lagrymas a Amor, nem a corrente  
Ribeira farta o prado, nem a Abelha  
O alecrim, nem sol, e agoa a semente.

Vem outro, chora; vem outro, aconselha.

E tu, Androgeo, estás em teu perigo,  
Qual ante o Lobo a paciente Ouelha.

Ve o Venus, sorrindo se consigo,  
O riso he falso, esconde a dor no peito.

Androgeo, diz, consolate comigo.

A quem deuia Amor ser mais sogeito  
Androgeo, que a mãy sua? pois tu sabes

Quanto mal o seu arco me tem feito.

Bem he que com tuas Musas não te gaves  
Que resististe a Amor, a quem deueno

Ficas, que em tal amor, Androgeo, acabes.

A Venus o Pastor olhos erguendo:

Mãy cruel, diz, de filho tam cruel,

Quam leda estás a minha morte vendo!

Nem para si a Abelha faz o mel.

Nem para si a Ouelha sua lam cria,

Nem para si Amor he amor, mas fel.

Mas

## ANDROGEO.

Mas pois est' alma a Filis se deuia,  
Filis aguarde: Filis em si a tenha,  
Que essa he na morte a sô minha alegria.  
Venham aqui Pastores sempre, venha  
O meu Alcippo; a fermosura cantem  
De Filis, porque a vida inda softenha.  
E cortem versos, que soem, & espantem  
Quantos despois vierem, vendo a crua  
Morte de Androgeo, & quem os ler, encantem.  
Filis, eu morrerei: serâ essa tua  
Vontade feita, verâ o que deseji.  
Se mal o Amor me mata, a culpa he sua.  
A todos encuberta, & que se veja  
Do triste Androgeo a triste sepultura  
Nesta terra, que pisas, Filis, seja.  
Filis, tu a pisas, não me serâ dura.

## NATAL.

### EGLOGA XII.

Ao Duque d'Aueiro D. Ioão.

SE Pastores de Deos foram ouvidos,  
De quem poderã já ser desprezados,  
Clarissimo Senhor: hem recebidos  
Sejam estes de ti, de quem cantados

Teus

Teus feitos virã ser, que engrandecidos  
 Deixaraõ nossos tempos, se seus fados  
 Cbegarem a tanto bem, tu lhes darã  
 Nouo sprito, voz noua, em que soarã.

A Deos cantam seus versos em memoria  
 Da honra, que hoje lhes fez; honram seu dia:  
 Ditofo dia, em que se vio a gloria  
 Dos ceos na terra, & em ambos alegria.  
 Deuiafe outro verso a tal historia.  
 Mas quem igual no mundo lho daria?  
 Não bastarã cantar Poëtas mil.  
 E Deos ouue hoje a frauta pastoril.

Ioão. Serrano. Castilio.

Pastores, a quem hoje o grã MLNINO  
 Deos, & homem, IESV se descobrio,  
 Cantay com nouo sprito, & som diuino.  
 Em vos, ô felicissimos, se vio  
 Quam baixas saõ a Deos as cousas altas,  
 Quam alta a humildade, & onde a subio.  
 Senhor, que por perdaõ de nossas faltas  
 Deceste hoje dos ceos, & a baixa terra  
 Sobre todos os ceos poës, & exaltas,  
 Senhor, que por sô paz de nossa guerra  
 Vens alegre morrer; amor, & paz

O

Nos

NATAL.

- Nos inspira, & perdoa ao mundo que erra.  
 Cantay, Pastores, cujo canto apraz  
 Aquelle grã MININO eterno, & sancto,  
 Que hoje em presepe entre dous brutos jaz.  
 Tu Castilio primeiro, siga o canto  
 Serrano. Eya Pastores, começay;  
 Cantay a Deos tal gloria, ao mūdo espanto.  
 C. Vem, grã MININO, Deos, & homem say  
 Noua, & diuina luz alumiar  
 O cego mundo, que perdido vay.  
 S. Vem cordeiro de Deos, vem nos lauar  
 Com teu sangue inocente, & os mãos enganos  
 Do falso mundo vem desfengar.  
 C. Vem profecia já de tantos anos,  
 Esperança de justos, que te creram  
 Sem te ver, a curalos de seus danos.  
 S. Ditofas almas, que te conhecêram.  
 Ditofas bocas, que de ti falãram.  
 Ditofos liuros, que de ti se enchêram.  
 C. Ditofos saõ: mas mais os que adorãram  
 Hum MININO por Deos, sô, nu, chorando,  
 Que entre animaes em palha enuolto achãrãõ  
 S. Ô sanctas mãos aquellas, que tocando  
 Estaõ a Deos! ô claros olhos sanctos,  
 Que em taes treuas, ta luz estaõ olhando.

C.



- C. Aja nos altos ceos, na terra cantos  
De gloria, & paz; alegrate ó inferno,  
Não aja agora em ti dores, nem prantos.
- S. La se mostrou ao mudo o VERBO ETERNO  
Filho de Deos, já nos nasceo, já chora  
MININO descoberto ao frio inuerno.
- C. Não em leito real nasceo, não mora  
Em pacos de soberba, & de vam gloria,  
Em feño jaz, ali o bruto o adora.
- S. Ó gloriosa noua, ó alta historia!  
Ditoso o tempo, em que à terra o ceo veo,  
E ditosos os que honram tal memoria.
- C. Este a terra fundou, & pos no meo  
Dos ceos, criou o Sol, a Lua, & estrellas,  
Este he, de quem o mundo todo he cheo.
- S. Este o homem formou de nada, & as bellas  
Cosas todas, que vemos, fogueitou  
A seu pés, como proprio Senhor dellas.
- C. Por elle reinam Reys, elle criou  
A mesma Mãe, que o cria; O marauilha  
Grande! era virgem, virgem, & may ficou.
- S. Ó MARIA ditosa, mãe & filha  
De Deos, esposa, & serua, hoje pariste  
Deos teu pay, teu Senhor, que ati se humilha.
- C. Ó MARIA ditosa, pois já viste

O fruito do teu ventre prometido,  
O que Eua nos tirou, restituiste.

S. Onde quer que teu nome for ouuido,  
Tudo se alegre, todos lédos cantem.  
Seja nos ceos, & terra engrandecido.

C. Teus segredos se cream, inda que espantem  
A Quem os não entende, Deos os faz,  
A Deos por ti as almas se leuandem.

S. Mor milagre, mor proua hi, onde jaz,  
Faz teu filho, & de Deos, que se pomposo  
Viera, ali Pastores, & Reys traz.

C. Rey, que sentado estás no precioso  
Estrado d'ouro, & prata, olha a pobreza  
Do teu Rey, do teu Deos tam poderoso.

S. Hoje se desprezou tua riqueza.  
Hoje sô se abateo teu alto estado.  
Todo mundo ante Deos he grã baixeza.

C. Quem vio hoje hum pastor tam leuandado,  
Que ve, & fala com Deos, porque confia  
No que tanto dos ceos foy desprezado?

S. Ô rico estado aquelle, em que se fia  
Seguramente hũa alma! aquelle he Rey  
Que liure bebe o leite, & agoa fria.

C. Sô alto, sô ditoso chamarey  
Quem desprezando a baixa, & pobre terra,

Aos ceos seus olhos ergue, este honrarei.

S. O Pastores ditosos, que da guerra  
Do mundo estaes tam liures, & dormis  
Seguramente em valle, em campo, em serra.

C. Ô Pastores ditosos, que fugis  
Da fortuna, de inimigos, & seguros  
Pisando esta herua verde aos ceos vos is.

S. Em choupanas viuey, os altos muros  
Deixay aquem se teme: Deos vos ama,  
Dâuos fruitos gostosos, sãos, maduros.

C. Hoje quis Deos tomar a vossa cama  
De palha, & feno: dormi meus Pastores  
Seguros nella. a vos primeiro chama.

S. Ajuntayuos aqui vos Lauradores,  
Que a terra reuolueis co arado duro,  
Chamayuos hoje Reys, & Emperadores.

C. O rico desprezay, se o peito puro  
Nã tem, se mais seu ouro, que a Deos ve.  
Humilde he vosso estado, mas seguro.

S. Os que hi por Deos te adoram, Deos lhes de,  
MININO, grossos campos, bons pascigos,  
Sequense â gente mã, que te não cre.

C. Aos teus Pastores entre sy amigos  
Corram as agoas claras, corram rios  
De puro leite, sequense ôs inimigos.

NATAL.

S. Pastores Christaõs sois, não sois gentios,  
 Filhos de Deos, irmaõs de Deos poupay  
 Vosso sangue, de que já andaes vazios.

C. Pastores, que chamaes ao grã Deos pay,  
 Hoje irmaõ se vos fez, paz, & irmãdade  
 Vos trouxe, & vos deixou, tal dom guarday.

S. Torne este nosso tempo àquella idade,  
 Que tudo era sam paz, & puro Amor,  
 Sem meu, sem teu, sem muros, sem cidade.

C. Tu, nosso bom loaõ, merecedor  
 Eras daquelle tempo, & de outro estado.  
 Digno tambem de ti, tempo melhor.

S. Tu, nosso bom loaõ, seràs alçado  
 Onde o sprito te leua, que conhece  
 O bem do campo, & foge o pouoado.

I. Amigos meus, tal canto não merece  
 Meu nome; a Deos cantay, & assi cantando  
 Vamos, em quanto o Sol desaparece.

Olhay como esta voz, que imos soltando  
 He doce, & alegre! olhay como responde  
 Tam clara a este verso Eccho, & o vai entoãdo!

Nouos versos cantay, nouos componde.  
 Temperay vossas Cannas docemente.  
 Deos volas onue, a Deos nada se esconde.

Gloria nos ceos lbe seja, & Paz à gente.

Epi-

## EPITHALAMIO

AO CASAMENTO DA SE-

nhora D. Maria, com o Senhor

Alexandre Farnes, Prin-

cipe de Parma.

**E** Stava Amor seu arco guarnecendo,  
 Em novo fogo as setas temperando,  
 Cercado dos Amores, hũs tecendo  
 A corda, outros a aljaba cruel dourando.  
 Pelos floridos prados vaõ colhendo  
 Outros mil flores, sô de Amor cantando,  
 Mil flores, que todo anno ali florecem,  
 Das quaes ó filho, & â may capellas tecem.

Nunca vistas no mundo, nem cheiradas  
 As flores são, que Amor pera si cria,  
 D'huãs o liquor faz, em que apuradas  
 As setas ficam, quando as elle afia:  
 D'huãs o liquor frio, em que banhadas  
 As outras são, quando as do fogo esfria,  
 Em todas cruel, em todas espantoso.  
 Inda mais nas segundas temeroso.

EPITHALAMIO.

*Ardem duas forjas; duas bigornas batem*

*Não os feos ministros de Vulcano,*

*Hũs fermosos Amores, que debatem*

*Sobre quem farâ mais ao mundo dano.*

*Ali os tiros, com que se combatem*

*Os duros peitos, ali a arte & engano,*

*Ali os desejos, & temores suam,*

*Hũs corações abrandam, outros encruam.*

*Tempêra hũa agoa o chumbo, outra agoa o ouro,*

*Escolhe Amor dos tiros quaes lhe aprazem.*

*Aqui estâ o seu poder, & seu thesouro,*

*Aqui os vencidos seus despojos trazem.*

*Hũs coroados vem de Myrtho, & Louro,*

*Outros miseramente mortos jazem.*

*Segundo a cada hum lhe coube em sorte*

*Aſsi ou viue em gloria, ou viue em morte.*

*Entrou a mãy: & vendo aſsi occupado*

*O filho em nouas setas, nouo fogo,*

*Depois de o beijar, tendoo abraçado,*

*Porque es, meu filho (diz) duro a meu rogo?*

*Tê quando sofrerás tam desprezado*

*Andar teu nome, & eu trazida em jogo?*

*Para quem tomas arco, ou a quem te armas,*

*S'ôs teus mores imigos dâs as armas?*

*Não*



Não ves qu'hũa *MARLA* mais que humana  
 S'estima? & quebra as setas, que apontaste?  
 Outra *Pallas* ao mundo, outra *Diana*,  
 Que nunca a amor nenhum a sogigaste?  
 Ou tu mesmo a temeste, ou se ella engana  
 Co favor, que t'ègora lhe mostraste;  
 Assim soberba viue em meu despeito,  
 E só *Diana*, & *Pallas* traz no peito.

Eu digo das duas filhas a primeira  
 Do Iffante clarissimo excellente  
 Da clara mãy imagem verdadeira  
 Neta do Rey primeiro do Oriente.  
 Porque não faràs tu que tambem queira  
 Acrescentar a luz resplandecente,  
 Com que o mundo se faz mais rico, & claro  
 Co fruito de tal tronco ao mundo raro?

Tambem te defendiam *CATHERINA*  
 Clarissima Princesa as castas Musas;  
 Em cujo chòro d'alto assento dina  
 De *Minerua* te daua mil escusas:  
 Venceste em fim aquell'alma peregrina  
 Com a força, de que tu, se queres, vsas,  
 Lá ao seu sangue o seu amor juntaste,  
 E daquelle alto sprito triumphaste.

EPITHALAMIO.

Porque consentirás que assi te offenda  
 Soberbamente a Irmã: meu filho estende  
 Pelo mundo teu mando, não se entenda  
 Que quando alguém quizer se te defenda,  
 Porque tal falta em ti se não comprehenda,  
 Afia a sêta, hum nouo fogo acende:  
 Hum nouo fogo, que aquella alma inflame,  
 E quanto ella he d'amar, tanto & mais ame.

Não negue ao mundo hũa esperança certa  
 Que ja concebem do alto ajuntamento,  
 Quando SEBASTIAM a porta aberta  
 Mostrar das altas obras alto intento.  
 Não só com ajuda da fortuna incerta,  
 Mas do grande DVARTE, & d'outros cento  
 Do Real sangue, & das Irmãs se espera  
 Descobrir ind' ao mundo hũa noua sphaera.

Que veja os altos Reys, & Emperadores  
 Seu claro sangue, tam ditosas plantas,  
 Que a terra enchêram de seu fruto, & flores  
 D'altas victorias, & os ceos d'almas santas.  
 E que seria o mundo sem amores?  
 Donde tantos Herôes, & donde tantas  
 Clarissimas Princesas nasceriam,  
 Quantas do Real tronco floreciam?

*Assi Venus falou: se tardei tanto,*  
 (Responde o filho) ô mãy, foi por ter tejo  
 D'inda não descobrir no mundo quanto  
 Conuem para alta empresa, que eu desejo.  
 Sempre me fez temor, & fez espanto  
 Aquelle Real sprito, que inda vejo  
 Fôra da geral sorte, altiuo, & puro,  
 Frio a meu fogo, ás minhas sétas duro.

*Mas já tenho buscado, já sei onde*  
 Entregue seu amor deuidamente.  
 Hum alto sprito achey, que bem responde  
 Em tudo ao seu, em nada diferente.  
 Em quanto o Sol descobre, a & noite esconde,  
 D'hum polo ao outro, do Tejo ao Oriente,  
 Não pôde auer de amor tal igualdade  
 S'eu de duas fizer hũa vontade.

*Là onde os rayos seus Apollo esfria,*  
 E da sua fermosura mais reparte,  
 Hum fermoso, & Real Principe se cria,  
 Em quem juntos se vem Apollo, & Marte.  
 Seu alto estado tem na Lombardia.  
 D'Alemanha gouerna a melhor parte,  
 Do altissimo sangue diriuado  
 Do summo Imperio, & môr Pontificado.

Caro

CAROLO Quinto a Mãy, PAULO Terceiro

O pay, lhe daõ por seus progenitores,  
 Dous Monarchas do mundo, hum verdadeiro  
 Padre da Igreja, exemplo ós soçessores.

Outro Maximo Cesar derradeiro  
 Dos que bem parecèram Emperadores,  
 D'OCTAVIO herdeiro, a què Parma, & Plazê  
 Em Real trono daõ obediencia. (cia

Est'he o nouo ALEXANDRE, Real planta,  
 E da casa Farnes alta esperança,  
 Qu'inda tem com MARIA parte tanta  
 Do seu sangue, que os pays, & auõs alcança.  
 Deu ao mundo DVARTE a Rainha santa  
 MARIA, & o nome à neta por herança,  
 Maria, & IOANA irmãs os Reys d' Hespanha  
 Nos deram, de Panonia, & d'Alemanha.

Filhos das duas Irmãs, Carlo, & Duarte:  
 Hum MARGARITA deu, outro Maria.  
 Margarita Alexandre, assi se parte  
 O sangue entr'elles, & genealogia.  
 Assi no mundo todo tem igual parte;  
 Ambos netos de Reys sobrinho, & tia,  
 Ambos dos Reys d' Hespanha os mais chegados,  
 E d'outros Reynos, d'outros Principados.

Quan

Quando em moço as tres Graças o criauam,  
 Differas elle hum ser destes Amores.  
 Somente as leues pennas lhe faltauam;  
 Arco, & coldre trazia, & passadores.  
 Là com seu medo as aues não voauam,  
 Cansa os monteiros, cansa os caçadores,  
 Per brauas matas, pelos bosques altos  
 Voar faz o ginete, & dar mil saltos.

Igual ao teu Adonis o feroso,  
 Quando, mãy, o seguias na montanha,  
 Hora derriba o Porco temeroso,  
 Hora do Lião vence a força, & manha.  
 Tal ALEXANDRE a todos espantoso  
 Là alegre Italia, & Austria, & Alemanha,  
 Sprito generoso inuicto, & grande,  
 Que nem perigo, ou medo ha, que o abrande!

Viveo sempre tequi liure, & seguro,  
 Sem nunca conhecer meu senhorio.  
 Escolhi do meu coldre hum aço duro,  
 Inda o peito achey duro, & o achey frio.  
 Apontei outro de metal mais puro  
 Em nome de MARIA, & eis que hum rio  
 Là d'amorosas lagrimias derrama  
 Dos olhos, que não vem inda quem ama.

EPITHALAMIO

Esfantado entre si da forca noua,

Esfantado do fogo, em que a alma ardia,

Hora ja hum exercicio, bora outro proua

Por enganar, se pode, a fantasia.

Elle se engana, a chaga mais renoua,

A chaga, que abriu o nome de MARIA,

MARIA chama, Maria, ah sospira.

E para onde o Sol dece os olhos vira.

Quem fez hũa ferida tam secreta

Neste meu peito? (diz o moço ardendo)

Em que esphera, em que ceo, em que planeta

Estâ este fogo nouo, em que me acendo?

Senti o golpe duro, não vi a seta.

Nunca amor entendi, agora o entendo.

Chegoume a suauißima peçonha,

Em qu alma viue morta, & esperta sonha,

Ditosa vida, Amor, ditosa morte,

Ditoso este meu fogo, & meu cuidado;

Mais ditoso meu fado, & minha sorte,

S'em ti me tinha tanto bem guardado.

Emprestame essas asas, com que corte

Este ar, que me tem câ eclypsado

O meu dia, & meu Sol, que do Occidente

Me abre hum nouo, & lúcido Oriente.

Ab



*Ab triste! quanto mar se mete em meo!*

*Quanto ceo entre mim, & o meu desejo!*

*Quanto mais cresce o amor, cresce o receo*

*De nunca ver hum bem, que eu mais desejo.*

*Porque arte poderia, ou por que meo,*

*Assi como arco cá por quem não vejo,*

*A meus olhos fazer caminho aberto,*

*Que de tam longe me possessem perto?*

*Nestas amiginações se consumia*

*Aquelle sprito, & todo em amor brando;*

*Nos retratos occupa, noite, & dia,*

*Mas mais viua em sua alma a está pintando.*

*Tanto pode a alta fama de MARIA!*

*Tanto as Graças, & as Musas vão cantando*

*Dos doês, que nella o ceo largo reparte,*

*Que eu cuido, que fui nisto a menos parte.*

*Ajuntar quero, Mãy, estes amores.*

*Tu ajuda tambem: assi o céu manda.*

*Cã os suspiros ouço, & sinto as dores*

*De quem tam longe là a sua alma manda.*

*De Myrtho coroada, & de alvas flores*

*Venus o ceo serena, o vento abranda.*

*Ambrosia os seus cabellos spirauam,*

*E quanto os olhos viam, namorauam.*

Ajunta ao carro os brancos Cisnes logo,  
 As ondas de Neptuno vay cortando;  
 Ardem as agoas em amoroso fogo,  
 D' Amor brandas Sereas vão cantando.  
 Os Amores em riso, em festa, em jogo  
 As Nereidas de flores coroando,  
 Mandam que no mar façam noua estrada,  
 E as ondas amansem à tornada.

Chegâra já a MARLA a clara fama  
 D'aquelle Real Principe deuido  
 Em tudo a seu amor, inda o não ama,  
 Mas já seu nome he della bem ouido.  
 Assim d'ambos a Estrella os leua, & chama  
 Ao bem, que a ambos lhes tem Deos prometido,  
 A branda Deosa, que ella não conbece,  
 O peito brandamente lhe amolece.

Quantas vezes aos olhos lho presenta!  
 E quantas vezes suas grandezas canta!  
 Hora por hũa via, hora outra atenta,  
 E já a novos cuidados a levanta.  
 O pensamento engana, a alma contenta.  
 E ella do que em si ve se peja, & espanta.  
 E quando mais duuida, & mais se enlea,  
 Entaõ Amor espia, entaõ saltea.

Forjaua em tanto hũa sêta venenosa  
 Amor, & por sua mão lhe pos a berua,  
 Tres vezes a bambou n'agoa amorosa,  
 Tres vezes por sua mão lhe pos a berua.  
 Ali s'esconde a chãma deleitosa,  
 Que cria amor, do desamor preferua.  
 Todo inflamado em fogo se arma, & voa,  
 Ardendo fica o ar, & o coldre soa.

Clarissima MARIA, olha que se arma  
 O Amor contra ti, ati vay voando:  
 Alexandre, Alexandre, Parma, Parma  
 Os Amores com elle vão gritando.  
 Aqui não ha defesa, aqui não ha arma,  
 Obedece a quem vay ja triumphando  
 Desse teu puro peito tam benigno  
 De que ALEXANDRE sô pode ser digno.

Pos toda a força Amor no arco, & tiro:  
 Soou o golpe, & ao desarmar o estalo,  
 Elle ouuiu hum brandissimo sospiro,  
 Que declarou o mais, que eu hora calo.  
 Venceo, & retirouse: & eu me retiro,  
 Que não sey o que escreuo, nem que falo.  
 Digao Amor, que a tudo foy presente,  
 E digao quem o encobre, & quem o sente.

EPITHALAMIO.

Vem o Hyminêo nãa mãõ a sacba acesa,  
 N'outra o annel do sançto ajuntamento.  
 Vergonhosa, & contente estã a Princesa,  
 Contente, & honesta dã o consentimento.  
 Eila em noua prisãõ, mas doce presa,  
 Vese em seu rosto seu contentamento.  
 E entãõ mais resplandece a fermosura,  
 Que tam longe acendeo bũa chãma pura.

Batendo vay as asas a Alegria  
 A Real casa de prazer enchendo.  
 Naquella grã cidade nãõ cabia  
 O aluoroco do bem que estam vendo.  
 Viua ALEXANDRE, diz viua MARIA,  
 Assim do Tejo ao Nilo vay correndo.  
 Recebe todo o mundo a alegre noua,  
 Alegre o mundo o louua, e ceo o aproaa.

Festeja o grande Rey sua tam amada  
 Tia, & mostra de amor aberto o peito;  
 D'altissima Raynha acompanhada,  
 Que por filha a estima em seu conceito.  
 Por quem podia ser feita, & tratada  
 Obra tam santa, tam illustre feito,  
 Senãõ por ti HENRIQUE Iffante santo  
 Honra, & ornamento do purpureo Manto?

Vem

Vem as Nymphas do Tejo tomar parte  
 Da alegre festa, & suas danças guiam.  
 Com sua fermosura, graça, & arte  
 Venus, Graças, & Amores desafiam.  
 As Nymphas fauorece o grã **DVARTE.**  
 E as Nymphas parecia que venciam;  
 Nascem bandos de Amor, & do seu fogo,  
 Mas todos são de amor, de festa, & jogo.

Ali os dous clarissimos Senhores  
 Luz, & esperanca à casa Real d'Aueyro,  
 Leuam d'alegre festa mil lououres  
 Por juizo das Nymphas verdadeiro.  
 Ali amores se trocam por amores.  
 Digao Amor, que estaua no terreiro,  
 Quantos fogos ali entã se esfriãram,  
 E quantos outros nouos se criãram.

Neste geral prazer já vejo magoas  
 Iã mil lagrymas vejo saudosas.  
 Eis que cortando vem salgadas agoas  
 Armada frota, velas amorosas.  
 Ardẽ d'hũa parte, & d'outra em viuas fragoas  
 Duas almas, hũa d'outra, desejosas.  
 Triste de quem sua alma parte, & arranca,  
 E dos olhos as fontes não estanca!

EPITHALAMIO

Clarissima ISABEL, Princesa santa,  
 De diuinas virtudes raro exemplo,  
 Ditosa mãy de tam ditosa planta,  
 Aquem a antiga Roma erguêra hum templo:  
 Quanta alegria, & saudade quanta  
 Igualmente hora em ti juntas contemplo!  
 Mas alegrate mais, pois que ja viste,  
 E inda verás mais bens, que òs ceos pediste.

Venus com aquella alegre companhia  
 Iá prestes tem o seu carro fermoso,  
 Configo em seu assento poem MARIA  
 Saudosa da mãy a leua ao esposo.  
 Ao Rey, á mãy, á patria se deuia  
 Aquelle sentimento piadoso.  
 Mas entre tanto os Cisnes vão nadando.  
 E as lagrymas o Amor vay enxugando.

Sae sobre agoa Neptuno, honra, & obedece  
 A neta do grã Rey, que o mar abrindo  
 Lhe mostrou nouo mundo, & lhe offerrece  
 Manso todo sem reyno & a vay seguindo.  
 De dia o Sol, de noite resplandece  
 A clara Lua, a noite descobrindo,  
 Quantos MARIA vem, se alegrã & espãtam  
 Nereydas, & Tritões, & assi lhe cantam  
 Nerey



Nere. Amor, & que cousa ha tam fera, ou crua,  
 Que a filha â mãy arranques do seu seo,  
 E faças que já mais não seja sua,  
 E assi a entregues em poder albeo?  
 Como es Amor, s'esta crueza he tua?  
 Que mais faz o inimigo de ira cheo  
 Na entrada cidade a saco dada?  
 Boa estrella te leue, hora dourada.

Trit. Amor, & que cousa ha mais piadosa?  
 Que o puro amor, com outro puro pagas,  
 E o doce fogo da chamma amorosa  
 Com outro fogo, & doce chãma apagas;  
 E que força he que a esposa vergonhosa  
 A mãy a tomes, & ao esposo a tragas?  
 Que mor bem ha, que hũa hora desejada?  
 Boa estrella te leue, hora dourada.

Nere. Como o lyrio fermoso no cerrado  
 Horto, co brando sol, co orualho crece,  
 Nunca o gado o tocou, Pastor, arado,  
 Sombra, ou geada, ou vento não lhe empece.  
 Das moças he, & dos moços desejado,  
 Mas se o mão toca, seca, ou s'emmurchece.  
 Tal he a Dama antes que he casada.  
 Boa estrella te leue, hora dourada.

## EPITHALAMIO.

*Trit.* Como a *Vide*, que sô nasce em deserto  
Nunca ja s'ergue, nunca fruito cria,  
Cortada câe do frio, & ceo aberto,  
Nem Laurador a laura nem queria.  
Mas se for junta a *Vlmo*, que estâ perto  
Lá o Laurador a quer, já a lauraria.  
Tal he a *Dama*, despois que he casada.  
Boa estrella te leue, hora dourada.

*Nere.* Leue o esposo a esposa promettida.  
Quem lha pôde negar? quem tal consente?  
Quem pode, a prometteo; he lbe deuida  
A filha â mãy, & Amor obediente.  
Ajuntense duas almas nũa vida,  
Este o principio foy da humana gente.  
A cada hum sua estrella estâ guardada.  
Boa estrella te leue, hora dourada.

*Trit.* Viuey Principes altos, cedo vejam  
Os olhos, que vos amam, o que esperam.  
Day Principes ao mundo, que o bem rejam,  
Quaes já vossos auôs, & pays lbe deram.  
Outros Manueis & outros Carlos sejam,  
Honra do mundo, quaes aquelles eram.  
Será de vós sua alta estrella herdada.  
Boa estrella vos leue, hora dourada.

*Lâ te leuam, Senhora, forças grandes.*

*Não valem, contra Amor nenhũs reparos.*

*Mas mões foram as forças, que de Frandes  
Acenderam em ti fogos tam claros.*

*Sempre de ti alegres nouas mandes.*

*Sempre conformes sede spritos raros,*

*Almas ditosas, almas bem trocadas*

*Em versos immortaes sejaes cantadas.*

## HISTORIA DE S. COMBA DOS VALLES.

A D. IORGE MARQUES DE  
Torres Nouas, & a D. Pedro Di-  
nis seu irmão.

**D**O barbaro Tyranno os crueis amores.  
A alta constancia da Pastora santa  
Honra da serra, gloria dos Pastores  
Humilde, & alegre minha Musa canta:  
Altos Heróas, Reys, Emperadores,  
Cuja soberba fama o mundo espanta,  
Confessem quanto menos he sua gloria,  
Da que COMBA ganhou em tal victoria.

# HISTORIA.

Vos castissimas Nymphas de Diana

De Louro, Palma, & flores coroadas,  
Em quanto de Hyppocrene a fonte mana,  
Ede COMB A as victorias saõ cantadas,  
(Naõ vos inuoco a fabula profana)  
Cò as Musas em choréas concertadas  
Cantay comigo: & dayme hũa voz, que soe  
Por todo mundo, onde COLOMB A voe.

Clarissimos Senhores verdadeiro

Ramo do Real tronco, & lume nouo  
Dessa casa illustrissima d' Aueyro  
Irmaõs iguaes àquelles de hũ mesmo Ouo:  
Qu'inda estréllas sereis no derradeiro  
Ceo Impirio: a quem de amor me mouo,  
Posto que indigno de chegar a tanto,  
Offerecer meu baixo, & humilde canto.

Quando hũa hora virâ, que algũa parte

Do muito, que de vos o mundo espera,  
(Que a tudo nenhum ingenho basta, ou arte)  
Cante, que se ouça desta â outra sphaera.  
Quando vos coroará por sua mão Marte,  
E que eu de Phebo coroado de Hera  
Faça que mais que em ouro, marmor cedro  
Viuaõ o grande IORGE, & o grãde PEDRO.

Ouuu

Ouui da Virgem sancta o claro feito,  
 Vede d' Amor os tiros desprezados,  
 Sua aljaba quebrada, arco desfeito,  
 Seus temerosos fogos apagados.  
 D'hum brando, virginal, pastoril peito  
 Foram dous mãos Tyrannos triumphados,  
 Hum Cupido peruerso, outro hũ Rey Mouro  
 Que seu intento punha em força, & em ouro.

Não tem forças Amor, que nos lhas damos.  
 Temerse faz de nossa couardia,  
 Nos do seu fogo, & sêtas o armamos,  
 Nos lhe damos do mundo a Monarchia.  
 Ah quam mal a vontade catiuamos  
 A quem de si não tem força, & valia!  
 S'a experiencia pôde fazer proua,  
 Nem derradeira esta he, nem serà noua.

No tempo, que a infiel barbara gente  
 Da misera Hespanha occupaua a terra,  
 E o sangue derramaua cruelmente  
 Dos poucos, que escapâram da impia guerra,  
 Hũa moça bellissima, & innocente  
 Passaua a vida na mais alta serra,  
 Que entre Tamaga, & Tua hoje parece,  
 Onde o Sol, em nascendo, resplandece.

Em

## HISTORIA

Em braua fraga, & penedia dura  
Andaua a moça o gado pastorando,  
Nada do mundo sabe, & nada cura,  
Aos ceos o sprito, & olhos leuando.  
Maior que humana he sua fermosura  
Que os Tygres, & Lioës ray amansando;  
E para onde quer q̄ olha o Tojo, & Cardo  
Em flores se conuertem, em Lyrio, & Nardo.

Em seus olhos se via huã grauidade,  
Que até as Féras mouia a acatamento,  
E no fermoso rosto huã magestade,  
Que indicio daua d'alto nascimento.  
Cabellos d'ouro, na florida idade,  
Nem sol a queima, nem a corta o vento,  
Prudencia de Serpente; & o dom da Pomba  
Lhe deu entre todos nome de COLOMBA.

Nem tal Diana foy, nem tal Minerua,  
Nem tal pareceo Venus a fermosa.  
Ond'ella quer, ali a fresca herua  
Nasce, & hũa fonte clara & graciosa.  
Qual na montanha a fugitiua Cerua  
Dos crueis caçadores temerosa  
A cada sombra, a cada vento treme,  
Tal a Pastora o mundo foge, & teme.

Quantos



Quantos cuidados vãos, quantas vãs dores,  
 A que sempre mostrou surdos ouvidos,  
 Criava entre Pastoras, & Pastores  
 De ciumes, d'inveja, & amor nascidos!  
 Chea era a serra de competidores,  
 Cheo todo ar de queixas, & gemidos,  
 Cheo das frautas, que só COMBA soam.  
 Ouneeas o vento, & assi co vento voam.

Ah qu'outro pensamento, outro cuidado,  
 Outros amores guarda COMBA n'alma.  
 I, Pastores, curar do vosso gado,  
 Fugi da noite o frio, & do Sol a calma.  
 Outrem lhe tem o seu amor roubado,  
 Que hũa coroa lhe darâ de palma,  
 Sois rusticos, sois baixos, sois indinos  
 D'olhados serdes d'olhos tam diuinos.

Não se temia a moça das requestas  
 Vãs dos pastores, que passava em graça.  
 Via seus baylos, via suas festas,  
 Mas na-la qu'em seu peito affento faça.  
 Temia mais os montes, & as florestas,  
 Onde o Rey Mouro sempre andava à caça,  
 Que sô sem sua vista, da sua fama  
 Por ella ardia em amorosa chama.

## HISTORIA.

Contase que reynaua hum grã Rey Mouro  
Entre Tamaga, & Tua, & que occupaua  
Toda a terra de Lamas, rico d'ouro  
Rico do grosso gado, que criaua.  
Em cada serra tinha hum grã thesouro  
Junto do muito, que òs Christãos roubaua,  
Eram os lauradores seus catiuos,  
Sò por este Tyranno os deixar viuos.

Foy o cruel pagaõ, & monstruoso  
(Segundo aquellas gentes fama daõ)  
Grande, membrudo, & como vffo velloso,  
E hũa orelha d'Asno, outra de Caõ.  
A todos feo, a todos espantoso,  
Chamado era de todos Orelhaõ.  
Pode com tudo Amor por sua brandura  
Naquella fera monstruosa, & dura.

O que de gado tinha, & de riqueza  
Mandara prometter â Virgem santa,  
Que Raynha a fará, & em grand'alteza  
A porâ, qual nunca outra teue tanta.  
Tanto mais cresce a ira, & a pureza  
No peito constantissimo, & o lenanta  
Mais firme ao ceo, temendo em toda a parte  
Que ou por força lha leuem, ou por arte.

Chora

Chora a Pastora, chora seu perigo:

Mal passa a noite, pior passa o dia.

Não sabe onde terá seguro abrigo,

Mais que o seu gado, sobre si vigia.

A cada tronco, ou pedra ve o imigo.

Das sombras, & dos ventos se temia.

Não que temor da morte a tente, ou torça,

Mas porque teme do Tyranno a força.



No mais alto da serra, no mais duro

D'hum moço seu Irmão acompanhada

Fazendo da montanha forte muro,

Toda anda em seus amores enleuada:

Leuayme, meu esposo, deste escuro

Bosque (cantaava) ond'ando salteada.

Chamay a vossa esposa, que vos ama,

Por vós suspira, a vós só chora, & chama.

Ay amor meu, ay saudade minha,

Ó minha desejada fermosura!

Se pera vos eu ver, senhor, conuinha

Passar perseguição tam forte, & dura:

Inda me softerá, quem me sostinha:

Vosso amor sô me esforça, & me assegura.

Doce por vós me he a aspereza, & a serra,

Tè que me deis victoria desta guerra.

Que

## HISTORIA

Qu'hymnos vos cantarey, ou que lououres  
Nouos, meu alto esposo, & meu senhor,  
Que hũa moça criada entre pastores  
Qui sestes catiuar ao vosso amor?  
Ah dita minha grande! ah meus amores,  
Promettido vos tenho fruito, & flor;  
Nã sou minha, meu Deos, toda sou vossa.  
Fazey que pera vòs guar.darme possa.

Isto COMBA cantaua; o Irmaõ tangia.  
Em ambos hũa alma ha, pura, & singella.  
Hora hum começa, hora outro respondia:  
Diuinias vozes eram delle, & della.  
Ditoso gado, que a tal som pascia!  
Ditosos olhos, que podèram vella!  
Lionardo as mais das vezes guia o gado.  
Ella enleuada fica em seu cuidado.

Cresce em tanto o fogo, em que o Mouro arde  
Quanto mais se ve della desprezado.  
Nã ha passo, nem fonte, que nã guarde,  
Noite, & dia vigia, & anda emboscado.  
Hum sò momento lbe parece tarde  
De a ter consigo, ou de se ver vingado;  
Que tal o seu desejo, & seu amor era,  
Qual entrar pôde em hũa besta fera.

Cansa

Cansado de cercar o valle, & o monte,  
 Em fogo igual d'amor, & d'ira ardendo,  
 Ao longo da clara agoa, que de hũa fonte  
 Por entre altos penedos vay rompendo,  
 Apeouse; & lauando mãos, & fronte,  
 De câ, & de lâ o corpo reuoluendo,  
 Contra si, contra Amor, contr'os ceos se ira,  
 Hora COMBA ameaça, hora a sospira.

Ah Pastora cruel! ( diz ) quem cuidàra  
 Que tanto em mim podesse cousa algũa,  
 Que por força, ou por manha me escapàra,  
 De quanto câ se ve abaixo da Lua?  
 Inda nos ceos, inda no inferno entràra,  
 Que não ha contra mim força nenhũa.  
 E tu me foges só? tu te me escondes?  
 Não m'ouues? nem me ves? nem me respondes?

Mostrame hũ' hora esse fermoso rosto,  
 E veja eu, o que vem serras & montes.  
 Não quero, ou peço mais que este só gosto,  
 Nem de t'eu ver ha, porque assi te afrontes.  
 Olha, Pastora, no que me tens posto.  
 O peito he hũa fragoa, os olhos fontes.  
 Isto te peço só, isto sô desejo,  
 Que veja o fogo, em que arder me vejo.

Que

## HISTORIA.

Que dano temes sò da minba vista?

Nunca a ninguem Reaes olhos empecem.

Não ves qu' em fim nada ha que me resista?

E não ves quantos ante mim estremecem?

Deixate, COMBA, deixate ser vista,

Poderey com estes fogos, que em mim crecem.

Mas se tanto arço sò polo que ouui,

Que será, triste, vendo o que não vi?

Se tu me ves, se, o que mais quero, m'amas,

Todas minbas riquezas, & manadas

Serão teu dote, & estes campos de Lamas,

Ouelhas, que não podem ser contadas.

Mas s'inda mais desprezas minbas chamas,

Que tu acendeste, em ti serão apagadas.

Não poderás tu ser tam dura, ou forte

Que em ti não ache vida, ou ache morte.

Se tanto esta alta serra te deleita,

Aqui leuantarey hūs Paços de ouro.

E quanta terra em roda ves sogeita

Te será, & mais sogeito este Rey Mouro.

Aceita meu amor, Pastora, aceita

Tam rico reyno, tam rico thesouro.

Tu viueràs isenta na tua ley:

E eu em teu nome me chamarey Rey.



E se tam dura fores a meu rogo,  
 Desprezadora de meus ricos doãos,  
 Vingarey tua soberba com tal jogo,  
 Que antes me queiras dar mil coraçõs.  
 Arderás, como eu arço, em brauo fogo.  
 Essas tuas carnes comerám Lioês.  
 Ah nescia moça! pois não amas, teme:  
 E s'ati mesma não tens odio, veme.

Eu sou teu Rey, tu es minha catiua.  
 Se tu senhora, que eu serey catiua.  
 Não t'he melhor seres Raynha, & viua,  
 Que arderes cruelmente em fogo viua?  
 Que proueito te traz ser assi esquiua?  
 Tam feo te pareço, ou tam esquiua?  
 Inda não ha tal Dama, ou tal Raynha,  
 Que não s'honrassse muyto de ser minha.

Tu rustica, tu pobre, & tu perdida.  
 Eu grande Rey de antiga geraçãõ.  
 D'hũa parte he meu sangue del Rey Mida.  
 D'outra parte de Armenia do grã Cão.  
 Olha os sinaes, de que he ennobrecida  
 Minha cabeça, quam soberbos são.  
 E tu minha catiua, & vil pastora.  
 De teu Rey te desdenhas ser Senhora?

## HISTORIA.

*Ouvia a caso COMBA dentr'as matas*  
*Os rogos, & ameaças de Orelhaõ,*  
*Escondida, & quieta entre huãs latas,*  
*Onde passaua as festas do veraõ.*  
*Se tu, grã Deos, as forças crueis não atas,*  
*Fracas as forças de hũa moça são.*  
*Ella treme, & s'encolhe, & aos ceos sospira.*  
*E inda ate entãõ a el Rey não vira.*

*Chegãra ali a moça na alta festa,*  
*Banbarse, como sõe, nũa fonte clara,*  
*Despois de vigiar serra, & floresta,*  
*Que pisada de gente não topara.*  
*Ali mais que Diana, mais que Vesta*  
*Seu castissimo corpo refrescara,*  
*A cuja vista o Sol, que antes ardia,*  
*Tempera o fogo, & faz mais claro o dia.*

*Parecelbe estar queda mais seguro.*  
*Força ao lento, quanto ella mais pode.*  
*Fazem as matas o lugar escuro.*  
*Nem vento as abre, por mais que as sacode.*  
*Vos, meu Deos (dizia ella) sois meu muro,*  
*Vossa grandeza aos miseros acode.*  
*Escondexme, Senhor, que me não veja*  
*Quem vossa honra profanar deseja.*

E se vos sois, meu bom Senhor, seruido,  
 Que aqui o meu amor com sangue apure;  
 Muito ha que volo tenho offerecido,  
 Nem este meu desterro mais não dure.  
 Meu peito de vos sô fortalecido  
 Que perigo ha, de que se não segure?  
 Em vosso nome, em vosso esforço armada  
 Quebrarey do Rey mouro a lança, & espada.

Ouio o Ceo o humilde, & sancto rogo.  
 Abriose c'um som doce, & rayo claro.  
 Eis ja COMBA esforçada, eyla arde em fogo,  
 Em fogo d'alto sprito ao mundo raro.  
 Lá o seu medo tem por riso, & jogo.  
 Là tem certo o remedio, certo o emparo.  
 São dentr'as matas contra o mouro irosa,  
 E assi mais diuina, & mais fermosa.

Qual a casta Diana de sua fonte  
 Afrontada sabio contra Acteaõ,  
 Quando elle a caso a vio, andando a monte,  
 E Ceruo o fez corrido do seu Caõ:  
 E inda, por mais que a fabula vam conte,  
 Mores os fogos de COLOMBA são;  
 Nem tanto a honra propria ella estimaua,  
 Quanto a de Deos, que o Mouro blasfemaua.

## HISTORIA

Tal se lhe mostra, tal se poem diante:

Mouro barbaro, diz, & donde tanta  
 Vam soberba te vem, que te leuante  
 Contra Deos, q̄ os soberbos vence, & espanta?  
 Não vãs por tua vam porfia auante.  
 Ajunta â tua crueza inda outra tanta.  
 Busca generos mil de cruel morte,  
 Que mais do que es cruel, he Comba fortê.

Ab, cego! que não ves a fermosura

Do meu esposo, nem a sua grandeza!  
 Qu'he eterna, immortal, & sempre dura,  
 E o mundo todo ant'elle he vil baixeza.  
 Tu es a mim a mais baixa creatura,  
 Qu'eu hoje sey em toda a redondeza.  
 Ve pois se ferey eu tam enganada  
 Que o bom, & o tudo deixe polo nada.

Qual fica o laurador, que andaua perto

D'onde cabio o rayo temeroso,  
 Qu'o antigo Carnalho deixa aberto,  
 Queimado, & negro, & a todos espantoso:  
 Elle esmorece, & câe, & tem por certo  
 Qu'abrasado he do fogo riguroso,  
 E quando acorda, & s'ergue, inda mal foge.  
 E no souuidos inda o som lhe rôge.

De

De tal maneira o barbaro Tyrano  
 Vendo da sancta Virgem o claro rayo,  
 Que reluzia do seu mais que humano  
 Rosto, attonito esteue, & c'um desmayo.  
 De coração vencido ouiuo seu dano,  
 Aos peitos lanca as mãos, & rasga o sayo.  
 E ó ceos cruellissimos, exclama,  
 Vi o meu fogo, & a minha cruel chama.

Não pode mais dizer, & vayse a ella  
 Confiado nas forças de seus braços.  
 Mas tempo lhe não dà a casta donzella,  
 Cos pés rompe da serra os embarços.  
 Mouta a não troua, nada traua della.  
 Elle cuida que fica preso em laços.  
 Salta a caualo, a grossa lanca a ferra,  
 E assi gritando vay pela alta serra.

Tente, fermosa COMBA, tente, & espera.  
 Que não com ira, com amor te figo.  
 Por mais que digas, homem sou, não fera,  
 E por meu mesmo tenho o teu perigo.  
 Estarte vendo, & ouuindo sô quiserá.  
 Que não podes fazerme teu inimigo.  
 Là me leuas nos olhos alma, & vida  
 Qu'ao mesmo risco vay offerecida.

## HISTORIA.

*Ab tu sô es a fera, tu sô es a dura  
 Mais que os rochedos desta braua ferra!  
 Mais que morte, cruel tua fermosura,  
 Que o meu amor pagas com odio, & guerra,  
 Ab não corras, cruel! que a tua brandura  
 Não he pera sofrer tam agra terra.  
 Não faças tal estrago de hûs cabellos,  
 Que nunca mereceo o sol de vellos.*

*Em que perigo leuas esses olhos,  
 Em que eu da vida sô tenho a esperança!  
 Como rompem tuas plantas mil abrolhos,  
 Que cad'hum da minb'alma sangue lança!  
 Espera hum pouco: & volueme os teus olhos,  
 De ti, & de mim não faças tal vingança.  
 Espera hum pouco, & veme de mais perto,  
 Que se estiueres queda, eu estarey certo.*

**COMBA** peia alta fraga vay voando,  
 Nada acha, que lhe faça impedimento.  
 Das palauras do Mouro não curando,  
 Olhos no ceo, cabelo solto ao vento.  
 Algum sprito a vay encaminbando,  
 Algum sprito lhe dà força, & alento.  
 Mudafelte a aspereza em cham planura.  
 E abrandase a seus pés a pedra dura.

Não



Não com tanto seruor, & pressa tanta  
 Daphne fugia o Pastor mais fermoso,  
 Ate se conuerter na verde planta,  
 De qu'elle inda se mostra saudoso;  
 Nem tam ligeira corria Athalanta  
 No seu pãreo cruel, & perigoso,  
 Nem tras ellas ardendo em mor fogo hiam,  
 Hyppomanes, & Apollo que as seguiam.

O Mouro a cada passo a redea volta.  
 A cada passo acha ante si hum penedo.  
 Hora trota, hora vay de volta, em volta  
 Rodeando hora o mato, hora o rochedo.  
 Aceso todo em ira a redea solta,  
 Fere o caualo, â morte perde o medo.  
 Mudado o amor em odio, enresta a lança  
 Pera a banhar em COMBA, que já alcança.

Tu Virgem sancta, tu Pomba diuina  
 Por quem Deos cousa fez de tanto espanto,  
 Tu mesma o inspira, & canta, q̃ não he dina  
 A minha Musa de subir a tanto.  
 A ti o ingenho, a ti o sprito se inclina.  
 De lâ dos ceos me venha hum nouo canto,  
 Com que eu o alto milagre teu não dane  
 Nem do teu nome a honra mal profane.

## HISTORIA

Lá a pastora cbeagua ao alto cume  
Da ferra, onde he mais alta a penedia,  
Dond'o olho abaixo olhando, perde o lume,  
E entr'ella & el'Rey sò a lanca se metia.  
Ia lhe chega o Tyranno, & já presume  
Que nem em terra, ou ceo lhe escaparia,  
Quando COMBA gritou: ò rocha alta, onde  
Venbo buscar abrigo, em ti me esconde.

O marauilha grande! abriose a pedra:  
Obedeceo à sancta a rocha dura,  
Obedeceo à sancta, & abriose a pedra,  
E defendeoa da cruel ventura.  
Tambem a lanca do Mouro abriu a pedra,  
Ao pé fica a sinada a ferradura,  
Ao pé da rocha, onde hoje inda parece,  
E na pedra a lançada se conhece.

Tanto que em si a recolheo, cerrouse  
A dura rocha, así de Deos mandada.  
Blasfemou o Tyranno, & así inclinouse,  
Que foy pera meter por si a espada.  
Mas vio Lionardo o barbaro, & vingouse  
No innocente sangue, em que hanhada  
Foy a lanca cruel, & o sancto moço  
Stripado lançou ali num poço.

*Estava hũa coua ali d'agoa encharcada,  
 Que do inuerno sô se recolhia:  
 Nunca despois secou, nem foi minguada,  
 E clarissima, & pura he hoje em dia.  
 Por muitas experiencias a prouada,  
 Agoa fresca em tam alta penedia  
 Sempre igual, sempre clara inuerno, & estio.  
 Nunca tal fonte deu, nem tal deu rio.*

*Senhores, conto o que meus olhos viram.  
 Vi os sinaes da pedra milagrosa.  
 Bebi a sancta agoa: & outros, que o sentiram,  
 Agoa sancta lhe chamam, & preciosa.  
 Isto os viuos ôs pays, & auôs ouviram.  
 Historia diuina he, não fabulosa.  
 Os templos, & os altares daõ boa proua.  
 E com milagres mil o ceo o a proua.*

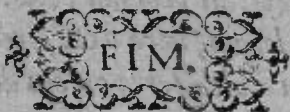
*Ali vem mil cruces, ali vem mil votos.  
 Chuaa hora leuam, hora o ceo sereno.  
 Não espanta a alta serra os seus deuotos,  
 Nem cansa o velho, nem o moço pequeno.  
 Dos vezinhos lugares, & remotos  
 Vem os Pastores pedir agoa, & feno.  
 Ali offerecer vem brancas pombas  
 Os moços Lionardos, moças Combas.*

## HISTORIA DE S. COMBA.

E a fertil, & cham terra, que occupaua  
Aquelle monstruoso, & cruel pagaõ,  
Que outros claros Senhores esperaua,  
Inda se chama Lamas de Orelhaõ.  
Ditosa terra, que sanctos criaua,  
E ditosos tambem seus ponos saõ,  
Que õs inçlytos Marqueses obedecem,  
De cujo tronco plantas taes florecem.

### Sanctissima Pastora mal cantada

Nestes meus versos do teu nome indinos,  
Seja minha ousadia perdoada,  
Não podem mortaes dar versos diuinos.  
Tu lâ estãs n'alta gloria coroada.  
Nos câ na terra te cantemos hynos.  
Recebe o que de ti ao Sol, & à Lua.  
Saudoso cantaua ao som de Tua.



SEGUNDA PARTE  
DOS VERSOS DE AN-  
tonio Ferreira.

DAS CARTAS LIVRO I.

CONGRATVLACAM DE TO  
do Reyno a el Rey D. loão III. na  
morte do Principe Dom loão  
seu filho, que soffreo pa-  
cientissimamente.

CARTA I.

**G**Rã Rey, Senhor das Casas do Sol ambas.  
Bonissimo IOAM mais pay da patria  
Que Brutos, ou que Augustos, ou Trajanos;  
Por grã merce de Deos, & gloria nossa  
Dado a estes Reynos teus do rico Tejo  
Até Eufrates, Nilo, Tigris, Gange;  
Vencedor da braveza de Neptuno,  
Senhor de seu Tridente, & ricas conchas,  
De barbaros espanto, amor, & medo.  
Luz clara de infieis: coluna firme  
Da catholica Fé; de idolatrias

Falsas

## DAS CARTAS

Falsas destruydor, paz do teu Reyno.  
Fortissimo IOAM, graças te damos.  
Nãõ por tuas victorias com que espantas  
O mundo todo; nãõ por teus thesouros,  
Com que esta tua terra enriqueceste  
Iustamente ganhados; nãõ por letras  
Com qu'as armas ornaste, honrãdo Phebo  
Igualmente com Marte, que florecem  
Agora mais que nunca: nãõ por leys  
Sanctas, iguaes, & justas, com que os vicios  
Castigas nos mayores & menores.  
Nãõ te louuamos, Rey, nãõ te louuamos  
D'espectaculos v'ios dados ao pouo,  
De prodigalidade de moedas  
Lançadas pelas ruas; nãõ de mares  
Appetitosamente atrauessados  
De trabalhosas pontes semeadas  
De peças de ouro, & prata, & ricas pedras,  
De montes arrasados, rios secos,  
De sem necessidade agoas trazidas  
De longe por mil canos, mil rodeos.  
Nãõ de popas douradas, velas ricas  
De purpuras, & remos de ouro, & prata,  
De tanques, de piscinas, de arcos, thermas,  
Bosques, parques, theatros, capitolios,  
Carros, litheras, Tigres, Lioes, Vffos,



De feras monstrosas, nunca vistas,  
E de outras não grandezas, mas solturas,  
Que Reys Tyrannos liures costumauam  
Em tempos infelices, & costumam  
Pelo mundo ind' agora, em si sòmente  
Os publicos thesouros consumindo,  
Tirados do suor, do sangue, & vida  
De seus catiuos pouos. Nos, bom Rey,  
De ti sò te louuamos: de ti sò  
Damos graças òs ceos, que te nos deram  
Rey justo, Rey clemente, Rey pacifico.  
Rey homem, Rey & pay, senhor & amigo.  
A fortaleza grande, & gloriosa  
Pera sempre a teu nome, a este teu Reyno,  
Que exemplo immortal fica d'outros Reynos;  
Aquella fortaleza nunca vista,  
Grã Rey, que contra a morte de hum teu filho,  
Vnico socessor do teu estado,  
Mostraste, quem a entende? quem não espanta?  
Como se pode crêr dos que vierem?  
Ou em qual dos passados se vio nunca?  
Christianissimo Rey, crerse ha de ti,  
De IO AM o Terceyro que constancia,  
Que espantos, que grandezas, que milagres  
Se não crerâm no mundo? teu bom nome,  
Por onde quer que soa, amase, & espanta.

## DAS CARTAS.

E sos desd'hum polo ao outro polo.

Fere nouas estrellas, nouos ceos,

De ti sò descubertos, & mostrados.

Espantem outros, sejam mais temidos

Que Tigres, que Lioës, & trema ant'elles

Como ant'a mesma morte o triste pouo.

Não ousem leuantar os olhos nunca

A seus irosos rostos: adorados

Se façam ser por forças, & por medos.

Nouas cruezas vsem, com que tenham

Seguros os estados de seus odios.

Tu rege mansamente, & com justiça,

Estas sejam tuas artes, a paz ama:

A vencidos perdoa, que se entregam.

A soberbos destrue, desfaze, & apaga.

Amemoste nos sempre, & te chamemos

Clemente, bom, Christão, pay do teu Reyno,

Filhos teus nos chememos: como pay

Nos ama, nos castiga, & nos perdoa.

Pendamos de teus olhos, mostraos sempre

Seguramente rindo: essa tua graça

Mais força tem que ferro, ou fogo de outros.

Nossas almas nos leuas apos ti

Onde quer que te viras, tu só Rey

Es verdadeiro nosso. Em seu lugar

Deos na terra te pos de sua mão.

Amor.

Amor faz os bons Reys, não medo; amor  
 Estados dá, & conserua: o que he temido  
 De muitos, muytos teme. Nos te amamos.  
 O nome, & a honra, que òs bons Reys passados  
 Com amor damos, viuo já ta damos.  
 Esses Herôes antigos, & Monarchas  
 Vencendo, edificando, acrescentando  
 Imperios, repartindo grossos campos,  
 Julgando justamente, & defendendo  
 Seus pouos com amor, com leys, & armas,  
 Choraram de não ver os iguaes premios  
 A seus merecimentos em suas vidas.  
 Romulo, Bacho, Castor, Pollux, Brutos,  
 Décios, Scipiões, Fabios, & Iulios,  
 Despois de suas façanhas increyueis,  
 Hũs fõram recebidos nos vãos templos  
 De sua idolatria, outros honrados  
 Como Herôes illustres: atè aquelle,  
 Que a grande, & cruel Hydra matar pode  
 De tantos seus trabalhos rodeado  
 Veo a crer, que com a morte se vencia  
 A inueja, qu'espanta, & queima sempre  
 Aquelles, que vencidos, cegos ficam  
 Co resplendor de quem os cega, & vencẽ:  
 Mas morto s'ama mais, mais se deseja.  
 Alcança tu sô Rey o que nunca outro

## DAS CARTAS

Em vida mereceo : cre que assi já  
Nos he grande teu nome, brando, & doce,  
Como o poderà ser em toda idade.

A PERO D'ALCACOVA  
Carneiro Secretario.

### CARTA II.

**D**Os segredos Reaes segura guarda,  
A cujos olhos s' abre o Real peito,  
Em cnjo peito seus intentos guarda:  
Seja teu bom conselho sempre aceito  
Ao melhor & mor Rey, que te escolheo  
Conforme em tudo a seu Real conceito.  
Quam ditoso aquelle he, que mereceo  
A prazer a tal Rey, quam aluo dia,  
Em que tam claro ao mundo hum Sol nasceo!  
Sancta alma, real zelo; a quem sô guia  
Amor, justiça, & paz, cujos bons meos  
Em ti busca, em ti acha, em ti confia.  
Sans letras, justas armas, dous esteos  
Firmisimos do Imperio sô tenhamos.  
Mais bens, se o mundo os tẽ, a outros Reys deos.  
O Portugal antigo, que louuamos  
D'sprios rudes, de animos ousados,  
Qu' arte à sua guerra, à sua paz achamos?

Não

Não escareço os feitos tam lembrados  
 De tantos Capitaes, tantos Reys fortes,  
 Que por diuino sprito eram guiados:  
 As vidas desprezar, não temer mortes,  
 A mais inimigos, rostos mais seguros,  
 Ousados votos, & ditosas sortes  
 Aluos caualos, arcos mil em muros,  
 Mil palmas, & mil louros mereciam,  
 Mas não se honrauam disso spritos puros.  
 Venciam os sanctos Reys, porem venciam  
 Mais por ousado esforço, que por arte,  
 Sem nenhum medo a tudo ousados biam.  
 O grã pôder de Deos deixado a parte,  
 Que espantos hoje soam, que façanhas  
 Do grande Portugal em toda a parte!  
 De tantos Capitaes que artes, que manhas!  
 De tantos caualeiros que ousadias!  
 Que victorias em terras tam estranhas!  
 Já outros tempos outros claros dias  
 Nos nasceram: entrou arte, & sciencia  
 De nosso sprito mais seguras guias.  
 Cresce co tempo mais a experiencia.  
 Não louuamos já bons socedimentos,  
 Louuamos bom conselho, boa prudencia.  
 Em quanto tristes fins de bons intentos  
 Roma sofria, em quanto castigaua

## DAS CARTAS.

Ditosos fins de maos commetimentos,  
Que mundos não vencia? que receana?  
Como tam grande Imperio, & paz sò vinba?  
Quanto da má fortuna triumphava!  
D'armas em justa guerra armada vinba,  
De letras em boa paz; & assi igualmente  
D'ambas sempre ajudada se sostinha.  
Ditosa idade, bem lembrada gente,  
Que exemplos ca deyxastes, que memoria  
Que do occidente soa até Oriente!  
Mas quanto mór, quanto melhor historia  
De Portugal já nasce, que escritura  
Nova, que noua fama, que alta gloria!  
Ah deuese àquella alma sancta, & pura  
Do nosso grande Augusto, bom Trajano,  
Que àquella clara idade torna escura.  
Seu sancto fim todo he desuiar o dano,  
Que mal nos ameaça, destruyndo  
Mão desejo, mão zelo, & mão engano.  
A noua luz das letras foy seguindo,  
As fortes armas co'ellas gouernando,  
De que tamanbo bem ao mundo he vindo.  
Entrâram mãos intentos, que danando  
Vão o conselho sancto, & já em mal  
Aquelle tanto bem se vay mudando.  
Inclinaçõs danadas! que o que val

Pera



Pera conseruar paz, destruyr guerra,  
 Pera honra, & bem comum, & não pera al,  
 Seguem só polo seu. Aqui se encerra

Todo estudo, tod' arte; que fins sanctos  
 Se esperarãm de quem nõ intento erra?

De tantos liuros, tanto estudo, & tantos

Annos que sae já agora? mã cobica,

Riso de maos, & de innocentes prantos.

Aquella sancta, aquella igual justiça

Nõ bom zelo: sõ esta, não em liuros mudos,

Que zelos maos a tornam injustica.

Não culpo os liuros bons, os bons estudos,

Como não culparia a boa espada,

Bons elmos, bons arnezes, bons escudos.

Culpo, & praguejo aquella tam danada

Alma, que pera mal vsa do bem

De seu cruel proueito conselhada.

Prudencia, & lealdade sõ sostem

Os bons Imperios: daqui nasce o amor,

Que ao pouo o Rey, ao Rey seu pouo tem.

Nunca os estados segurou temor.

Nunca foy o bom zelo desprezado.

Danou os bons desprezo, os maos fauor.

O nosso bom IOAM tambem guiado

De seu sprito, viuua em ti seguro,

E nos mais, de quem he bem conselhado.

## DAS CARTAS.

*Abrasanse castellos, cae o muro.*

*Cansam forças, & bracos, & ardidezas.*

*No bom conselho sô está o bom seguro.*

*Do saber são as boas fortalezas.*

*Escolhanse bons zelos, bons spritos,*

*Mais no mundo soarão nossas grandezas.*

*Aquelles claros feitos, altos ditos,*

*De que os liuros são cheos, desprezemos.*

*Mores feitos ha cá, não também escritos.*

*Vençamos no melhor, o outro imitemos.*

## A PERO D'ANDRADE

*Caminha.*

### CARTA III.

**T***Eu nome, Andrade, de qu'he bem qu'esperem*

*O de que se já sempre espantaráo*

*Quantos te vem, quantos despois vierem:*

*Teu raro sprito, de que se honrarão*

*As Musas, que de si tanto deram,*

*E que tarde outro como ati darão:*

*Os bons escritos teus, que mereceram*

*Ou ouro, ou cedro, pois já nessa idade*

*Nos mostras nelles, quanto em ti quiseram*

*As Musas renouar â antiguidade,*

*Em teu amor aceso me leuâram*

*A esta sam, & confiada liberdade.*

Do que se antigamente mais prezaram  
 Todos os que escreveram, foy honrar  
 À propria lingua, & nisso trabalharam.  
 Cada hum andava pola mais ornar  
 Com copia, com sentenças, & com arte,  
 Com que podesse d'outras triumphar.  
 Daquella alta ellegancia quanta parte  
 Deues tu Grecia àquelle tam louuado  
 Poeta, que assi soa em toda a parte!  
 E tu grã Tybre, de que estas honrado  
 Senão com a pureza dos escritos  
 Daquelle Mantuano celebrado?  
 Garcilasso, & Boscaõ, que graça & spritos  
 Dèstes à vossa lingua, que Princesa  
 Parece já de todas na arte, & ditos!  
 E quem limou assi a lingua Francesa  
 Senão os seus Franceses curiosos  
 Com diligencia de honra, & amor acesa?  
 E vos ò namorados, & ingenhosos  
 Italianos, quanto trabalhastes  
 Por serdes entre nos nisto famosos!  
 Assi enriquecestes, & apurastes  
 Vosso Toscano, que serã já tido  
 Por tal, qual pera sempre o vos deyxastes.  
 Qual serã aquelle pouo tam perdido  
 Que assi não seja mais affeicoado

DAS CARTAS

Qu'a outro estranho, & pouco conhecido?  
 Que barbaro não diz: mais obrigado  
 Sou eu a aproueitar a mim, & aos meus  
 Que àquelle, que de mim està arredado?  
 Gethas, Arabios, Persas, & Caldeus  
 Gregos, Romaões, & toda a outra gente  
 Nascem, viuem, & morrem pera os seus.  
 Avermos nos agora hum excellente  
 Capitaõ Portugues de quantos temos,  
 De que se espanta, & treme o Oriente,  
 Querer mostrar a ordem, que deuemos  
 Guardar na guerra em lingua estrangeira,  
 Quam certo, Andrade, he que nos riremos.  
 Este, dirias, em vez da maneyra  
 Nos querer ensinar como vencamos,  
 Faz outra gente contra nos guerreyra.  
 E tanto he mais razão que o nos sintamos,  
 Quanto mayor proueito nos cabia,  
 E quanto mor o dano, que esperamos.  
 O que entre a antiguidade mais se auia  
 Por infamia, era desprezar a terra,  
 De que hum era filho, & em que viuia.  
 Contra a qual não somente se diz que erra  
 O que desemparrar, trahir, vender,  
 Ou lhe mudar a boa paz em guerra,  
 Mas quem com quanto dizer, & fazer,

Em

Em seu proueito pode, o não fizer,  
 Ou seja com bom braço, ou bom saber.  
 Duas cousas somente se ham mister  
 Na Republica boa, corpo, & alma.  
 Ditosa aquella, que ambos bons tiuer.  
 O corpo, que por ferro, frio, & calma  
 Rompa, & passe sem temor auante,  
 Porque o inimigo lhe não leue a palma.  
 A alma, que seja tam pura, & constante  
 Em seu proueito, & honra, que pareça  
 Ter sua gloria, & bem sempre diante.  
 E que na paz, & guerra se offereça  
 A com prudencia, & conselho a ajudar,  
 Porque chamar se filho seu mereça.  
 Por isso o grande Deos nos quis formar  
 Por suas sanctas mãos de carne, & sprito,  
 Porque de ambos auiamos de vsar.  
 Quem com armas não pode, com escrito  
 Poderâ fazer tanto, que se ria  
 Do qu'os escadroës rompe, & inda c'um dito.  
 E não se honraua mais, & mais temia  
 Aquella vencedora Esparta antiga  
 Cos ditos de Licurgo, que a regia,  
 Que des que ella das armas, & ouro amiga  
 Os olhos lhe quebrou, & o desterrâram?  
 Patria contra si mesma ingrata, & inimiga.

## DAS CARTAS.

Ô quantos quanto mór fama ganhàram  
Coa boa penna, que outros com a espada!  
Quanto mais ricas estatuas cà deyxàram!  
Quanto foy mais sentida, & mais chorada  
A morte do alto Homero por seu canto,  
Que a tua, Achilles, que elle fez honrada!  
Pois com quanto razão m'eu mais espanto  
Do que em ti vejo, tanto ver perdido  
Sinto, o que me assi moue a magoa, & espanto.  
Mostrastete tégora tam esquecido  
Meu Andrade, da terra, em que nasceste,  
Como se nella não foras nascido.  
Esses teus doces versos, com que ergueste  
Teu claro nome tanto, & que inda erguer  
Mais se verá, a estranha gente os deste.  
Porque o com que podias nobrecer  
Tua terra, & tua lingua lbo roubaste,  
Por ires outra lingua enriquecer?  
Cuida melhor que quanto mais honraste,  
E em mais tiñeste essa lingua estrangeira,  
Tanto a esta tua ingrato te mostraste.  
Volue, pois volue, Andrade, da carreira,  
Que errada leuas (com tua paz o digo)  
Alcancaràs tua gloria verdadeira.  
Te quando contra nós, contra ti inimigo  
Te mostraràs? obriguetè a razão,

Que



Que eu, como posso, a tua sombra figo.  
 As mesmas Musas mal te julgarão,  
 Serás em odio a nos teus naturais,  
 Pois, cruel, nos roubas o que em ti nos daõ.  
 Sejam à boa tenção obras iguais,  
 E a boa tenção, & obra à patria sirua,  
 Demos a quem nos deu, & deuemos mais.  
 Floreça, fale, cante, oucase, & viua  
 A Portuguesa lingua, & já onde for  
 Senhora vâ de si soberba, & altiua.  
 Se tèqui esteue baixa, & sem louuor,  
 Culpa he dos que a mal exercitâram:  
 Esquecimento nosso, & desamor.  
 Mas tu farás, que os que a mal julgarâm,  
 E inda as estranhas linguas mais desejam,  
 Confessem cedo ant'ella quanto errâram.  
 E os que despois de nos vierem, vejam  
 Quanto se trabalhou por seu proveito,  
 Porque elles pera os outros assi sejam.  
 Se me enganey, se tiue mao respeito  
 Andrade, tu o julga: mas espero  
 De te ser este meu desejo aceito.  
 E em quanto mais não peço, isto sô quero.

A ANTONIO DE SA DE

Menezes.

Car

DAS CARTAS.

CARTA III.

**M**inha Musa, que baixa estava tanto,  
 Que do chão não se erguia, já levanta  
 Em teu grã nome differente canto.

Tu tam alta a poseste, que se espanta  
 De como pode, & ousou subir tam alto,  
 Que em ti s'ergue, em ti fala, ati já canta.

E com quanto he tam perigoso o salto  
 Em ti, Antonio, está tam confiada,  
 Que não lhe chega medo, ou sobresalto.

Alta nobreza em ti tambem empregada,  
 E de tanta nobreza sprito digno,  
 Ô alma bem nascida, & tambem dada!

Tal sprito direy eu claro, & dino  
 D'immortal canto, & gloriosa fama,  
 Que faz de hum mortal homem ser diuino.

Não he aquella nobreza, nem se chama  
 Que s'ennobrece sò de prata, & d'ouro,  
 E nelle poem seu estado, gloria, & fama.

Eu vejo aqui, & ali hum grã thesouro,  
 Eu vejo armas antigas cà deixadas  
 Deste, & daquelle, que matou Rey mouro;

Mas que aproueita àquelle, de que olhadas  
 Somente saõ, mostralas por vam gloria,  
 Pois que por elle as vemos deshonradas?

Que lhe aproueita o repetir da historia

Tantas vezes, & como foy tomada  
 A antiga sua bandeira na victoria,  
 Pois assi como foy do auo ganhada,  
 Por elle sô tornou ser tam perdida,  
 Que quasi ella se mostra enuergonhada?  
 A gloria, & honra à virtude he deuida,  
 Della nasce, & se cria, & se fostem,  
 Não se herda, não se compra, he como a vida.  
 O ouro a terra o cria, a terra o tem,  
 Se algũa cousa val, he sô por ser  
 Hum instrumento bom pera vsar bem.  
 Mas ah, vemos que agora tal poder  
 Lhe tem o mundo dado, que elle manda,  
 Elle a virtude julga, elle o saber.  
 Por cima das estrellas já tal anda,  
 Tam soberbo, & tyranno, que cos ceos  
 Pouco, & pouco, o que pode, se desmanda.  
 Lança aos olhos d'alma hūs negros veos,  
 Com qu'assi a cega, & encanta, que não veja  
 Se não suas ricas veas, nunca a Deos.  
 Entam não lhe falece quem peleja  
 Por elle fortemente, em toda parte,  
 E telo por seu idolo deseja.  
 Por suas mãos a vida se reparte,  
 Por suas mãos a vida a gloria, a honra,  
 E do qu'a melhor espera, he a pior parte.

## DAS CARTAS.

O justo, & sabio jaz; & assi os deshonra  
Qu'he necessario aos tristes contentarse  
Do que em si tem & saber que isso os honra.

Esperam quem os erga; mas passarse  
Vejo dias, & annos, sem o acharem,  
Té que de todo vem desesperarse.

Que de que vem perderense, ou cansarem  
Os bons ingenhos? de que vem a virtude  
Encolherse? de a rirem assi, & pisarem.

Entam rijos combates, tam a miude  
Que animo bastará, que fortalezá,  
S'em parte algũa se não ve saude?

Tu ves em que consiste já a grandeza;  
Em abater o que merece erguido,  
E em leuantar aos ceos toda a baixeza.

Mas a este grande mal tem socorrido  
De pouco pera cà algum tanto as Musas,  
(Merce de quem nos foy tal dom trazido)

Iã agora vaõ sofrendo mais escusas,  
Vaõ confessando que foy bom o saber  
Ao Tyranno cruel de Siracusas.

Hũs por desimular, outros por ver  
A que sabe isto, de que tanto riam,  
Vejo já começar, & proceder.

O bom Rey piadoso! estes não viam.  
Tu lhes deste olhos novos, com que vem;

Por

Por dom tam grande as almas te deuiam.  
 Já esta nossa Terra ingenhos tem  
 Das Musas bem criados, mas mal cridos,  
 Que sempre o mal anda abatendo o bem.  
 Ingenhos nascem já, que a ser erguidos,  
 D' honrosos louros foram coroados,  
 Mas tèqui de quem são favorecidos?  
 Os premios que õs que correm são mostrados,  
 Porque õs ingenhos bons se negarã?  
 Sejamnos bons juizés nisto dados.  
 Em tua grã profapia s'acharã  
 Insignias triumphaes de Apollo, & Marte,  
 Que os olhos, dos que as virem, espantarã.  
 De quem se não conhece, ou em que parte  
 Dos Sãs o nome? onde se não fingem  
 As proezas, que a fama em mil reparte.  
 Onde tantos as Musas d'Hera cingem,  
 Onde armas victoriosas daõ sinal  
 Do claro sangue, de que os campos tingem.  
 S'estas sãs duas cousas immortal  
 Podem fazer hum nome, que letreyro  
 Se pode a este teu nome achar igual?  
 De palma coroado, & de loureyro  
 Por mão d' Apollo, & Pallas acharã  
 No ceo, & na terra o premio verdadeiro.  
 Mas eu não louuo, Antonio, isto que já

## DAS CARTAS.

De longe herdaste, louuo o que em ti vejo.  
Que em sò teu nome sempre viuirá.  
Esse bom zelo teu, esse desejo  
D'honrar as Musas, esse amor tam bom,  
Que eu tanto em nossos Principes desejo.  
Dom dos ceos dado à terra, ó raro dom,  
Que sempre aquelles, que o fauoreciam,  
Honoraram as Musas com seu alto som.  
As leys se violauam, & se rompiam  
Por dar vida aos bons versos Mantuanos,  
Cidades sobre o Grego contendiam.  
Os bons ingenhos Gregos, & Romanos  
D'homens, como nos, foram, mas eram  
Entr'homens bons, & Principes humanos.  
As honras, que lhes dauam, sò lhes deram  
Esprito, com que assi tam altamente  
Seus nomes pelas terras estenderam:  
A honra cria, & faz a arte excellente.

A D. IOAM D'LANCASTRO.

filho do Duque d'Aueiro.

CARTAV.

Que dizes, meu Lancaastro, destes sabios,  
Destes cachopos velhos, que desprezam  
Quantos bons Catoës ouue, quantos Fabios?  
Que dizes destes graues, que se prezam

D'au-



D'authorizar com seu juizo o mdo,  
 Por grandes contas entoado rézam!  
 Que Julgas d'outro louro Menelão,  
 Que com seu corpo, & rosto capitaõ  
 Se faz famoso mais que Agesilao?  
 Que da carranca deste? da tençaõ  
 Daquelle? dos spritos, do desejo,  
 Dos fumos d'aquelloutro, & opiniaõ?  
 Estas são as differenças, de que eu vejo  
 Entre nos hoje tantas nouidades,  
 Que de nellas cuidar me corro, & pejo.  
 Aquelle, que entre tantas vaydades  
 Não he vaõ, & não vendo hũa sò verdade,  
 Conhece, & segue todas as verdades:  
 E entre tantas soberbas a humildade  
 Ama sò, & quer; & onde se rim do casto,  
 Louua, & se abraça com a castidade;  
 Que chamaràs a este? que eu não basto  
 A titulo lhe dar delle tam dino.  
 Sô me contento de seguir seu rasto.  
 Ditoso tu que es este; a que hum diuino  
 Sprito rege, & guia; & aos ceos direito  
 Pisando a terra vas seguindo o tino.  
 Riste deste viuer tam contrafeito,  
 Que ves nos homês, & dos seus preceitos  
 Nouos, em que não ha hum sò bom preceito.

## DAS CARTAS

E quando ves bñs feitos, & desfeitos,

Outros, já não te espantas, como quem

A toda a inconstancia os ve sojeitos.

O bem sempre por mal, o mal por bem,

Por virtude o mor vicio, & por prudencia.

O que menos o he, seguem, & crem.

Do vaõ prodigo dam magnificencia.

Chamam o deshonesto, homem de damas,

E louuam, & ham inueja à incontidencia.

Aquelle, que tu bom, & prudente chamas,

Que lança suas contas bem lançadas,

E seu pouco falar, bom, & raro amas,

Frio, & malecioso; & o de danadas

Entranhas, que c'um riso prazenteyro

Encobre suas peçonhas simuladas,

He sò prudente, & cauto: falso arteiro

O que conbecce bem, & sabe fazer

Differença do amigo ao lisongeiro.

O cego pouo, que não sabe crer,

Nem estimar se não o que he pior,

Como te saberà nunca entender?

Do mais inchado titulo, & mayor

Soberba, & fausto mais se espanta: & honra

O mais sem honra, & rise do melhor.

A fama serue sempre; & a cega honra

Com'ao indigno a dá, sem mais cêrteza;

Assi lha tira, & deixa em vil deshonra.

Mas esse Real sprito, essa grandeza

D'animo, esse fugir do vulgo cego,

De seus enganos, erros, & baixeza,

Por onde quer, Senhor, que o eu digo, & prego,

Em saõs juizos acha amor, & espanto.

E que os mais o não entendam, não o nego.

Porem seja cad'hum prudente, & santo:

S'em vida não, em morte: os que o não crerem,

O virãm crer com lagrymas, & pranto.

Dos outros ( por ventura se morrerem

Antes delle) verá todos seus ventos

Com elles juntamente perecerem.

Quem, como tu, na vida traz taes tentos,

Quando morrer, começará sua vida.

Dos outros ficarãm os vaõs mnymentos.

Vine, bom loão, & seja conhecida

Essa alma sancta, sabia & generosa

Dos ceos, por nosso exemplo, em ti influyda.

Despreza a cega gente sò ingenhosa

Em seguirem seu mal, & a quem imigo

Sempre foy o saber, virtude odiosa.

Ouvi sempre dizer, que o môr perigo

Para o homem era o homem: mas tenha eu

Credito com Deos n'alma, & sò comigo

Paz boa: & seja o mundo imigo meu.

DAS CARTAS.

A IOAM ROIZ DE SA DE  
Meneses no Porto.

CARTA VI.

**A**Ntigo pay das Musas desta Terra,  
Illustre geraçãõ forte, & prudente,  
Igual sempre na paz, igual na guerra.

Vistete já louuar da tua gente,

Vistete dos estranhos inucjado,

E veste hora viuer tam longamente.

Viste o bom socessor desse morgado

Claro Antonio com netos, que serãõ

Herdeiros teus, de teu sprito, & estado,

E ves o grã Francisco, a quem se daõ

As graças de tal Principe, qual vemos,

Que Deos nos quis formar de sua maõ.

Dos outros que direy? ou que diremos

De ti, se não ditosos tu, & elles,

Ditosos nos, pois entre nos vos temos?

Em ti os vemos, & a ti vemos nelles.

Quat foy aquella estrella, que influyo

Tal pay, taes filhos, chamalabemos delles?

Mas minha ousada Musa mais subio

Do que pode, & não pode ir mais auante,

Querendote louuar, logo cabio.

Necessaria he tua maõ, que a leuante,

Nece-

Necessario esse sprito, que lh'inspire  
 Sprito nouo, com que s'erga, & cante.

Dalhe tu sò fauor, com que respire,  
 Form'a a tua douta mão, verás grandezas  
 Tuas, que o tempo, nem a inueja tire.

A ti, grã Sã, que auendo por baixezas,  
 Por sombras, por enganós, & por ventos  
 As que a cega opiniaõ chama riquezas:

A ti, que nos ceas pondo os pensamentos,  
 Dali olhando o vaõ pouo lhe fugiste,  
 (Eu chamo pouo onde ha baixos intentos)

Pergunto, se essa estrella, que seguiste,  
 T'a mostrou a baixa terra, ou onde achaste?  
 Ou porque meos, com que olhos a viste?

Que vendoa logo assi lâ te apartaste  
 Do que se tanto estima; & se na terra,  
 E entr'homês viues vaõs, como os deixaste?

Como viues em paz em tanta guerra?  
 Como assi estãs seguro em taes perigos?  
 Como acertas em quanto câ o mundo erra?

Eu por onde quer qu'alho, vejo imigos  
 Nos homês, nas riquezas, nos estados:  
 Tu delles vsas sô como de amigos.

Outros olhos, grã Ioaõ, te foram dados,  
 Outro sprito dos outros differentes,  
 Outro alto pensamento, outros cuidados.

DAS CARTAS.

Leuoute Phebo d'entre a cega gente  
Aquelle choro dos segredos seus;  
O mundo daly viste claramente.  
Dali sayste tal, que ja dos teus  
Seràs chamado em vida só ditoso;  
Ah se mais alto voassem os versos meus!  
O como esse teu nome glorioso  
Vejo! quam altamente soará  
Sempre o teu epithaphio tam famoso!  
Ià ati em viuo te leua; & leuará  
Por ti aos ceos teus filhos o alto exemplo,  
Que em guerra, & em paz ao mundo ficará.  
Quando tal vida, tal saber contemplo,  
Lembrame, se tu foras n'outra idade,  
Que estatuas ja te ergueram, que alto templo.  
Mas aquella honra daua a Antiquidade,  
As vezes cegamente, outras forçada,  
As mais vezes porem por vaydade.  
A muitos foy injustamente dada.  
Ati só fora dada justamente:  
E tanto, quanto mereas desejada.  
Tu segues o saber por si semente.  
A virtude amas só polo que val,  
Sem outra cor, & sem outro accidente.  
Aos mais dos homẽs parecerás mal,  
(Eu digo destes homẽs, que cá vemos)



Feitos todos de terra, & de metal.)  
 Que julgam as virtudes por estremos,  
 E os seus estremos sôs não chamã vicios:  
 Mas elles sanno, & nos os conhecemos.  
 Reprenderã teus sanctos exercicios,  
 De ler, & d'escreuer, em que chorando  
 Estás seus vaõs desejos, seus officios.  
 Mas entã te vejo ir ja leuando  
 Mais forte, & mais constante, pois pareces  
 Tam differente dos que vas deixando.  
 Igual premio, bom loã, ao que mereces,  
 He poderes dizer tu: eu sou sò,  
 Quem tu, profano vulgo, não conheces.  
 Ô que magoa tamanha, ô que grã dô  
 Se deue ter de tam cegos enganos,  
 Confiados em vento, em ar, em pô!  
 Como se os mores bens fossem seus danos,  
 Assim os a borrecem, & o mal por bem  
 Seguem: quando crerã seus desenganos?  
 Cegos, que não entendem, que não crem  
 Que o homem no corpo he bruto: & semelhãte  
 A Deos, sô no saber, que d'elle vem.  
 Hãa cue se acharã que melhor cante,  
 Hum bruto mais ligeiro, brauo, & forte;  
 Outro, que da sô vista mata, & espante  
 Tambem verã que algum leuinba a morte,

## DAS CARTAS.

Outro sabe ferido a herua buscar:  
Em morrer tens com elles igual sorte.  
De que te podes, homem, gloriar  
Senão so da razão? se a mal empregas,  
Que nome com razão te podes dar?  
Que as feras com ser brutas, com ser cegas  
Seguem o bem, & guardam suas leys:  
E tu quebras as tuas, ou as negas.  
Não são os Reys mais homês por ser Reys:  
Nem vos ô homês fortes, & ligeiros  
Mayor alma que os mais fracos tereis.  
Aquelles são sos homês verdadeiros,  
Que somente o que he seu, seguem, & amam.  
E quanto mais o seguem, mais inteiros.  
Aquelles são sos homês, que se affamam  
Com letras, com saber, com que alumiam  
O mundo; & tudo o mais fortuna chamam.  
Deste lume alumniados quanto viam  
Desprezauam os sabios: neste està  
Aquelle summo bem, a que subiam.  
Com este viste a differença, que ha  
D'hum homem a outro homem; & que baixeza  
He quanto fôra disto o mundo dà.  
Em mancebo mostraste fortaleza,  
Mas despois no que leste, entã sonbeste  
Quando esforço se diz quando, fraqueza.

Com isso o mundo, & a ti mesmo venceste,  
 D'a hi sô tomando os preceitos seguros,  
 Seguro assi entr'os homêns bem viueste.

Agora afirmarâs que cauas, muros,  
 Baluartes, bombardas, armaduras,  
 Petrechos, vallos, minas, contramuros,

Nem por piques trepar, nem aventuras  
 Vans de desprezar morte daõ victoria,  
 Mas prudentes conselhos, & almas puras.

Enriqueceste o peito, & a memoria  
 D'altos exemplos dos antigos feitos,  
 Que no mundo deixaram clara historia.

Enchendo a alma sam de saõs conceitos,  
 Arazão segues, que te leue, & guie  
 Pelos caminhos, qu'ao ceo vaõ dereitos.

Dirâs que não he bem que se homem fie  
 Nos homêns, na fortuna: estaras rindo  
 Do vaõ mundo, por mais que o contrarie.

Quando mais ocioso, entã abrindo  
 Os bons liuros, regendo estâs tua terra,  
 Em ti as proprias leys tuas comprindo.

Sempre prestes, & prompto a paz, & guerra,  
 No mor descanso mais te temerâs,  
 Crendo quanto a confiança às vezes erra.

Assi esse nobre assento, onde là estâs,  
 Ia de tam longe de teu sangue herdado

## DAS CARTAS.

Cos meos, porque se ouue, o fosterás.  
De quem, grã Sã, não seras inuejado  
Em claro sangue, em feitos, em saber,  
Em que esse antigo nome he celebrado?  
Ditoso tu; pois soubestes assi viuer  
Ou mayor, ou igual aos teus passados.  
Ditoso, que não podes já temer  
Principes, ou fortuna, ou morte, ou fados.

A GARCIA FROIS FER-  
reira seu irmão.

## CARTA VII.

Quam differentemente Deos reparte,  
Irmão, cos homês as inclinaçoês!  
Ditoso, ao que coube a melhor parte.  
Quantas cabeças, tantas condiçoês,  
Quantas condiçoês, tantos appetitos,  
E quaes os appetitos taes tençoês.  
Irãs achar num homem taes spritos,  
Que outra cousa môr qu'homem te pareça  
Nas obras, nos intentos, e nos ditos.  
Com outro irãs topar, que nem mereça  
O nome de homem, antes elle sò  
Dirãs qu'os outros homês escureça.

E de

**E** de quaes sobre todos eu hey dô,  
 São destes, que não crem, nem lhes parece  
 Que foram, como nos, feitos de pô.  
**H**omem ha hi, que cuida que merece  
 A Deos ser immortal, & hum sô no mundo:  
 Este dirâs que a si, & a Deos conhece?  
**O**utro de vil, & baixo no mais fundo  
 Da terra anda mecido, entãõ dirã  
 Que nem quer ser primeyro, nem segundo.  
**Q**uem tanto engano desenganar.ã?  
 Quem por exemplo claro, ou por figura  
 A luz a olhos tam cegos mostrarã?  
**P**areceo já a algûs homês sô ventura  
 Fortuna, & caso incerto, o que nos traz,  
 E volue de hũa em outra desventura.  
**M**as longe va de nos, a quem apraz,  
 A quem a prouue dar tal nome errado  
 A summa prouidencia, que isto faz.  
**M**uito bem conheceo isto o enganado  
 Gentio, que o alcançou naturalmente  
 Pelo lume de Deos, que lhe foy dado:  
**M**as temendo elle mais qu'a Deos a gente,  
 Não quis crer o que via, & assi enganou  
 Dobrado a si, & o pouo simpresmente.  
**A**quelle Deos eterno, que criou  
 Este mundo com quanto nelle vemos,

## DAS CARTAS

Aquelle o regeio sempre, & conseruou.  
Nos, que isto confessamos, & entendemos,  
Quando mais nos combatem vãs mudanças,  
Então deuemos crer mais do que cremos.  
Como nossos cuidados, & esperanças,  
Todo nosso propor, & proseguir,  
Todos nossos desejos, confianças  
Mais certas sempre estão em nos mentir,  
Que àquelle fim chegar, que lhe esperamos,  
Que lá decima sô lhes pode vir.  
Estas sombras, Irmão, tras que assi andamos,  
Como sombras se vão de nos fugindo,  
E nós tambem tras ellas caminhamos.  
Quem inueja a uera ao que vay rindo,  
Se no meo do riso o ve chorando?  
Quem o vento, que passa, irâ seguindo?  
Per'outro fim mais alto caminhando  
Vamos, que tu grão Deos de lá nos guias,  
E tinto de teu sangue o estas mostrando.  
As vans mudanças nossas são as guias,  
Que nos pera lá leuam, & tu nos deste,  
Mas nós seguimos nellas outras vias.  
Por isso em quanto vemos nos quiseſte  
Mostrar pouca firmeza, & fundamento,  
Por isso inclinações varias nos deste.  
Deſte nos ligeireza ao pensamento,



Porque da terra aos ceos subindo viſſe  
 Que tinhamos nos lâ outro firme aſſento.  
 E daquelle alto olbando a baixo riſſe  
 Dos jogos, em que andamos todos vaõs,  
 E logo elles deixados te ſeguiſſe.  
 Cansamos os ſſpitos, pês, & maõs  
 Tras couſas, cujo fim ſempre he mais certo  
 As almas corromper, & peitos ſaõs.  
 Por eſtas não tememos o deſerto  
 Medonho, o mar inchado, a terra crua.  
 Ah que deſpois de auido, he mais incerto.  
 O quantos vaõ voando ſem a ſua  
 Mina d'ouro deixada ao ingrato herdeiro!  
 Como podes dizer hũa couſa tua?  
 Eu vejo que as mais vezes o primeiro,  
 Que quis ſer diligente, fica àquem,  
 E paſſa entã por elle o derradeiro.  
 Quem confia pois já no que ve? quem  
 No mor ſeguro não ſe eſtã temendo?  
 Quem debaixo do ceo pode eſtar bem?  
 De quantas couſas ha ſe eſtã bem vendo  
 Hũa roda continua ſuceſſiva,  
 Em que hũs eſtaõ morrendo, outros naſcendo.  
 Aquella parte sò, que em nos he viua,  
 Aquella viue ſempre; eſta ſegura,  
 Eſta liure nos he, nunca catina.

## DAS CARTAS.

*Esta zomba de acertos, & ventura.*

*Rise de quanto ha cà pela terra.*

*Por nada cegamente s'aventura.*

*Tu, em quanto o vaõ mundo enganado erra,*

*E as cousas de mor preço desestima,*

*Com estas armas vence sua mã guerra.*

*Não ha signo, não estrella, ou polo, ou clima,*

*Que mudar possa a boa tençã constante,*

*Qu'os olhos da terra alça, & os ergue acima.*

*Em nossas mãos nos temos: & diante*

*Bem, & mal; honra, infamia; pena, & gloria;*

*Siguamos o melhor, por mais qu'espante.*

*De nós nos nasce ou triste, ou clara historia.*

*Vencamos cos bons fins principios duros,*

*O môr perigo com a mor victoria.*

*Ha dous caminhos: hum leua seguros,*

*Inda que estreito, aos ceos spritos claros:*

*Outro largo, & mais liure os deixa escuros.*

*Figura antiga, & triste! Quem tam caros*

*Nos fingio nossos bens? porque parecem*

*Tantos maos caminhantes? bons tam raros?*

*Os homês, que por homês se conhecem,*

*Não vem sua natureza alta a que os chama?*

*O que lhe não conuem? & o que merecem?*

*Como do nosso fogo a viua chama*

*Não! enantamos, que vâ clara a brindo*

A larga estrada da virtude, & fama?  
 Larga estrada, não estreita, a quem seguindo  
 Com claros olhos for a clara estrella,  
 Que nos com neuoas vans estamos cobrindo.  
 Apareça a Razaõ fermosa, & bella,  
 Criada em nossos peitos. Ah que amores  
 Nos nascerã tam viuos logo della!  
 Cayrã os perigos, & os temores,  
 O campo liure, o ceo claro, & sereno  
 Veremos sem trabalhos, & sem dores.  
 Vida tam larga por hum tam pequeno  
 Momento de miseria, não de vida,  
 Onde m'engana, o que mais fundo, & ordeno.  
 Memoria gloriosa tam deuida  
 A virtude, honra, & gloria, por hũa morte,  
 Que as mais das vezes vem não conbecida.  
 Quem tam enganado he, tam pouco forte,  
 Que não troque por bens huãs sombras vãs?  
 Por tudo o nada? o certo pola sorte?  
 Passam os annos lédos, vem as cãs.  
 Morreram os prazeres, vem tristezas.  
 Contentes estam sempre as almas sãs.  
 Acham bem no trabalho, & nas durezas  
 Descanso, vencem tudo; & a derradeira  
 Hora ham por mór bem seu, mores riquezas.  
 Fortissimos spritos, que a carreira

# DAS CARTAS

De suas coroas lédos, & ousados  
Correram desd'a sua hora premeira,  
Sôs ricos, sabios, bemaumenturados.

## A PERO D'ANDRADE.

### CARTA VIII.

**D**Este meu peito saõ, em teu saõ peito  
Candidissimo Andrade, vaõ seguras.  
Minhas palauras chãs, meu nu conceito.  
Iuos daqui fingidas, iuos duras  
Linguas, & condiçoës: pura clareza  
Saya de claros peitos, & almas puras.  
Riome, bom amigo, da estreiteza  
D'algũs curtos amigos, & da ousada  
D'outros liures errada, & vam largueza.  
Seja a amizade facil, confiada  
Doce, apraziuel, branda; mas honesta,  
Mas de sam liberdade acompanhada.  
Pague-se amor fingido a quem o emprsta,  
Mas quem bom amor dá, recebeo bom,  
Liure da tençaõ baixa, & deshonesta.  
O que doce harmonia, que igual som  
Faz a virtude em dous peitos, que della  
Se ajuntam, se compoem! diuino dom!  
Eu honro, & honrarei sempre a boa estrella,

Que

Que tal te me mostrou, & a mim te deu  
 De Apollo amor, fama de Filis bella.  
 Ditosa, & ingrata Filis, deste teu  
 Gentilissimo sprito tomo a parte,  
 Que os ceos me deram nelle por bem meu.  
 Antes deste mortal meu véo se aparte  
 Est' alma, meu Andrade, que hum só dia  
 Deixe, como assi mesma, já de amarte.  
 Tu em meus cegos passos foste a guia,  
 Qu' ao Muséo escondido me guiaste:  
 Deuote quanto sem te ver perdia.  
 Cresceo sempre este amor, com que m' amaste,  
 Cresceria tua fama, s' eu podesse  
 Cantarte igual ao nome, que ganhaste.  
 Darte bia metaes ricos, se os tiuesse,  
 Em marmor deixaria em viuas cores  
 Viuo esse sprito teu, s' arte soubesse  
 Igual â dos antigos, hūs pintores,  
 Outros em pedras taes, que com suas mãos  
 Roubauam â natureza seus lououres.  
 Mas o ceo negoume isto: & esses tam saõs,  
 Tam modestos desejos se contentam  
 Tambem dos meus desejos tôdos saõs.  
 Folgas com versos; versos se presentam  
 Meus, quaes saõ, ante ti: versos daõ vida  
 Ao digno de memoria, & o acrescentam.

## DAS CARTAS.

*As Musas cantam: dellas he sabida,  
 Não de metaes, de cedros, de esculpturas  
 Afama aos claros feitos concedida.*

*Caem a estatuas, gastanse as pinturas;  
 Aquelle brando canto he sô mais forte  
 Contr'o tempo, que ferro, ou pedras duras.*

*Contra fogo, contra agoa, & contra a morte  
 Fica soando sempre: ô tu ditoso,  
 A quem tam grande sprito coube em sorte.*

*Teu bom verso te canta, glorioso  
 Faça teu nome, em todo mundo saya  
 Tal som, que seja amado de inuejoso.*

*Qu'entam ingratos tempos hora caya,  
 Em tam duros ouuidos, outra idade  
 O cantarâ daqui à Oriental praya.*

*Se tam vsada fosse a liberdade,  
 Como he o engano falso, eu ousaria  
 Mostrar contra mil erros a verdade.*

*Em vão o desejo, em vão me queixaria  
 D'estes juizos cegos, que igualmente  
 Gostam da Musa doce, & Musa fria.*

*Louuense os bons intentos, cega gente,  
 Louuense as boas obras, bons spritos,  
 Não seja o mao co bom indifferente.*

*Hûs ditos seram graues; outros ditos  
 Baixos, & despejados: d'hum louuor*

*Que*



Quereis pagar os bõs, & os maos escritos?  
 Que gosto, que esperanza, que seruor  
 Acenderà hum peito, que s'inflame  
 A cantar, ou chorar o fero Amor?  
 Que os claros feitos erga? Herões affame?  
 Armas de pò victorioso ornadas,  
 Que milagres despois o mundo chame;  
 Se tam rudes estaõ, se tam cerradas  
 As orelhas ao som, que de Enio a Maro  
 Não fazem as differenças a prouadas?  
 Não sabem o escuro conhecer do claro,  
 Proprio do improprio, não do brando o duro,  
 O vulgar baixo, do bom graue, & raro.  
 Isto està leue, & frio; isto maduro,  
 E doce; o estylo aqui vence o conceito;  
 Aqui o conceito he bom, o estyllo escuro.  
 Como os sem arte, como os sem preceito  
 Tal estreiteza de arte, & de preceitos  
 Notar.ãm? quem não tem mais alto obgeito  
 Que seguir seu juizo nu, que aceitos  
 Versos farã a Horatio, digo às Musas?  
 Que os que desfaz, das Musas saõ desfeitos.  
 O bom louuas Horatio, o maõ accusas,  
 De bons ingenhos mestre artificioso,  
 Não sofres falsas cores, vãs escusas.  
 Graue censor das Musas, quam iroso



## DAS CARTAS

Te mostras contr' aquelles maos profanos,  
 Que se ousam coroar de louro honroso!  
 Suem, & tremam, gastem bem seus annos,  
 Em teus preceitos, viram mais seguros  
 Em ti, menos confiados em enganos.  
 Aquelles versos teus, doces, & puros  
 Entenda eu sempre, & siga; elles abrandem;  
 Elles dem graça aos meus frios, & duros.  
 A ti leam, grã Flaco, apos ti andem  
 Meus olhos, tras os que tambem te seguem,  
 Como o bom Sã Miranda (a que os ceos mãdem  
 Cantar mil annos câ, & entã se entreguem  
 D'aquelle raro sprito) a estes contente  
 Meu verso, minha prosa; os cegos ceguem.  
 Não sofrem as altas Musas meamente  
 Serem tratadas: tanto que do estremo  
 Hum pouco deço; cayo baixamente.  
 Quem sprito me dá? como não tremo?  
 Como ousa tentar tanto: vos sabeis  
 Musas, quanto vos amo, quanto temo.  
 Soberbas confianças não sofreis,  
 Humilde imitação es levantando,  
 De juizos vaõs, leues não pendeis.  
 Andrade, eu vou seguro desprezando  
 Ingenhos mal criados, a hum só certo  
 Juizo, bom, fíel sempre me atando

Juizo, que conbeca ao longe, & ao perto,  
 Que saiba comparar a boa pintura  
 O bom poema em tudo vno, & esparto  
 A fria allegoria, & má figura,  
 A historia ou mal tocada, ou mal seguida,  
 A fea affeitação, sentença dura,  
 Sentença boa, porem mal trazida.  
 Palavras muito novas, muito antigas,  
 Arte ou demasiada, ou esquecida.  
 O decoro, que quer que hũa cousa digas,  
 Outra cales, em outras vas detendo  
 O leitor, isto fujas, isto sigas.  
 De quem m'isto apontar, irey pendendo,  
 Ou me louue, ou reprenda gente cega,  
 Nem os estimo, nem me vaõ mouendo.  
 Negueme Louro Apollo, Pallas nega  
 Teu bom feruor, & sprito, se eu mal quero  
 Aquelle ingenho bom, que bem se emprega.  
 Amoo, honroo, & sigoo; o inculto, & fero  
 Em si sò confiado não me apraz:  
 Eu, Musas, a vos sigo, em vos espero.  
 Jaz vosso nome baixo, & escuro, jaz  
 Mal entendido; vinde, desfazey  
 Tal guerra contra vós, deixaynos paz.  
 Vinde Musas armadas, sacorrey  
 A vossos Louros, & Heras, que forçadas  
 Tz Vos

DAS CARTAS.

Vos leuam os que não guardam vossa ley.  
Sejam as boas cabeças coroadas  
Das sempre verdes folhas, outras sejam  
De vossos sacros bosques desterradas.  
Trazeynos vossa luz, pera que vejam  
Quam longe estaes, quam altas quanto acima  
Dos que em vão a chegaruos se despejam.  
Doutrina, arte, trabalho, tempo, & lima  
Fizeram aquelles nomes tam famosos,  
Por quem a Antiguidade se honra, & estima.  
Ah quem sofre hūs Cheryllos tam pomposos  
Aquelles altos nomes ir tomando,  
Que foram aos que os ganhâram tam custosos?  
Magoas' o bom sprito, se roubado  
Lhe vão seu preço, & aquem não he deuido  
Luzos enganados o estaõ dando.  
Hum bom ingenho quer ser entendido.  
Não quer thesouros, pède ouvidos puros,  
Em que seu verso caya bem sentido.  
Leuauam pedras, leuantauam muros,  
Amanfauam Lidões os doces cantos,  
Agora os homēs sós lhes são mais duros.  
Quem me desse a tal magoa assi iguaes prantos,  
Que aquelles diros peitos desfizesse  
De quem socorrer pôde a males tantos?  
Quem vida liure, quem já tal tiuesse

Authoridade, ò Principes, que à honra  
 Do verso, antiga & grande vos mouesse?  
 Não vos honram thesouros, não vos honra  
 Rico cetro, alto estado, o mar, & à terra:  
 Quantos isso danou! quantos deshonra!  
 Por escritos vineis muitos em guerra,  
 Muitos em paz ja ganhareis gloria;  
 Mas fabeo a morte so que tudo enterra.  
 Quanto mais câ soâra a alta memoria  
 Que nos deixou o grã Grego, que o mundo  
 Correndo foy com guerra, & com victoria,  
 Se daquelle alto, heroico, & facundo  
 Cantor de Esmyrna sô fora entoado  
 Seu nome dos antigos sem segundo!  
 De Lysippo esculpido, & sô pintado  
 D' Apelles tauoas duras pereceram:  
 Os papeis cremos sò, de que he contado.  
 Nelles se ve com quanta gloria arderam  
 De Grecia, os Frigios muros; da alta Roma  
 Como da terra aos ceos outros s'ergueram.  
 O Portugues Imperio, que assi toma  
 Senhorio por mar de tanta gente,  
 Tanto barbaro ensina, vence, & doma;  
 Porque assi ficarâ tam baixamente  
 Sem Musas, sem sprito, que cantando  
 O va do Tejo seu, ao seu Oriente?

## DAS CARTAS

Principe (magoa nossa, que chorando  
Sempr'estarey) tu cedo leuantâras  
Algum desses spritos, qu'hias eriando.  
Quam docemente, grã loão, so'ras  
Em todo mundo viuo! morto soa:  
Honrente as Musas, que tu tanto honrâras.  
Quantos de tua mão justa coroa  
De louro receberam! quantos de heras!  
Herde teu filho tua tenção tam boa.  
Iâ ha muito, meu Andrade, que me esperas.  
Leuome magoa grande do mal nosso:  
Iramme condiçoës de gentes feras.  
Nãõ posso o que desejo, o que sô posso  
Te digo: estã este tempo todo em preço;  
Nãõ pôde hum ingenho já, Musas, ser vosso.  
Do que esperey algũ'hora, em vãõ me deco.  
Cante, quem canta ao som dos seus lououres.  
Qu'eu nem os acharey, nem os mereço.  
Esfriassense em mim meus vãõs ardores,  
Tiuesse boa paz sempre comigo,  
Outros cantassem Reys, & Emperadores.  
Sempre aos mais dos ingenhos foy perigo  
Escreuer: os bons temem; escreuam ousados  
Esses, que tem grã credito consigo.  
Ditosos os que viuem bem calados,  
Metidos em si mesmos, & contentes

De



De não serem ouvidos, nem julgados.  
 S'em mim algum juizo, ou amor sentes,  
 Ou não escreuas, ou s'escreues, pende  
 D'hum sô juizo certo, a que contentes.  
 Daqui nasce o louvor, d'aqui s'estende  
 Por todo mundo, em toda parte val;  
 O que hũa vez he bom, nada o offende.  
 As vezes se diz bem, melhor, & mal;  
 Assim se faz o liuro: o bom prudente  
 Louua o bom, risca o mal, em tudo igual.  
 Não dissimula vicio: se o consente  
 No amigo, falo seu; o amigo puro  
 Em ti, como em si mesmo, he diligente.  
 Cum olho sô, que vejas, mais seguro  
 Irás, que com mil cegos: poem diante  
 Outra idade, outro tempo menos duro.  
 Dos mais claros Herôas hum, que cante  
 Escolha teu sprito, Real sugeito  
 Tens na alta geraçã do grande Iffantê.  
 Erguete, meu Andrade, arça esse peito  
 Inflâmado d' Apollo, cante, & soe  
 Igual tua voz ao teu tam alto abgeito.  
 Ouçase o grã DVARTE, por ti voe  
 Pelas bocas dos hom's; de sua mã  
 Linda Pallas, ou Phebo te coroe.  
 Em mim, Amigo, tens hum peito saõ.

## DAS CARTAS.

O mór preço te dou, tal mo tens dado.  
Ensiname no qu'erro: à tua razão,  
Como a teu bom amor, fico obrigado.

A D. IOAM DE LANCAS;  
tro, filho do Duque d'Aueiro  
em Coimbra.

### CARTA IX.

**S**E te conheço bem, dessas Athenas,  
S'là achasses, Senhor, me mandarias  
Pera fugir de câ ligeiras penas.  
Que tristes horas câ, que tristes dias  
Vejo passar em duuidosa sorte  
Imiga de descanso, & de alegrias!  
Nãõ conheço eu hum coração tam forte,  
Que não tremesse, vendo só pintada  
Tal figura de vida, antes de morte.  
De que fio tam fraco pendurada  
Vejo tanta honra, tantas esperanças,  
De que tanta soberba confiada!  
Vio já o mundo, já chorou mudanças  
De tempos, & fortunas; nõs choremos  
Nossas tam mal seguras confianças.  
Inda as almas magoadas, inda temos  
Os olhos molles da dor nossa, & o sprito

Já ao qu'antes andava sometemos.  
 Quem sabe o que nos ceos estará escrito?  
 Esperemos bem sempre, mas temamos,  
 Em quanto tarda, a Deos suspiro, & grito.  
 Com dores, & com lagrymas compramos  
 Nosso remedio: com cuydados vaõs,  
 Com risos liures mal o seguramos.  
 Eis os arrependidos eis os saõs  
 Peitos ja outra vez, quæes d'antes eram,  
 Eis as linguas primeiras, eis as mãõs.  
 Aquellas immortaes graças, que deram  
 Com tamanho feruor a Deos, quam cedo  
 S'esfriaram nas bocas, & morrêram!  
 Passou a onda já, passou o medo  
 Aparecido o Norte, nos seguros:  
 Mas quem nolo terá senão Deos quedo?  
 Thesouros soterrados, altos muros,  
 Diligencias humanas ab que valem  
 Mais que innocentes mãõs, & peitos puros?  
 Aos bõs nunca falta que bem falem.  
 Mas quantos ousam? de quem saõ ouvidos?  
 Dase cá grande preço a homẽs, que calem.  
 Outros em comum dano sô saõ cridos:  
 Falsos censores de innocentes, quantos  
 Saõ d'essas liures linguas destruydos!  
 Destruydores de conselhos santos,

## DAS CARTAS.

Conselheiros crueis de voffo bem,  
 Cufte albeos fuores, fangue, & prantos.  
 Hum peito liure, que tyrannos tem!  
 Quem se leuantará contra būs imigos,  
 Em que tantos adoram, tantos crem?  
 Em toda a parte enganos, & perigos,  
 Como se faluará hum perseguido  
 Dirmaõs, & de parentes, & de amigos?  
 O triste, que suspira, como ouuido  
 Será entre tantos rífos? mas s'em vão  
 Aqui suspira, aos ceos sobe o gemido.  
 Destes fuffiрос baixos quantos vão  
 Buscar vingança! tarda ella, mas quando  
 Chega, que altas grandezas poem por chaõ!  
 Tantas mortes sobre outras, que espantando  
 Sempre estaram, fuffiрос as trouxeram,  
 Quz aos ceos caladamente hiam bradando.  
 Nunca sem grandes culpas câ viéram  
 Castigos grandes, grande foy o noffo:  
 Quaes as culpas serã, que o mereceram?  
 Desejo falar liure, mas não posso.  
 Nunca se veja o que eu daqui já vejo,  
 S'ao longe, Musas, ve hum sprito voffo.  
 Humaniffimo loãm, eu não desejo  
 Viuer de pendurado de vaydades,  
 Onde o b. m. he nenhum, & o mal sobejo.

Não queria adorar huãs vontades  
 Diuinas, que cã fazem cega gente  
 Tornada a outras vans gentilidades.  
 Não me sofre o sprito, não consente  
 Que o qu'eu por mais vil tenho, estime, & adore  
 Polo mais precioso, & excellente.  
 Não me poderey ter, que ao menos chore  
 Baixissimos spritos leuantedos,  
 Em que, como forçada, a honra more.  
 Merecimentos mal galardoados:  
 Almas claras, sans linguas, peitos fortes  
 Esquecidos de todo, & desprezados:  
 Animo, & fé leal por tantas mortes  
 Por tantos fogos, & ondas já apurada  
 Igual como outra baixa, às comũs sortes.  
 Que me aproveita a lança ensanguentada  
 No peito do Rey mouro, se aventuro  
 Perder a vida, & não ganhar cã nada?  
 Não ha triumphos já, não quebrar muro,  
 Não coroas de palma, não de louro.  
 Ab tempo a todo bem ingrato, & duro!  
 Esta he a idade, que chamãram d'ouro.  
 Tudo obedece sò a este Tyranno.  
 Tanto valho, Senhor, quanto enthesouro.  
 Mas eu queria, sò liure de engano  
 De mim mesmo, & dos homẽs, viuer tal,  
 Que

## DAS CARTAS.

Que sempre hum esperasse o dia, & o ano.  
 Queria hum bom estado meão, igual

Em todo tempo, hũa fortuna honesta,

Que bastasse liurar-me de obrar mal.

O que conuem à vida, he o que presta.

Mao sempre, ou perigoso o que sobeja,

Que logo torce à via deshonesta.

Fujo daquillo, que se mais deseja.

Não quero eu amar tanto meus herdeiros,

Que minha morte desejada seja.

Não quero ser contado entre os primeiros;

Disto sô me contento, a isto chegasse

Que o primeiro fosse eu dos derradeiros,

Nem inuejado fosse, nem inuejasse.

Assi com meu sprito sôffegado

Em tudo a meu estado m'igualasse.

Ab meu Lancastro, se me fosse dado

Remedio de fugir das tempestades,

Em que anda todo mundo leuantado;

Em que por mim passassem mil idades,

Por todas lèdo, & rico passaria,

Com sô fugir vãs cortes, vãs cidades.

No verde campo me amanheceria,

Veria o Sol saindo roxo, & claro

A grossa neuoa alçar, dourando o dia.

O que haõ no mundo por melhor, mais raro

Despre-



Desprezaria; hum sò murmurio brando  
 D'agoa corrente me seria charo.  
 Não ás soberbas portas esperando  
 D'alta casa acharia a triste gente,  
 Que tam continua em vaõ anda velando.  
 Não de marmores altos, & esplendente  
 Pedra estranha, laurada por noua arte  
 De finas tintas, & ouro reluzente  
 Ergueria colūnas: não por parte,  
 Qualquer que fosse, leuaria forçados  
 Quantos achasse; não do fero Marte  
 A funesta trombeta, os tristes brados  
 Me soariam, não os golpes duros,  
 Nem as quedas dos muros arrasados.  
 Asminhas torres, os meus altos muros  
 Sejam quieto sprito, & vida pura,  
 Em que meus pobres bês estem seguros.  
 Meus pensamentos sejam na pintura  
 Do ceo vario, & fermoso, que me está  
 Mostrando outra mais alta fermosura.  
 Outra alta fermosura, que eu de câ  
 Vendo, quanto se ve na baixa terra,  
 Fastio òs olhos, pejo ao esprito dâ.  
 Ô doce campo, ô delectosa serra,  
 Valles sombrios, claras, & correntes  
 Fontes, que bem secreto em vos s'encerra!

## DAS CARTAS.

*Em vos viueram as primeiras gentes  
Antigos padres nossos, sancta idade  
Toda de mãos, & peitos innocentes.  
Em vos a alux innocencia, a sam verdade,  
Igual justiça andauam companheiras  
Da boa fé, da limpa castidade.  
Por vos, passando em vos, as derradeiras  
Pégadas câ deixaram aos ceos subindo  
Da terra, às suas moradas verdadeiras.  
Ali as brandas Musas, que seguindo  
Vou com tanto desejo, de hera, & louro  
Algũ hora me estem a frente cingindo.  
Partam outros o mar, soterrem ouro.*

A MANOEL DE SAMPAYO  
em Coimbra.

### CARTA X.

**D***As brandas Musas dessa doce terra  
Pera sempre apartado choro, & gemo  
Em vãos cuydados posto, em dura guerra.  
Sampayo, ah que não viuo, ah que arço, & tremo;  
Com medo dos perigos, que câ vejo  
Taes, que do so seu rosto pasmo, & temo.  
Aristippo por mestre aqui desejo,  
Que com seu liure desuergonhamento*

*Solta*

Soltasse minba lingua, & inutil pejo.  
 Tudo se vence câ com atreuimento,  
 Com lingua ousada, & mãos, com não temer,  
 Compôr a proa a todo mar, & vento.  
 Mas eu voume com Diogenes meter  
 Dentro em mim mesmo: & aquelle doce espaço  
 Me não lembra mais mundo, ou mais viuer.  
 Quanto mundo ali rio! ali desfaço!  
 Que novos mundos crio! quantas vezes  
 Mouro comigo ali, quantas renaco!  
 Ditoso aquelle que contando os meses  
 De sua idade vay alegremente;  
 Sem ouuir de Hespanboes, nem de Franceses.  
 Ditosa, ô quam ditosa aquella gente,  
 Que em sua simplicez, sam rusticidade  
 A noite tras o dia ve contente!  
 Quam triste, & dura vida a da cidade  
 Chea de pouo vaõ! quam perigosa  
 A da corte a toda alma, a toda idade!  
 Esta cidade em que nasci, fermosa  
 Esta nobre, esta chea, esta Lisboa  
 Em Africa, Asia, Europa tam famosa,  
 Quam diferente em meus ouvidos soa,  
 Quam diferente a vejo, do que a ve  
 O sprito enganado, que no ar voa!  
 Este idôlatra pouo, que sô cre

## DAS CARTAS.

No thesouro seu Deos, assi se cega,  
Qu'em al não cuida, ou escreue, ou fala, ou le.  
Que fé, que sangue já, que amor não nega  
Polo seu amor proprio? que alma, ou vida  
Lhe não dá, lhe não vende, ou não entrega?  
Aquella grã rúa noua conhecida  
Por todo mundo, que outra cousa conta  
Senão da nao ganhada, ou nao perdida?  
Ah que triste miseria, ah grande afronta,  
Não ousar leuantarse hum bom sprito  
A outro cuydado, outra mais alta conta!  
Quam claro aquelle, que ou por feito, ou dito  
Deixou nome immortal, & glorioso  
Exemplo aos seus em proueitoso escrito.  
Igualmente direy sempre ditoso  
Ou quem fez cousas dignas de memoria,  
Ou quem pos em memoria o proueitoso.  
Esta he a vida, esta honra esta he gloria  
Tam amada daquelles, que deixaram  
Em guerra, & em paz ao mundo clara historia.  
Quam prodigos das vidas derramaram  
Seu generoso sangue, quam contentes  
Por boa morte as vidas venturaram.  
Roma, a grã Roma Emperatriz das gentes  
Com que a soberba Grecia escureceo?  
Com que tornou suas terras obedientes?

Com gloriosa inueja se mouco  
 Vsar das gregas leis, com sua doutrina,  
 Com suas próprias armas a venceo.  
 Com ellas todo mar, & terra inclina  
 As vencedoras Aguias, que voando  
 Leuam por todo mundo a honra latina.  
 Aquillo, a que se vaõ affeioando  
 Nossos olhos, & stito, ou tarde, ou cedo  
 Nos leuam, se os deyxamos ir leuando.  
 Tambem tem seu começo o esforço, ou medo,  
 Seu começo o desejo, ou odio d'honra,  
 Vem azos, passa o tempo, não esta quedo.  
 Quem seus olhos alçou àquillo, que honra,  
 E aceso de sua gloria o foy seguindo  
 Té fim, tudo o mais baixo há por deshonra.  
 Quem a vontade assi zombando, & rindo  
 Deixou leuar apos seu cego gosto,  
 De todo mais saber s'esta sorrindo.  
 Ves aquelle tornar com lédo rosto  
 Do sangue, & suor das armas bem corado  
 Defendendo o lugar em que foy posto,  
 Quam confiado chega, quam olhado  
 Por onde quer que vay, quam recebido  
 D'homês, quanto de damas festejado?  
 Ves d'outra parte estoutro, que perdido  
 Seu tempo, seu desejo, baixo, & vil,  
 V

Nãõ

## DAS CARTAS.

Não entr'aquella gente conhecido?  
Tantos dobroës antigos num ceutil  
Infame, & vergonhoso se tornâram,  
Qu'às vezes anda em vão pedindo a mil.  
Ambos suas estrellas os leuâram.  
Mas hum seguio sua boa; outro da má  
Nãõ quis fugir, que ellas nenhum forçâram.  
Quam caro custa o bem, que o mundo dà!  
Sempre em dor, ah sempre em rependimento  
O môr seu gosto acaba, & acabará.  
Spiritos vagos, vaõs, como do vento  
Viueis? como seguis quem tanto dana?  
Em que assi descansaes o pensamento?  
Ah, que hum sò doce canto nos engana  
De fereas crueis, que no môr mal,  
No môr perigo em vão nos desengana!  
Quanto, Sampayo meu, quanto mais val,  
Meu bom amigo, hum ocio, liure, & honesto,  
Que as Indias guerrear de Portugal!  
India, Guinë, Brasil, & todo resto  
Do mundo, a que nos chama, a que conuida  
Em mundo, assi ambicioso, & desbonesto?  
Que bem, que alegria ha, que destruyda  
Nãõ seja de mil males, que em espreita  
Parece que tem sempre nossa vida?  
Busquemos hũa estrada mais direyta



Amigo, com saude, & com descanso.  
 De vida, inda que humilde, aos ceos aceita.  
 Do fresco prado pelo rio manso  
 Em leue barco verde de mil ramos,  
 De mil flores rememos manso, & manso.  
 Mais ondas, mores mares não queyramos;  
 Com nossa baixa vella, mas segura  
 Chegemos ao bom porto, a que guiamos.  
 Tu em castos desejos alma pura  
 Samente contemplando já mais que homem  
 No que te deu teu sprito, não ventura.  
 Eu em, quanto hūs cuidados crueis me comem,  
 No que me representam enlauado  
 Iremos, tẽ que os veja, ou que mos tomem.  
 Sprito meu, sprito tam cansado,  
 Descansarias hora, se chegasses  
 Aquelle teu bom fim tam desejado.  
 S'esta minh'alma triste perguntasses  
 Sampayo, de que viue, ou em que espera?  
 Sey que de seus desejos sô chorasses,  
 Quem me dera no mundo, ah quem podera  
 Ter contigo hũa vida, qual desejo,  
 Qu'a ambos prazer, & offensa a ningüẽ dera?  
 Pendurado ando todo d'hum desejo.  
 S'eu algũ hora o visse, tu verias  
 O claro fogo, em que arder me vejo.

## DAS CARTAS.

Ô doces, ô ditosos os meus dias,  
S'a tal estado chegam, qu'igualmente  
Os passassemos inda em alegrias!  
Não alegrias, quaes as quer a gente,  
D'aluoroços, de festas, de pandeiros:  
Mas d'amor, de prazer, qu'alma sò sente.  
Ao som das agoas, sombra dos vimeyros  
No doce collo de sua mãy fermosa  
Fermosos vifse eu inda os meus herdeiros.  
Não soberba, não seca, não pomposa,  
Mas branda, humilde, casta, sabia, & santa,  
Fermosa sempre a mim, nunca queixosa.  
Ià a vejo, ja se assenta, jà me canta  
Ao som da doce lira, os doces cantos,  
Que eu não compunha em esperança tanta.  
Ali vejo acabar meus tristes prantos:  
Ali nouos prazeres, nouas festas  
Nascem d'amor, & de deleites santos.  
Tu chegas, meu Sampayo, & ali me emprestas  
Toda tu'alma, todo teu bom sifso,  
Com que esta minha vida mais honestas.  
Temperas graueamente o solto riso  
De meu contentamento: & entãõ m'ensinas  
Subir por este ao outro Para so.  
Pisando hora a herua verde, hora as boninas  
Roxas, azueis, & brancas desfolhando,

Com

Com historias humanas, & divinas,  
 Vejome estar ouuindo, a ti contando,  
 Pendendo da tua boca, té que as horas  
 De mudar o lugar nos vem chamando.  
 Ajunta o precioso ouro, que adoras,  
 Auaro cobicoso, taes riquezas,  
 Que auidas temes, que perdidas choras.  
 Procura honras, estados, & altezas  
 Ambicioso vaõ, farta esse peito,  
 Que em fim contigo acabam essas grandezas.  
 Visse eu do que desejo sancto effeito  
 Com saude, com liuros, com meam vida,  
 Com ter de mim em minb' alma bom conceito;  
 S'ella mais desejar, não seja ouuida.

## A DIOGO DE BETANCOR.

### CARTA XI.

**Q**ue poderosas heruas nessa Beyra,  
 Que agoas tam esquecido te tornáram  
 Tam cru, meu Betancôr, ao teu Ferreyra?  
 Se nouas Nymphas nouo amor criáram  
 Nesse teu brando peito doce fogo,  
 Nas minhas tuas chãmas se esfriáram.  
 Entra zombando, entra entre riso, & jogo

## DAS CARTAS

Brandamente o Amor, e entã se mostra,  
 Quando já não aproueita choro, ou rogo.  
 Qu'arte, que graça poem nua sô mostra!  
 Que vizeza, que força, quando a esconde!  
 Quam sabiamente finge o que demonstra!  
 Minimo, que não fala, nem responde,  
 Mas com aquelle silencio pode tanto,  
 Que sentimos a força, sem ver donde.  
 Eu em suas cousas já perdi o espanto.  
 Conhecido me fez em toda parte  
 Com tristes vozes, com saudoso canto.  
 Já prouou toda a força, já toda arte  
 Nesta alma, em que sô quis fazer vingança  
 D'offensas, em que a triste não tem parte.  
 Moço cruel, que à minba conta lança  
 As offensas, e as iras, de quem sabe  
 Ter sô pera meu mal de mira lembrança!  
 Não permittam meus fados, que en acabe  
 Em tanto dano meu, tam grã perigo  
 Em que nem força val, nem razão cabe  
 Inda que assaz conselho tens contigo, ogo m  
 Ouve porem, em quanto sofre a idade, m  
 O que te lembra, amigo, hum teu amigo.  
 Quanto vay do engano, â sam verdade  
 Tanto vay d'ham amigo ao lisongeiro,  
 Hum te fala â razão, outro à pontade.

Esse

Esse sprito tam puro, tam inteiro  
 Nascido pera honra, & pera gloria,  
 Não o deças em baixo catiueiro.  
 Não to leuem em triumpho, em vam victoria,  
 Mas vergonhosa a ti, baixos affeitos,  
 Que â vida, & alma deixam baixa historia.  
 Enche de tençoẽs altas teus conceitos  
 Iguaes àquella sancta alta doutrina,  
 Que entra de liuros sanctos em saõs peitos.  
 Sogiga teu juizo, & todo o inclina  
 A firme, & verdadeira fê, sem que  
 Nenhũa alma criada de dos ceos dina.  
 Enganase o olho fraco no que ve.  
 Engana se o juizo confiado.  
 Sò a humildade entende, adora, & cre.  
 Dito so sprito bem auenturado  
 Que aprende sò de Deos, que de Deos fala  
 Li em corpo mortal aos ceos leuado!  
 Começas; ouue agora; cre, & cala:  
 Vay seguro na fê dos que te guiam,  
 Te que Deos pera os outros te dê fala.  
 S'algũs maos mouimentos te desuiam  
 (Por ventura d' Amor) do sancto estudo;  
 Teme em ti o que em mim todos temiam.  
 Quam pouco ha que me vias surdo, & mudo  
 Pera ouuir, & pedir cura a meu mal,

## DAS CARTAS

Entrou conselho bom, curou ja tudo.  
Mudou-se aquelle amor em outro igual,  
Mas d'outro nouo fogo casto, & puro,  
Que quanto mais viuo he, tanto mais val.  
Nãõ quero ser tam largo, nem tam duro  
Que t'ate todo, ou solte liuremente,  
Fazer' aqui somente forte muro.  
Cousa sancta, mas rara, alma innocente  
Em poucos se acha: cabir'às hũ' hora,  
Logo em te levantar s'ẽ diligente,  
Lã que a m'õr perfeiçãõ nãõ chega agora  
O mundo fraco, aquelle he melhor,  
Que menos mao dentro he, menos de fora.  
O pequeno erro publico he mayor  
Que os mayores secretos: o segredo  
O m'õr dos erros grandes faz menor.  
Tanto p'õde a vergonha, tanto o medo,  
Que ou esconde, ou encolhe: onde falecem  
Estes, tras o mal vem castigo cedo.  
Mas os spritos bons nãõ obedecem  
Por força: s'õ a razãõ, s'õ a virtude  
Os leua tras o bem, que ali conbecem.  
Ama tu' alma, ama tua saude:  
Nãõ empeça hũã à outra, andem conformes,  
Irmammente hũã à outra sempre ajude.  
Se ris, s'estudas, v'elas, andas, dormes,



Não receba do corpo o sprito dano,  
 Nem todo em puro sprito te transformes.  
 Cos homēs, cos amigos se humano.  
 Fuge de pesadumes, de tristezas,  
 Que te farã̃m soberbo, ou deshumano.  
 Quem se poem logo em duras estreitezas,  
 Que a idade nã̃o sofre, esfria, & cansa;  
 Vemse despois soltar em mil larguezas.  
 Sam alma em corpo saõ, condiçaõ mansa,  
 Boas falas, boas graças, brando riso  
 Alegria a vida, & sua dureza amansa.  
 Conuim viuer assi entre jogo, & siso  
 Com nossas horas sempre reuezaadas,  
 Nã̃o perdendo das almas bom auiso.  
 No môr seguro saõ mais salteadas  
 D'honras vans, d'esperanças, crueis imigos,  
 De que nos bons spritos saõ tentadas.  
 Trazem dissimulados seus perigos,  
 Nã̃o te canses inda agora esses cuidados,  
 Repousa o pensamento cos amigos.  
 Nunca os sanctos desejos desprezados  
 Foram dos ceos, quem de lá os ve nas almas,  
 Os faz claros aqui, nos ceos honrados.  
 Despreza os Louros vaõs, soberbas Palmas  
 Dos que vencem os homēs, nã̃o a si;  
 Se te vences, ao ceo levanta as palmas.

## DAS CARTAS.

O que sempre em teu sprito conbeci  
Te leuantará cedo ao que mereces,  
Claros sinaes desta verdade vi.  
Ditoso tu, que já por ti conbeces  
O que deues seguir, o que deixar;  
Mais ditoso, sejá bem te obedeces.  
Quando dos liuros sanctos te cansar  
O graue estudo, vayte a natureza,  
Em que aprendeste bem philosophar.  
Medirás com desprezo a redondeza  
Baixa da terra, quando os olhos cheos  
Trouxeres do alto ceo, da clara alteza.  
Rirtebás das cegas sombras, das rodeos  
Com que aquelles Gentios foram dando  
Com a verdade por escuros meos,  
Outra mais clara luz alumiaando  
Nossa cegueira foy, luz que alumia  
Todo o que com bom zelo a vay buscando.  
Acharás na moral philosophia  
Bons preceitos, a fim de amor, e paz  
Aos ceos da terra necessaria guia.  
E que sem bom amor a Deos apraz?  
Em vaõ viue, em vaõ obra, em vaõ deseja,  
Quem o bem, que deseja, a outro não faz.  
Nem de ti desprezada tambem seja  
Das noue Irmãs a graue, e doce lira,

Que teu peito inquieto affento, & reja:  
 Deleita suauemente, amansa a ira,  
 Compoem nossos affeitos: mone, abranda:  
 Inspira altos conceitos, baixos tira.  
 Dom diuino, dom raro, quam baixo anda!  
 Mas tu o leuantarás cedo, se queres  
 Soltar ao doce som tua voz tam branda.  
 Se todo tempo ao graue estudo deres,  
 Como arco sempre armado ficarás  
 Com menos força, quando a mais quiseres.  
 Porque, meu Betancôr, não cantarás,  
 S'ao som da harpa o sancto Rey cantaua?  
 Porque o diuino dom desprezarás?  
 Hora triste, hora alegre temperaua  
 Do psalteiro diuino as altas cordas,  
 Em publico, em secreto a voz alcaua.  
 Quam docemente dormes! como acordas  
 Co peito soffegado, que adormece  
 Ao doce som, que tu tambem concordas!  
 Não te falece lyra, não falece  
 Sprito: Grecia, Roma, Italia, Hespanha  
 Sua lira a o teu canto te offerece.  
 Hora entoarás o triste engano, & manha  
 Do incendio Troyano ao som mais graue  
 De quem lhe deu, cantando, honra tamanha.  
 Hora daquell moço, que como aue

Voando

Voando entre nos anda, & despejando  
 Seu coldre a elle leue, ás almas graue.  
 Meu Betancôr, assi se vay passando  
 Este desterro nosso, tu procura  
 Por contente viuer, tẽ que voando  
 Vamos desta baixeza à clara altura.

## A DIOGO BERNARDEZ.

## CARTA XII.

**F**Ez força ao meu intento a doce, & branda  
 Musa tua, Bernardes, que a meu peito  
 Dà nouo sprito, nouo fogo manda.  
 Como hum juizos queres, que sogeito  
 Viue a tantos juizos, se não guarde  
 De tanto riso, & rosto contrafeito?  
 Quanto em mim mais das musas o fogo arde,  
 Tanto trabalho mais por apagalo,  
 Quanto o silencio val, sabese tarde.  
 A medo viuo, a medo escreuo, & falo,  
 Ey medo do que falo só comigo;  
 Mas inda a medo cuido, a medo calo.  
 Encontro a cada passo c'um imigo  
 De todo bom sprito; este me faz  
 Temerme de mim mesmo, & do amigo.

Taes novidades este tempo traz,

Qu'he necessario fingir pouco siso,

Se queres vida ter, se queres paz.

Vida em tanta cautella, tanto auiso,

Quando me deixarás? quando verey

Hum verdadeiro rosto, hum simprez riso?

Quando a mim me creram, todos crerey

Sem duuidas, sem cores, sem enganos,

E eu, que de mim mesmo seja Rey!

Ab tantos dias tristes, tantos anos

Leuados pelos ares em desejos

De falsos bens, & nossos tristes danos!

A quem os deixa, & foge, quam sobejos

Lhe parecem mais bens, que os que sò bastam

Desuiar da virtude os cegos pejos.

Quantos as vidas, quantos almas gastam

Em buscar seu perigo, & sua morte,

E tras ella seus jugos crueis arrastam!

Aquelles viuem sò, a que coube em sorte

Ao som da frauta, que dos ombros pende,

O mundo desprezar com sprito forte.

Toda minb' alma em desejar se estende

A doce vida, que tam doce cantas,

Que quasi a força quebra, que me prende.

Mas ajunta a estas forças outras tantas,

Todas quebraria eu, s'asas tinesse,

## DAS CARTAS

Com que chegasse onde me tu leuantas.  
S'eu podesse, Bernardes, se eu podesse  
Ser senhor sô de mim, eu voaria  
Onde do vulgo mais longe estiuesse.  
Ali quam liuremente me riria  
De quanto agora choro! ali meu canto  
Liure por ares liures solitaria.  
Em quanto me ves preso, amigo, em quanto  
Sem sprito, sem forças, não me chames  
Com teus versos, que a ti sô honram tanto.  
Por mais que me desejes, mais que me ames,  
Não empregues em mim tam, cegamente  
Teu canto, com que he bem q' Herôes affames.  
Mas tratarey contigo amigamente  
Do conselho, que pedes. juizo, & lima  
Tem em si todo humilde, & diligente.  
Quem tanto a si mesmo ama, tanto amima,  
Que a si se fauorece, & se perdoa,  
Que sprito mostrarà em prosa, ou rima?  
Taes sam algus, a que triste a Hera coroa  
Roubada do vaô pouo ao claro sprito,  
Que esconderse trabalha, & entãõ mais soa.  
Aquelle dà de si publico grito:  
Este cala, & s'encolhe: o tempo em fim  
Hum apaga; immortal faz d'outro o escrito.  
Aprimeira ley minha he, que de mim



Primeiro me guarde eu, & a mim não crea,  
 Nem os que leuemente se me rim.  
 Conbecame a mim mesmo: siga a rea  
 Natural, não forçada: o juizo quero  
 De quem com juizo, & sem paixã me lea.  
 Na boa imitação, & uso, que o fero  
 Ingenho abranda, ao inculto dà arte,  
 No conselho do amigo douto espero.  
 Muito, ô Poeta; o ingenho pode darte.  
 Mas muito mais q̃ o ingenho, o tempo, & estudo;  
 Não queiras de ti logo contentarte.  
 He necessario ser hum tempo mudo:  
 Ouuir, & ler samente: que aproueita  
 Sem armas, com feruor cometer tudo?  
 Caminha por aqui. Esta he a direita  
 Estrada dos que sobem ao alto monte  
 Ao brando Apollo, às noue Irmãs aceita.  
 Do bom escreuer, saber primeiro he fonte.  
 Enriquece a memoria de doutrina  
 Do que hum cante, outro ensine, outro te conte.  
 Isto me disse sempre bñã diuina  
 Voz à orelha; isto entendo, & creio.  
 Isto hora me castiga, hora m'ensina.  
 Cad'hum pera seu fim, busca seu meo:  
 Quem não sabe do officio, não o trata,  
 Dos que sem saber escreuem o mundo he cheo.

## DAS CARTAS.

Sornares de fino ouro a branca prata  
 Quanto mais, & melhor já resplandece,  
 Tanto mais val o ingenho, s'â arte se ata.  
 Não prende logo a planta, não florece,  
 Sem ser da destra mão limpa, & regada,  
 Co tempo, & arte flor, fruito parece.  
 Questão foy já de muitos disputada  
 S'obra em verso arte mais, se a natureza?  
 Hũa sem outra val ou pouco, ou nada.  
 Mas eu tomaria antes a dureza  
 Daquelle, que o trabalho, & arte abrandou,  
 Que destoutro a corrente, & vam presteza.  
 Vence o trabalho tudo: o que cansou  
 Seu sprito, & seus olhos, algũ'hora  
 Mostrarã parte algũa do que achou.  
 A palaura, que sae hũa vez fora,  
 Mal se sabe tornar: he mais seguro  
 Não tela, que escusar a culpa agora.  
 Vejo teu verso brando, estylo puro,  
 Ingenho, arte, doutrina: sô queria  
 Tempo, & lima d'inueja forte muro.  
 Ensina muito, & muda hum anno, & hum dia,  
 Como em pintura os erros vay mostrando  
 Despois o tempo, que o olho antes não via.  
 Corta o sobejo, vay acrescentando  
 O que falta, o baixo ergue, o alto modera,  
Tudo

Tudo a hũa igual regra conformando.  
 Ao escuro dá luz; & ao que podera  
 Fazer duuida, a clara: do ornamento  
 Ou tira, ou poem: co decoro o tempera.  
 Sirua propria palaura ao bom intento,  
 Aja juizo, & regra, & differença  
 Da pratica comum ao pensamento.  
 Dana ao estilo às vezes a sentença,  
 Tam igual venha tudo, & tam conforme  
 Que em duuida estê ver qual delles vença.  
 Mas diligente assi a lima reforme  
 Teu verso, que não entre pelo saõ,  
 Tornandoo, em vez de ornalo, entãõ disforme.  
 O vicio, que se dá ao pintor, que a maõ  
 Não sabe erguer da taboa, fuge: a graça  
 Tiram, quando algũs cuidam que a mais daõ.  
 Roendo o triste verso, como traça  
 Sem sangue o deixam, sem sprito, & vida:  
 Outro o parto sem forma traz à praça,  
 Ha nas cousas hum fim, ha tal medida,  
 Que quanto passa, ou falta della, be vicio:  
 He necessaria a emmenda bem regida.  
 Necessario he, confesso, o artificio:  
 Não affeitado; empece â tenra planta  
 O muito nimo o muito beneficio.  
 As vezes o que vem primeiro, tanta

## DAS CARTAS

Natural graça traz, que hũa das noue  
Deusas parece que o inspira, & canta.  
Qual he a lingua cruel, que inda ouse, & proue  
Em vaõ ali seus fios? deixe inteiro  
O bem nascido verso, o mau renoue.  
Não mude, ou tire, ou ponha, sem primeiro  
Vir aos ouvidos do prudente experto  
Amigo, não inuejoso, ou lisongeiro.  
Enganase o amor proprio, falso, & incerto,  
Tambem s'engana o medo de aprazerse,  
Em ambos erro ha quasi igual, & certo.  
Per'isto he bom remedio as vezes lerse  
A dous ou tres amigos; o bom pejo  
Honesto ajuda então melhor a verse.  
Ali como juiz então me vejo.  
Sinto quando igual vou, quando descayo,  
Quanto d'outra maneira me desejo.  
Quando eu meus versos lia ao meu Sampayo,  
Muda (dizia) & tira: bia, & tornaua:  
Inda, diz, na sentença bem não cayo.  
O que mais docemente me soaua,  
O que m'enchia o sprito, por mau tinha,  
O que me desprazia me louuaua.  
Então conheci eu a dita minha  
Em tal amigo, tam desenganado  
Luiço, & certo, em que eu confiado vinha.

Quem

Quem d'olhos tantos lido, quem julgado  
 De tanto imigo às vezes a de ser,  
 Conuem tempo esperar, & ir bem armado.  
 Isto me faz, Bernardez meu, temer  
 No teu, como no meu: não val escusa.  
 Doe muyto ver meu erro, & arrepende:  
 Quem louua o bom? quem bom, & mau não accusa?  
 Mas tu não tens razão de temer muito,  
 Assim te alça, & te leua a branda Musa.  
 Deixa sô madurar o doce fruito  
 Hum pouco: deixa a lima contentarse:  
 Inuenta, & escolhe então o melhor do muito.  
 Eu vejo cada dia acrescentarse  
 Em ti fogo mais claro, & o ingenho teu  
 Cada dia mais vno leuantarse.  
 Então darás com gloria tua o seu  
 Grã premio às Musas, que te tal criaram,  
 Vida a teu nome, qual a fama deu  
 A muitos, que da morte triumpharam.

AO SENHOR D. DVARTE.

CARTA XIII.

Quem tam igual sprito a meu desejo  
 Criasse agora em mim, grande DVARTE,  
 Quem

## DAS CARTAS

Quem canto nouo igual ao qu'em ti vejo!  
Com que daqui soasse em toda parte  
O teu Real sp'rito, em que se cria  
Noua luz, noua gloria a Apollo, & Marte.  
Vejo Phebo coroado de alegria  
Teu nome estar cantando ao som diuino  
Das noue Irmãs, diuina companhia.  
Nouo som, nouo canto em peregrino  
Instrumento me soa, em nouo nome  
Indino desta terra, dos ceos dino.  
Mas viuenos tu nella, & em tanto tome  
Nossa idade essa gloria a nôs mostrada,  
Que a dos antigos vença, a inueja dome.  
Ditoso, & aluo dia, hora dourada  
Estrella liberal, luz bem nascida  
Em que tanta esperança nos foy dada.  
Por ti vejo já ser restituyda  
A honra, & gloria antiga nouamente  
Minerua, a nouo estado, noua vida.  
Das mãos a liuraràs da baixa gente  
Gente cruel, & cega, & indouta, & indina  
De tal dom, sò deuido a quem o sente.  
Dom por nosso bem dado da diuina  
Mãõ aos mortaes, que com doces accentos  
Passar a dura vida nos ensina.  
Serena o ar escuro, abrandando os ventos,



Faz o dia mais claro, o Sol fermoso,  
Leuanta aos ceos da terra os pensamentos.

O turuo rio faz correr gracioso:  
Enche o campo d'outra herua, d'outras flores,  
Com que o torna mais verde, & mais cheiroso.

Dâ noua folha às arvores, dà cores  
As boninas, & às aues, que ou cantando,  
Ou chorando andam nellas seus amôres.

Ou as rusticas frautas imitando  
De Tityro, & Menalca, Galathea  
Com triste voz na praya em vaõ chamando.

Ou do rustico Satyro a Napea  
Cantam, que foge ao bosque descorada  
Co tenro pé pisando a grossa area.

Ou de mais alto fogo outra inflamada  
Chamma, qual vemos inda clara, & pura,  
Nas cinzas de Petrarca renouada.

Hora nos mostra viua a mã figura  
Da fortuna cruel, cega, enganosa,  
No bem sempre muda uel, no mal dura.

Hora em mais alta voz, mais sonora  
Trombeta em armas a custosa fama  
Renoua com memoria gloriosa.

Quem a gloria não moue, nem inflama  
A generosa inueji dos Herôas,  
Qu'aquelle graue som tanto alca, & affama?

Quam doces são, quãam altas as coroas  
 Dos verdes Louros, & Heras concedidas  
 Não a obras somente, a tenções boas  
 Marquães ferãm iguaes, quaes as devidas  
 A Real geraçã do Iffante claro?  
 A tres spritos taes, a taes tres vidas?  
 Em que poz caberã? ond' ao teu raro  
 Sprito, DVARTE, que aos ceos vay sobindo,  
 S'acharã nouo Homero, ou nouo Maro?  
 Iã te chega, Senhor, jã quasi he vindo  
 O tempo de tua idade desejado,  
 Que teu glorioso sprito vas seguindo.  
 Ditosa mãy, a dor do mal passado  
 Abranda jã: verã engrandecido  
 De tuas Reaes plantas o alto estado.  
 Cresce, & cumpre, DVARTE, o prometido,  
 Que te dos ceos estã: enche a alta historia,  
 Que as tres Irmãs te tem de ouro tecido.  
 Que triumphos jã vejo da victoria  
 Do sogigado Mauritano pouo,  
 A que Andrade darã clara memoria!  
 Com prazer a esperalo jã me mouo,  
 Com prazer a alta empresa viuo, & pronto  
 Vejo Andrade inflãmado em fuor nouo,  
 Que peregrino canto, ò que alto canto,  
 Ouço, não de estranbezas fabulosas,  
 Que

Qu'em nome alas sò me pejo, & afronto  
 Verdades s'ouviram marauilhosas  
 Em verdadeiro, & graue, & doce estillo  
 D'empresas sanctas, de armas gloriosas.

Sóará aquelle canto alem do Nilo,  
 Achará amor, & se em todo peito,  
 Todo mundo trará apos si a ouuilo.

Verseá a fortuna igual sempre ad conceito,  
 Ousadia, & prudencia tam conjuntas,  
 Que parte igual teram no alto effeito.

Graues repostas ás graues perguntas,  
 Conselho, & esforço, ardis, & boa presteza,  
 Em paz, & guerra as boas artes juntas.

A tal gloria te chama, a tal alteza  
 A Deosa, que já honras, leua auante  
 Tal animo, tal zelo, Real grandeza.

Por ti viuam as Musas, por ti espante  
 Seu canto, Principe alto, & os baixos peitos,  
 Que co a terra se rogam aos ceos leuante.

Ati deuam memoria os altos feitos  
 Em poetico canto leuantados,  
 Gloriosos no mundo, & sempre aceitos.

Os Louros, & Heras, de que coroados  
 Seram os bons poetas, já crescendo  
 Soberbamente vaõ por ti honrados.

Nascey claros spritos, x enchendo

401 DAS CARTAS.I

De voffo som diuino este ar, cantando  
O grã DVARTE, em que o mundo vâ vendo  
Quani' honra, quanta gloria lhe irã dando

DAS CARTAS

LIVRO II.

A EL REY D. SEBASTIAM.

CARTA I.

**R**Ey bem auenturado, em quem parece  
Aquella alta esperanca já comprida  
De quanto o ceo, & a terra te offerere;  
Fermosa planta de Deos concedida  
A lagrymas d'amor, & lealdade;  
Sò noffo bem, vida da noffa vida:  
Em quanto essa innocente, & branda idade  
Por Deos crescendo vay felicemente  
Teo mundo encher de noua claridade  
Em quanto este teu pouo, & o d'Oriente  
Nouo acrescentamento por ti esperam  
D'outros Reys, d'outra terra, d'outra genter  
Taes promessas os ceos de ti nos deram  
No teu tam milagroso nascimento;  
E sprito igual em ti nellas poseram.  
Eu leuado d'amor de sancto intento  
(Quem ani' essa brandura temeria?)

D certe

Deterte com meu verso hum pouco tento.  
 Despois virà hum tam ditoso dia,  
 Que as tuas Reaes Quinas despregadas  
 Na multidão de toda a Barbaria,  
 As victoriosas frotas carregadas  
 Das catiuas coroas, & bandeiras  
 D'outro sprito mayor sejam cantadas.  
 Agora ouue, Senhor, as verdadeiras  
 Guias, que leuam os Reys a essa alta gloria,  
 Não duras armas sò, velas ligeiras.  
 Quantas armadas conta a antiga historia,  
 Quantos grandes exercitos perdidos  
 A mais poucos deixaram já vittoria!  
 Esses tanto no mundo conhecidos,  
 Cujos nomes venceram tantos anos,  
 Não foram sò por força obedecidos.  
 Não se sogigam corações humanos  
 De boa vontade a força, hum peito aberto  
 Os vence de bom amor, sem arte, & enganos.  
 Nesta sombra, onde tudo anda encuberto,  
 Quem da verdade ve mais que a figura?  
 Quem seu passo direito leua, & certo?  
 Hũs falsos longes de hũa vam pintura  
 Com sua cor ao parecer lustrosa  
 Quantos detem co a falsa fermosura!  
 Não tem cores, não dobras a fermosa  
 Verda-

## DAS CARTAS.

Verdade. Que buscaes, ô gente cega?  
Humilde, & nua estâ, não tam custosa.  
Não he hum sô Cupido, que almas cega.  
Mais ha no mundo qu' hūs sôs vãos amores,  
Que he tudo, o em qu' a vontade mal s'emprega.  
Aquelles, que do Amor foram pintores,  
Que os olhos lhe tirâram, & o descobriram,  
Pintâram pera Reys, & Emperadores.  
Altos ingenhos! que em figura viram  
As forças deste proprio Amor inimigo,  
Que moço, & cego, & nu, & cruel fingiram.  
Cada hum traz em si mesmo seu perigo  
Herdado desta natural fraqueza,  
Que tanto faz hum homem de si amigo.  
Ignaes somos, Senhor, na natureza,  
Assi entramos na vida, assi saymos.  
O entendimento he noffa fortaleza.  
Igualmente de hum sô principio vimos.  
Igualmente a hum fim todos corremos.  
E hũa estrada comum, & igual seguimos.  
Na terra a morte, a vida nos ceos temos,  
Quanto esta terra mais que os ceos olhamos,  
Tanto o caminho do bom fim perdemos.  
Cegos de nos, que nos tam mal trocamos,  
Que a parte vil, & baixa senborea,  
E o mais alto ao mais baixo catiuamos!

Força



Força cruel, que dentro em nós guerreia,  
 Vence a cega vontade à razão clara,  
 E leua assi de nós victoria fea.

Aquelle lume, qu'a alma illustra, & aclara,  
 Apagato por nós nella, & perdido  
 Como mortos nos deixa, & desempara.

Deu o remedio Deos: eis hum erguido.  
 Por elle em poder alto, de que o pouo  
 Seja ou por bem leuado, ou constrangido.

Não he nome de Rey titulo nouo:  
 Com elle começou o mundo, & dura;  
 Por fabulas antigas não me mouo.

Despois que d'aquella alta fermosura  
 Cabio o primeiro homem, & a triste sorte  
 O enuolueo nesta sombra grossa, & escura,

Fugio a luz, entrou armada a morte:  
 Cumprio noua vigia, guarda, & ley,  
 Qu'ao cego mostre a luz, & obrigue o forte.

Elegeo Deos pastor à sua grey,  
 Vio tambem a razão necessidade,  
 Eis aqui eleito hum Rey, eis outro Rey.

Conforme, & junto o pouo nũa vontade  
 Num.sô, por bem comũ, pos seus poderes,  
 Promettendo obediencia, & lealdade.

Obrigaram suas vidas, seus aueres,  
 Promet-

Prometteo o bom Rey justiça, & paz,

E remedio, & socorro a seus misteres.

Dali sogeito ao Rey o pouo jaz,

Dali sogeito o Rey á boa razão

Da mesma ley, que em si esta força traz.

A quem todos seus bens, & vidas dão

Polos liurar d'injuria, & de violencia,

Se lhas elle fizer, quem s'iraõ?

Seja juiz a justa consciencia,

E aquelle sancto, & natural preceito;

Deue á ley, o que a fez, obediencia.

Quem o caminho áde mostrar direito,

Se torce delle, & segue a falsa estrada,

Como terá seu pouo á ley sogeito?

Pos Deos na mão do Rey a vara alçada

Pera guia do pouo errado, & cego,

Mas não foy só á sua vontade dada.

Como destro piloto no alto pego

Co leme guia a nao, hora a hũa parte,

Hora a outra a desuia do vaõ cego:

Ali não valem forças, val sô arte:

Arte vence do mar a ira espantosa;

Arte vence, & encadea o brano Marte.

Hydra de mil cabeças enganosa,

Pego de tantos ventos reuoluido

Não se vence, Senhor, com mão forçosa.

Em

Em duas iguaes partes repartido  
 Te deu Deos seu poder: em premio, em pena.  
 Dê se a cada hum, o que lhe for devido.  
 Aquelle, que suauemente ordena  
 Todas as cousas, olha com que amor  
 Paga o bem logo, & deuagar condena.  
 Não se acha ali respeito, não favor,  
 Tanto val cada hum, quanto merece,  
 Iguaes ant' elle são seruo, & senbor.  
 Olhate bem, grã Rey, & ati conbece  
 Nascido sô pera reger a tantos,  
 E dessa grande alteza ao teu fim dece.  
 Vertebas igual na humanidade a quantos  
 Mandas, verâs o fim tam duuidoso,  
 Como quẽ tambem morre, & nasce em prãtos.  
 Que presta ser na terra poderoso,  
 S' o alto fim do ceo se poem em sorte,  
 Que tẽ ao filho de Deos foy tam custoso?  
 Corte o bom Rey primeiro por si, corte;  
 Mais vence o exemplo bom que o ferro, & fogo,  
 Não pòde errar quem contra si he forte.  
 Nem a propria affeicã, nem brando rogo  
 Tire a força á razã, & á igualdade:  
 Não se lhe faça sempre falso jogo.  
 Sômente em Deos razã he a vontade.  
 Absoluto poder, não o ha na terra,

## DAS CARTAS

Qu'antes serâ injustiça, & crueldade.  
Que vontade mortal, senhor, não erra,  
S'a ley justa, & a razão a não enfrea?  
De que nasce a injusta, & cruel guerra?  
Em seu peito cada hum pinta hũa Idéa,  
A qual ou mal, ou bem se s'affeioa,  
Assi lhe sae fermosa, ou lhe sae fea.  
A boa guia he a inclinação boa,  
A qual nasce do claro entendimento,  
E com facil discurso ao melhor voa.  
Tanto val, tanto pôde o sancto intento,  
Que sò por si honra, & louuor merece,  
E a obra, que val dez, faz valer cento.  
E quando humanamente erro acontece,  
(Quem pôde acertar sempre?) a culpa he leue;  
E todo bom juiz o compadece.  
Que justiça será, que não releue  
Não sair â vontade a obra igual,  
Pois pelo intento sò julgar se deue?  
No liure peito, & coração Real  
Estê o bem comum sempre fundado,  
Não pôde de tal fonte manar mal.  
Ama o pouo o bom Rey, & he delle amado,  
Lêdo, & facil em crer, & em julgar bem,  
Imigo de todo animo dobrado.  
Sempre a mão larga, sempre aberto tem

O generoso peito ao premio justo,  
 E triste, & vagaroso á pena vem.  
 Este he chamado bom, & grande, & Augusto,  
 Da patria pay, prazer, & amor do mundo,  
 Mortal imigo do tyranno injusto.  
 Este logo d'hum alto, & d'hum facundo  
 Ingenho tê as estrellas bem cantado  
 Voando vay na terra sem segundo.  
 Tal nos cresce, grã Rey, por Deos câ dado,  
 Inda mayor que as nossas esperanças,  
 Mayor que tua estrella, & alto fado.  
 Cedo teu sprito vencerâ as tardanças  
 Da tenra idade, & cedo renouando  
 Irás dos altos Reys altas lembranças.  
 Começate ja agora ir costumando  
 A por em nòs teus olhos Reaes serenos,  
 O mansissimo auo teu imitando  
 Inteiro aos grandes, humano ôs pequenos.

AO CARDEAL IFFANTE  
 D. Anrique Regente.

CARTA II.

**E**Ntre tantos negocios, & tam graues  
 Hora da Fé, que tu tambem sustentas  
 Co grã poder, que tens das sanctas chaues;

Hora

## DAS CARTAS.

*Hora do Reyno, em que nos representas  
Em tudo o sancto Irmaõ, em quanto a idade  
Do tenro Rey não sofre taes tormentas,  
Com teu sancto exemplo a Cristandade  
Reformando, & este pouo, & o d' Oriente  
Conseruando em justiça, & em liberdade:  
Contrario ao bem comum serey, se tente  
Com meus versos, Senhor, pejar te hũ' hora  
De tempo, de que pende tanta gente.  
Ouue antes a viuua, que te chora,  
Ouue o que pede o orfaõ desherdado,  
S' lbe às de dar despois, antes da agora.  
Ouue o que vem de tam longe arrastado,  
Que tremendo se chega, & não se atreue  
Queixarse de quem he tyrannizado.  
Lê o que Africa, Arabia, India te escreue,  
Nisto a menham comece, a tarde acabe;  
O tempo repartindo a quem se deue.  
Ama, & rege este pouo, que bem sabe,  
E assi o affirma, & cre, & só nisto acerta,  
Qu' outro assento mayor t'espera, & cabe.  
No mais não tem a opiniaõ tam certa,  
Nem das letras recebe mais que aquellas,  
Que ao doce ganho tem a porta aberta.  
Boas são leys: melhor o vso bom dellas.  
Boa he sua sciencia, quando pura*



Vem das espinhas, que nascem entr'ellas.  
 Quando o seu fim só guia à fermosura.  
 Da justiça, que tam viua, & fermosa  
 Chrysippo nos deixou mais qu'em pintura.  
 Virgem no aspecto, graue, & temerosa,  
 De viuos olhos, não de cruel, nem brando  
 Vulto, mas quasi de hũa tristeza honrosa.  
 Auerá algũs, que o pouco estẽ mostrando  
 Co dedo dados por hum dom diuino,  
 Que a esta imagem só se vão formando.  
 Cada hum delles de grande honra he dino,  
 Que se assenta seuerõ, inteeyro, igual  
 Ao rico, ao pobre, ao seu, ao peregrino.  
 As obras daõ de tudo bom sinal.  
 Qual o fim se pretende, tal he o fruito,  
 Cada hum corre, Senhor, ao que mais val.  
 Nisto o costume, & o tempo pode muito,  
 Que ao mal, & ao bem dá, como quer, valia.  
 Das letras assi o prego he pouco, ou muito.  
 Quando o outro mudaua a noite em dia,  
 Eo dia em noite, & a menham na tarde,  
 Quem na grã Roma então o não seguia?  
 E quando o outro canta, que Roma arde,  
 Quem vay então lançar agoa no fogo?  
 Quem ha, que em tão grã força ali leys guarde?  
 Passaõna tal crueza em festa, & em jogo.

101 DAS CARTAS. I

Lá o tempo passou dos maos Tyrannos.  
Senhor, inda ficâram preço, & rogo.  
Inda câ nos ficâram os maos enganos,  
Que o proueito ensinou: a mostra he boa,  
Em bens se vestem todos nossos danos.  
Tudo aparece, tudo logo soa;  
Ficou esta vingança aos innocentes,  
Que o mesmo mal a seu author pregou.  
Cruéis, no mal alheio diligentes,  
Que obedecis à força, ao rogo, ao preço,  
Morrereis tristes, se viueis contentes.  
Sancta justiça, a que eu mal reconheço  
Tua alta magestade, tu nos julga,  
Que ves o nosso fim, nosso começo.  
Qual respeito o Rey tem, quando promulga,  
A ley igual em publico proueito,  
Que com prazer do pouo se diulga,  
Tal que tenha o juiz dentro em seu peito,  
Na justa execençaõ constante, & forte,  
Nisto consiste a ley, nisto o direito.  
Aquem tam alto sprito coube em sorte  
Bem he que o Rey o estime, o ouua o ame,  
E honrado seja sempre em vida, & em morte.  
Mas nem por isso logo o pouo chama  
Kans outras letras, & o honesto exercicio  
Das brandas Musas tam mal julga, & infame.

Em

Em nenbum estudo bom pôde auer vicio.  
 As artes entrefi se communicam.  
 Cada hũa ajuda â outra em seu officio.  
 De area, & cal, & pedra, os que edificam  
 (Baixas, mas necessarias miudezas)  
 As torres s'erguem, que tam altas ficam.  
 Tem tambem seus principios as grandezas,  
 E ás cousas grandes pequenas ajudam.  
 Boas letras, Senhor, não são baixezas.  
 Pera o publico bem tambem estudam  
 E cantam os bons Poetas, deleitando,  
 Ensinam, & os maos affeitos em bons mudam.  
 E ás vezes aos Reys vão declarando  
 Mil segredos, que entãõ s'õ vem, & sabem,  
 Mil rostos falsos, linguas más mostrando.  
 Em poucas bocas ás verdades cabem.  
 Terãõ ás vezes a culpa os ouuidos.  
 Os versos ousam, & em toda parte cabem,  
 Dos bons amados, & dos maos temidos.  
 Assi he a justiça, assi a verdade:  
 Assi sejam tambem favorecidos.  
 Vsem de sua honesta liberdade  
 Rindo do pouo chamar s'õ letrados,  
 Os que conselham roubo, & crueldade.  
 Ou outras, que se fazem affamados  
 Lulgando, & interpretando duramente,

## DAS CARTAS.

Dos innocentes fazendo culpados,  
 Outro se vende por piadoso á gente,  
 Deixa o delito passar sem castigo,  
 Da vam piadade vsando cruelmente.  
 Tambem, senhor, contra mi falo, & digo,  
 Qu'em noffas letras não esta a justiça:  
 Estâ num peito da justiça amigo.  
 Não tiram a ambiçam, não a cobica;  
 Se acrecentam, duuido: cada hum veja  
 Quem lhe vence o trabalho & ingenho a tica.  
 Seja mais rígnroso o exame, & seja  
 Grande das letras; mayor do letrado,  
 Saibase o fim, que o leua, & o que deseja.  
 Da Patria pay será o Rey chamado,  
 Quo a justiça começa dos que a tratam,  
 Antes de ser do pouo prouocado.  
 Onde todos se roubam, & se matam,  
 Defendese cada hum da força injusta,  
 E os que mais podem, seus inimigos atam.  
 Nos, que viuemos por regra tam justa,  
 Que os mesmos Reys ás suas leys s'obrigam,  
 Remedio temos certo, & á pouca custa.  
 Que mal he, que os Poetas isto digam,  
 Se o mal reprendem, á virtude inclinam,  
 Porque assi injustamente os mal, per sigam.  
 Almas indoutas, que en peregrinam

Catiuas em seus corpos, & forçadas  
 A nenhum bem, nenhum saber atinam.  
 Deixemos estas já em vida enterradas,  
 Que os olhos abrem sômente ao proueito,  
 Como s'â terra sô fosse em criadas.  
 O bem nascido sprito, & culto peito  
 Mais deseja, mais quer, mais alto voa,  
 Mais glorioso propoem seu obgeito.  
 A gloria, â fama, â triumphal coroa  
 Aspira; â alta trombeta, & viuo canto,  
 Em que no mundo o grande Achilles soa.  
 Não ha tam humilde sprito, não tam santo,  
 Que não ame sua gloria: & quem não pede  
 O louuor de suas obras tanto, ou quanto?  
 Desejo he natural, que não impede,  
 Mas acrecenta a virtude louuada,  
 E a torpeza, & preguiça d'alma espede.  
 De que vem tanta insignia em armas dada?  
 Tantas capellas cheas de letreyros?  
 E a triste sepultura tam dourada?  
 Mais geraes, mais constantes pregoeiros  
 São os bons versos, que continuo falam,  
 E duram té os dias derradeiros.  
 Nem as victorias, nem as grandezas calam  
 Dos clarissimos Reys de gloria dinos,  
 E o passado ao presente tempo igualam.

## DAS CARTAS.

Chamados foram os Poetas diuinos.

(Quem tal, q̄ tal furor não moua, & espante?)

Mas quantos foram de tal sorte indinos!

A quem sprito, & boca, com que tante

Altas grandezas os ceos concederam,

E que em môr voz, que humana se leuante,

A este Apollo, & as Musas sô teceram

Verde coroa; a este justamente

A honra, & nome de Poeta deram.

Pois entre tanta confusão de gente,

Que a Republica cria, quem mal nega

Lugar honesto a sprito assi excellente?

Quando se romper a esta nuuem cega,

Que o cobico vulgo veja, & entenda

Qu'outro saber ha mais, q̄ o em q̄ se emprega?

Determine a razão esta contenda:

O mau juiz rouba, o mau medico mata;

O mau Poeta enfade, antes, que offenda.

Demos bons todos: a razão não ata.

Mais a justiça val, mais a saude:

Mas nem por ouro se despreza a prata.

Nem tira à mor virtude, a outra virtude.

Seu preço, antes s'abraçam, & entre s'ãamam,

Porque hãa irmãmente â outra ajude.

As artes, que mechanicas se chamam,

Baixas parecem; mas dão ornamento.



*As illustres cidades, & as affamam.*  
 O raro sprito, que de cento, em cento  
 Annos, & inda mais tarde o ceo nos cria,  
 Em desprezo estará, & esquecimento?  
 Perdaõ ao condenado concedia  
 Aley (assi os interpretes o entendem)  
 Se n'algũa arte aos outros excedia;  
 Entendam m il, ou bem, certo comprehendem  
 Por boa razão quanto fauor merece  
 A rara arte, que assi tambem defendem:  
 Quem isto affirma, & julga, ind'escurece  
 Das castas Musas os sanctos estudos?  
 Inda seus louros lbes não offerece?  
 Destes spritos nesta parte rudos  
 As deuem defender, Principe raro,  
 Os que lbes podem ser firmes escudos.  
 Inda o Sol resplandece hoje tam claro.  
 Inda as estrellas não perderam lume:  
 Não falta ingenho, não faleça emparo.  
 Vence tu nouamente o mau costume:  
 Viuam por ti, & floream as boas artes,  
 Que o tempo vencem, que tudo consume.  
 Reforma, grã Senhor, em todas partes  
 Este Reyno, que em ti, espera, & confia,  
 Porque igualmente todo te repartes.  
 As Musas se psrdoe esta ousadia

## DAS CARTAS.

*A costumadas a Reaes fauores,  
Nãõ percam em ti a antiga sua valia.  
Nãõ fazem dano as Musas õs Doutares,  
Antes ajuda a suas letras daõ:  
E com ellas merecem mais fauores,  
Que em tudo cabem, pera tudo saõ.*

**A LVIS GONCALVES DE CA-**  
**mara, mestre del Rey D. Sebastião.**

### CARTA III.

**P**orque nãõ ousarey liure contigo,  
Clarissimo Luis sprito puro  
Sõ da virtude, & da verdade amigo,  
Porque nãõ ousarey em tanto escuro  
Mostrar a clara luz, que tu descobres,  
Tomandote por guia, & por meu muro?  
Sãõ da terra os thesouros assaz pobres,  
Estes desprezas, mostras os diuinos  
Doës do ceo, quanto em ti mais os encobres.  
Foram por ti os nossos tempos dinos  
De ver aquella Idéa hum Rey formado,  
De que tantos atras foram indinos.  
Porque foy de Philippe festejado  
Do seu grande Alexandre o nascimento,  
Senãõ sô po'lo mestre, a que foi dado?

*Quem*

Quem não põe o geral contentamento

Das altas esperanças, em que crias

Ao mundo bñ a nova luz, nouo ornamento?

Chegue SEBASTIÃO onde o tu guias

Igualmente entr'as armas, & entr'as artes,

Nascernosham outros mais claros dias.

Assi o Rest' spirito lhe ve partes

Por todas as virtudes, & exercicios,

Que inteiro, & todo està em todas as partes.

Seus tempos, seus lugares, seus officios

Conhecendo, usará de cada cousa

Sammentè, sem estremos, & sem vicios.

Aquelle heroico ardor, que não repousa

Naturalmente d'fama, & gloria erguido,

Sem Deus diante, a nada passar ou sa.

Dos ardentes affeitos seus mouido

Tu lhe pões logo diante o sancto obgeito,

A que o intento são v'ã dirigido.

Não se pôde forçar o altimo peito,

Que arde em desejos de Reaes gran. lezas;

Mas pôde se a razão fazer sozeito.

Aquellas tam cantadas estranhezas

Do soberbo Alexandre não contente

D'hum mundo sô, as prodigas larguezas

Não o fizeram grande, a quem bem sente

Da natural razão algũa parte,

DASICARTAS.

Que força, & tyrannia não consente, Q  
 Por outra via leuas, por outra arte, Q  
 Encaminhas, Luis, o Reasprito, Q  
 Com Phebo temperando a ira a Marte. Q  
 Aquelle alto preceito, & graue dito, Q  
 O Reyno do Senhor busca primeiro, Q  
 Lhe tens lá dentro na sua abita escrito. Q  
 Fazes hum Rey Christão, Rey verdadeiro, Q  
 Que assi seja primeiro, assi obedeça, Q  
 Porque dos outros seja Rey intimo, Q  
 No qual o mundo veja, & reconheça, Q  
 Que hũa cousa he espantoso, outra he fer grãde;  
 E de a cad' hum o nome, que mereça. Q  
 Mostra-lhe quam errada cá a fama anda, Q  
 Que honra o que o alto Deos culpa, & seproua,  
 Porque outro sprito mór dos ceos lhe mande. Q  
 Quem a Alexandre deu mais certa proua  
 Desta verdade clara, que hũm pirata  
 Com sua repostã tam liure, & tam noua,  
 Se por roubar com hũa vella a prisão me ata,  
 Tu, que com tantas roubas, que justiça  
 D'outras mores cadeas te desata,  
 Ah que não ambição, força, & cobicia  
 Daõ ao Rey nome de grande, & Augusto  
 Nem tudo o mais, que a tyrannia atica,  
 Entã serã o Rey grande, se for justo. Q

Ou defendendo bem o bem ganhado,

Ou despojando o occupador injusto

Não ba outra boa estrella, ou outro fado,

Senão com as partes que hũ Rey grande fazê,

Com essas ter seu nome conseruado.

A quem as Reaes virtudes não aprazem?

Digo a elemencia, a liberalidade,

Que entre os Tyrannos tam escuras jazem!

Aquella graciosa humanidade

De não deixar ninguem ir de si triste,

Aquella fé Real, firme verdade

A que Principe nunca estes doês viste,

Que de tropheos não enchesse a terra?

Que Rey assi à fortuna não resiste?

Sempre felice em paz, felice em guerra,

Amado do seu pouo, & obedecido,

Por amor, & ninguem por temor lhe erra.

Tambem lhe mostras como he mais seguido

O exemplo do Principe, que a dura

Força de ley, ou premio prometido.

Bonissimo Luis, a tua brandura

Me leua a tanto. Eu vejo hum grã perigo,

Que todo Imperio poem em aventura.

Por proueito comum, Senhor, o digo.

Acuda o Rey com seu Real exemplo,

Acuda co seuero seu castigo.

Aquella antiga idade, que contemplo  
 Dos nobres affamados Portugueses,  
 Dos quaes arguido ves hum, & outro templo  
 Suas lanças, seus cavalos, seus arneses nos oñes  
 Por sô seus jogos, & delicias tinham,  
 As couraças, adargas, & padefes,  
 Trajos limpos, & honestos, quaes conuinham  
 A boa temperança, & fortaleza,  
 Com que mais duros ôs trabalhos vinham,  
 Tendo a mediocridade por riqueza,  
 Todo o sobejo fausto aborreciam,  
 Quam limpa, & fermosa era a sua pobreza!  
 Nem ouro, nem vans purpuras cobriam  
 Seus leitos, nem seus corpos tam mimosos,  
 A fome, & sede pouco lhes pediam.  
 Não eram seus banquetes tam custosos,  
 Nem a vida tam larga, & tam profana,  
 Nem sabiam viuer tam ociosos.  
 Era no mundo a gente Lusitana  
 Outra Lacedemonia, & Esparta antiga  
 Liure de todo vicio, que os bons dana.  
 Toda entresi conforme, quieta, & amiga  
 A Deos honrava, ao Rey obedecia,  
 D'engano, & trayção cruel imiga.  
 Contento cada hum do seu viuia,  
 Iguaes de todos quasi as mesas eram,  
 Igual



Igual em todos quasi a cortesia,  
 Os despojos, que os Barbaros lhes deram,  
 Aquelles sanctos Reys, em que os gastauam,  
 Se não nos templos, & torres, que ergueram?  
 Por Deos, & pera Deos sô pelejauam.  
 ò tempo sancto, idade tam ditosa,  
 Que hüs Reys pera outros Reys enhte sourauã.  
 Em toda parte então victoriosa  
 A bandeira Real se despregaua  
 Rodeada da gente bellicosa.  
 Que perigos, ou medos receaua  
 Assim ao trabalho dura a forte gente?  
 Que inimigos campos não desbarataua?  
 Incansavel, constante, & obediente,  
 De duras armas, coraçoes mais duros  
 Sofredores da neue, & sol ardente.  
 Quando esquecidos, posto que assim escuros,  
 Serão do grande AFONSO os grandes feitos  
 Destruydo de Reys, & fortes muros?  
 De cujo inuidto esforço, & fortes peitos  
 Dos poucos do trabalho endurecidos,  
 Tendo a verdadeira honra olhos direitos,  
 Mil exercitos foram destruydos,  
 Tejo, & Guadalquivir sangue correndo,  
 Nós a cativa Patria restituídos.  
 Cos altos successores estendendo

DAS CARTAS.

Foram o Imperio, foram os thesouros,  
Claros trophéos em toda parte erguendo,  
Lançados alem mar de todo os Mouros,  
A Africa os nossos Scipioës passando  
Tornaram coroados de altos Louros,  
Hüs apos outros todos triumphando,  
Vio o Athlantico mar victoriosas  
Sempre as frotas Reaes indo, & tornando.  
Despois d'Oceano grande as espantosas  
Ondas vencendo, com espanto a Fama  
Mil victorias cantaua milagrosas.  
Ah não se apague hũa tam clara chãma,  
Que apagar quer a ociosa vida,  
Se nisto o Real sprito não s'instãma.  
Aqui, senhor, aqui he bem deuida  
Tua lembrança; mais denida a émenda,  
Primeiro da esperança ser perdida.  
Começa o Rey prudente, saiba, entenda  
Que na boa paz a guerra s'exercita,  
Porqu'os vicios da longa paz reprecnda.  
Por Deos, & polo pouo, o que milita  
Iustissimo Rey he, Capitão sancto,  
Aque honra, & gloria se deue infinita  
Quanto he sempre a paz boa, a tempos tanto  
Tambem a guerra he necessaria, & boa,  
Dos inimigos defensiva, medo, & espanto.

*Sõe Portugal sempre como soa.*

*Tornem os jogos da Cavalaria.*

*Não se nos torne Capua Lisboa.*

*Assi o bom Rey, que em tuas mãos se cria,*

*(S'aprouas do philosopho o desejo,*

*Que desejava ao Rey philosophia)*

*Grande, prudente, & justo por ti o vejo.*

## A DIOGO DE TEIVE.

### CARTA III.

**P***Romittite, meu Teiue, à tua partida*

*Mil profas, & mil versos; & em mil meses*

*Hũa carta té outra terás lida.*

*Não sabiam mentir os Portugueses.*

*Entrou nouo costume, & he ley antiga*

*Romano em Roma, Frances cos Franceses.*

*Quem queres que por força câ não siga*

*A ley da terra? & mais tambem guardada*

*Dos que em mal nosso tem a fortuna amiga?*

*Seja com tanto honrado desculpada*

*Minha mentira: a sam nossa amizade*

*Nunca esquecida foy, nunca mudada.*

*Mas entãõ chea, em tam grã cidade,*

*Onde o sprito, & a vista leua a gente,*

*Quem pôde ser senhor da sua vontade?*

*Mora*

## DAS CARTAS.

Mora hum la fôra alem do grã Vicente,  
Outro cà na Esperança; & ey de ver ambos,  
Foge inda o dia ao muito diligente.

Pelas ruas mil cambos, mil recambos,  
Cargas vem, cargas vão, mil môs, mil traues,  
Hũ arranca, outro foge, & encontro entrãbos.

Vay hora então compondo versos graues,  
Versos doces, & brandos, quaes mereçam  
Parecer ao meu Teiue la suaves?

Onde os Loureiros, onde as Heras creçam  
La nos cerrados bosques, brandas fontes  
As Musas co as capellas versos teçam.

Amam as castas Deosas altos montes,  
Valles sombrios, não cidades cheas  
D'homês, em que tam poucos ha que apontes.

La liures abrem suas ricas veas,  
La suas doces liras encordoam,  
Ao brando som tecendo immortaes teas.

Com tudo algũs ha ca, que se coroam  
D'outras Heras, contentes de si s'amam,  
A si tangem, a si cantam, a si bem soam.

Tambem Musas inuocam, Apollos chamam,  
Outra Mantua pouoam, outras Athenas,  
Outros novos Parnasos por ca affamam.

Voam cubertos de mil nouas penas  
D'aues nunca ca vistas, & fermosos

*Asi mesmos, se vão entr'as Camenas.*

*A todo tempo entoam os seus mimosos*

*Versos, a toda hora à voz, & à lira*

*Concordam seus accentos sonoros.*

*Ditoso sprito, a quem toda hora inspira*

*Outro Apollo outro ardor, que não se apaga,*

*Mas sempre do seu fogo, fogo tira.*

*Eu, meu Teiue, não sey que estrella, ou maga*

*A lingua me ata; nã sou de toda hora.*

*Em fim esta he a desculpa da mã paga.*

*Por hum momento, que em mim Phebo mora,*

*Mil dias se me esconde, & desempara.*

*E inda bem me não chega, já vay fora.*

*Vejo esse peito aberto, essa alma clara,*

*On le me tens, bom Teiue, ouso contigo*

*O qã com outro eu, somente oufara.*

*Temeria com outros o perigo*

*De meus tam soltos versos, mas eu t'amo,*

*Eu te honro, douto mestre, doce amigo.*

*Quantas vezes saudoso cà te chamo,*

*Quantas vezes contigo me desejo*

*Lã doce sombra d'algum verde ramo!*

*Hora de cà teu sancto ocio lã vejo,*

*Hora por só meu bem cà te queria*

*On le meu amor te chama, & bom desejo.*

*Mais val, amigo, lã hum quieto dia*

## DAS CARTAS.

Que mil annos, & mil cã inquietos,  
 D'onde eu, se tiuesse asas, fugeria.  
 Não te são meus intentos lá secretos,  
 Puste nas mãos minb' alma, à minha vida  
 Sabes que desejei portos quietos.  
 Se vida temos pera ser viuida,  
 Se chã se a de escolher pera morada,  
 Onde melhor que em campo he escolbida?  
 Vida dos sabios sempre desejada,  
 Vida de paz, d'amor, & de brandura,  
 Em meus versos serás sempre cantada.  
 Onde estarã mais sem, & mais segura  
 A alma innocente? onde mais sem cuidada  
 De medos, de perigos, de ventura?  
 Pera a saude onde mais temperado  
 O frio inuernò? onde he do brando Norte  
 Ou o Caõ, ou o Liaõ mais amansado?  
 Mais larga vida, menos triste morte;  
 Sono doce, segura, brando, inteiro,  
 Sem sobresalto, que to quebre, ou corte.  
 O verdadeiro gosto, o verdadeiro  
 Deleite, be quieta ocio entr'heruas, & agoas  
 Em lulho frias, quentes em Janeiro.  
 Não ves choros albeos, não ves magoas  
 Ou tuas, ou dos teus: liure de inuejas,  
 Em que cã ardem, como em villas fragoas.



S'ò que conuém á vida sò desejas,  
 Estimars mais doce liberdade  
 Que quantas minas d'ouro a outros vejas.  
 Mais val a curta geira, a pobre herdade  
 Que, ò rica Arabia, ò India, o teu thesouro,  
 Se á justiça se rouba, se á verdade.  
 Mais val no campo coroar o Touro  
 No fresco Mayo de heruas de mil cores,  
 Que altos teitos pintar de azul, & ouro.  
 Ò bemauenturados os Pastores,  
 Se seus bens conhecessem! a quem dá a terra  
 A vida mantimento, aos olhos flores.  
 Que he este fermoso ouro se não guerra,  
 Muito melhor quando de nós se esconde  
 Ou na encuberta arêa, ou n'alta serra?  
 Onde assi cheiram em Libia as pedras? onde  
 Resplandecem assi, como as cheirosas  
 Heruas, qu'ò campo aberto a ninguem esconde?  
 Por ventura serâm mais graciosas  
 As agoas, que câ os canos vaõ rompendo  
 Qu'as que entre seixos correm saudosas?  
 Mis atadis aos marmores crescendo  
 Vaõ mil Heras, lardins depenjurados,  
 Que das altas janellas s'estam vendo.  
 Artificios saõ como roubados  
 A Natureza, que por mais que os forcem,

## DAS CARTAS.

Não podem longo tempo ser forçados.  
 Inuejosos do campo assi em vão torcem  
 As vergas, & os arames, mas c'um vento  
 Ou que bram, ou se secam, ou se destorcem.  
 Leua já a natureza hum mouimento  
 A seus tempos contino sempre, & certo,  
 Que arte imitar não pode, ou instrumento.  
 Que gosto he ver do campo o ceo aberto,  
 Tantos lumes, hum corre, outro está quedo,  
 Hum tam longe apartado, outro tam perto!  
 Quanto milagre ali, quanto segredo  
 Contemplarás naquelle liuro escrito  
 De quanto cá acontece ou tarde, ou cedo!  
 E rompend'os ceos todos com o sprito,  
 Que já a mores grandezas vay voando,  
 Suspiras alto a Deos com baixo grito.  
 Ali aprendendo estás como guiando  
 Vas as simples ouelbas ao seguro  
 Curral, que anda o mao Lobo salteando.  
 Outra cerca farás, outro alto muro  
 De doutrina, de exemplo, & saõs costumes,  
 Quaes eu conheço do teu peito puro.  
 Do teu lume acendendo outros mil lumes,  
 Ricos ganhos darás dos teus talentos.  
 Não de agoas, não de cheiros, nem perfumes.  
 Depois receberás por hum dozentos.

Do justo pagador, que hi te aluzou,  
E as obras de decima, & os pensamentos.

Quem pera esse sancto ocio te chamou,  
Te chamará mais alto, viue, & espera,  
Olha como este mundo se mudou.

Quem cuidou que tam cedo volta dera  
Esta roda inconsistente? ah Reys que saõ?  
Tambem aquelle Rey pô, & sombra era.

Rey manso, Rey benigno, Rey Christaõ,  
Ah quam depressa desapreceo!

Quantas altezas cãem abrindo a mão!  
Em fim ditoso, quem se bem regeo.  
Mais annos saõ mais carcer, & mais carga,  
Assaz viueo, quem sempre bem viveo.

Deuemonos á morte: doe, & amarga  
O só seu nome: hãa hora chega em fim  
Triste, espantosa, fea, dura, amarga.

Pareça bem a purpura, & o marfim,  
Os luzidos metaes, a prata, fina;  
Mas eu vou, elles ficam cã sem mim.

Quanto melhor, meu Teiue, aquella atina,  
Que quanto cã dos ceos por fe nos soa  
Dos secretarios seus, a outros ensina!

Guardando em si aquella ordem tam boa  
De quem fazia, despois ensinava,  
Ah que boarada victoria, que coroa!

## DAS CARTAS.

O que entendo IERONIMO, ao que vouza  
AGOSTINHO, BERNARDO o q̄ dizia,  
Quando da Mãe de Deos se namorava.

O que aquella divina companhia  
De sanctos Gregos na sua escriptura  
Deixâram, lume he nosso, & nossa guia.

Ali, como dos ceos viua pintura  
Se mostra. ò tu ditoso, pois podeste  
Ir lá sô contemplar tal fermosura!

Mas com quanto tam alto te poseste  
Das brandas Musas, desce: & outra vez proua  
A doce lira, a que tal som já dèste.

No teu verso Latino nos renoua  
Hora outro Horacio, hora outro grãde Maro:  
Na graue prosa Padua, Arpyno em noua.

Por ti começou já ser grande, & claro  
O Portugues Imperio: igual aos feitos  
No mundo raros teu estillo raro.

Encheste d'esperanças nossos peitos  
Não nos detenhas encubertos tanto  
Altos exemplos de obras, & conceitos.

Em quanto assi estãs liure, Teiue, em quanto  
Te não chama tua sorte ao que mereces,  
Cria ao Portugues nome amor, & espanto  
Lêdo, & confiado do que em ti conheces.

A ANTONIO DE SA DE ME-  
neses. CARTA V.

**A** Quella proueitosa liberdade  
 Aos antigos Poetas concedida  
 De mostrar de mil erros a verdade,  
 E do mais liure pouo entã soffrida,  
 E do mais poderoso receada  
 Porque entre nós ser.à mal recebida?  
**O** claro Antonio, que segues a estrada  
 Da virtude mais cham, mais descuberta,  
 Dos teus grandes auôs, grã pay herdada;  
 S'hûs cegos nos deixâram a porta aberta  
 Pera o ceo, pera honra, & pera gloria  
 Porque entã clara luz ninguem acerta?  
 Que espantos nos renoua a alta memoria  
 De tantos Gregos, & Romaõs gentios  
 Senhores do saber, paz, & victoria!  
 Postos ao ardor do Sol, postos aos frios,  
 Olhos nos ceos, o sprito nas estrellas,  
 Nas heruas, & nas pedras, & nos rios.  
 Quantos segredos nestas cousas bellas,  
 Que o mundo tam fermoso fazem, viram,  
 Erguendo todauia o homem sobre ellas!  
 Tanto cuidâram, tanto aos ceos sobiram  
 Por causas, por razõs, por natureza,

## DAS CARTAS.

Que hum alto Deos, fim do homẽ descobriam.

A virtude chamãram sô nobreza,

Ao honesto, & bom, sô doce, & proueitoso,

Ao alto saber do sprito, alta riqueza.

Cada hum ao parecer mais ocioso

Entaõ mores segredos descobria,

Com que inda o mundo ficou mais fermoso.

Hora hum a terra, hora outro o ceo media,

Sem se mouer o Oceano nauegaua,

Deixando pontos certos por onde hia.

Outro apos o Sol claro caminhaua,

E despois da ligeira volta dada,

Coa Lua, & com as estrellas se tornaua.

Ali a altura, & a linha foi achada;

O mouimento, os polos, a figura

Redonda, a de tres cantos, & a quadrada.

Outro na trabalhosa quadratura,

Possiuel de saberse, & não sabida,

A alma cansaua, em vaõ trabalho dura.

D aqui nasceo a fabula mal criada

Que toda est alma machina já hũ hora

Dos ombros do grande Athlas foi sostida.

Senão somos ingratos, quanto agora

Sabem os que mais sabem, àquella idade

O denem, que o achou, & o deixou fora.

Eu não falo na noua claridade,

Que



Que dos ceos milagrosamente veo  
 Do saber, do poder, & da bondade:  
 Falo daquelles, que por certo meo  
 Das cousas, que cá viram, combecéram  
 Outras, que o ceo encerra lâ em seu seo.  
 Mas ab s'elles fizerâm o que entenderâm!  
 Todos erramos, mas quaes mais culpados?  
 Hūs de dia, hūs de noite se perdéram.  
 Bem poderam os spritos ir guiados  
 Por sua escura luz ao que a fé mostra,  
 S'em Deos poseram todos seus cuidados.  
 Mas inda boje pera honra he a vam mostra  
 D'alta virtude, que o alto ceo sô pede,  
 Entaõ mayor, quando se menos mostra.  
 Quam enganadamente inda concede  
 Louuor o mundo a muitos! clara he a obra;  
 Mas Deos sô pelo intento a pésa, & mede.  
 Seguro viue quem boa fama cobra  
 Diz o vão pouo. O sabio estâ dizendo:  
 Quem Deos cuida enganar, contra si obra.  
 Quantos ha agora, de que estamos crendo  
 Que igual seja às boas mostras o conceito!  
 Quantos, em que o contrario estamos vendo!  
 Não deixaua porem de ser aceito  
 A Deos o zelo da justiça igual  
 Daquelle pouo à fama sô sogeito.

## DAS CARTAS.

Tanto a virtude, tanto o honesto val,  
 Que inda que o proprio fim, & direito s'erre,  
 Aproueita o exemplo, & atalha o mal.  
 Cada hum là em si o secreto intento encerre,  
 Mas faça bem verdadeiro, ou corado,  
 Antes que a Deos, & ao mundo os olhos cerre.  
 Com quanta razão deue ser chorado  
 Hum tempo, em que por Deos, nem polo mūdo  
 Vemos hum do outro ser bem conselhado!  
 Por não soffrer igual, não ver segundo  
 A custa de mil honras destruydas  
 Sobe o mais vil, mil bons mette no fundo.  
 Ah que hoje custa bñã vida dez mil vidas,  
 Vence a cega vontade a razão forte,  
 As leys hora crueis, bora torcidas.  
 Sprito bom, fora da geral sorte,  
 Pera publico bem dado, & nascido,  
 Prompto pola verdade a soffrer morte,  
 Inda bem não parece, eis perseguido  
 De mil maos olhos, de mil linguas mās  
 S'encolbe dentro em si, como vencido.  
 Ah sancta liberdade, onde hora estās?  
 Porque não soltas minha lingua muda,  
 Pois aquelles se calam, a quem a dās?  
 Tenham versos licença: quem não muda  
 A vergonha de si, mude o castigo,

Nome:

Homese na praça, o pono acuda.  
 Vinguese ali cada hum do cruel imigo  
 Do comum bem, apontenno co dedo,  
 Aja sam liberdade sem perigo.  
 Venha hum Horacio liure, a que aja medo  
 Não o pobre, ou triste, ou innocente,  
 Cuja voz ouue Deos, ou tarde, ou cedo.  
 Mas pois o triste tempo não consente  
 Verdade boa, & clara; corra, & vâ  
 Tras sua perdição a cega gente.  
 Desprezese o saber, & viua a mã  
 Ignorancia soberba; & honra, & fama  
 Sô seja, o que a fortuna, & engano dà.  
 Seja sabio o que sabio o pouo chama,  
 E rido, & desprezado o que de Louro,  
 Ou Palma se coroa, & outro fim ama.  
 Tenham por Deos o ventre: & o vil thesouro,  
 Que a si mesmo roubou o triste auaro,  
 Consumenta o ingrato berdeiro imigo de ouro.  
 Tu nas antigas armas, sangue claro  
 Dos illustres auôs de parte, a parte  
 Constante là occupa o sprito raro.  
 O nome grande a Apollo, grande a Marte  
 Conserua, & acrecenta, antigo nome  
 Que par outros tam grandes se reparte.  
 Igualmente te dê sempre honra, & a tome

## DAS CARTAS.

*Apollo no deuido a ti seu canto,  
E contigo, meu Sã, a inueja dome.  
Eu tenha hum quieto ocio, honesto, & santo.*

**A ANTONIO DE CASTILHO,**  
guarda mòr da Torre do Tombo.

### CARTA VI.

**C**astilho, de meus versos doua lima,  
Que cuidarey que fazes lâ escondido,  
Donde me não vem prosa, nem vem Rima?  
Trabalhas por ventura que vencido  
Fique o grã Ferrares no doce canto  
Te qui com tanto gosto, & fama lido?  
Ou num alto sagrado bosque, & santo  
Andas quieto, enchendo o peito puro  
Do que soffega o sprito, & vence o espanto?  
Colbendo de mil flores o maduro  
Fruito, que alma sustenta, & no perigo  
Te ensina poder sempre estar seguro?  
Eu te conheço, bom sprito, imigo  
Naturalmente de ocio, sò de gloria,  
Sò de virtude, & de saber amigo.  
Quando serà que eu veja a clara historia  
Do nome Portugues por ti entoada,  
Que vença da alta Roma a grã memoria?

Não me foy dado sprito, não foy dada  
 Igual boca ao grã canto. Bom desejo  
 Não basta: a ti a alta empresa está guardada.

Desse sancto soffego, em que te vejo;  
 Desse tam raro sprito olha as grandezas,  
 Qu' o mundo espera, & eu ja ver desejo.

Abre já, meu Castilho, essas riquezas,  
 Que tanto ha já, que em ti Phebo enthesoura,  
 Solta o grã Rio ,farta mil pobrezas.

Assi consentirás, cruel, que moura  
 Teu nome, & desse sprito o claro lume?  
 Assi a coroa, que te Phebo enloura?

Quanta arma, quanto sangue nos consume  
 O silencio cruel! terror, & medo  
 N' Africa ao Mouro, n' Asia ao brauo Rume.

Tu Castilho, tu là ocioso, & quedo  
 Vencerás de mil mundos os espaços,  
 Por onde voarás, se queres, cedo.

Solto de vaões desejos, de vaões laços  
 O bom sprito dentro em si sò posto  
 Mais largo viuirá, que em largos paços.

A todo tempo terá sempre hum rosto,  
 Nam turuará sua paz nenhũa guerra.  
 Nenhũa mudança danará seu gosto.

Ditoso aquelle, que em si sò se encerra,  
 E estimando o thesouro, que em si tem,

## DAS CARTAS!

Pisa soberbamente toda a terra.  
Sempre o dia pior he o que vem.  
Comece de viuer à primeira hora  
Quem poder, & a quem Deos quis tanto bem.  
Em quanto hum ri, em quanto cà outro chora,  
Passa a vida, la o tempo todo he ten:  
Lograo, & tua sorte ama, & a Deos adora,  
Que tantos, & taes dões te concedeu.

A IOAM LOPEZ LEITAM  
na India.

### CARTA VII.

**D**O antigo Portugal, da grã Lisboa,  
Por novos mares, novos ceos, & climas  
Ao nouo Portugal, à clara Goa,  
Te vay saudar, Ioam Lopez, s'inda estimas,  
S'in la as noue Irmãs honras, minha Musa,  
Dem lugar duros Troës às brandas Rimas.  
Ou ten armado braço estê no que vfa,  
Com Marte contendendo em fortaleza  
Sem ao Rume aceitar ouro, ou escusa,  
Ou rompendo com furia, & com braueza  
As escumosas ondas, vas leuando  
Socorro à quasi entrada Fortaleza.  
Nãõ deixes de ir cos olhos sô passando  
Estes



Estes versos, verás quanto às trombettas  
 Mais animoso som estaram dando.  
 Antes que com forte animo comettas  
 A feroz multiidão, & com honroso  
 Despojo, humilde o imigo a ti somettas,  
 Ou do triste successo temeroso  
 (Como a fortuna quer) com arte, & rogo  
 Tornes o teu soldado furioso,  
 As Musas ouue sempre, acendem fogo  
 Nos altos coraçõs, & o mór perigo  
 Te fazem parecer prazer, & jogo.  
 Tanto mais forte iràs contra o imigo  
 Co sprito aceso em doce som de gloria,  
 Quanto das Musas mais foris amigo.  
 Ao som da alta trombeta, que a memoria  
 De Achilles fero ao mundo renouaua,  
 Encheo o grã Macedonio su' alta historia.  
 Quantas vezes gemia, & suspiraua  
 Com generosa inueja do alto canto,  
 Que a noua gloria, & fama o leuantaua!  
 Aquelle sprito aceso, aquelle santo  
 Furor do Rey Profeta, ao som da lira  
 Hora era fogo todo, hora era pranto.  
 Sobre si posto ja mais que homem aspira  
 Aos ceos, & altos segredos, que ta via,  
 Deos chama, de Deos canta, a Deos suspira.

## DAS CARTAS.

*Lá aquelle fogo claro, que assi ardia  
Antigamente nãs spritos raros  
Torna inflamar a nossa idade fria.  
Lá os dias nascer vemos mais claros,  
O mundo mais fermoso; & já das noue  
Musas os nomes mais ao mundo charos.  
Tambem algũa esse teu peito moue,  
E todo a honra, & gloria to leuanta,  
Por mais que em ti o Amor suas frechas proue.  
Mas tu com Marte t'arma, com Amor canta.  
Inda juntos verás Venus, & Marte,  
Juntos Apollo, & Pallas em paz santa.  
Ah quanto ceo, quanta agoa, loãõ, nos parte!  
Os spritos poreem de lá se chamãam.  
Lá de mim tens, amigo, a melhor parte.  
Nãõ sãõ os olhos, nãõ os corpos, que amiam.  
Outra farça secreta nos conuida;  
Naturalmente hũs s'amiam, hũs se defamiam.  
Põde hũa voz, hũa fama ao longe ouida  
Juntar duas almas em amor igual,  
Fazendo em dous hũa vontade, & vida.  
Esta he a sancta amizade, esta a que val.  
Dos corpos, & olhos sãõ baixos amores,  
Que ao bem se chegam, apartanse co mal.  
Dous em bom amor juntos sãõ senhores  
De duas almas: nisto, loãõ, vencemos*

Mil grandes Reys, & mil Emperadores.  
 Elles tem seus Imperios: mas nós temos  
 Nossas vontades, boa segurança.  
 Reynem temidos lá, nós nos amemos.  
 A estrada cham da bemauenturança,  
 Que desta vida à eterna vay sobindo,  
 Que he, se não deste amor sam confiança?  
 Em quanto tu teu braço est às tingindo  
 Nesse barbaro sangue, & das honrosas  
 Folhas essa tua frente vas cingindo,  
 E inda às armas antigas, & fermosas  
 Noua, & môr fermosura vão ganhando  
 Teu forte peito, & mãos victoriosas,  
 Eu estou tua doce vista desejando  
 Com toda est'alma, com toda a vontade,  
 Ah viue, & vem, loão, de câ gritando.  
 Deuemos este amor ao nosso Andrade,  
 De nosso amor seguro fundamento.  
 Amigo tens em mim, tens sam verdade:  
 Que seruidor nome he de comprimento.

A D. CONSTANTINO FI-  
 lho do Duque de Bragança,  
 indo governar a  
 India.

DAS CARTAS.  
CARTA VIII.

**C**ONSTANTINO, tu vás prouar tua sorte,  
E descobrirte ao mundo: olha o perigo  
Mor inda da fortuna, que da morte.  
Fuge de ti, que em ti tens mor imigo,  
Se muito te amas, se te vence, & manda,  
Teu bom conselho, em ti tens mór amigo.  
Liure a Fortuna pelos ares anda  
De mil, & mil despojos carregada,  
A muitos dura, a muito poucos branda.  
Não se vence a cruel com mão armada.  
Não obedece a rogos, ou branduras.  
Então mais falsa, quando mais amada.  
Se a tu vencida em tudo ver procuras,  
Confia de ti pouco, menos della.  
Terás a vida, & honra mais seguras.  
O sprito, & olhos postos na alta estrella  
Da noua gloria, que te leua, & chama,  
Ousado a sorte lança, & solta a vela.  
Tua fé, teu Rey, tua terra, teu nome ama.  
Dos bons te ajuda: em Deos espera, & cre;  
Acenderás de amor hũa viua chãma.  
Nenhum olho direito no Sol vê;  
Mas finge que com hũa nodã hoje amanheça,  
Todos a enxergarãẽ onde quer que estê.  
Qualquer pequena culpa, que pareça

Em

Em ti, logo se ve, logo se sente.  
 As obras venise, o peito Deos conheça.  
 Aos olbos posto estàs de toda a gente.  
 Num descuido vè quanto s'aventura  
 Teu nome, & o alto Imperio do Oriente.  
 O que as estrellas vence, o que assegura  
 Altos estados he seguir razão,  
 De nossas almas propria fermosura.  
 Mil razãos hūs, mil outros te daraõ,  
 Estè teu juizo firme, liure, & isento,  
 Logo as boas das mäs se partaraõ.  
 S'a vontade obedece ao entendimento,  
 Elle naturalmente o melhor mostra,  
 E com hũa sò razão responde a cento,  
 Mas quem conhecerà a fingida mostra  
 Do que o conselho funda em comum bens  
 Contrario dentro do que fora mostra?  
 Logo a virtude, logo a razão tem  
 Hũa diuina luz, com que esclarece  
 A alma daquelle, que buscar a vem.  
 Aquelle estatuas d'ouro sò merece,  
 Que firme tem o generoso peito  
 Té o fim bom chegar do que conhece.  
 Constante, & forte, a medo não sogeito,  
 Nem o ardor do pouo cego o moue,  
 Nem o espanta o trabalho do alto feito.

## DAS CARTAS.

Hora o fogo, hora o vento, & a onda proue

O grande Capitaõ, que em si deseja

Que o mais famoso nome se renoue.

Quem primeiro consigo sò pejeja,

E com victoria say, ponha seguro

A fortuna seu peito, rosto à inueja.

Cabirlheba ant'os pés o imigo duro

Vencido do grã nome, & acender se à

Em mais fermoso fogo o forte muro.

Quem de tantos mil annos vida dá

A tantos mortos? quem tam altos cantos,

E a viua voz, que sempre soará?

Porque d'homens mortaes em templos santos

Se guardauam as cinzas, & adoradas

Eram de Emperadores, & Reys tantos?

Tantas ricas estatuas leuantadas,

Tantos mil arcos, mil tropheos, mil aras

A constante virtude eram sò dadas.

Viuem, & viuerám as obras raras

Eternamente, & em outra luz, que temos,

Parecerám hum dia inda mais claras.

Os antigos exemplos já deixemos:

Vencem os nossos; vencem, ou certo igualam.

(Te quando contra nós creeis serem?)

Não espantam, não soam hoje, não salam

Pelo mundo o grã Conde, & o Rey primeiro,

For



Por mais que os tempos d'outros muitos calam?  
 Hum Sancho hum sô Dinis, hum Afonso inteiro  
 No alto sprito, & zelo da Fé santa,  
 D' Hespanha outro Camillo verdadeiro?  
 Ah olha Constantino, & verás quanta  
 Luz clara, que alta estrada vaõ mostrando  
 Dous, de que tem teu sangue parte tania.  
 Dous Rayos Ioam, & Nuno, como ousando  
 Com animos constantes, a coroa  
 Real com grã vigor vaõ conseruando.  
 Contra tantos dous sôs coa tenção boa,  
 Olha o rico despojo, Reaes bandeiras,  
 Olha a victoria, que no mundo soa.  
 Não fabulas fingidas, verdadeiras  
 Historias ves de Reys; pois tu seu sangue,  
 Corre com lèdo sprito taes carreiras.  
 Faze inda mais temido ao Rume o Frangue.  
 Leua diante os Capitaes passados,  
 Que esse Imperio ganharam com seu sangue.  
 Tantos Varoës illustres, que igualados  
 Com razão deuem ser aos mais antigos,  
 Tantos a nenhũs outros comparados.  
 D'hũs o conselbo, d'outros nos perigos  
 O animo inuenciuel, d'outros a arte  
 De sem sangue vencer cem mil imigos.  
 A que Bacho, a que Romulo, a que Marte

## DAS CARTAS.

Concederam vantagem? mil Scipioes,  
Fabios mil, Paulos mil em toda parte.  
Ajunta os Portugueses coraçõs  
Naturalmente à gloria, & fama erguidos,  
Que mares temerã, ou que regioes?  
Poucos, mas bem conformes, bem regidos  
De que ondas, de que fogo, ou fortalezas  
Podêram n'alta empresa ser detidos?  
Vencem o credito já tantas grandezas;  
Tantas victorias em tam noua terra,  
Ganhadas pola Fé, não por riquezas.  
As innocentes armas, sancta guerra  
Dâ Deos altas victorias: quem outro fim  
Leua diante, à gloria, & à fama erra.  
Nunca as pedras, as conchas, & o marfim  
Deixãram ao que as amou, nome famoso.  
Ve de Fabricio, & Crasso o nome, & o fim,  
Dario com seus thesouros poderoso  
Rico de spojo foy ao Grego pobre  
Sò d'honra, sò de fama cobicoso.  
Ah quem o alto sprito liure, & nobre  
Tam vilmente catiua no baixo ouro,  
Que pera mal da honra se descobre?  
Tu, Real sangue, tu outro thesour  
Traras desse teu nome grande dino  
De noua palma, de fermoso Louro.

Suprir

Suprir a idade vãs de hum Reyminino,  
 Que Rey te faz por si de tantos Reys.  
 Vence, triumphá, & deixa, Constantino,  
 Nouos Imperios postos às suas leys.

A FRANCISCO DE SA DE  
 Miranda.

## CARTA IX.

**A**Ntes que minha sorte impida, ou mude  
 A occasião de praticar contigo  
 Mestre das Musas, mestre da virtude,  
 Antes que o tempo a todo bem imigo  
 Me desuie forçado, onde eu já vejo  
 Minha vida sem gosto, alma em perigo,  
 Consenteme faltar este desejo  
 O Francisco sô liure, & sô ditoso,  
 Em quanto a carta ao longe não tem pejo.  
 O tempo escuro, & triste, & tempestoso  
 Mal ameaça; así viste o passado,  
 E ves inda o por vir mais perigoso.  
 Chamart'ey sempre bemaumenturado,  
 Que tanto ha, que em bom porto co essas santas  
 Musas te estâs em sancto ocio apartado.  
 Nam esperas, nem temes, nem te espantas,  
 Sempre em bom ocio, sempre em sãõs ciuidados

DAS CARTAS.

*A ti sô viues lá, & a ti sô cantas.*  
*Os olhos soltos pelos verdes prados,*  
*O pensamento liure, & nòs ceos posto,*  
*Seguros passos das, & bem contados.*  
*Trazes hũa alma sempre num sô rosto,*  
*Nem o anno te muda, nem o dia,*  
*Hum te deixa Dezembro, hũ te acha Agosto.*  
*Quam alta, quam Christam philosophia*  
*De poucos entendida nos mostraste,*  
*Que caminho do ceo, que certa guia!*  
*De ti fugiste, & lá de ti voaste,*  
*Lá longe, onde teu sprito alto sobindo*  
*Achou esse alto bem que tanto amaste.*  
*Nouo mundo, bom Sã, nos foste abrindo*  
*Com tua vida, & com teu doce canto,*  
*Noua agoa, & nouo fogo descobrindo:*  
*Não resplandicia antes o Sol tanto.*  
*Não era antes o ceo tam luminoso,*  
*Nem nos erguia o sprito em seu espanto.*  
*Contigo nos nasce o anno mais fermoso,*  
*Mais rosada, & mais loura a Primavera,*  
*Co sêo de aluas flores mais cheiroso.*  
*Por toda a parte o Louro abraça a Hera,*  
*Por toda parte rios, & agoas claras,*  
*E outra môr natureza já da que era.*  
*Tu as fontes abriste, os ceos aclaras,*

As estrellas dâs luz, vida aos Amores,  
 Sanctos amores d'huãs Nymphas raras.  
 Leuantas sobre Reys, & Emperadores  
 Ao som da lira doce, & graue, & branda  
 A humildade innocente dos Pastores.  
 Por onde vay teu sprito, por hi anda  
 Sempre firme teu pê, & o peito inteiro;  
 Obedece a vontade, a razão manda  
 Nem ao Rey, nem ao pouo lisongeiro,  
 Nem odioso ao Rey, nem leue ao pouo;  
 Nem contigo inconstante, ou tençoeiro.  
 Neste mundo por ti já claro, & nouo  
 Já hũs spritos s'erquem no teu lume,  
 Por quem eu, meu Sã, vejo, & meus pés mouo.  
 Já contra a tyrannia do costume,  
 Que tẽ qui como escrauos em cadeas  
 Os tinha, subir tentam ao alto cume  
 Do teu sagrado monte, donde as veas  
 Desse liquor riquissimas abriste,  
 De que já correm mil ribeiras cheas.  
 Ali teus passos por onde subiste  
 A tam alta virtude, & tanta gloria,  
 Medindo iriam, como os tu mediste.  
 Inda seguindo a tua clara historia,  
 Que em vida de ti lemos, algum sprito  
 Com teu nome honraria sua memoria.

## DAS ICARTAS.

Mas ab tempos cruéis l'foe meu grito, *l'foe meu grito*  
 Por todo mundo) mas ab tempos duros,  
 Em que não soa bem o bom escrito!  
 Eu vejo hum valle, & hum monte, onde seguros,  
 Onde saõs, & quietos os meus dias  
 Teria em ocio bom, cuidados puros.  
 Mas chama o mundo vans philosophias,  
 A virtude, o repouso, a liberdade;  
 E as sanctas Musas saõ fabulas frias.  
 He fraqueza do sprito a humildade,  
 O ser do homem saõ honras, saõ riquezas,  
 E subir onde mais voa a vontade.  
 Leuantar os spritos a grandezas,  
 Entrar Cidades, & mostrar vencidos  
 Imigos mil, queimando as fortalezas,  
 Ser de Principes grandes conhecidos,  
 Ao Rey aceitos, à gente espantosos,  
 Ou por temor, ou por amor seguidos.  
 Duros trabalhos fizeram famosas  
 Alexandres, & Iulios, Scipioes,  
 Não os bosques sombrios, sandosos.  
 Aos que não bastâram os coraçõs,  
 A subir alto, té os nomes perderam.  
 Aleuanta a fortuna altas tençoës.  
 Outros suas terras em boa paz regeram,  
 Armandoas com boas leys, & bons praceitos,

Com



Com que igual honra ás armas mereceram.  
 Como? & he pouca gloria a dos direitos  
 Juizes, que guardando as iguaes leys,  
 Tem tẽ os que podem mais a si sogeitos?  
 Em quem os seus poderes poem os Reys?  
 Por quem se rege o mundo, & se sustenta?  
 Assi ociosos a honra fugereis?  
 Nem com dita cad'hum sua sorte tenta.  
 Sentouse, o que teme: mas quem ousou  
 O rosto, & peito ter firme á tormenta,  
 Co generoso sprito ao fim chegou.  
 Isto me diz o pouo. Eu lhe respondo,  
 Vá, quem sua leda sorte alto chamou.  
 Besta de mil cabeças, eu me escondo,  
 Não dos trabalhos d'honra, mas de ti  
 Que cegamente estàs pondo, & despondo.  
 Já eu os olhõs á virtude ergui.  
 Já leuantey o sprito á gloria, & fama,  
 Mas dentro inda de mim logo cabi.  
 Este bom pouo, que a honra ca assi ama,  
 Que assi de honra enche a boca, sò proueito,  
 Sõ doce ganho estima; este honra chama,  
 Ouro primeiro (este he seu preceito)  
 Ouro, despois virtude: ouro honra dá,  
 Ouro ao Rey faz, & aos homẽs ser aceito.  
 Logo quem nada tem, nada terá;

Essa

## DAS CARTAS.

Essa he câ a ordem, essa a regra, & meo  
 Logo a quem muito tem, mais se darâ?  
 Logo em vaõ hum sprito ao mundo veo  
 Simprez, nu, puro, aceso em fogo viuo  
 D'virtude, & de amor de gloria cheo?  
 O cega multidão! & afflicta:uo  
 Quereis fazer â baixa sex da terra  
 Hum alto ingenho? assi enterralo viuo?  
 Quem â gloria, & â honra assi o nome erra,  
 Que honras darâ? & quem tam ociosa  
 Acha a virtude pera paz, & guerra?  
 Onde a liure verdade, a tam fermosa  
 Se vende por vil ganho, & mau engano;  
 E a quem a segue, & ama he mais danosa?  
 Onde mais justo chamam o môr tyrano,  
 E a cega affeicão, juiço certo,  
 E o teu entendimento te he môr dano?  
 Tenhas fe, tenhas lingua, & peito aberto,  
 Se te falta o mais baixo, & que mais val,  
 Como na cinza o fogo estâs cuberto.  
 Quanto he mais justo, quanto mais igual  
 Dos mininos o jogo: serâ Rey  
 Quem o melhor fizer, preso, quem mal!  
 Pois ô porque de ti não fugirey  
 Pouo, & cruel, & cego: que esperança  
 Me dâs? que nem mintir, nem servir sey.

Quem

Quem dos ceos hum soffego bom alcança,  
 Mais não deseje: he liure, he Rey, he rico,  
 E tem da vida a bemaumenturança.

Que aprouêita o que ajunto, o que edifico  
 Por agoa, & fogo, pondo a vida a preço,  
 Se quanto ajunto mais, mais pobre fico?

Porque a alma tam custosa a Deos, offereço  
 Ao baixo ganho, se hum momento d'hora  
 Como hũa sombra ao Sol desapareço?

Quanto viuem melhor os que estão fora  
 Contentes do que saõ, mais não desejam,  
 Viuem dia por dia, hora por hora!

Sejam chamados ociosos, sejam:  
 Bom he o ocioso, que do mal aparta,  
 Inda, qu'outros mais bens nelle não vejam.

Este desejo, que se nunca farta,  
 Ali mais obedece â natureza,  
 Que quer que o bem por todos se reparta.

Mais magnífica às vezes he a pobreza  
 D'hum, que os thesouros d'outro; a alta tenção  
 Estima Deos; as obras vans despreza.

Tudo se torna em bem no que está saõ.  
 O doce, & aproueitoso amarga ao doente,  
 Erra com cor de bem o pouo vaõ.

Sò andaua Scipiaõ, fugindo â gente,  
 Entaõ mais occupado, quando menos.

## DAS CARTAS.

Fabricio pobre sô, Fabio paciente.  
 O campo ensina ser justo ôs pequenos,  
 Desprezador dos maos, sô no bem forte,  
 De si contente, & a si sô sômenos.  
 Não acha, quando vem armada a morte  
 Mais que o seu vil despojo, ô serra, ô monte,  
 Ditoso aquelle, a que cabiste em sorte?  
 Lâ me escondas, lâ onde ninguem conte  
 Minhas ditosas horas, lâ sem nome  
 No mundo coma o fruto, & beba a fonte.  
 Antes ço duro arado a terra domê,  
 E della as mãs espinhas arrancando,  
 Do meu trabalho sancto exemplo tome.  
 Alma de maos desejos apartando,  
 Nella, & na terra sans rayzes plante,  
 Que vão fermoso fruto leuando.  
 A ti, Marilia, a ti, & ás Musas cante,  
 Ali meu todo, & teu, liure, & seguro,  
 Nada me offenda, nada turue ou espante.  
 Em mim metido, & forte em meu bom muro,  
 Nem o exemplo do mao me mude ou dane,  
 Nem me seja do pouo o riso duro.  
 Antes que eu erre, antes que m'engane,  
 A ti, Sâ, siga: que me estâs dizendo,  
 Fuge antes que o mao vulgo te profane.  
 A vos, ô castas Deosas, me encomendo.

Vos me liuray em paz, vos me apartay  
 Onde conuusco lédo este viuendo.  
 E o vosso bom Francisco me mostray.

## A D. SIMAM DA SYLVEIRA.

## CARTAX.

**D**Om Simão da Sylueira (este só nome  
 Passe por claro titulo, em quem Marte  
 Sempre igual honra, igual Apollo tome.)  
 As victoriosas armas a de parte

Do illustre sangue teu sempre esparzido,  
 Co sprito, e fim sô posto em melhor parte:  
 Em quanto aos claros feitos mais deuído

He o teu raro, e graue, e doce canto,  
 Em quanto do alto lume o meu vencido,  
 Nas brandas Musas, que tu honras tanto,  
 Mal a humilde meu verso se despeja  
 Furtado hora a suspiros, hora o pranto.

Quem poderia ser qual se deseja?

Boa parte porem dá, quem dá a vontade,  
 Inda que a algũs de pouco fruto seja.

Porque, pois arde esta ditosa idade

Em outro nouo fogo, em melhor lume,  
 Que já o mundo encheo de claridade,

Terá tam dura força o mau costume

Que

## DAS CARTAS.

Que tẽ às suas leys os bons spritos,

Que o Ceo liure nos dá, força, & consume?

Deixâram boa materia a altos escritos

Nossos Passados: não lhes tiro a fama,

Mais dados a bons feitos, que a bons ditos.

Mas se nos nasce agora hũa noua chãma,

Que a sua sombra alumia, quem accusa

A clara luz, & a sombra antiga indã amia?

Vêse já Marte junto à branda Musa:

Dantes todo diamante, & malba, & aceiro,

Sem esperar tempo, ou receber escusa.

Posto à fortuna todo auentureiro

Imigo de piadade, & de brandura,

Tal era o Capitaõ, & o caualeiro.

Eis já aquella brutal fereza dura,

Da branda humanidade temperada,

Que às armas deu sua propria fermosura.

Eis Minerva de Marte namorada,

Elle õs seus brandos olhos mil perigos

Rompe co a forte lança, & aguda espada.

A Deosa canta, elle arde: em tanto imigos

Mil, & mil deixam armas, & bandeiras,

A soberbos feroz, brando õs amigos.

As fabulas antigas lisongeiras

As pio Troyano, ao Grego forte

Brandas Deosas não daõ por companheiras?

Nem



Nem tudo á de ser ferro, & fogo, & morte.

Ociosos nos foy logo esta vida,

Se toda ade pender de furia, & sorte.

Aja a Razão lugar, seja entendida.

Fiquem aos Lioes a força, & a braueza,

Que em fim d'arte a grãde Hydra foi vencida.

Mansos nos criou a mansa Natureza.

Ira á guerra pario, ira armas gera.

Ira chamou à boa razão fraqueza.

Inda naquella idade inculta, & fera,

As forças toda dada, hum sprito raro

Piadoso templo ao brando Apollo erguera.

Sancto. DINIS na Fé, nas armas claro,

Da patria pay, da sua lingua amigo,

Daquellas Musas rusticas emparo.

Com magoa o cuido, ah com magoa o digo.

Como hum pouo em seu bem sempre constante

Veio assi ser da sua lingua amigo?

Quem ao Grego deu voz, que soe, & cante

Tam altamente? quem ao bom Latino

Com que ja Grecia iguale, & o mudo espante?

Quem se não arte, & uso, hum sô diuino

Ingenho, que inflammado em nouo fogo

Ousou roubar o canto peregrino?

O Pastores primeiro em festa, & em jogo

D'espigas coroados em suas canas



## DAS CARTAS.

Seus Deoses inuocauam a seu ṽão rogo.  
D'ali vem Nymphas, Faunos, & Dianas  
Musas, Graças, & Venus, & os Amores,  
Crescem co tempo as inuencões humanas.  
Eis despois Capitaes, & Emperadores  
Entr'armas, & estandarres tam cantados,  
Eis publicos theatros ôs cantores.  
Nãõ correm sempre os Ceos iguaes: seus fados  
Teue ja Grecia, & Roma; acabou tudo.  
Perderamse os bons cantos cos estados.  
Ficou o mundo hum tempo frio, & mudo:  
Veio outra gente, trouxe outra arte noua,  
Em que alçou hora som graue, hora agudo.  
Chamou o pouo à sua inuençaõ troua,  
Por ser achado consoante nouo,  
Em que Hespanha tèqui deu alta proua.  
Eu por cego costume nãõ me mouo:  
Vejo vir claro lume de Toscana,  
Neste arço; a antiga Hespanha deixou ao pouo.  
Ô doce Rima! mas inda ata, & dana,  
Inda do verso a liberdade estreita,  
Em quanto co som leue o juizo enganãõ.  
Nãõ foy a consonancia sempre aceita  
Tam repetida, assi como a doçura  
Continua o appetite cheo engeita.  
Mas soframola, em quanto hũa figura

Nãõ

Não vemos, que mais viua represente  
 D'aquella Musa antiga a boa soltura.  
 Esta deu gloria à Italiana gente:  
 Nesta primeiro ardeo câ o bom Miranda:  
 Viuam Lasso, & Boscaõ eternamente.  
 Lá com suas Nymphas Phebo entre nos anda,  
 Lá a lira a nossas sombras encordoa,  
 Responde n' valle, & o bosque â sua voz brãda.  
 Porque mais Mantua, & Esmyrna que Lisboa,  
 Se o claro Sol seu lume nos não nega,  
 Terà (se s' arte vsar) mayor coroa?  
 Aja estudo, aja vso, não aja cega  
 Ousadia, na fonte beberemos,  
 Donde o doce liquor mil campos rega,  
 Porque, ô Simaõ, porque não ousaremos,  
 O que tantos ousãram? em tanta mingua  
 Tê quando descuidados viuiremos?  
 Deonos o ceo spritos, não nos mingua  
 Mais que mestre, & vso: Ferrara, ou Florença  
 Quam rica teue em seu começo a lingua?  
 Geralmente foy dada boa licença  
 As linguas: huãs âs outras se roubãram:  
 Sõo bom sprito faz a differença.  
 Quantos antes de Homero mal cantãram!  
 Quanto tempo Sicilia, quanto Athenas,  
 Que despois tal som deram, se calãram!

## DAS CARTAS.

Não criou logo Roma as altas penas,  
Com que de boca em boca foy voando,  
Iguaes fazendo às armas as Camenas.  
E nós inda estaremos duuidando?  
E o viuo fogo, que se em nós leuanta,  
A outra lingua, ah crueis, iremos dando?  
Docemente suspira, doce canta  
A Portuguesa Musa, filha, herdeira  
Da Grega, & da Latina, que assi espanta.  
Vã sempre victoriosa a alta bandeira  
Ao som da noua lira, em paz, & em guerra,  
Vã Lusitania, se poder, primeira.  
Ô raro espirito, que da baixa terra  
Ao ceo voando vãs aceso em gloria  
Longe do cego vulgo, que sempre erra:  
Acrecenta dos teus â clara historia  
Brandas Musas. Eu vejo o glorioso  
Grã Conde encomendarte sua memoria.  
Clarissimo Luis, rayo luminoso,  
Marte nas armas, Apollo entr'as Musas,  
Mas por ti, Simão, inda mais ditoso.  
Ao som da lira, de que tambem vsas,  
Vay a verde Hera entretecendo o Louro,  
Que já honrou Mantua, Esmyrna, & Syracusas.  
Em ti nos mostra Apollo o seu thesouro.

## AO CONDE DO REDONDO

D. Francisco Coutinho, Regedor.

## CARTA XI.

**I**lustre Conde dentre mil eleito  
 Pera a sancta justiça ter inteira  
 Igual a todos no constante peito;  
 Depois que de infieis a alta bandeira  
 Mil vezes victoriosa recolheste  
 Na boa estrella, do teu sangue herdeira,  
 Depois que a inueja com a fama venceste,  
 E os claros nomes dos famosos Condes  
 Não sey como inda mais esclareceste;  
 E quanto foges mais tua gloria, & a escondes,  
 Mais aos olhos se mostra, & inda á tua fama  
 Com mais verdade, da que diz, respondes;  
 Perdoa este furor meu, que me chama  
 E me leua apos ti, como forçado  
 A louvar, o que o mundo louua, & ama.  
 Não foste sem diuino sprito dado  
 A este regimento: no ceo escrito  
 Está todo conselho bem fundado.  
 Fortaleza, & justiça. estão no sprito;  
 Serue o corpo somente de instrumento,  
 Quando obedece ao bom conceito, ou dito.  
 Primeiro iulga, & escolhe o entendimento  
 O que fugir, o que seguir se deue;

DAS CARTAS.

Nasce a obra conforme ao pensamento.  
 Nem todo aquelle, que romper se atreue  
 Pelo armado esquadrão, & agudas pontas,  
 Da boa fortaleza o nome teue.  
 Quantos mortos vamente às suas mãos contas  
 Mal prodigos das vidas! cegos de ira!  
 Dà vagar à Razaõ, & lança contas.  
 Aquelle, que a môr gloria, & fama aspira,  
 Cuida o perigo, & o fim tam duuidoso  
 Da ventura, que a tantos a honra tira.  
 Tu vencedor Francisco, o animoso  
 Não julgas polas forças, & ousadia,  
 Mas polo sprito de erro arreceoso.  
 Quem áquelle fermoso fim sô guia,  
 Que as claras obras daõ, o corpo offrece  
 Ousado onde perdelo he mor valia.  
 Manda a razaõ morrer, lèdo obedece;  
 Vêda a razaõ morrer, conserua a vida,  
 Donde o perigo â alma, & honra empece.  
 Está toda virtude em boa medida.  
 Em tanto he justiça, & fortaleza,  
 Em quanto a razaõ he obedecida.  
 O contrario he injuria, & he fraqueza.  
 Sò no vencer o vicio está a victoria,  
 Que o mundo mal conbece, & sô Deos preza.  
 Mas despois nasce a tam fermosa historia,  
 Que



Que pera exemplo eterno ao mundo dura,  
 Dos que fazendo bem, deixaõ memoria.

Aquella tam escondida fermosura

Da verdadeira gloria à sô virtude

Se mostra, & dá na propria sua figura.

Não ha falsa opiniaõ, que a turue, ou mude,

Do cego vulgo, sempre em si constante

Seruese da doença, & da saude.

He fraca ant'ella a força do Alifante,

E do brauo Liaõ a ira espantosa,

E a ligeireza da Aguia mais voante.

Sô hũa firme vontade, hũa animosa

Tençaõ de bem fazer a vence, & abraça,

Esta he sua prisãõ rica, & fermosa.

Nesta sô acha paz, amor, & graça.

Esta ama, & louua, & honraadora, & estima,

Não vozes vãs da ociosa praça.

Ah quem me desse tam suaue rima,

Que podesse cantar a viua força

Da virtude, que em toda alma s'imprima?

Que perigo, ou medo ha, que a vença, ou torça?

Que espantos, que a espantem? que cadeas,

Que não quebre? que nôs, que não destorça?

As claras agoas, que das limpas veas

Correm, campos regando, enchendo rios,

Flores aos prados dando, ouro às areas,

DAS CARTAS.

Correndo vaõ seu curso por seus fios  
Direitos té o mar, ali descansam  
Vencendo no caminho mil desuios.  
Hũas seguindo as outras nunca cansam,  
A fonte sempre vicia, sempre mana,  
E aq caminbante a ardente sede amansam.  
Que exemplo daõ â natureza humana,  
Que exemplo a terra, o mar, o ar, & o fogo,  
Que tudo ao mundo serue, & a ninguem dana.  
Communica-se o bem, não espera rogo.  
Não ha onde elle estâ neccesidade.  
Amor he seu prazer, amor seu jogo.  
Aborrece a mintira, ama a verdade.  
Não tem inimigo, todos são parentes,  
Quanto veste hũa mesma humanidade.  
Não tem vubas, nem pontas, nem maos dentes,  
Todo he simpreza sam, & bom desejo.  
Todo maõs liberaes, & diligentes.  
Tal te temos, bom Conde, tal te vejo,  
Sprito generoso, inteiro, & forte,  
Livre de odio, d'amor, de medo, & pejo.  
Pois te chamou nossa ditosa sorte,  
Das armãs â justiça, outra coroa  
Espera, qual não gaste inuicia, ou morte.  
Favorecem os ceos a tençãõ boa,  
Dos homẽs mal, mas de Deos bem julgada;  
Vence

*Vence a verdade, vence, & fala, & soa;  
E vem té dos imigos ser louuada.*

A VASCO DA SYLVEIRA.  
CARTA XII.

**P**oëta queres ser, & ser letrado?  
(Diz hum roim, & ás vezes dous, & tres)

Poëta, & Senador graue chamado?

Que mòr Chymera: que nouo entremes?

Como s'entende o texto co soneto?

Como, em quanto tercetas, as leys ves?

Nesta contenda, neste duro reto

Que farey, ô bom Vasco da Sylueira?

A teu graue juizo me someto.

Não hê esta, não temas, a primeira

Guerra, que padeceo hum sprito raro.

Vay, rompe, vence, alçada tua bandeira.

Nas mesmas Musas acharás emparo:

Achaloás em spritos generosos,

A quem o bom saber sempre foy charo.

Largos sejam teus dias, gloriosos,

Claro Sylueira, eu em mim não conheço

Tam raros doês, nem fados tam ditosos.

Ser chamado Poëta não mereço.

Poëta seja Maro, & seja Homero,

E seja o meu Horacio, a quem obedeco.

Mas

## DAS CARTAS.

Mas aja hum barbaro, hum inculto, & fero  
Merecida reposta, aja vergonha,  
Em quanto eu suas cores darlhe quero.  
A Aranha da bo. flor faz mâ peçonha.  
O estamago danado em mal conuerte  
Qualquer que nelle bom liquor se ponha.  
Quem nega que a malicia não souerte  
O bom juizo? & que a ignorancia cega  
Faz que nunca a verdade bem se acerte?  
Tal he o baixo sprito, & mao, que nega  
Ajudar o bom ingenho à boa doutrina  
Quanto elle em mais estudos bons s'emprega,  
Esta alma, que he dos ceos cà peregrina,  
Que dom môr recebeo, que a razão clara,  
Por quem se faz tam alta, & tam diuina?  
A qual razão, se Deos não inspirâra  
Outra môr luz em nos do ceo influyda,  
Por quem sua escuridão se alumiâra,  
Quam cega, & escura fora nossa vida!  
Quam incertos passos, os que câ andamos,  
E a estrada do ceo quam mal seguida!  
Nos dos antigos troncos somos ramos,  
Que secaram, perdendo sua virtude,  
Que de hum diuino tronco já cobramos.  
Perdeose a vida, perdeose a saude  
Com a luz natural, vëo ontra noua

Luz do alto ceo, que nunca em nos se mude.  
 Esta, como mais clara, fez mór proua  
 No natural ingenho, & rudes artes,  
 Em que outro mór misterio se renoua.  
 Cessaram loues, & Cessaram Martes,  
 Apareceo o ceo claro, & feroso,  
 Feroso o mundo em todas suas partes.  
 Pois se naquelle tempo perigoso  
 Assi escuro, assi triste, assi confuso  
 Não era o bom saber tam desditoso:  
 Louuauase o bom ocio, & o bom vso,  
 Louuauanse as boas artes; & o Tyrano  
 Auaro a hum bom ingenho era profuso,  
 Donde nos veo tal perigo, & engano  
 Em tempo, em que mayor luz esclarece?  
 Donde tanta malicia? tanto dano?  
 Como? o saber o ingenho assi escurece,  
 Que, por saber mais artes, menos sabe?  
 Como? o saber tanto a si mesmo empece!  
 Tam barbara razã não coube, ou cabe  
 Senão em rude sprito ao bem imigo,  
 A quem o saber mesmo tam mal sabe.  
 Olha o medo, senhor, olha o perigo,  
 Em que hum sprito raro, & bom se cria,  
 Que nem louuor lhe dão, nem acha abrigo!  
 Escuro, & triste foy aquelle dia,

## DAS CARTAS.

Que ao saber, & ingenho hũ juiz foy dado,  
 Que nunca ao claro Sol olhos abria.  
 Não obrigam estrellas, não ha fado,  
 Mas quem negará as claras influencias,  
 De que o inferior mundo he governado?  
 A vontade governa as consciencias:  
 Eu assi o digo: em minhas mãos minh'alma,  
 Deixemos sombras vans, vans apparencias.  
 Mas hora o mundo he todo fogo, & calma,  
 Hora regelo, & frio, & tem mudanças  
 Certas; mas delle terá certa a palma  
 Quem sô no ceo tiuer suas esperanças.

A FRANCISCO DE SA DE  
Meneſes.

## CARTA XIII.

**S**ofrêraſe melhor hũa Elegia  
 Branda d' Amor de ti tambem cantado,  
 Quando FLEIS tua doce frauta ouvia.  
 Mas fuja ſe de Amor o vaõ cuidado.  
 Cantem de Amor, Francisco, os ocioſos,  
 Que inda o ſprito não tem mais leuantado.  
 Ah que eſſes fogos todos eſpantofos,  
 Que pintaes, gente a voſſo prazer dada,  
 Vos meſmos moſtraes bem ſer fabuloſos.  
 Outro fogo he, o em que arde hũa magoada.

Alma



Alma, que s'acha sò, onde se reparte  
 A honra com balança, & mão errada.  
 Quem sofrerá que leve a melhor parte,  
 Que se dete à razão, & diligencia?  
 E que Mercurio vença a Apollo, & Marte?  
 Tantas vezes prouada a paciencia  
 Não desesperará desta justiça?  
 E não trará mal quieta a sam consciencia?  
 Aquelle alto furor, que moue, & atica  
 Hum grande sprito, & o ergue a claros feitos,  
 Quem o derriba mais, que hũa injustica?  
 Feznos nossa fraqueza em fim sogeitos  
 As esperanças de honra, & premio justo:  
 Tenha a honra, Senhor, juizes direitos.  
 O titulo de Magno, Pio, Augusto  
 Nem a todos se daua, nem o herdou  
 No mundo algum Tyrano cruel, & injusto.  
 Cada hum teve o nome, que ganhou  
 Por sua morte, a vida he lisongeira,  
 Mas nunca o vulgo nisto s'enganou.  
 Dâse a coroa no fim da carreira.  
 E ha inda de vir publico hum dia  
 De publica justiça, & verdadeira.  
 Ali o repartidor, que repartia  
 Custosas honras, & vilas de tantos,  
 Medido será a si, como media.

## DAS CARTAS.

Ali dos mal roubados, justos prantos,  
 Ali dos bons spritos mal julgados,  
 A juizes crueis farãem espantos.  
 Porque não julgam letras os letrados?  
 Bons a bondade? E porque os Caualeiros  
 De Caualeiros não serãem julgados?  
 Conselhem no que entendem os Conselheiros.  
 E dos que entendem, quem melhor entende,  
 Julgue cad'hum em su' arte os companheiros.  
 Esta he a justa ordem, que comprende  
 A boa parte da philosophia,  
 De que o bom regimento inda depende.  
 Assim fica vencida a tyrania,  
 (Não se erre a cada hum seu proprio nome)  
 Assim florece a sancta Monarchia.  
 Não se segue o bom Rey, não escolha, ou tome  
 A caso, ou a montão; vença a verdade,  
 Sogigue a inueja, e a malicia dome.  
 Ó sancta paz! Ó sancta liberdade!  
 Ó doce jugo do bom Rey prudente,  
 Que guarda esta justiça, esta igualdade!  
 Menos se escandaliza, e menos sente  
 Negarem-lhe o que he seu hum raro sprito,  
 Que velo dár a outrem cegamente.  
 Sobe aos ceos logo hum lastimoso grito,  
 Que alta justiça pede, alta vingança,

E fica

E fica logo lá o castigo escrito.  
 Não aja erro, ou engano na balança.  
 Daí seam seus nomes a cad' hum deuídos,  
 Seu premio aos bons liuros, & â boa lança.  
 Descobrir seam por si rostos fingidos,  
 E mil titulos falsos, que roubando  
 Estam os premios d'outros merecidos.  
 So fim do bom gouerno he ir conseruando  
 Na Republica paz, & paz nos vem  
 De ir a justiça a todos igualando,  
 A todos o Sol nasce, todos tem  
 Nelle sua parte igual; porque no Rey  
 Não teràm sua parte igual tambem?  
 Porque, pois comum he a todos a ley,  
 Ha na justiça tanta differença,  
 Que inda premio me daõ pelo que errey?  
 Tenha, Senbor, a justa dor licença.  
 Que queres tu que faça hum liure peito,  
 Que não sabe fazer co tempo auença?  
 Assim estará catino, assim fogueito,  
 Que tẽ do entendimento seu se guarde,  
 Que não julgue quem vay torto, ou d'ereito?  
 Quem não diz, fogo, fogo, se a casa arde?  
 Mas fique tudo a Deos, que vẽ bem tudo,  
 E sempre dá o remedio ou cedo, ou tarde.  
 Entre tanto he melhor ser cego, & mudo.

# DOS EPITAPHIOS.

## A EL REY D. AFONSO ANRIQUEZ.

Epitaphio.

**P**Rimeiro Afonso sou, filho de Anrique,  
 Entr'armas, ante inimigos Rey alçado,  
 Testemunha serà o campo d'Ourique,  
 Onde vi a IESV crucificado.

Esta alta gloria a meus herdeiros fique  
 Por mòr q' o Reyno por m'isò ganhado,  
 Que a cruz, & as armas lhes deyxey diuinas  
 Pera vencerem sempre em cinco Quinas.

## A EL REY D. DINIS.

Epitaphio.

**Q**Vem he este de insignias diferentes  
 Cetro, & picaõ, & liurò, e espada, e arado?  
 Este foy paz de Reys, & amor das gentes,  
 Grande Dinis, Rey nunca affaz louuado.

Outros foram n'ua só cousa excellentes:

Este com todas nobreceo seu estado.  
 Regeo, edificou, laurou, venceo,  
 Honrou as Musas, poetou, & leo.

Act

## A EL REY D. IOAM I.

Epitaphio.

**S**Oberba sepultura, alta grandeza  
 Vés com espanto: lê a grande historia;  
 Lido seu nome, dirâs que he baixeza  
 O que antes tinhas por heroica gloria.  
 Este he o Rey, que com sua fortaleza  
 Estes Reynos ganhou, & a boa memoria.  
 Foy gloria immortal dos Lusitanos,  
 Pranto, & terror fatal dos Africanos.

## AO IFFANTE D. PEDRO

Regente.

Epithaphio.

**F**ilho segundo del Rey Ioão primeiro,  
 Tio, & logro del Rey Afonso Quinto,  
 Vesme em premio do amor taõ verdadeiro,  
 De pó cuberto do meu sangue tinto.  
 D'ingratos morto, & em morte prisioneiro,  
 Lê minha triste historia, que não minto.  
 A fama dà de mim fê verdadeira.  
 Do injusto, & cruel odio Alferrobeira.

UMA O MESMO.

Epitaphio.

**P**assa, amigo, não saibas a ventura  
 Cruel, que a hū triste Iffanre aconteceo;  
 A quem inda a piadosa sepultura  
 Por lagrymas de tantos se vendeo.  
 Meus ossos estiueram em prisaõ dura,  
 Tè que meu neto, & vingador nasceo;  
 Contra mim se quebraram sangue, & leys.  
 Aqui estou filho, sogro, & pay de Reys.

A EL REY D. IOAÕ II.

Epitaphio.

**A**qui està o corpo sancto do Rey santo;  
 Cujõ sprito nõ mundo nõ cabia.  
 Amor dos bons, dos maos terror, & espanto;  
 A cujo nome Africa tremia.  
 Nãõ lhe deixou a morte cruel ver quanto  
 Nouamente do mundo descobria.  
 Hora que jã nos ceos reyna, & repousa,  
 Confessa o mundo serlhe pouca causa.

Ael



## A EL REY D. MANOEL.

Epitaphio.

**Q**Uê não sabe a ventura, & sorte estranha  
 De Manoel em tudo tam ditoso,  
 Que Principe jurado foy d' Hespanha  
 D'ambas casas do sol Rey glorioso,  
 Aqui em conhecimento de tamanha  
 Fortuna, alçou a Deos tropheo famoso.  
 Do sancto Rey Ioão seu primo herdeiro.  
 E pay do pio Rey Dom Ioão terceiro.

## AO PRINCIPE D. IOAM.

Epitaphio.

**E**M paz, & em guerra hũa esperãça grãde  
 Principe Ioão, filho de Ioão terceiro,  
 De Carlos gero, a q̃ outro igual Deos mãde,  
 Despojo de Ioana, & amor primeiro;  
 Dor, que o tempo, nem ella quer q̃ abrande,  
 Dos tristes pays, & Rey vnico herdeiro,  
 Cobre esta pedra moço em flor cortado,  
 Que mais podera dar do que tem dado?

205  
A ELREY D. IOAM. III.

Epitaphio.

**A** Paz, a mansidão, a alta bondade,  
Em que o Reyno viu eo taõ docemete,  
Em quãro em guerra, em quãto é crueldade  
A sancta igreja ardia, & Christam gente:  
A piadosa liberalidade,  
Que todo mundo enchia a tè Oriente,  
Aqui estão co bom Rey, pay verdadeiro  
Da religião, & letras loãõ terceiro.

A D. VASCO COVTINHO

Conde de Borba

Epitaphio.

**A** Qui o grã Capitão, & illustre Conde  
De Borba, leal Dõ Vasco os pòs en terra.  
O valeroso sprito lá està, onde  
Ganhou seu alto assento em sãcta guerra:  
A fama ao claro nome não responde  
Igual, nem ao seruiço os Reys da terra.  
Leal contra seu sangue, em armas forte.  
Nunca vencido, & vencedor da morte.

Ao

AO GRANDE AFONSO D'AL-  
boquerque.

Epitaphio.

**V**Ejo Alexandre, Cesar, Scipiaõ;  
Quê he, o q̃ em meo delles respládece?  
Afonso d'Albuquerque, a quem elles daõ  
Cada hum seu lugar, que bem merece.  
As grandezas de todos nelle estaõ;  
Quê os tres nunca vio, nelle os conhece.  
Tam liberal, tam casto, tam clemente,  
Triumphador glorioso do Oriente.

A ANTONIO DESA DE  
Menezes.

Epitaphio.

**D**Onas quê sois? Sciência, Honra, Bõdade.  
E que fazeis? aqui nos enterramos.  
Quem vos enterra? amor, & saudade.  
De quê? d'Antonio, com q̃ nos criamos.  
Tè quando? te que o Douro, & sua cidade  
Tenhá outro abrigo, onde nos metamos.  
Inda o pay viue, & viuirá o irmaõ;  
Hay, nos choramos, porque mortaes saõ.

701  
A IOAÕ CAMINHA, E D. PHILIPPA  
De Sousa sua molher, ambos  
mortos & enterrados num dia.

Epitaphio.

**N**ão passes, Caminhãte; hũ pouco espera:  
Duas almas, q̃ é nõ sancto Deos jũtou,  
Das quaes o amor hũa alma sò fizera,  
Lũtas no mesmo amor Deos as chamou.  
Cada hum sua vida pola d'outro dera.  
Hũ d'outro a morte não vio, nẽ chorou,  
O almas sanctas, bemaumenturadas,  
Nunca na vida, nem morte apartadas!  
A ANTONIO DE SA DE  
A DIOGO DE BETANCOR.

Epitaphio.

**A** Qui jaz Betancor, chorou a morte,  
Chorou a morte, & suspirou a vida:  
Antes lhe deu eterna vida a morte,  
Antes s'elle deuia a eterna vida.  
Começo de sua vida foy a morte.  
E nunca morte foy sua sancta vida.  
A morte deixa a terra, a vida à fama.  
O sprito ao ceo, que taes spritos chama.

AD.

## A D. ANGELA DECA

Noronha.

Epitaphio.

**A** Qui d'hũa part'o Douro, d'outra o Lima  
 Angela choram, seu prazer, & gloria.  
 Ella nos ceos triumphã, & là decima  
 Mostrando a palma estã de sua victoria.  
 Seja cantado sempre em prosã, & em rima  
 Seu nome, seu sprito, sua memoria.  
 Não choreis Nimphas, não choreis Amores;  
 Offerecilhe aqui versos, & flores.

## A MESMA.

Epitaphio.

**A** Qui as Graças, Virtude, & Ferosura,  
 Arte, Saber, Grandeza, & Cortesia  
 Angela choram, que de sombra escura  
 Morte cobrio tanto antes de seu dia.  
 Ay falsas esperanças da ventura!  
 Quanto àquelle alto sprito se deuia!  
 Mas não lhe era igual paga a baixa terra,  
 Que indignamete é si seu corpo encerra.

408  
A DONA ANA DE TOAR.

Epitaphio.

**A** Quella em vida morta na vontade,  
No ponto, que a sancta alma desatou,  
Vestida já de noua claridade  
Pondo aqui o mortal véo, aos ceos voou.  
Innocente Dona Ana, irmam d'Andrade,  
Filha dos pays, que jutos Deos chamou,  
Sanctos pays, sancta filha, sangue sancto!  
Louua a Deos, Caminhâte, deixa o prato.

A MARIA PIMENTEL.

Epitaphio.

**Q** Vem jaz aqui? hum corpo em que viuia  
Hũa alma sempre d'elle saudosa.  
Que nome? & de que sangue? era Maria,  
Dos claros Pimenteis planta ditosa.  
Que bens possuyo cà? nella se via  
Igual corpo fermoso á alma fermosa.  
Que perdeu tanto bê? o mūdo, & hũ triste.  
Que é vaõ suspira, é vaõ aos ceos resiste.

A mes-



## A MESMA.

## Epitaphio.

**Q**ue choras? cres que he isso sepultura?  
 He thesouro de amor, & sanctidade;  
 Reuolue a pedra: vès que fermosura?  
 Vès que novos finaes de claridade?  
 Esta he inda de fora a vam pintura  
 Do sprito nunca visto em outra idade.  
 Iulga pois, Caminhante, qual seria  
 Em tal corpo a sancta alma de Maria.


 FIM.

# CASTRO.

## TRAGEDIA.

### PESSOAS DA TRAGEDIA.

Castro.	Secretario seu.
Ama.	El Rey D. Afonso III.
Choro das moças de Coimbra.	Pero Coelho.
Iffante D. Pedro.	Diogo Lopez Pacheco. Mellageiro.

### ACTO I.

Castro. Ama. Choro.

**C**Olhey, colhey alegres,  
Donzellas minhas, mil cheirosas flores;  
Tecey frescas capellas

De lyrios, & de rosas, coroay todas

As douradas cabeças.

Espirem suaues cheiros,

De que s'encha este ar todo.

Soem doces tangeres, doces cantos.

Honray o claro dia,

Meu dia tam ditoso! a minha gloria

Com brandas liras, com suaues vozes.

**A.** Que nouas festas, nouos cantos pedes?

**C.** Ama, na criaçãõ ama, no amor mãy,

Ajudam'ao prazer.

A. Nouos estremos vejo.

Nas palauras prazer, agoa nos olhos.

Quem te faz junramente leda, & triste?

C. Triste não pode estar, quem ves alegre.

A. Mistura às vezes a fortuna tudo.

C. Riso, prazer, brandura n'alma tenho.

A. Lagrymas finaes são da mã fortuna.

C. Tambem'da boa fortuna companheiras.

A. A dor são naturaes. C. & ao prazer doces.

A. Que força de prazet tas traz aos olhos?

C. Vejo meu bem seguro, que receaua.

A. Que nouo caso foy? que bem te veo?

Porque me tens suspenso?

Abreme já, Senhora, essa alma tua.

O mal s'abranda, o bem contando cresce.

C. O Ama, amanheceome hum aluo dia.

Dia de meu descanso. Sofre hum pouco

Reperir de mais alto a minha historia,

Em quanto o sprito lêdo co a lembrança

De seu temor, de que já està seguro,

Ajunta ao mal passado o bem presente.

Daquelle grande Afonso forte, & sancto

Por poderosa mão de Deos alçado

Entre armas, ant'imigos o Real cetro

Do grande Portugal, que inda està tinto

Do sangue de infieis por seu bom braço,

Por legitima herança rege, & manda

O bom velho glorioso da victoria

E nome do Salado, Afonso Quarto,

Dos Reys de Portugal setimo em ordem,

Filho do grande Dinis, de Isabel sancta,

Ambos já no alto ceo claras estrellas.

Cuja alta casa, & acrecentado Imperio  
 Pelos grandes auós, espera alegre  
 Seu desejado herdeiro o Infante Pedro,  
 Meu doce amor, minha esperança, & honra.  
 Sabes como, em sayndo dos teus braços  
 Ama, na viua flor da minha idade,  
 (Ou fosse fado seu, ou estrella minha)  
 Cos olhos lhe acendi no peito fogo,  
 Fogo, que sempre ardeo, & inda arde agora  
 Na primeira vuezza inteiro, & puro.  
 Por mim lhe aborreciam altos estados.  
 Por mim os nomes de Princesas grandes,  
 Por tam grande me auia nos seus olhos.  
 Hum tempo duro, mas em fim forçado  
 Deu a Costança a mão, Costança aquella  
 Por tantas armas, & furor trazida,  
 Já quasi do seu fado triste agouro:  
 Deu a Costança a mão, mas a alma liure,  
 Amor, desejo, & fe me guardou sempre.  
 Quantas vezes quisera honestamente  
 Podela dar a mim! quantas mais vezes  
 S'arrependeo despois de se ver preso!  
 Não lhe apagou o amor a noua esposa,  
 Não o tam festejado nascimento  
 Do desejado parto: antes mais viuio  
 Co tempo, & co desejo ardia o fogo.  
 Que fará? se o encobre, entãõ mais queima.  
 Descobri-lo nam quer, nem lhe he honesto.  
 Mas quem o fogo guardará no seo?  
 Quem esconderá amor, que em seus sinaes  
 A pezar da vontade se descobre?  
 Nos olhos, & no rosto chamejava.

Nos meus olhos os seus o descobriam.  
 Suspira, & geme & chora a alma cativa  
 Forçada da brandura, & doce força,  
 Sogeiada ao cruel jugo, que pesado  
 A seu desejo sacudir deseja.

Não pôde, não conuem: a furia cresce.

Laura a doce peçonha nas entranhas.

Os homens foge, foge a luz, & o dia.

Só passeia, só fala, triste cuida.

Castro na boca, Castro n'alma, Castro

Em toda parte tem ante si presente.

Elle à mulher cuidado, eu odio, & ira.

Arde o peito a Costança em furor novo.

Nem me ousam descobrir, nem vedar nada.

D'antiga casa Castro em toda Hespanha,

Já dantes do Real cetro deste Reyno

Por grande conhecida, inda meu sangue

Do Real sangue seu tinha grã parte.

Mas inda à natureza dobram força,

Arte ajuntando, & manha: elRey ao neto

Por madrinha me dà, comadre ao filho.

A. Cegos, que quanto mais vedam, mais chamã.

Cresce co a força Amor: & o que à vontade

Se faz mais impossivel, mais deseja.

C. Em fim, fortuna, que me já chamava

Esta gloria tam grande, quebra o nô

Daquelle jugo a meu amor contrario.

Leua ante tempo a morte a Iffante triste.

Herdo eu mais liurementemente o amor constante,

Que a mim se entregou todo, & todo viue

Na minh'alma, onde está seguro, & firme,

Já com doces penhores confirmado.

Mas

## CASTRO.

Mas o sprito inquieto cos clamores  
 Do pouo, & rogos graues, que trabalham  
 Apartar est'amor, quebrar sua força,  
 Me traziam medrosa receando  
 A volta da fortuna, que hora amiga  
 Hora imiga cruel alça, & derriba,  
 Que sempre do mór bem, mór mal promete  
 Falsa, inconstante, cega, varia, & forte.  
 Lograva como a medo os meus amores.  
 Criava o grande amor desconfiança:  
 E a consciencia errada sempre teme.

- A.** Quem te segurou já? quem nouo sprito  
 Te deu aos temores? **C.** o meu medo.
- A.** Contrarias coufas falas. **C.** o medo oufa  
 As vezes mais que o esforço: tomo os filhos  
 Co as lagrymas nos olhos, rosto branco,  
 A lingua quasi muda, em choro solta  
 Ant'elle assi começo: meu Senhor,  
 Soamme as crueis vozes deste pouo,  
 Vejo delRey a força, & imperio graue  
 Armado contra mim, contra a constancia  
 Que em meu amor tégora tens mostrado.  
 Não receo, Senhor, que a fê tam firme  
 Queiras quebrar a quem tua alma deste;  
 Mas receo a fortuna que mais possa  
 Com seu furor, que tu com teu amor brando;  
 Por estes minhas lagrymas, por esta  
 Mão tua, que em final de fê me deste,  
 Pelos doces amores, doce fruito,  
 Que delles tens diante, se me deues  
 Amor igual ao meu; ou se algũ'hora  
 Fui a teus olhos vista alegre, & doce,



Me segures, me guardes, me conferues  
 Contra os duros mandados de teu pay,  
 Contra importunas vozes dos que podem  
 Mudar a caso teu constante peito.  
 Ou quando minha estrella, & cruel genio  
 Te poder arancar dest'alma minha,  
 Com teu armado braço enuolta em sangue  
 M'arranques deste corpo, que não veja  
 Tam triste dia, tam cruel mudança;  
 Eu tomarey por doce a minha morte:  
 Por piadoso amor, tal crueldade.

A. Mouesteme a alma, & os olhos.

C. Afsi disse. Elle entaõ lançando os braços  
 Estreitamente em mim, mudado todo  
 Em vaõ trabalha de encobrir a magoa  
 De meu tomor, & lagrymas. E pode  
 O Dona Ines, me diz, pôde teu peito  
 Conceber tal receo? aquelle dia  
 Primeiro, que te vi, não mostrou logo  
 Que esta minh'alma à tua sô se deue?  
 Por ti a vida me he doce, por ti espero  
 Acrecentar imperios: sem ti o mundo  
 Duro deserto me pareceria.  
 Não poderá fortuna, não os homês,  
 Não estrellas, não fados, não planetas  
 Apartarme de ti por arte, ou força.  
 Nesta tua maõ te ponho firme, & fixa  
 Minh'alma; por Iffante te nomeo,  
 Do meu amor Senhora, & do alto estado,  
 Que me espera, & teu nome me faz doce.  
 O grande mouedor dos ceos, & terras  
 Inuoco, & chamo aqui: o alto ceo m'ouça

E meu

## CASTRO.

- E meu intento sancto approue, & cumpra.
- A. Entendo o teu prazer, as tuas lagrymas.  
Tambem de prazer choro: tam contraria  
Nos he sempre a alegria, que inda toma  
Lagrymas emprestadas à tristeza.
- C. Já não temo fortuna, já segura  
E lèda viuirey. A. no Real sprito  
Não se deue esperar leue mudança.  
Ajuda tua estrella co bom sisó.  
Muitas vezes a culpa empece ao fado.  
Prudencia, & bom conselho o bem conferua:  
A soberba o destrue, & em grã mal muda.
- C. Rege tu, ama minha, este meu peito.  
O subito prazer engana, & erra.
- A. Encobre teu segredo. C. n'alma o tenho.
- A. Deos to conferue. C. humilde aos ceos o peço.

Iffante.                      Choro.

**P**Oderoso Senhor, grã pay do mundo,  
Cujoo poder immenso, altas grandezas  
Cantam os ceos, a terra, os elementos,  
A cujo aceno treme a redondeza,  
A cujo querer nada he impossuiel,  
Fortalece meu peito, armame todo  
De paciencia igual à dura afronta.  
Soffega os aluoroços deste pouo,  
A furia de meu pay, que em vaõ trabalha  
Arrancarme minh alma donde viue.  
Sou humano, Senhor: tentaçõs grandes  
Vencem animos fortes  
Ferus o sangue, arde o peito, cresceme ira  
Contra quem me persegue: tu me amansa.

Náo

Não poderey sofrer, não poderey  
 A dura pertinacia, o cruel odio,  
 Que ao meu doce amor mostram.  
 Vence a dor a razão: vence Amor força.  
 Tu conferua, alto Deos, a promerida  
 Fè, a quem já de là darma mandaste.  
 Tudo de ti procede: sem ti nada  
 Se moue cá na terra. Quem entende  
 Teus meos, & teus fins, & teus segredos?  
 Quantas vezes mal he, o que bem parece!  
 Quantas vezes o mal causa bens grandes!  
 Quanto tempo soffreste o grande Afonso  
 No nome de Bolonha celebrado,  
 Que nouas torres ajuntou ás Quinas,  
 Dura força fazendo ao matrimonio,  
 Contr'as diuinas leys, contra as humanas!  
 Quem entaõ não choraua a crueldade  
 Contra o primeiro amor: & quem calaua  
 A dura pertinacia do segundo?  
 Mas tu querias dar ao mundo o grande  
 Forte, prudente, & sancto, hum só Dinis  
 Paz, & concordia entre altos Reys, q̄ Reynos  
 Deu, & tirou, em armas claro & em letras.  
 Eu de seu sangue, de seu estado herdeiro,  
 Porque do meu amor tam mal julgado  
 Nam esperarey grandezas: velasey,  
 Velasey de ti, Castro; viue lèda,  
 Viue segura, lança os medos fora,  
 Que antes morte, que vida sem ti quero.  
 Ch. Não he desculpa ao mal, outro mal grande.  
 Quam danoso he no mundo hũ mao exemplo!  
 Mas não pode assi fer a Razaõ cega,  
 d Que

CASTRO.

Que o que reprende em outro, em si o aproue.  
Cada hum leuar-se deixa da vontade.

Secretario. Iffante. Choro.

**Q**Vem ajuntar poder com agoa o fogo,  
Quem misturar co dia a noite escura,  
E quem o mau peccado com a virtude,  
Este no amor ajuntará razaõ,  
Este em falsa lisonja a lealdade.  
Hum o amor não sofre, outro a virtude.  
E eu destes ambos venho agora armado.  
Não sey se poderey vencer com elles.  
S'algum sprito bom me quisesse hora  
Ajudar la dos ceos, & aqui acabasse  
Esta vida, que fim mais glorioso  
Que polos ceos deixar a baixa terra,  
Antes que por temor honra, & verdade?  
Aquelle he que la vejo pensatiuo,  
Deos m'inspire que diga sem temor.  
Confiança ha mister, & animo liure  
Quem quiser resistir ao mau proposito  
Do Principe, em que esta determinado.  
Mas deixar de o fazer he vil fraqueza.

- I.** Que diras, Secretario, a tam grã força  
Como querem fazer a esta minh'alma?  
**S.** Senhor, mas antes querem darte liure  
Donde está tam forçada, & tam catiua.  
**I.** Arrancam me as entranhas, que me querem?  
Esta gente que quer, que así me mata?  
**S.** Queremte só, & procuramte tua honra.  
E quebrar daqui as asas a fortuna  
Que contra ti não tenha nunca forças.

Mas

- I. Mas antes lhas vaõ dando quanto podem,  
Procurando apartarme donde viuo.
- S. Se te viesses, Senhor, verteyas morto:  
Verteyas, cego. em quanto homem não viue  
Com tu'alma propria, pôde a tal ser vida?
- I. Tambem tu me persegues? tambem vês?  
Afiado cortarime estas rayzes,  
Quê no meu peito ja tam firmes tenho?
- S. Piadosa obra faz ao que está preso  
Quem as prisoões lhe corta, & as mãs cadeas?  
Oh claríssimo Iffante meu Senhor,  
Muito ha que me conheces. teus segredos  
De mim com razão sempre confiaſte.  
Nunca te descobri as zombarias,  
Nunca descobrirey o menor delles.  
D'hũa parte me tens por secretario,  
Mas d'outra me has de ter por conselheiro;  
Comprirey eu contigo, & co que deuo:  
Então venha tua ira, que eu não quero  
Melhor morte, que aquella, que de infamia  
Liurar a vida, & a alma de perigo.  
Não ves, senhor, que o Sol, se escureceſſe,  
Quanto cobre, & descobre, ficaria  
Tam triste, & escuro, como agora claro?  
Pois tal he o bom Principe: Sol noſſo,  
Com cuja luz nos vemos, & seguimos  
A justiça que aos ceos nos vay leuando.  
Se s'esta em ti perder, onde a acharemos?  
Quem a virtude se guirá, quem honra?  
Abatereſte aſſi de Principe alto  
A pensamentos baixos, que s'estranham  
Nos homês baixos, parecer te pôde

CASTRO.

- Grandeza de ti digna? & do que deuses  
 A este estado tam alto, que te espera?
- I. Quem tam liure te faz, & tam ousado?
- S. Amor, & lealdade esta ousadia  
 Me daõ: dâma a Razaõ, que tem tal força,  
 Que inda que se não figa, não se nega.  
 Lá dentro em ti te vejo estar sentindo  
 Em teu animo Real, & generoso  
 Quasi hũa reuerencia, a que te moue,  
 Inda que com desgosto, a sam verdade.  
 Não me queres ouuir, mas bem me julgas.  
 Mouete o zelo honesto, a fe tam pura.  
 Deixate reprehender de quem bem t'ama,  
 Que ou te aproueita, ou quer aproueitarte.  
 Não recebas enganos de quem teme,  
 Ou deseja, ou espêra, â custa tua,  
 De tua honra, & dos teus, que a tantos mata.  
 Louuas tu, ou alguém louuará aquelle,  
 Que pôdendo illustrar a gloria antiga  
 De seus passados com mór honra, & fama,  
 Não sòmente o não faz, mas escurece  
 Daquella luz antiga o claro rayo?
- I. Mas antes não viter merecia esse,  
 Antes não fer nascido: que a Aguia vemos  
 Os filhos engeitar, que ao Sol não olham.
- S. E que diras, que julgarás daquelle,  
 Que em vez de se armar bem contr'a fortuna,  
 Causas inda buscando de a ter sempre  
 Contraria a sua vida, & seu estado?
- I. Quem não teme a fortuna, & não procura  
 De con'r'ella se armar, tela a imiga,  
 Que aos que se lhe mais daõ, sempre persegue.
- S. Julga-



S. Julgaste te a-ti mesmo. I. em que? ou como?  
 S. Aquelle claro fangue, aquelle nome  
 Heroico, tam alto, & em todo o mundo  
 Honrado, & conhecido dos Reys grandes,  
 De cujo tronco vens não fica escuro  
 Misturado com outro diferente  
 Dos que foram nascidos, & criados  
 Pera humildes soffrerem teu Real jugo,  
 Obedecendo ao Imperio, & aos acenos?  
 Depois disto não ves o grã desprezo,  
 Em que seràs aos teus? o grã perigo  
 Em que poès este Reyno, co a soberba  
 De poucos, que ergues tanto, & tanto podem  
 Com teu fauor, que mostram já desprezo  
 A quem deuem mostrar a catamento?  
 Que cousa mais destrue o Rey, & Reyno?  
 Que cousa cria mór desprezo, & odio  
 Que velo fogeitar-se a cousas baixas?  
 Que velo ser mandado de seus vicios?  
 Com que rosto, Senhor, daràs castigo  
 Aos que assi cometterem, o que cometes?  
 Como conseruarás a obediencia  
 Sancta deuida aos paes, pois tu a negas  
 Aos teus no que te pedem justamente?  
 Memoria deixaràs de mau exemplo  
 A teus filhos: daràs licença larga  
 A Reys, que isto souberem: ao mundo causa  
 D'escurecer teu nome pera sempre.  
 De hum mal vê quantos males nascem logo:  
 Todos sobre ti caem: Senhor vete.  
 Conhecete melhor: entra em ti mesmo.  
 Veràs entãõ o porque te importunam,

CASTRO.

O que te pede el Rey, o que teu pouo.

Ch. Conselheiro fiel, oufado, & forte

Feriste co a razão a alma, que dura

Os olhos em vão cerra.

I. Eu não sou, nem fuy nunca qual me julgas,

Ou qual me julgaes todos. Outros olhos

Differentes dos vossos são os meus,

Com que me vejo, & vejo que o que faço,

Não he tamanho mal, como vos vedes.

Eu não faço erro algum: figo o que o sprito

Me diz, & me reuela, a quem eu creio.

Cos Principes tem Deos outros segredos,

Que vos não alcançaes, & como cegos

Nos juizos erraes de seus misterios.

Olhay esta molher, vede o que ha nella.

D'hum sangue nos formou a natureza:

Real he, de Reys vem, de Reys he digna:

Do mundo quisera eu ser só monarcha,

Monarcha de mil mundos, pera todos

Debaixo dos pés pôr, de quem tanto amo.

Muy baixa me parece esta coroa

Para aquella cabeça. Olha o que mando:

Tu jamais me não fales em tal cousa.

Meus duros pays não curem de cansarme;

Porque nem posso nisso obedecerlhes,

Nem em o não fazer desobedeço.

Arranquem me a vontade deste peito,

Arranquem me do peito est'alma minha,

Entain acabarâm o que começam.

Não cuidem que me posso apartar donde

Estou todo, onde viuo: que primeiro

A terra subira onde os ceos andam,

O mar

O mar abrafará os ceos, & terra,  
 O fogo fera frio, o sol escuro,  
 A lua dara dia, & todo mundo  
 Andara ao contrario de sua ordem  
 Que eu ô Castro, te deixe, ou n'isso cuide.  
 Deyte alma, deite fê, guardalaeey firme,  
 Confio isto de ti, não mo descubras.

S. Oh Senhor, que me matas! Deos quifera  
 Que nunca merecera honra tamanha.  
 Pois me poem em perigo de deshonna.  
 Seguir tua vontade, he destruyrte,  
 Destruyr este Reyno, & teu pay triste:  
 Quererte apartar della he impossucl.

I. Sigue minha razaõ, minha vontade.  
 S. Não te vejo razaõ, vejo vontade.  
 I. Sigue a vontade, que forçar não podes.  
 S. Mandame o que te deuo que a não siga.  
 I. Queres mandar teu Principe? S. mas siruo!  
 I. Obedece ao que quero. S. manda o justo.  
 I. Deos sô me julga. S. & a razaõ te obriga.  
 I. Liure â de ser hum Principe. S. catiuo  
 He, quem de si se vence. I. inda importunas?  
 S. Se te não conselhar, meus faõ teus erros.  
 I. Eu te liutarey delles. S. a Deos temo.  
 Tu no corpo sô podes, elle n' alma.  
 Eu aconselharte posso, forçar não.  
 Testemunha me he Deos: & tu tambem.  
 Amor em ti sò reyna, amor te manda  
 Peçonha doce d'alma, d'honra, & vida.  
 Mas porque te não mouem tantos choros  
 Da Raynha tua mãy? os tantos rogos  
 D'el Rey teu pay? os tam leaes conselhos

CASTRO.

De quantos a teus pês estaõ lançados  
 Pedindote piedade deste Reyno,  
 Que ameaçado estâ aysi da fortuna?  
 Não te declararás por honra tua,  
 E proua pera o mundo, que t'infama  
 Com nome de peccado pertinaz?  
 Eu choro de aysi ver húa mulher fraca  
 Mais forte contra ti, que quantas forças  
 De Deos, do mundo estaõ por ti tirando.

I. O perseguição forte, ó odio estranho!  
 O duros fados todos conjurados  
 Cos ceos, & com as estrellas a perderme!  
 Que me quereis? que sem razão vos faço  
 Homés d'entranhas feras, & danadas,  
 Em ter igual amor a quem mo tem?  
 A quem he tam deuido? quem o mundo  
 Todo merece ter, & inda he pequeno?  
 Homés, que procuraes meu mal, & morte  
 Vede bem o que eu vejo: que alto imperio  
 Daquelle Real rosto não ferá  
 Honrado, & acrecentado? aquelle rosto,  
 Que tanto aborreceis, que mundos pede!  
 Que estados, que grandezas, que triumphos!  
 Em corpo tam fermoso a fermosa alma  
 Tam sancta, tam honesta, casta, & pura  
 Que racha podeis dar? ou que virtudes,  
 Que graças das mais raras, & excellentes  
 Não achareis em tudo, quanto mostra?  
 Pôde ser mais cru odio, & mais injusto?  
 Pôde ser mór inueja, & mais sem causa?

Ch. O quam perigoso he qualquer principio  
 De mal, que hum só descuido pode tanto,

Que

Que traz hum animo alto a tal baixeza!

- I. Para onde fugirey, porque me deixem?  
 S. De ti as de fugir, por teu remedio.  
 I. Não me valerà ja ver que não posso?  
 S. Tu mesmo te poseste em tal fraqueza.  
 I. Não quero, nem desejo arrependirme,  
 S. Acrescentas o erro co a vontade.  
 I. S'he erro, como dizes, não ouue outros?  
 S. Ouue, mas todavia fôram erros.  
 I. Desculpemme outros Reys, & Imperadores.  
 S. Como o faràm, pois a si não podêram?  
 I. Não me perfigas mais? S. o mal perfigo.  
 I. Hum Principe de hum Reyno tam catiuo  
 A de ser, que não faça o que costuma  
 Qualquer do pouo seu. S. Hum Principe antes  
 A de ter seu sprito tam alçado  
 Da terra, que della erga o pensamento  
 Ao baixo pouo seu, pera que o siga.  
 Sprito a de ser puro: hum ouro limpo,  
 Sem fezes, & sem liga: exemplo claro  
 De fortaleza, mansidão, & justiça.  
 I. Vayte diante mim, fuge minha ira.  
 S. Quem governara hũa vontade liure,  
 Que outro Senhor não tem, senão a si mesma?

Choro I.

**Q**uando Amor nasceo,  
 Nasceo ao mundo vida,  
 Claros rayos ao Sol, luz ás estrellas.  
 O ceo resplandecio  
 E de sua luz vencida

A escu

CASTRO.

A escuridaõ mostrou as cousas bellas.

Aquella, que subida

Está na terceira esphêra,

Do brauo mar nascida

Amor ao mundo dà, doce amor gêra.

Por amor s'orna a terra

D'agôas, & de verdura,

As arvores dâ folhas, cor às flores.

Em doce paz a guerra,

A dureza em brandura,

E mil odios conuerte em mil amores.

Quantas vidas a dura

Morte desfaz, renoua:

A fermosa pintura

Do mundo, Amor a tem inteira, & noua.

Ninguem tema seus fogos,

E chãmas furiosas.

Amor he tudo, amor suave, & brando,

Sogeito a brandos rogos,

As agoas amorosas

Dos olhos com brandura està alimpando.

Douradas, & fermosas

Sétas n'aljaba soam

A vista perigosas;

Mas amor leuam, dos amores voam.

Amor em doces cantos,

Em



Em doces liras soë,  
 Torne seu brando nome est' ar sereno.  
 Fugam magoas, & prantos,  
 O lédo prazer voë,  
 E claro o rio faça, o valle ameno.  
 No terceiro ceo toë  
 D'amor a doce lira,  
 E de là te coroë  
 Castro, d'ouro o grã Deos, que amor inspira.  
 Ch. II. Antes cego Tyrano  
 Dos poetas fingido,  
 Cruel desejo, & engano  
 Deos de vam gente, de ocio sô nascido.  
 Geral estrago, & dano  
 Da gloriosa fama,  
 Com sua sêta, & chama  
 Tirando a toda parte  
 Ardendo fica Apollo, ardendo Marte.  
 Vay pelos ares voando;  
 Arde cà toda a terra,  
 E d'aljaba soando  
 O tiro empece mais, quanto o mais erra.  
 Tem por gloria yr juntando  
 Estados differentes:  
 Os mais conuenientes  
 A Amor, & iguaes aparta.

Nunca de sangue, & lagrymas se farta.  
 No tenro, & casto peito  
 Da moça vergonhosa,  
 Tempo esperando, & geito,  
 Entra com força branda, ou furiosa.  
 O fogo ja desfeito  
 Da cinza outra vez cria,  
 No frio sangue, & fria  
 Neue outra vez se acende.  
 Dos olhos no meo d'alma o rayo prende.

**Dali sua peçonha**  
 Vay por todas as veas.  
 A alma dormente sonha  
 Em seu engano, & tece doces teas.  
 Foge a casta vergonha.  
 Foge a constancia forte.  
 Entra tristeza, & morte  
 Debaixo de brandura,  
 Que a razão mata, o coração endure.

**Quem a ferrada maça**  
 Ao grande Alcides toma?  
 E quer que assi aos pès jaça  
 Da moça, feito moça, quem liões doma?  
 Quem da espantosa caça  
 Os despojos famosos  
 Lhe conuerte em mimosos

Trajos de Dama, & o uso  
 Das duras mãos lhe poem no brando fuso?  
 Iupiter transformado

Em tam varias figuras,

Deixando desprezado

O ceo, quam baixo o mostram mil pinturas!

Poderosas branduras,

Que assi as almas conuertem

No que amam! assi souertem

Por manha a grande alteza

Do sprito, que s'enterra em vil fraqueza!

De que outro fogo ardia

Dos Teucros a alta gloria?

De que deixou historia

Tam triste ao mundo Hespanha a forte, & pia?

Amor cego vencia.

Amor cruel mataua.

Hum moço triumphaua

De tanto sangue, & vidas

Por hum vão appetite mal vendidas.

Ditoso, ô quam ditoso!

Quem do seu peito armou

Contra o rayo furioso:

Ou em alcanço as chammas o apagou!

Poucos, que Deos amou,

Dos ceos tanto alcançaram.

CASTRO.

*Emil, & mil chorâram  
Do vão contentamento  
Ao cego Iffante seu rependimento.*

ACTO II.

El Rey D. Afonso IIII. Pero Coelho.  
Diogo Lopez Pacheco. Conselheiros.

**O**H cetro rico, a quem te não conhece,  
Como es fermoso, & bello' & que soubesse  
Bem quam differente es do que prometes,  
Neste chaõ que te achasse, quereria  
Pisarte antes cos pès, que leuantarte.  
Não louuo, os que se louuam por imperios  
A ferro, sangue, & fogo destruyrem,  
O seu proprio estendo: mas aquelles  
(O grandeza espantosa, & animo liure,)  
Que tendo os muito grandes, os deixaram:  
Mor alteza, & môr animo he as grandezas  
Desprezar, que aceitar: & mais seguro  
A sy cada hum rezer, que o mundo todo.  
O resplandor deste ouro nos engana.  
E he terra em fim, & terra a mais pesada.  
De hũa alta fortaleza estamos sempre  
Postos por atalayas á fortuna:  
Por escudos do pouo, offerecidos  
A receber seus golpes, não fazelo  
He vsar mal do cetro, & bem fazelo

He

He não ter vida mais segura, & certa

Que quanto estes perigos nos prometem.

C. Gloriosos perigos, & trabalhos,

Oh bemaumenturados, pois te sobem

Da coroa da terra a que nos ceos

Mais rica, mais gloriosa te daram.

P. Trabalho mais que estado tem os Reys,

Os bons Reys, que não amam assi seus vicios,

Como as obrigações de se mostrarem

Contra si mais ilentos, & mais fortes

Que o pouo baixo, que anda só apos elles.

E tal Rey como tu, Senhor, he Rey.

Não te pese de o ser, que virá tempo,

Que te ajam mais inueja a esses trabalhos

Sofridos com paciencia, & bem regidos,

Que a victorias famosas com grã perda

De homens, & de riquezas mal ganhadas.

Isto faz os Reys grandes dignos sempre

De memoria immortal, sofrer trabalhos

Polo publico bem, quebrar a força

Do sangue, & proprio amor; fazerse exemplo

De todo bem ao pouo, atalhar prestes

O mal em seu começo, antes que empeça.

Despois nem forças bastam, nem conselho;

Atalhando a este mal, que t'assi agora

Tam trabalhado traz, ficaras liure

Rindote da fortuna, & de seus medos.

R, Vence o mal ao remedio. vejo o Ifante

De todo contra mim determinado,

Duro a meus rogos, mais duro aos mandados;

Que estrellas foy aquella tam escura?

Que mau signo, ou que fado, ou que planetae

P. Em.

## A CASTRO

- P. Em quanto ha occasiã, dura o peccado:  
Tirandola, eylo liure. R. forte coufa  
Endurecerse assi aquella vontade!
- P. Endureçase a tua com justiça.  
R. Duro remedio! quanto melhor fora  
Amor, & obediencia! meus peccados  
Quam grauemente sobre mim cahiram!
- C. Senhor, pera que he mais? moura esta dama.  
R. Que moura todauia? P. Senhor moura  
Por saluação do pouo. R. não he crueza  
Matar quem não tem culpa? C. muitos podes  
Mandar matar sem culpa, mas com causa.
- R. Com que cor, com que causa esta matamos?  
P. Não basta que em sua morte só se atalliam  
Os males, que sua vida nos promete?
- R. Ella que culpa tem? P. dá occasiã.  
R. Oh que ella não a da, o Iffante a toma.  
Que ley ha, que acondene, ou que justiça?
- C. O boim comum, Senhor, tem taes larguezas  
Com que justifica obras duuidosas.
- R. Assi que allentaes nisto? C. nisto: moura.  
P. Moura. R. hũa innocente? C. que nos mata!
- R. Não auera outro meo? P. não o temos.  
R. Merelaey num mosteiro. C. eylo queimado.  
R. Mandalaey deste Reyno. C. o amor voa.  
Este fogo, Senhor não morre logo.  
Quanto lhe mais resistes, mais s'acende.  
Contra Amor que lugar daras seguro?
- R. Matala he cruel meo, & riguroso.  
P. Não ves, não ouues quantas vezes morrem  
Muitos, que o não merecem? Deos o quer  
Polo bem, que se segue. R. Deos o faça,



Cuja vontade he ley, & a minha não.

- P. Esta licença tem tambem os Reys,  
Que em seu lugar estaõ. R. antes não tem  
Licença pera mais, que quanto pede  
A razão, & justiça: a mais licença  
He barbara crueza de infieis.
- P. Pois que diras daquelles, que a seus proprios  
Filhos, & a seu amor não perdoãram  
Polo exemplo comum, & bem do pouo?
- R. Aos que o bem fizeram, hey inueja.  
Os outros nem os louuo, nem os figo,
- C. Inda que ouesse excessos, todavia  
Mais males atalharam, dos que deram.
- R. Não se ha de fazer mal por quantos bens  
Se possã da hi seguir. C. nem bem nenhum,  
De que se sigam males: R. mal parece  
Matar hũa innocente. P. não he mal:  
Que a causa o justifica. R. antes Deos quer  
Que se perdoe hum mão, q̃ hum bom padeça.
- C. O bem geral quer Deos que mais s'estime,  
Que o bem particular. nas circumstancias  
Se saluam, ou se perdem as obras todas.
- R. Enganaõ se os juizos muitas vezes.
- C. Os dos Reys bem fundados Deos inspira.
- R. Ey medo de deixar nome de injusto.
- C. De justo o deixarã, pois te conselhas  
Cos juizos dos teus leaes prudentes.
- P. Ves, poderoso Rey, ves cos teus olhos  
A peçonha cruel, que vay laurando  
Gerada deste amor, cego: ves quanto  
A soberba, & desprezo destes homẽs  
Contra ti, & contra todos vay crescendo.

CASTRO.

S'em tua vida nos tememos tanto,  
 Que faremos depois de tua morte?  
 Por dar saude ao corpo, qualquer membro  
 Que apodrece, se corta, & pelo saõ,  
 Porque o saõ não corrompa. Este teu corpo,  
 De que tu es cabeça, está em perigo  
 Por esta molher só: cortalh'a vida,  
 Atalha esta peçonha, teloas saluo.  
 Medico, senhor, es desta Republica.  
 O poder, que tem o medico num corpo  
 Tens tu sobre nós todos: v'ia delle,  
 Se te parece em parte isto crueza,  
 Não he crueza aquella, mas justiça,  
 Quando de cruel animo não nasce.  
 Tua tenção não pecca, em si se salua.  
 A aspereza dest'obra he medicina,  
 Com que s'atalhá as mortes, que adiante  
 Muitos he que por força te mereçam.  
 A clemencia por certo he grã virtude,  
 E digna mais dos Reys que outras virtudes,  
 Polo perigo grande, que ha na ira,  
 Em quem tam liuremente assi a executa:  
 Mas com esta o rigor he necessario,  
 Por não vir em desprezo tal virtude.  
 Este he o que se chamou seueridade,  
 De que tantos exemplos nos deixaram  
 Os famolos Romaõs em paz, & guerra.  
 Estas colúnas ambas saõ tam fortes  
 Que bemaumentado este teu Reyno,  
 Que nellas por ti só está tam fundado.  
 De tal modo, senhor, as de v'isar dellas,  
 Que h'ua va sempre d'outra acompanhada.

Exem-

Exemplos tês mostrado de clemencia,  
 Mostra agora, que he bem, feueridade.

R. A parte que me cabe deste feito,  
 Eu a ponha em vos toda, como aquelles,  
 Que sem odio, & temor sois obrigados  
 Aquillo conseiharme, que he sô justo,  
 Mais seruiço de Deos, & bem do pouo.  
 Vos outros sois meus olhos, que eu não vejo.  
 Vos sois minhas orelhas, que eu não ouço.  
 Minha tenção me leue, ella me salue.

O engano se he vossio, em vos sô caya.

P. sobre nos descarrega esse teu peso.

C. Eu tomo minha parte, ou tomo todo.

Almas, & honras temos: estas ambas

A ti, senhor, se deuem, a ti as damos.

Estas sôs te conselham, que bem vês

Quã grande mal he nosso, o que fazemos:

Auenturamos vidas, & fazendas,

Que em odio de teu filho ficam sempre,

Sob cujos pês ficamos, & em cuja ira.

Mas percamonos nós, percamos vidas;

Soframos crueis mortes, nossos filhos

Fiquem orfaõs de nós, & desherdados;

A furia de teu filho nos persiga,

Antes que esse tal medo em nós mais possa,

Que o que a virtude manda, & te deuemos.

R. Iuos aparelhar, que em vos me saluo.

Senhor, que estas nos ceos, & vês as almas,

Que cuidam, que propoem, que determinam,

Alumia minh'alma; não se cegue

No perigo, em que estâ: não sey que siga.

Entre medo, & conselho fico agora:

## CASTRO.

Matar injustamente he grã cruexa.  
 Socorrer a mal publico he piedade.  
 D'hũa parte receo, mas d'outra ouso.  
 Oh filho meu que queres destruyrme!  
 Ha dô desta veñice tam cansada:  
 Muda essa pertinacia em bom conselho.  
 Não dês occasião pera que eu fique  
 Julgado mal na terra, & condenado  
 Ant'aquelle grã Iuiz, que estâ nos ceos.  
 O vida felicíssima, a que viue  
 O pobre laurador sô no seu campo,  
 Seguro da fortuna, & descansado,  
 Liure destes desastres, que cá reynam!  
 Ninguem menos he Rey, que quem té Reyno.  
 Ah que não he isto estado, he catiueiro  
 De muitos desejado, mas mal crido.  
 Hũa feruidão pomposa, hum grã trabalho  
 Escondido sob nome de descanso.  
 Aquelle he Rey sômente, que assi viue  
 (Inda que câ seu nome nunca s'ouça)  
 Que de medo, & desejo, & d'esperança  
 Liure passa seus dias. O bons dias!  
 Com que eu todos meus annos tam cansados  
 Trocara alegremente. Temo os homês,  
 Com outros dissimulo: outros não posso  
 Castigar, ou não ouso. Hum Rey não oufa.  
 Tambem teme seu pouo: tambem sofie.  
 Tambem suspira, & geme, & dissimula.  
 Não sou Rey, sou catiuo: & tam catiuo  
 Como quem nunca tem vonta de liure.  
 Saluome no conselho dos que creio,  
 Que me serã leaes: isto me salue,

Senhor,

Senhor, contigo: ou tu me mostra cedo  
 Remedio mais seguro, com que viua  
 Conforme a este alto estado, que me deste.  
 E me liura algum tempo antes que moura,  
 De tanta obrigaçam, pera que possa  
 Conhecer me melhor, & a ti voar  
 Com mais ligeiras afas do que pode  
 Húa alma carregada de tal peso.

Chêro.

**Q**uanto mais liure, quanto mais seguro  
 He aquelle estado, que de si contente  
 Não se leuanta mais que quanto pode  
 Fugir misérias!

Tristes pobrezas ninguem as deseje.  
 Cega riquezas ninguem as procure.  
 Num meo hon-sto está a felicidade  
 Dos ceos, & terra.

Reys poderosos, Principes, Monarchas  
 Sobre nós pondes vossos pês, pisaynos.  
 Mas sobre vos está sempre a fortuna.  
 Nos liures della.

Nos altos muros foam mais os ventos.  
 As mais crescidas arvores derribam.  
 As mais inchadas vellas no mar rompem  
 Caem môres torres.

Pompas, & ventos, titulos inchados  
 Não dão descanso, nem mais doce sono.

CASTRO.

Antes mais causam, antes em mais medo

Poem, & perigo.

Como se voluem no grã mar as ondas,

Assi se voluem estes peitos cheos.

E nunca fartos, nunca satisfeitos,

Nunca seguros.

S'eu me podesse à minha vontade

Formar meus fados, mais não quereria

Que me ammente segurar a vida

Co necessario.

Quem mais deseja, muitas vezes s'acha

Triste, enganado: poucas vezes dorme.

Temendo o fogo, ventos, ares, sombras,

Temendo os hmês.

Rey poderoso, tu porque desejas

Nunca ter Reyno? porque essa coroa

Chamas pesada? polo peso d'alma,

Que te carrega.

Q'vam poucas vezes vimos

Tardar a grã justiça,

Que não decesse sobre

Aquelles liures filhos,

Que contra a natural

Obrigaçãõ, & ley

Negaram obediencia

Aquelles, que os geraram!

Pecca-



Peccado torpe, & feo  
 Ante Deos, ant'os homẽs.  
 Mais pera Hyrcanos Tigres,  
 Mais pera Liões brauos,  
 Que razão não conhecem,  
 Que pera quem s'õ della  
 E par'ella he formado.

Aquelle amor tam grande  
 Dos pays, com que te criam  
 Co sangue do seu peito,  
 Que ferẽza ha tamanha,  
 Que tal brutalidade,  
 Que contr'elle te moua?

Rey Dom Afonso, Rey,  
 Lembrate de ti mesmo.  
 Aquelles erros feos,  
 Com que tu perseguiste  
 Teu pay tam cruamente,  
 Lhe d'ão de ti vingança  
 Por outro tu teu filho,  
 Que te desobedece.

Viramse as Reaes Quinas  
 Polo mesmo Deos dadas  
 Aquelle Rey primeiro,  
 De que herdaste esse nome  
 Com esse cetro rico,

Leuantadas por ti,  
 Não contra cinco Reys,  
 Com cujo sangue as ouue,  
 Mas contra el Rey teu pay,  
 Mas contra teus vassallos.

Viram se as Reaes Quinas  
 Cruéis contra si mesmas  
 Em brauo fogo acesas  
 Contr'hũa parte, & outra,  
 De que tam cruelmente  
 Corria hum mesmo sangue!

Quantas vezes a sancta  
 Raynha tua mãy  
 Se metteo nesse fogo  
 Por te saluar a vida?  
 Por ella era apagado.  
 Por ti tornaua arder.  
 Agora ardes nestoutro.  
 Iustica de Deos grande!

### A C T O III.

Castro. Ama.

Nunca mais tarde pera mim que agora  
 Amanheceo. ô sol claro, & fermoso  
 Como alegras os olhos, que esta noite  
 Cuidãram não te ver! ô noite triste!  
 O noite escura quam comprida foste!

Como

Como canstaste est' alma em sombras vãs! A  
 Em medos me trouxeste taes, que cria  
 Que ali se me acabaua o meu amor, O  
 Ali a saudade da minh' alma, A  
 Que me ficaua câ: & vos meus filhos, O  
 Meus filhos tam ferinosos, em que eu vejo  
 Aquelle rosto, & olhos do pay vosso, A  
 De mim ficaueis câ desemparedos: A  
 Oh sonho triste que assi me asombraste! O  
 Tremo ind' agora, tremo. Deos afaite  
 De nos tam triste agouro. Deos o mude  
 Em mais ditoso fado, em melhor dia. O  
 Crescereis vos primeiro, filhos meus, O  
 Que choraes de me ver estaruos chorando! A  
 Meus filhos tam pequenos! ay meus filhos, A  
 Quem em vida vos ama, & teme tanto, O  
 Na morte que fara? mas viuireis, O  
 Crescereis vos primeiro, que veja eu, O  
 Que pisaes este campo, em que nascestes, O  
 Em ferinosos ginetes arrayados, O  
 Quaes vosso pay vos guarda, com que os Rio  
 Passeis a nado a ver. esta m'ã, vossa m'ã, O  
 Com que canseis as feras, & os inimigos, O  
 Vos temam de tam longe, que não ousem  
 Nomearuos somente. entant me venham  
 Busca! meus fados: venha aquelle dia  
 Que me esta esperando: em vossos olhos: O  
 Ficarei eu, meus filhos: vossa vida, O  
 Tomarei eu por vida em minha morte. O  
 A. Que choros, & que gritos, senhora, eram  
 Os que t'ouui esta noite? C. ô ama minha, A  
 Vi a morte esta noite crua, & ferac, O. H. A

**A.** Entre sonhos t'ouvi chorar tam alto,  
 Que de medo, & d'espanto fiquei fria.  
**C.** Ind'agora minh'alma s'entristece  
 Afombrada dos medos, em que estive.  
 Cantada de cuidar na saudade,  
 Que sempre leua, & deixa aqui o Ifante,  
 A dormeci tam triste, que a tristeza  
 Me fez tomar o sono mais pesado  
 Dô que nunca me lembra que tiuesse.  
 Então sonhei que estando eu só num bosque  
 Escuro, & triste, de hũa sombra negra  
 Cuberto todo, ouuia ao longe hūs brados  
 De feras espantosas, cujo medo  
 M'arrepiaua toda & me impidia  
 A lingua, & os pês, eu co'alma quasi morta  
 Sem me mouer, meus filhos abraçaua.  
 Nisto hum brauo Liao a mim se yinha  
 Co acatadura fera, & logo manfo  
 Para tras se tornaua: mas em s'indo,  
 Não sey donde fahiam hūs brauos Lobos,  
 Que remetendo la mim com suas ynhas  
 Os peitos me raiçauam. então alçaua  
 Vozes aos ceos, & hamaua meu Senhor,  
 Ouuiame, & tardaua: & eu morria  
 Com tanta saudade, que ind'agora  
 Parece que a câ tenho: & est'alma triste  
 Se m'arrancaua tam forçadamente,  
 Como quem ante tempo assi deixaua  
 Seu lugar, & deixaua pera sempre  
 (Que este na minha morte era o môr mal)  
 A doce vista de quem me ama tanto.  
**A.** Hay, & como estaria essa tu'alma

Tam morta! Deos te guarde. Mas as vezes  
 O pensamento triste traz visões  
 Efcuras, & medonhas: do cuidado,  
 Com que, senhora, andaste, & adormeceste,  
 Se te representâram esses medos.

**C.** Chôro daquella dor, daquella magoa,  
 Que ao meu Iffante dera a minha morte.

**A.** Pera que choras sonhos? **C.** não sey que hey:  
 Não sey que peso he este, que câ tenho  
 Afsi no coração, que me carrega.  
 Soya ser que quando fô ficaua,  
 Como agora me vejo, em meu senhor  
 Eram todos meus sonhos tam alegres,  
 Que desejava a noite, pera nella  
 Me lograr dos enganos que com elle  
 Se me representauam, ali o via,  
 Ali cria que o tinha, & que falaua  
 Comigo, & eu com elle: & muitas vezes  
 Muitas palauras, que elle em se partindo  
 Me dizia chorando, ali chorando  
 Mas tornaua a dizer. & eu o detinha  
 Apertado em meus braços, senão quando  
 Acordaua abraçada fô comigo.  
 Aquelles meus enganos me fostinham  
 Das noites pera os dias. E esta noite  
 Perdia estes enganos com a vida.

**A.** Outro dia veras, que te amanheça  
 Mais claro, & mais ditoso: em que a coroa,  
 Que t'espera, terás sobr'esses teus  
 Cabellos d'ouro. Alegrate entte tanto.  
 Deixa vãs sombras, deixa tristes medos.

**C.** Não sey que est'alma vê, que tanto teme.

- A. A imaginação he perigosa.
- C. Que fara quem não pode fugir della?
- A. Cuidar no bem, lança a tristeza fora.
- C. Fazeme o bem seguro, que eu não vejo.
- A. Porque temes o mal, de que estas liure?
- C. Porque temo perder o bem, que espero.
- A. Temer de longe o mal, he mal dobrado.
- C. Como estará alma leda em culpa sua?
- Julgam me mal os homēs, & a Deos temo.
- A. Dos secretos, senhora, que parecem  
Ao mundo (que os não vê, & do de fora  
Julga fomite) feos, maos, & torpes,  
Basta a só consciencia, basta tanto,  
Que com esta a de ter Deos toda a conta.  
Esta, senhora, he boa proua d'alma.  
Pois esta está segura no teu peito.  
Se peccado ouue ja, ja esta purgado  
Com esse animo firme, com que ja ambos  
Estaes confederados sanctamente.  
O tempo Deos trara com mór seguro  
Do que vos este da, pera mais claro  
O mundo conhecer quam grã perigo  
He as almas julgar, que só Deos vê.  
Entre tanto contente espera, & vive.  
Vive, pera que viua quem tanto ama  
Esta tua vida, em que toda está a sua.
- C. Nunca o tanto meus olhos desejarão.  
Nunca meu pensamento o imaginou  
De mim tam esquecido. Deos o guarde.  
Deos te guarde, senhor, que me parece  
Que algum mal te detem: algũ mal grande:  
Arrancate a minh'alma de mim mesma,
- Parece



Parece que voar quer onde estàs.

Parece que lhe foges, que me deixas.

Ah pensamentos tristes, pensamentos

Escuros, carregados! yuos, yuos.

A. Ah não te agoures mal! que melhor fado

O teu ferâ, senhora, quem tristeza

De sua vontade chama, mal a pode

Lançar de si, que as vezes n'alegria

Entra tam furiosa, que a destrue.

Olha pera estes teus doces penhores

Tam seguros, & certos desse amor,

De que forão gerados: em seus olhos

Alegria hora elles teus, que assi desfazes

Com essas crueis lagrimas, não chores.

Danas esse teu rosto tam fermoso

Filhã, com tantas lagrimas: não chores:

Não offendas teus olhos: ah não vejam

Nelles sinaes tamanhos de tristeza

Aquelles, cuja gloria he verte alegre.

Olha as agoas do Rio como correm

Pera onde estâ tam saudosamente.

De la te vê, senhora, ellas lhe lembram

Este aposento seu, ou da su'alma.

Estes campos fermosos, que parecem

Debaixo deste ceo dourado, & bello,

Quem os vera, que logo não se alegre?

Ouve a musica doce, com que sempre

Te vem a receber os passarinhos

Por cima destas arvores fermosas.

Cuida, senhora, de logreres isto.

Em algum tempo com dobrado gosto,

Segura da fortuna, & de seus medos,



CASTRO. II

Senhora do teu bem, & desta terra.

Choro. Castro. Ama.

**T**Ristes novas, crueis,  
 Nouas mortaes te trago, Dona Ines.  
 Ah coitada de ti, ah triste, triste!  
 Que não mereces tu a cruel morte,  
 Que assi te vem buscar. A. que dizes? fala.  
 Ch. Não posso. Choro. C. de que choras? Ch. vejo  
 Esse rosto, esses olhos, essa. C. triste  
 De mim, triste! que mal? que mal tamanho.  
 He esso, que me trazes? Ch. he tua morte.  
 C. He morto o meu Senhor? o meu Infante?  
 Ch. Ambos morreréis cedo. C. ô nouas tristes!  
 Matam-me o meu amor? porque mo matam?  
 Ch. porque te matarâm: por ti sò viue.  
 Por ti morrera logo. A. Deos não queira.  
 Tal mal, tal desventura. Ch. vem muy perro,  
 Nam te tardara muito, poem te em saluo.  
 Fuge coitada, fuge, que ja soam  
 As duras ferraduras, que te trazem  
 Correndo a morte triste. Gente armada  
 Correndo vem, senhora, em busca tua.  
 El Rey te vem buscar determinado  
 D'em ti vingar sua furia. vê se podes  
 Saluar tambem teus filhos, não lh'empça  
 Parte de teus maos fados. C. ô coitada  
 Sò, triste, perseguida! hay meu senhor  
 Onde estas, que não vês? el Rey me busca?  
 Ch. El Rey. C. porque me mata? Ch. Rey cruel!  
 Cruéis os que o moueram a tal cruzza!  
 Por ti vem perguntando. esses teus peitos

Vem

Vem só buscar, pera com duro ferro  
Serein furiosamente traspassados.

**A.** Cumprirão-se teus sonhos. **C.** sonhos tristes!

Sonhos cruéis! porque tam verdadeiros

Me quizestes sayr? ô sprito meu!

Como não creste mais o mal tamanho

Que crias, & sabias? Ama, fuge.

Fuge desta ira grande, que nos busca.

Eu fico, fico só, mas innocente.

Não quero mais ajudas, venha a morte:

Moura eu, mas innocente. Vós meus filhos

Vuireis ca por mim: meus tam pequenos,

Que cruelmente vêm tirar de mim.

Socorrame so Deos, & socorreime

Vos moças de Coimbra. homés que vedes

Esta innocencia minha, socorreime.

Meus filhos não choreis. eu por vos choro.

Lograynos desta mãy, desta mãy triste,

Em quanto a tendes viua. E vos amigas

Cercayme em roda todas, & podendo,

Defendeyme da morte, que me busca.

Choro.

**T** Eme teus erros, mocidade cega.

Fuge a ti mesma, lograte do tempo,

Que assi te deixa correndo, & voando

Com suas asas.

O quanto hũa hora, quanto hum sô momento

Breue algũ bora quereràs debalde!

Poupa o presente, guarda o enthesouro,

Teloás seguro.

Todo

CASTRO.

Todo ouro, & prata, pedras preciosas,  
A que correndo vão todos perdidos,  
Por agoa, & fogo, não temendo a morte

Cavar nas veas,

Nunca poderam, nunca poderã  
Comprar hum ponto deste tempo liure,  
Que assi atras deixa Principes, Senhores,  
Como os mais baixos.

Igual a todos, igualmente foge.

Não valem forças, não val gentileza.

Por tudo passa, tudo calca, & pisa.

Ninguem o força.

Com sua foice, cruel vay cortando  
Vidas a mocos, tarbalhos a velhos.

Sô boa fama, sô virtude casta

Podê mais que elle.

Esta se salua sômente em si mesma.

Esta o sprito segue, sempre viue.

Esta seguin lo vencerás o tempo

Rirteás da morte.

Viue pois, viue, mocidade cega,

Viue co tempo, delle te enriquece.

Delle sò t'arma contr' aquelle dia

Do grande aperto.

**A** Pos amor vem morte,  
Ou da vida, ou da honra,

E d'alma juntamente,  
 Que em noite escura poem,  
 Sem ver, o claro dia  
 Da razão, que lhe diz  
 Os males, & perigos  
 Em que este amor acaba.

Ô Príncipe tam cego!

Ô Príncipe tam duro!

Que cerraste os teus olhos  
 Aquelles bons conselhos,  
 Que cerraste as orelhas  
 Aquelles bons auisos.

Tu dormes, ou passeas,  
 E pelos campos vem

Do Mondego correndo

A cruel morte em busca

Da tua doce vida,

Do teu amor tam doce.

Cruel morte, que vens

Buscar esta innocente,

Ha piedade, & magoa

Dos seus fermosos olhos,

Do seu fermoso rosto,

Não desates hum nó

Tam firme, com que dous

Corações ajuntou

CASTRO.

*Amor tam estreitamente.*

*Crueza faras grande  
Partir hūs olhos d'outros;  
Hũa alma assi d'outr'alma:  
E derramar o sangue,  
O sangue tam fermoso  
Do seu fermoso corpo.*

*Doante aquelles peitos  
De marfim, ou de neuue.  
Doante aquellas faces  
De lyrios, & de rosas,  
Que jã perdem sua cor  
Pola falta do sangue,  
Que no coração junto  
Lhe tens frio, & coalhado  
Com medo do teu nome.*

*Aquella alua garganta  
De cristal, ou de prata,  
Que sostem a cabeça  
Tam alua, & tam dourada,  
Porque cortar a queres  
Com golpe tam cruel?  
E derramar nos ares  
Aquelle sprito digno  
Do corpo em que viuia,  
Ha piedade, & magoa*

De



De tanta fermosura,  
Daquelle triste lffante,  
E destes seus penhores.

Detente, em quanto chega,  
Detente, em quanto tarda.

Corre, ò lffante, corre:  
Socorre ao teu amor.

Hay tardas! saberás  
Como o Amor sempre acaba.

## ACTO IIII.

Pacheco. El Rey. Choro.  
Castro. Coelho.

P. **A** Presteza em tal caso, he bom seguro.  
E piedade, senhor, ferà cruexa.

Cerra os olhos alagrimas, & magoas,  
Que te podem mouer dessa constancia.

R. Esta he, que a mim se vem: ò rosto digno

De mais ditosos fados! Ch. eis a morte

Vem. Vayte entregar a ella: vay depressa,

Teràs que chorar menos. Cas. Vou amigas;

Acompanhayme vos, amigas minhas,

Ajudayme a pedir misericordia.

Choray o desemparo destes filhos

Tam tenros, & innocentes. Filhos tristes,

Vedes aqui o pay de vosso pay.

Eis aqui vosso auo, nosso senhor;

Bejailhe a mão, pedilhe piedade

De vós, desta mãy vossa, cuja vida

## CASTRO

Vos vem, filhos, roubar. Ch. quem pode vette,  
 Que não chore, & s'abrande? Caf. Meu senhor,  
 Esta he a mãy de teus netos. Estes são  
 Filhos daquelle filho, que tanto amas.  
 Esta he aquella coitada molher fraca,  
 Contra quem vens armado de crueza.  
 Aqui me tens. bastaua teu mandado  
 Pera eu segura, & liure t'esperar,  
 Em ti, & em minh'innocencia confiada.  
 Escufáras, senhor, todo este estrondo  
 D'armas, & Caualeiros, que não foge,  
 Nem se teme a innocencia da justiça.  
 E quando meus peccados me acusáram,  
 A ti fora buscar: a ti tomára  
 Por vida em minha morte: agora vejo  
 Que tu me vens buscar. Beijo estas mãos  
 Rezes tam piadofas: pois quise  
 Por ti virte informar de minhas culpas.  
 Conheçemas, senhor, como bom Rey,  
 Como clemente, & justo, & como pay  
 De teus vassallos todos, a quem nunca  
 Negaste piedade com justiça.  
 Que ves em mim, senhor? que ves em quem  
 Em tuas mãos se mete tam segura?  
 Que furia, que ira esta he, com que me buscas?  
 Mais contra inimigos vens, que cruelmente  
 T'andassém tuas terras destruindo  
 A ferir, & fogo. Eu tremo, senhor, tremo  
 De me ver ante ti, como me vejo.  
 Molher, moça, innocente, serua tua,  
 Tam só, sem por mim ter quem me defenda.  
 Que a lingua não s'atreue, o sprito treme

Ante

- Ante tua presença, porer n' possam.  
 Estes moços, teus netos defenderme.  
 Elles falem por mim, elles s'os ouue:  
 Mas não te falarã, senhor, com lingua,  
 Que inda não podem: falante eo as almas,  
 Com tuas idades renras, com seu sangue,  
 Que he teu, te falarã: seu desamparo  
 T'esta pedindo vida: não lha negues.  
 Teus netos fã, que nunca requi viste:  
 E velos em tal tempo, que lhes tolhes  
 A gloria, & o prazer, qu'em seus spritos  
 Lhe estã Deos reuelando de te verem.
- R. Tristas foram teus fados, Dona Ines,  
 Triste ventura a tua. Cas. antes ditosa  
 Senhor, pois que me vejo ante teus olhos  
 Em tempo tam estreito: poem nos hora,  
 Como nos outros soes, nesta coitada,  
 Encheos de piedade com justiça.  
 Vês me, senhor, matar? porque me matas?
- R. Teus peccados te matam: cuida nelles.  
 Cas. Peccados meus! ao menos contra ti  
 Nenhum, meu Rey, me accusa. contra Deos  
 Me podem accusar muitos: mas elle ouue  
 As vozes d'alma triste, em que lhe pede  
 Piedade. o Deos justo, Deos benigno,  
 Que não mata, podendo com justiça,  
 Mas dá tempo de vida, & espera tempo  
 So pera perdoar: así o fazes,  
 Así o fiz: ste sempre: pois não mudes  
 Agora contra mim teu boim costume.
- R. Tua morte m'estam outras muitas vidis  
 Pedindo com clamores. P. foge o tempo.

CASTRO.

Caf. Oh triste, triste! meu senhor não me ouves?  
 Sossega tua furia, não a sigas.  
 Nunca confelhou bem: nunca deu tempo  
 De remedio a algum mal a ira. Sempre  
 Traz arrependimento sem remedio.  
 O que minha razão, minh'innocencia.

    Culpa he, senhor, guardar amor constante  
 A quem mo tem? se por amor me matas,  
 Que farás ao imigo? amey teu fillo,  
 Não o matey. amor amor merece,  
 Estas são minhas culpas: estas queres  
 Com morte castigar? em que a mereço?

P. Dona Ines, contra ti he a sentença dada.  
 Despide essa tu'alma desse corpo  
 Em bom estado. & seja prestes mente  
 Não tenhas que chorar mais, que sô a morte!

Caf. O meus amigos porque não tiraes  
 El Rey de ira tamanha? a vos me vou,  
 Em vos busco socorro: ajudayme hora  
 Pedirlhe piedade. ô caualeiros  
 Que as tristes prometestes defender,  
 Defendeime, que mouro injustamente.  
 Se me vos não defendeis, vos me mataes.

Co. Por magoa dessas lagrimas te rogo  
 Que este tempo, que tes, inda que estreito,  
 Tomes pera remedio da tu'alma.  
 O que el Rey em ti faz, faz com justiça.  
 Nos o trazemos cá, não com tenção  
 De sermos em ti crus: mas de saluarmos  
 Este reyno, que pede esta tua morte.  
 Que nunca, o Deos quisera que tal meo  
 Nos fora necessário. a el Rey perdoa,

Que

Que crueza não faz: se a nos fazemos  
 Por ti ante o grã Deos será pedida  
 Vingança justa, se te não parece  
 Que perdão merecemos nas tenções,  
 Com que el Rey conselhamos. ó ditosa,  
 Dona Ines, tua morte: pois sô nella  
 Se ganha hua geral vida a todo reyno.  
 Bem ves por tua causa como estaua,  
 Alem desse peccado, em que te tinha  
 O Iffante forçada (que assi o cremos)  
 Mas pois para remedio he necessario  
 A morte tua, ou tua, he necessario  
 Que tu sofras a tua com paciencia,  
 Que isso te ficara por mayor gloria  
 Que aquella, que esperauas ca do mundo.  
 E quanto mais injusta te parece  
 Tanto mais justa gloria la teras,  
 Onde tudo se paga por medida.  
 Nos, que a teu parecer mal te matamos,  
 Não viuiremos muito: la nos tens  
 Antes de muito tempo ant'esse trono  
 Do grã Iuiz, onde daremos conta  
 Do mal, que te fazemos. Não ouuiste  
 Ia das Romãs, & Gregas com que esforço  
 Morreram muitas sô por gloria sua?  
 Morre pois, Castro, morre de vontade,  
 Pois não pode deixar de ser tua morte.

Cas. Triste pratica, triste! cru conselho  
 Me das. quem o ouuira? mas pois ja mouro,  
 Ouue me Rey senhor: ouue primeiro  
 A derradeira voz dest'alma triste.  
 Co estes teus pès me abraço, que não fuje.

CASTRO.

Aqui me és feytra. R. Que me queres?  
 Caf. Que te posso querer, que tu não vejas?  
 Perguntate a ti mesmo o que me fazes.  
 A causa, que te moue a tal rigor.  
 Dou tua consciencia em minha proua.  
 S'os olhos de teu filho s'enganaram  
 Com o que viam em mim, que culpa tenho?  
 Pagueillo aquelle amor com outro amor,  
 Fraqueza costumada em todo estado.  
 So contra Deos pequei, contra ti não.  
 Não soube defenderme, deime toda.  
 Não a inimigos teus, não a traydores,  
 A que algus teus segredos descobrisse  
 Confiados a mim, mas a teu filho  
 Principe deste Reyno. Ve que forças  
 Podia eu ter contra tamanhas forças.  
 Não cuidaria, senhor, que t'offendia.  
 Defenderafmo tu, & obedecera.  
 Inda que o grand amor nunca te força:  
 Igualmente foy sempre entre nos amibos:  
 Igualmente trocamos nollas almas.  
 Esta que te hora fala, he de teu filho.  
 Em mim matas a elle: elle pede  
 Vida par'estes filhos concebidos  
 Em tanto amor. Não ves como parecem  
 Aquelle filho teu? Senhor meu, matas  
 Todos, a mim matando: todos morrem.  
 Não sinto ja, nem choro minha morte,  
 Inda que injustamente assi me busca,  
 Inda que estes meus dias assi corta  
 Na sua flor indigna de tal golpe:  
 Mas sinto aquella morte triste, & dura

Pera



Pera ti, & pera o Reyno, que tam certa  
 Vejo naquelle amor, que esta me causa.  
 Não viuirá teu filho, dá lhe vida  
 Senhor, dandoma a mim: que eu me irey logo  
 Onde nunca appareça, mas leuando  
 Estes penhores seus, que não conhecem  
 Outros mimos, & tetas senão estas,  
 Que cortar lh'ora queres, hay meus filhos  
 Choray, pedi justiça aos altos ceos.  
 Pedi misericordia a vosso auô  
 Contra vos tam cruel, meus innocentes.  
 Ficareis cá sem mim, sem vosso pay,  
 Que não poderá veruos, sem me ver.  
 Abraçayme, meus filhos, abraçayme.  
 Despediuos dos peitos, que mamastes.  
 Estes sôs foram sempre: ja vos deixam.  
 Ah ja vos desêmpara esta mãy vossa.  
 Que achara vosso pay, quando vier?  
 Acharuosã tam sôs, sem vossa mãy:  
 Não vera quem buscaua: vera cheas  
 As casas, & paredes de meu sangue.  
 Ah vejote morrer, senhor, por mim.  
 Meu senhor, ja que eu mouro, viue tu.  
 Isto te peço, & rogo: viue, viue.  
 Empara estes teus filhos, que tant'amas.  
 E pague minha morte seus defastres,  
 Se algus os esperauam. Rey senhor  
 Pois podes socorret a tantos males,  
 Socorre me, perdoame. não posso  
 Falar mais. Não me mates, não me mates.  
 Senhor não to mereço. R. ô niother forte!  
 Venceste me, abrandaste me. eu te deixo.

Viue,

CASTRO.

Viue, em quanto Deos quer. Ch. Rey piadoso  
 Viue tu, pois perdoas: mouro aquelle,  
 Que sua dura tenção leua a diante.

Pacheco. Rey. Coelho.

**O**H Senhor, que nos matàs! que fraqueza  
 Essa he indigna de ti? de hum real peito?  
 Vencete hũa molher, & estranhas tanto  
 Vencer assi teu filho: que ja agora  
 Terà desculpa honesta. não te esqueças  
 Da tenção tam fundada, que te trouxe.

**R.** Não pãde o meu sprito consentir  
 Em crueza tamanha. **P.** mór crueza  
 Fazes agora ao Reyno: agora fazes  
 O que faz a pouca agoa em grande fogo.  
 Agora mais s'acende, ardera mais  
 O fogo de teu filho. a que vieste?  
 A por em mor perigo teu estado?

**R.** Vejo aquella innocente, chora m'alma.

**Co.** O animo Real tam firme, & forte  
 A de fer no que faz, que nunca possa  
 Debaixo do ceo nada peruertelo.  
 A justiça, Senhor, pintase armada  
 D'espada aguda, contra cujos fios  
 Não possa auer brandura, nem dureza.  
 Cada hum destes estremos he grã vicio  
 Em quem he pay comum de todo hum **Reyno**  
 Despois da conta feita, & razoës claras,  
 Despois de taes conselhos em que viste  
 Quam necessaria era esta tua vinda,  
 Quam necessario o effeito, a que vieste,

Se muda assi, senhor, tam leuemente  
 Por lagrymas teu animo constante?  
 Antes não cometeras, nem cuidaras  
 Cometter isto, porque não vieras  
 Acrescentar o mal, que agora vejo  
 Que fica ja de todo sem remedio.

R. Não vejo culpa, que mereça pena.

P. Inda hoje a viste, quem ta esconde agora?

R. Mais quero perdoar, que ser injusto.

Co. Injusto he quem perdoa a pena justa.

R. Peque antes nels'estremo, que em crueza.

Co. Não se consente o Rey peccar em nada.

R. Sou homem. Co. porem Rey. R. o Rey perdoa.

P. Nem sempre perdoar he piada de.

R. Eu vejo hũa innocente, mãy de hũs filhos

De meu filho, que mato juntamente.

Co. Mas dãs vida a teu filho, saluas lh'alma,

Pacificas teu reyno: a ti seguras.

Restitues nos honra, paz, descanso.

Destrues a traydores, cortas quanto

Sobre ti, & teu neto se tecia.

Offensas, senhor, publicas não querem

Perdão, mas rigor grande. Daqui pende

Ou remedio d'hum teyno, ou queda certa.

Abre os olhos às causas necessarias,

Que te mostramos sempre, & que tu vias

Cuida no que emprendeste, & no que deixas,

O odiõ de teu filho contra ti,

Contra nós tal sera, como qual fora,

Fazendose, o que deixas por fazer.

A ti ficam seus filhos, amaos, honraos.

Assi lh'amanaras grã parte da ira.

Senhor

CASTRO.

- Senhor, por teu estado te pedimos:  
 Polo amor do teu pouo, com que t'ama,  
 Polo com que sabemos que nos amas:  
 Por mais vida, & mais honra de teu filho,  
 Principe nosso: & por, aquelle seu  
 Fernatido vnico herdeiro, cuja vida  
 Te está pedindo justamente a morte  
 Desta mulher, em fim por honra tua,  
 Pola constancia firme, com que sempre  
 Acodiste òs remedios, & a justiça,  
 Que a não deixes agora: que te mouam  
 Mais estas razões fortes, que essa magoa  
 Injusta, que despois choraras mais,  
 Perdendo esta occasiao, que Deos te mostra.
- R. Eu não mando, nem vedo. Deos o julgue.  
 Vos outros o fazei, se vos parece  
 Iustiga, assi matar quem não tem culpa.
- Co. Essa licença basta: a tenção nossa  
 Nos saluara cos homês, & com Deos.
- Ch. Em fim venceo a ira, cruel imiga  
 De todo bom conselho. ah quanto podem  
 Palauras, & razões em peito brando!  
 Eu vejo teu sprito combatido  
 De mil ondas, ô Rey. bom he teu zelo:  
 O conselho leal: cruel a obra.
- R. Por crueza julgaes o que he justiça?
- Ch. Cruenza a chamara tod'outra idade.
- R. Minh'afma innocente he, conselho figo.
- Ch. Deos te julgue. eu não ouso. porem temo.
- R. Que temes? Ch. este sangue, q̃ aos ceos brada.  
 Não culpamos a ti: nem desculpamos  
 As descorteses mãos de teus ministros

Con-

Constantes no conselho, crus na obra.  
 Ay vès que crueldade? ò nunca visto  
 Mais innocente sangue! & como sofres  
 O Rey tal injustiça? ouues os brados  
 Da innocente moça? ouues os choros  
 Dos innocentes filhos? triste Iffante  
 Ali passam tu'alma teus vassallos,  
 De teu sangue os crueis tingem seus ferros.  
 R. Afrontase minh'alma. ò quem podera  
 Desfazer o que he feito!

## Chòro.

**I** Amoreo Dona Ines, matoua Amor;  
 Amor cruel! se tu tiueras olhos,  
 Tambem morreras logo. ò dura morte  
 Como ousaste matar aquella vida?  
 Mas não mataste: melhor vida, & nome  
 Lhe deste do que cà tinha na terra.  
 Este seu corpo sô gastará a terra,  
 Por quem estarâ chorando sempre o Amor,  
 Honrandose sômente do seu nome.  
 Mas quem a quiser ver com outros olhos,  
 Outro nome, outra gloria, outra honra, & vida  
 Lhe achará, contra a qual não pode a morte.  
 Aquelles matas tu sômente, ò morte,  
 Cuijo nome s'esquece, & a quem na terra  
 Fica de todo sepultada a vida.  
 Mas esta viuirá, em quanto o Amor

CASTRO.

Entr'os homêns reynar, & sempre os olhos  
De todos a verâm com melhor nome.

Real amor lhe dará Real nome.

O que coroa lhe aparelha a morte!

Despois que lhe cerrou os claros olhos

Indignos d'ante tempo irem à terra,

Sem quem sô fica, & desfarmado Amor;

Sem quem quam triste, lffante, a tua vida!

Tu es o que morreste, aquella vida

Era tua; ja agora aquelle nome

Que tam doce te fez sempre o Amor,

Triste to tem tornado a cruel morte.

Chorando a andarâm sempre na terra

Te que nos ceos a vejam esses teus olhos.

Nem auerâ ja nunca no mundo olhos,

Que não chorem de magoa de hũa vida

Assi cortada em flor. & quem a terra

For ver, em que estiuer escrito o nome

Della, dirâ: aqui està chorando a morte

De magoa do que fez, aqui o Amor.

Amor quanto perdeste nũs sôs olhos,

Que debaixo da terra pôs a morte,

Tanto elles mais terâm de vida, & nome.

Saficos.

Choremos todos a Tragedia triste,

Que esta crua morte deixará no mundo.



Ia aquella spirito, que tambem viuia  
 Em ti, ô Castro, vay aos ceos voando.  
 Ia aquella sangue purpureo, innocente  
 Forçadamente desempara os membros,  
 A que elle daua aquella cor, & graça,  
 Que a natureza mais perfeitamente  
 Formar podera nesta, ou outra idade.  
 Assim a região, que vê nascer o sol,  
 Como a região, onde o sol se esconde,  
 Assim aquella, que ao feruente Cancro,  
 Como aquell'outra, que á fria mór Vrsa  
 Estaõ sogeitas, esta magoa chorem.  
 Iaz a coitada no seu sangue enuolta  
 Aos pés dos filhos, pera quem fugia,  
 Não lhe valeram, que não tinham forças  
 Pera tomarem os agudos ferros,  
 Com que seus peitos tam irosamente  
 Traspassar viam aquelles crueis.  
 O mãos tam duras, ô corações duros,  
 Como podestes fazer tal crueza?  
 Outras mãos venham, que volas arranquem  
 Com mór crueza.  
 Que duros Getas, mas que Liões, que Vffos  
 Não amansâra tam fermoso rosto?  
 Que ira tam braua não tornára branda  
 Hũa só magoa de tam doce boca?

Que

## CASTRO.

Que mãos tão cruas não atiram logo  
 Aquelles cresspos seus ricos cabellos?  
 Aquelles olhos em que pedras duras  
 Não imprimiram brandura? ô que magoa!  
 O que crueza tam fera, & tam bruta!  
 Moça innocente por amor sô morta:  
 Com gente armada, como forte imigo.  
 Tu, Deos, que o viste, ouue o clamor justo  
 D'aquelle sangue, que t'està pedindo  
 Crua vingança.

## ACTO V.

Iffante.      Messageiro.

**O** Vtro ceo, outro sol me parece este  
 Differente daquelle, que lâ deixo  
 Donde parti, mais claro, & mais fermoso.  
 Onde não resplandecem os dous claros  
 Olhos da minha luz, tudo he escuro.  
 Aquelle he sô meu sol, a minha estrella,  
 Mais clara, mais fermosa, mais luzento  
 Que Venus, quando mais clara se mostra.  
 Daquelles olhos s'alumia a terra,  
 Em que sombra não ha, nem nuuem escura.  
 Tudo ali he tam claro, que té a noite  
 Me parece mais dia, que este dia.  
 A terra ali s'alegra, & reuerdece  
 Doutras flores mais frescas & melhores.  
 O ceo se ri, & se doura differente  
 Do que neste Orifonte se me mostra.

O so.

O soberbo Mondego com tal vista  
 Parece que ao grã mar vay fazer guerra.  
 Doutros ares respira alia gente,  
 Que fazem immortaes os que la viuem.  
 O Castro, Castro, meu amor constante!  
 Quem me de ti tirar, tireme a vida.  
 Minh'alma la ma tens, tenho câ a tua.  
 Morrendo húa destas vidas, ambas morrem.  
 E auemos de morrer? pode vir tempo  
 Que ambos nos não vejamos? nem eu possa,  
 Indo buscarte, ô Castro, achar-te la?  
 Nem achar os teus olhos tam fermosos,  
 De que os meus tomam luz, & tomam vida?  
 Não posso cuidar nisto, sem os olhos  
 Mostrarem a saudade, que me fazem  
 Tam tristes pensamentos. Viuiremos  
 Muitos annos, & muitos: viuiremos  
 Sempre ambos nest'amor tam doce, & puro.  
 Raynha te verey deste meu reyno,  
 D'outra noua coroa coroadá  
 Differente de quantas coroaram  
 Ou de homês, ou molheres as cabeças.  
 Então seraõ meus olhos satisfeitos:  
 Então se fartará da gloria sua  
 Est'alma, que anda morta de desejos.

**M.** O triste noua, triste messageiro  
 Tens ante ti, senhor. I. que nouas trazes?

**M.** Nouas crueis; cruel sou contra tí,  
 Pois m'atreui trazelas. mas primeiro  
 Soffega teu sprito: & nelle finge  
 A môr desauentura, que te agora  
 Podia acontecer: que grã remedio

CASTRO.

He ter o sprito armado â mã fortuna.

I. Tensme suspenso. conta: que acrescentas

O mal com a tardança.

M. He morta Dona Ines, que tanto amauas.

I. O Deos, ò ceos! que contas? que me dizes?

M. De morte tam cruel, que he noua magoa

Contarta: não me atreuo. I. he morta? M. si.

I. Quem ma matou? M. teu pay, cõ gente armada

Foy hoje salteala. a innocente,

Que tam segura estaua, não fugio.

Não lhe valeo o amor, com que te amaua.

Não teus filhos, com quem se defendia.

Não aquella innocencia, & piedade,

Com que pedio perdaõ aos pés lançada

D'elRey teu pay, que teue tanta força

Que lho deu já chorando. mas aquelles

Cruéis ministros seus, & conselheiros

Contr'aquelle perdaõ tam merecido

Arrancando as espadas se vaõ a ella

Traspassandolh'os peitos cruelmente,

Abraçada cos filhos a mararam,

Que inda ficaram tintos do seu sangue.

I. Que direy? que farey? que clamarey?

O fortuna! o crueza! o mal tamanho!

O minha Dona Ines, o alma minha

Morta m'es tu? morre ouue tam oufada

Que contra ti podeisse? ouçoo, & viuo?

Eu viuo, & tu es morta? o morte cru!

Morte cega mataste minha vida

E não me vejo morto? abraçe a terra

Soruame num momento: rompas'alba,

Apartese de hum corpo tam pesado,

Que

Que ma detem por força.  
 Ah minha Dona Ines, ah, ah minh'alma!  
 Amor meu, meu desejo, meu cuidado,  
 Minh'esperança sô, minh'alegria  
 Matâramte? matâramte? tua alma  
 Innocente, fermosa, humilde, & sancta  
 Deixou já seu lugar? ah de teu sangue  
 S'enchêram as espadas? de teu sangue?  
 Que espadas tam crueis, que crueis maôs?  
 Ah como se mouêram contra ti?  
 Como tiueram forças, como fios  
 Aquelles duros ferros contra ti?  
 Como tal consentiste Rey cruel?  
 Imigo meu, não pay, imigo meu!  
 Porque assi me mataste? o Lioês brauos!  
 O Tygres, ô serpentes! que tal sede  
 Tinheis deste meu sangue, porque causa  
 Vos não vinheis em mim fartar vossa ira?  
 Matareis-me, & viuêra. homês crueis  
 Porque não me matastes? meus imigos,  
 Se mal vos merecia, em mim vingareis  
 Esse mal todo. Aquella ouelha mansa  
 Innocente, fermosa, simplex, casta  
 Que mal vos merecia? mas quiseistes  
 Como imigos crueis buscar-me a morte  
 Não da vida, mas d'alma. ô ceos, que vistes  
 Tamanha crueldade, como logo  
 Não cahistes? O montes de Coimbra  
 Como não souêr testes taes ministros?  
 Como não treme a terra, & s'abre toda!  
 Como sustenta em si tam grã crueza?

M. Senhor pera chorar fica assaz tempo:

CASTRO. 77

Mas lagrimas que fazem contr'a morte?  
 Vay ver aquelle corpo, vay fazerlhe  
 As horas, que lhe deues. I. tristes horas!  
 Outras horas, senhora, te guardaua:  
 Outras se te deuiam. ô triste, triste!  
 Enganado, nascido em cruel signo,  
 Quem m'enganou? ah cego que não cria  
 Aquellas ameaças! mas quem crera  
 Que tal podia ser?  
 Como poderei ver aquelles olhos  
 Cerrados pera sempre? como aquelles  
 Cabellos ja não de ouro, mas de sangue?  
 Aquellas mãos tam frias, & tam negras,  
 Que antes via tam aluas, & fermosas?  
 Aquelles brancos peitos traspassados  
 De golpes tam crueis? aquelle corpo,  
 Que tantas vezes tiue nos meus braços  
 Viuo, & ferroso, como morto agora,  
 E frio o posso ver? hay como aquelles  
 Penhores seus tam sós? ô pay cruel!  
 Tu não me vias nelles? meu amor  
 Ia me não ouues? ja não te ey de ver?  
 Ia te não posso achar em toda a terra?  
 Chorem meu mal comigo quantos m'ouuem!  
 Chorem as pedras duras, pois nos homés  
 S'achou tanta crueza. E tu Coimbra  
 Cubrete de tristeza pera sempre.  
 Não se ria em ti nunca, nem s'ouça  
 Senáo prantos, & lagrimas: em sangue  
 Se conuerta aquella agoa do Mondego.  
 As aruores se sequeem, & as flores.  
 Ajudem me pedir aos ceos justiça

Desto



Deste meu mal tamanho.  
 Eu te matey, senhora, eu te matey.  
 Com morte te paguei o teu amor.  
 Mas eu me matarey mais cruelmente  
 Do que te a ti matáram, senão vingó  
 Coin nouas crueldades tua morte.  
 Par'a a isto me dá Deos sômente vida.  
 Abra eu com minhas mãos aquelles peitos.  
 Arranque dellés hús coraçõs feros,  
 Que tal crueza oufaram: entam acabe.  
 Eu te perseguirey, Rey meu imigo.  
 Lãurarã muito cedo brauo fogo  
 Nos teus, na tua terra, destruydos  
 Veraõ os teus amigos, outros mortos,  
 De cujo sangue s'encherã os campos,  
 De cujo sangue correrã os rios,  
 Em vingança daquelle: ou tu me mata,  
 Ou fuge da minh'ira, que ja agora  
 Te não conhecerã por pay. imigo  
 Me chãmo teu, imigo teu me chama.  
 Não m'es pay, não sou filho, imigo sou.  
 Tu, senhora, estãs la nos ceos, eu fico  
 Em quanto te vingãr: logo la voõ.  
 Tu seras ca Raynha, como foras.  
 Teus filhos, sô por teus serão Iffantes.  
 Teu innocente corpo sera posto  
 Em estado Real: o teu amor  
 M'acompanharã sempre, tẽ que deixe  
 O meu corpo co teu, & la va est'alma  
 Descansar com a tua pera sempre.

*Fim dos versos do D. Antonio Ferreira.*

DE DIOGO BERNARDES A  
Pero d'Andrade Caminha.

NA MORTE DE ANTONIO  
Ferreira.

ELEGIA.

COM quem posso chorar senão contigo  
A morte, quanto a nós, do bom Ferreira  
(Andrade) amigo teu, & meu amigo?

Fiquei da triste noua da maneira,  
Que se pode hũa vida diuidirse  
Não me deixou a dor a minh'inteira.

Nem deuia de mim menos sentirse,  
Vendo quem deu sprito a mil spritos  
Pera nunca o mais ver, de nós partirse.

Ab lagrymas correy! ouça meus gritos  
No cristalino ceo, onde descansa,  
Ficando immortal cá em seus escritos.

Passou alegre de incerta esperança  
A certos galardões, & da coroa  
Do Louro â da gloria sem mudança.

Como bom filho de sua mãy Lisboa  
Não pode sofrer mais ver tanta magoa  
Que não sey quem não tema, & se não doa.

Eterno Rey dos Reys a vinda fragoa

Em

Em que tu'ira forja as mortaes setas,  
 Apazuem tantos olhos fontes d'agoa.  
 Não a má influencia dos planetas  
 Tam rigorosamente nos castiga,  
 Mas nossas culpas claras, & secretas.  
 Porem, senhor, não queiras tu que diga  
 O que não cre em ti, que não tens cura  
 Daquelle que aguardar tua ley s'obriga;  
 Olha que negam nesta desventura  
 As almas o remedio espirital,  
 Os corpos a deuida sepultura.  
 Cesse por quem tu es, tamanho mal.  
 Conuerta teu furor em piedade  
 A Fè nunca quebrada em Portugal.  
 Que me diràs a isto, amigo Andrade?  
 Ficaua, por ventura, por passar  
 Outro infurtunio algum em nossa idade?  
 Tiemos poucas vezes que chorar?  
 Vimos hum dia sô hum bem perfeito?  
 E inda agora esta dor particular.  
 Sayndo o nosso Antonio dest'estreito  
 E miseravel valle, onde viuendo  
 A terra, & ao ceo foy sempre aceito.  
 Bem vejo que com lagrimas offendo  
 A sua morte, que lhe deu tal vida  
 Que não tem de que viuer temendo

Mas que farey à pena da partida  
Que sinto dentro n'alma? que farey  
A saudade a seu amor deuida?  
Por onde quer que for, sempre darey  
Lagrymas a meus olhos sempre tristes.  
Suspiros pelos ares soltarey.  
Nimphas do claro Tejo, que cobristes  
A grã enuolta em neve, estrellas, & ouro  
De negro véo, quando tal perda vistes:  
Vinde de fresca Murta, de Hera, & Louro  
Ornar de tempo em tempo a pedra fria,  
Ond'a morte escondes vosso thesouro.  
Vinde cobrir as cinzas, onde ardia  
Fogo d'amor diuino, de aluas flores,  
Em lembrança da magoa deste dia.  
Venham tambem as Musas, & os Amores  
Offerecerlhe dões, que Arabia manda,  
E cante Phebo em tanto seus lououros.  
Despois pendure a lira doce, & branda  
Em cima do sequlchro, por memoria.  
E Cupido arco, & setas d'outra banda.  
Ambos perdêram nelle sua gloria.  
Quem d'hum cantarâ ja tanta belleza?  
Quem d'outro a doce guerra, & a victoria?  
Ah bom cultor da Musa Portuguesa!  
Qual foy Virgilio a Roma, a Grecia Homero,  
Tal

Tal foste tu â tua natureza.  
 Em quanto da triste ausencia o fim espero,  
 E Cloto não me corta a mortal tea,  
 Pois te não sey cantar, chorar te quero.  
 Verey com secos olhos seca a vea,  
 Que dando â patria tantos versos raros,  
 Hum sô nunca lhe deu em lingua albeaz  
 Verey serenas noites, dias claros?  
 Ah nunca veja tal! os duros fados  
 De gostos pera mim sejam auaros.  
 Chorem por ti, Antonio, bosques, prados.  
 As aues por ti gritem, & nos montes  
 Os animaes por ti andem pasmados.  
 Esmalte de cor triste os orisontes  
 O sol tarde, & menham; não d'ouro, & neme.  
 Faltem flores no valle, agoa nas fontes.  
 Não moua a leue folha o vento leue  
 Branda, & docemente; antes iroso  
 Enuolta em seco pô ao ceo a leue.  
 Deixe o dourado leito o caudaloso  
 Teu patrio Tejo, mude seu costume  
 Em turuo o claro, o doce em amargoso.  
 Apagouse contigo hum nouo lume  
 Tam contrario às neuoas de Parnaso,  
 Que ind' agora as desfaz, inda as consume.  
 Emmudeceo hum som, (ah triste caso!)

Que fazia cobrir, quando ouuido era,  
De flores, & verdura o campo raso.  
Hum som, que do profundo bem podera  
Euridice tornar à luz do dia  
Mil vezes, se mil vezes lã descera.  
Mas hay que ter mais olhos me compria  
Pera tudo chorar, que Argos pastor,  
Do qual se diz, que cento possubia.  
Que não podem os meus conforme à dor  
Derramar quantas lagrimas coalhadas  
No peito a magoa tem cada vez mór.  
Inda que bem sem fruto derramadas  
Sejam todas por ti, que já seguro  
Estás nessas altissimas moradas.  
On.le vês outro Sol mais claro, & puro  
Outra mais alua Lua, outras estrellas  
Onde noite não ha, nem dia escuro.  
Onde passando mais acima dellas  
Conuersar pôdes outros excellentes  
Spiritos, que na luz passam por ellas.  
Ouindo aquelles dous resplandecentes  
Franciscos, como em nome, assi iguaes  
No verso, s'ò na patria differentes.  
Hum de quem vòs a morte inda choraes  
Nimphas do brando Neiu, & brando Lima,  
Outro que fez os louros valer mais.

O Bem.



O Bembo, & o Sannazaro, em prosa, & em rima  
 Dignos d'alto louvor: Boscão, & o Lasso,  
 Que leuanteo o seu verso mais acima.  
 O Dolce, & o Ariosto, & o culto Tasso,  
 Que d'Amor, & de Marte versos dignos  
 Foram juntando tanto passo a passo.  
 Com taes spiritos, & outros peregrinos,  
 Que deu a Idade antiga, & a moderna  
 Cantarás novos psalmos, novos hymnos.  
 Em descanso sem fim, em paz eterna  
 Diant' aquella luz esclarecida,  
 Que luz a tudo dá, tudo governa.  
 Mas tu, triste Elegia, em dor nascida  
 Não deixes de chorar, pois vás a parte  
 Onde tambem chorando serás lida.  
 Não cures de ornamento, vay sem arte  
 Fuge de ver prazer, fuge de quanto  
 Podera em menos perda consolarte.  
 A quem te mando, roga, que o teu pranto  
 Ajunte co seu lá, pera que seja  
 Ouuido com mais dor, menos espanto  
 De te saltar na magoa, que sobeja.

## REPOSTA DE PERO

d'Andrade.

Ele-

ELEGIA.

**H**um silencio, Bernardes, me rompeste  
 La quasi a não falar determinado  
 Na dor, que hora de nouo em mim moueste.  
 Igualmente a dor minha ser chorado  
 Não podia em meu verso o meu Ferreiros;  
 Nem ser de mim sem sprito bem cantado.  
 Entendia de mim que a verdadeira  
 Fama do que elle em tudo merecia,  
 Bem não chegaria a minha voz inteira.  
 Calaua: & a falar nelle m'escondia,  
 Por não offender morto hum bom amigo,  
 Que me quis tanto, quando ca viuia.  
 Fizesteme chorar hora contigo  
 Com noua magoa, noua saudade  
 A dor, que eu cá choraua só comigo.  
 Mouestem' alma a noua piedade,  
 A noua pena, & nouo sentimento  
 Daquella grande perda, desta idade.  
 Aquella grande perda, que hum momento,  
 Despois de tanto mal acontecido,  
 Não deixei de trazer no pensamento.  
 Mas eu não choro ver de entre nós ido  
 Este retrato só da Idade Antiga  
 Do ceo a nossa lingua concedido;  
 Mas faltarme hum ingenho, a que o meu siga,  
E hũa

E hũa voz, que ouça, sprito de que aprenda,  
 E os segredos das Musas m'abra, & aiga.  
 E quem o meu mau verso me reprehenda:  
 E o meão me concerte, & mo leuan e  
 Com douto auiso, & com seguro emenda.  
 Sinto faltar, Bernardes, quem m'espante  
 Com seu bom canto, & com seu bom escrito,  
 Com cuja imitação possa yr auante.  
 Aquelle claro, aquelle puro sprito  
 De são conselho cheo, & de prudencia  
 Sempre serâ de mim cantado, & escrito.  
 Agora em sua triste, & longa ausencia  
 Quem acharey, que a dor me desagraue?  
 E me mostre o remedio na paciencia?  
 Faziam a tristeza menos graue:  
 Mais branda a dura pena, a dor mais leue,  
 Faziam'alegria mais suue.  
 Se teue (magoa nossa!) a vida breue,  
 Largo nome terâ, larga memoria,  
 Que a toda parte, & tempo a fama leue.  
 Ia do tempo terâ certa victoria  
 Quem s'ouue assi na triste, & mortal vida,  
 Qu'aspirou sempre à clara, & immortal gloria.  
 Nella da mortal carne despedida  
 Esquecida de tudo, nos amores  
 Diuinos estarâ toda embebida.

A voz leuantará a outros lououros  
Mais deuidos, mais puros, & mais sanctos  
Arreatada d'immortaes feruores.  
Mil versos, & mil hymnos, & mil cantos  
Cantarà sempre á eterna fermosura  
Mais dignos de memoria, mais d'espantos.  
Serà nelles guiado de mais pura,  
De mais fermosa, de mais rica Musa,  
Mais ornada de copia, & de brandura.  
Amará, & ferà amado: as si là s'usa.  
Cantarà, & ferà ouido de a quem canta,  
Que quem lá s'ama, de amar não s'escusa.  
O sol, que sobre o mundo se leuanta,  
Que com sua luz clara, & tam fermosa  
Nos vence a vista, & o sprito nos espanta,  
Em conta não terá: que outra gloriosa  
Luz, que dá luz ao Sol, & ás almas lume,  
Lhe terá mais que o Sol a alma lustrosa.  
Hum tempo eterno, hum immortal costume  
Seguirà sempre: tempo alegre, & puro,  
Primauera, que nunca se consume.  
Ja não verá inuerno triste, & escuro,  
Não ventos, não tormentas, não mudanças.  
Mas tudo quieto em Deos, tudo seguro.  
Lirouse das incertas esperanças,  
Que nos desasossegam, & desbaratam,  
E das

E das leues, & falsas confianças.  
 Não ves, Bernardes, como nos maltratam  
 Os mouimentos vaõs, & os vaõs receos,  
 Que as almas inquietam, & as vidas matam?  
 Quem pode defenderse a mil enleos?  
 Quem se pode valer em mil perigos  
 D'outros muitos perigos sempre cheos?  
 He perigo não ter, & ter amigos.  
 Mal se pode viuer nest'estreiteza,  
 Se me ey de velar delles, como de inimigos.  
 O nosso Antonio está em outra largueza.  
 Ninguem teme, ninguem delle se teme.  
 Em tudo vé pureza, & tem pureza.  
 E ca Bernardes nosso, quem não treme?  
 Quem não deue de si mesmo temerse?  
 Quem ha, que contra tempo em vão não r'eme  
 Quem vé cousa, de que possa valerse?  
 Olhos no ceo, & no diuino norte  
 Pôde guiar tod'alma a não perderse.  
 Não chores já do nosso Antonio a sorte.  
 A minha sorte chora, & a sorte tua,  
 Pois nolo tem roubado a dura morte.  
 A nós dura, a nós aspera, a nós crua,  
 Que nos leuou o nosso amigo brando,  
 E a doce, & branda conuersação sua.  
 Por elle rindo, por mim vou chorando.

E por

E por elle contente; & por mim triste  
 Sem elle a vida irey toda passando.  
 Tu que a noffa amizade clara viste,  
 Claro verás que a dor da perda grande  
 D'hum claro amigo bom mal se resiste.  
 Nunca tal perda, amigo, o ceo te mande.  
 Dor he, que nunca a vida perde hū bora.  
 Remedio pode auer, com que s'abrande;  
 Não que de todo a vença, & deite fora.

**DEO OPT. MAX.**

**Laus & honor.**



TABOADA DESTE LIVRO.

DOS SONETOS.



A

<b>A</b> Quella cujo nome a meus escritos.	fol. 1
<i>Ah porque não posso eu em prosa, ou rima.</i>	7
<i>A ti torno Mondego claro rio.</i>	12
<i>A que alcarey os olhos pois não vejo.</i>	15
<i>Assi da fonte cristalina, &amp; pura.</i>	13
<i>Aquelles olhos, que eu deixei chorando,</i>	12
<i>Alegrame, &amp; entristece a real cidade.</i>	14
<i>Alma innocente que teu veo despindo.</i>	24
<i>Aquelle claro Sol que me mostrava.</i>	17
<i>Aquella nunca vista fermosura.</i>	17
<i>A Jupiter tres Deosas se queixâram.</i>	20
<i>A esta lapa vimmos Virgem sancta.</i>	25
<i>Anjo enuiado aparelhar as vias.</i>	26
<i>Agua diuina, que tam altamente.</i>	26
<b>B.</b> Bem podeis vos, senhora, ajuntar fogo.	5
<i>Bernardes, cujo sprito Apollo inspira.</i>	22
<i>Bom Vasco de Lobeira, &amp; de grã sem.</i>	24
<b>C.</b> Choras, Antonio, & leuam Lima, & Dourô.	21
<i>Com que magoa ó Amor, com que tristeza.</i>	16
<i>Co alma nos ceos pronta, o sprito inteiro.</i>	18
<i>Clarissimo Marquez em cujo sprito.</i>	20
b	Des-

<b>D.</b>	Despojo triste, corpo mal nascido.	16
	Dos mais fermosos olhos, mais fermoso.	2
	Donde tomou Amor, & de qual vea.	6
	Doce amor nouo meu tambem tomado.	9
	Do que em vós vi, senhora me presenta.	15
	Despois que o meu sprito então só claro.	11
	Daquella vista, de que se mantinham.	11
	Desfeito o sprito em vento, o corpo em pranto.	19
	Despois de cinco lustros ja aquella hora.	25
	Diante do cutello riguroso.	26
<b>E.</b>	Eu não canto mas choro, & vay chorando.	2
	Em quanto solto ao sol brando ar mouia.	7
	Eu vejo ind'aqui as sinaes das agoas.	13
	Eu vi em vossos olhos nouo lume.	9
	Em dia escuro & triste fui lançado.	9
	Este peito que está de fogo cheo.	8
	Em quanto tu lá Andrad'os votos sanctos.	21
	Em duas partes deixey la partida.	22
	Estas cinzas aqui chorando encerra.	18
	Eu vejo arder teu peito em noua gloria.	21
	Escreue Dom Diogo, escreue & canta.	21
	Eis o mar eis o vento espanto, & medo.	25
<b>G.</b>	Gloriosos espiritos coroados.	23
<b>H.</b>	Hūs olhos, que ô sol claro ô dia, ô norte.	5
	Hum tempo chorey lèdo co a esperanza.	17
<b>L.</b>	Liuro se luz desejas, mal t'enganas.	1

Lagrymas costumadas a correrme.	3
Limiano, tu ò som do claro Lima.	22
M. Mondego tam soberbo vas da vista.	4
Muitas vezes quisera (tal me vejo)	8
N. Não he minha tenção louuar aquella.	2
Não aparece o sol, triste está a terra.	4
Não lagrimas fingidas, não de cores.	10
Não Tejo, Douro, Zezzer, Minho, Odiana.	3
Nimphas do claro Almonda, em cujo seo.	16
Num concauo penedo onde quebrauam.	23
O. O olhos donde Amor suas frechas tira.	4
Onde está aquella imagem pura, & bella?	5
O cabellos d' Amor rico thesouro.	7
O fogo, que em meu seo guardo, & crio.	8
Onde quer que eu esteja, onde me vire.	8
Os dias conto, & cad'hora, & momento.	12
Os que a fortuna Deosa sua faziam.	23
O alma pura, em quanto cà viuias.	16
Onde m' esconderey, senhor de ti?	25
P. Parecerâ senhora em outra idade.	3
Q. Quando entoar começo com voz branda.	4
Quem vio neue queimar, quem vio tam frio.	6
Quantas vezes Amor comigo cheo.	7
Quando eu vejo sayr a menham clara.	10
Quando vos vi, senhora, vi tam alto.	10

Quantos suspiros, triste, & quã compridos.	14
Quando eu os olhos ergo àquelle rosto.	15
Quando s'enuolue o ceo, o dia escurece.	12
Quando eu os olhos ergo àquella parte.	14
Quando será que eu torne a ter diante.	14
Que Apelles, que Lisippos poderiam.	20
Quem pode ver hum coração tam triste.	17
Qual bõ planeta, qual boa estrella, ou signo.	18
Quanto d'Amor se pode humanamente.	23
R. Rey bemaumenturado este he o dia.	19
Raynha sancta aos Reys exemplo claro.	26
S. Se saber fermosura, & Real estado.	19
S'eu podesse igualmente mostrar fora.	2
S'erra minb'alma em contemplaruos tanto.	3
Sol, que já tantas voltas aos ceos deste.	6
Se vós podesseis com desprezo, ou ira.	5
Sae minb'alma às vezes a buscaruos.	6
Sepultado em tristeza, em dor, em pranto.	18
Solitario, que segues tam contente.	25
Se com vos ver, senhora, assi la ardia.	14
Se meu desejo sô he sempre veruos.	9
Spritos coroados da victoria.	27
T. Temme Amor preso em hũas redes d'ouro.	11
Tejo triumphador do claro Oriente.	12
V. Valles, serras, & montes, bosques, prados.	10
Vay minb'alma cansada a vós buscando.	11

<i>Vou de suspiros todo este ar enchendo.</i>	13
<i>Vincio eu vejo do oriente a clara.</i>	22
<i>Vay nouo sol esclarecer o dia.</i>	19
<i>Vinha Amor peio campo trebelhando.</i>	25
<i>Os Epigrammas.</i>	28

### DAS ODAS.

<i>Oda primeira.</i>	30
<i>Oda aos Principes D. loão, &amp; D. loana.</i>	31
<i>Oda a D. loão de Lancaastro.</i>	31
<i>Oda aos Reys Christãos.</i>	33
<i>Oda a D. Afonso de Castelbranco.</i>	34
<i>Oda a hũa nao d'armada, em q̃ hia seu irmãs.</i>	35
<i>Oda a Manoel de Sampayo.</i>	36
<i>Oda a D. Antonio de Vasconcellos.</i>	37
<i>Oda ao senbor D. Duarte.</i>	39
<i>Oda a Pero d'Antrade.</i>	40
<i>Oda a Francisco de Sã de Meneses.</i>	41
<i>Oda a Afonso Vaz Caminha.</i>	43
<i>Oda a Antonio de Sã de Meneses.</i>	44

### DAS ELEGIAS.

<i>Elegia a Francisco de Sã de Meneses.</i>	47
<i>Elegia na morte de Diogo de Betancôr.</i>	50
<i>Ele-</i>	

<i>Elegia a Mayo.</i>	52
<i>Elegia a D. Luis Fernãdez de Vasconcellos.</i>	53
<i>Elegia a Pedro d' Andrade.</i>	55
<i>Elegia a Afonso d' Albuquerque.</i>	57
<i>Elegia Amor fugido.</i>	59
<i>Elegia Amor perdido.</i>	60
<i>Elegia a sancta Maria Madalena.</i>	61

## DAS EGLOGAS.

<i>Archigamia. Egloga I.</i>	64
<i>Ianio. Egloga II.</i>	75
<i>Tytiro. Egloga III.</i>	77
<i>Lilia. Egloga IIII.</i>	80
<i>Tenio. Egloga V.</i>	82
<i>Magica. Egloga VI.</i>	84
<i>Daphnis. Egloga VII.</i>	84
<i>Floris. Egloga VIII.</i>	92
<i>Miranda. Egloga IX.</i>	95
<i>Segadores. Egloga X.</i>	97
<i>Androgeo. Egloga XI.</i>	102
<i>Natal. Egloga XII.</i>	104
<i>Epithalamio ao Casamento da S. D. Maria.</i>	108
<i>Historia de S. Comba dos Valles.</i>	116

## DAS CARTAS.

Con-



Congratulação do Reyno a el Rey D. Ioão III.	126
A Pero d'Alcaçoua Carneiro Secretario.	128
A Francisco de Sâ de Miranda.	188
A D. Simão da Sylueira.	192
A D. Ioão de Lancastro.	135
Outra ao mesmo.	148
A Ioão Roiz de Sâ de Meneses.	137
A Garcia Frois Ferreira seu irmão.	140
A Pero d'Andrade Caminha.	130
Outra ao mesmo.	143
A Manoel de Sampayo.	151
A Diogo de Betancôr.	155
A Diogo Bernardes.	158
Ao senhor D. Duarte.	162
A el Rey D. Sebastião.	164
Ao Cardeal Iffante D. Anriq; Regente.	168
A Luis Gonçalves de Camara.	172
A Antonio de Sâ de Meneses.	3
Outra ao mesmo.	180
Ao Conde do Redondo Regedor.	195
A Vasco da Sylueira.	107
A Francisco de Sâ de Meneses.	102
A Diogo de Teyne.	
A Ioão Lopez Leitão.	
A D. Constantino indo gouernar a India.	
A Antonio de Castilho.	

<i>Os Epitaphios.</i>	200
<i>Castro Tragedia.</i>	205
<i>Elegia de Diogo Bernardes a Pero d' Andrade na morte de Antonio Ferreira.</i>	235
<i>Resposta de Pero d' Andrade.</i>	238

